

International Passport



Organizadores:

Gina Vidal Marcilio Pompeu

José Fontenele Brito Junior



Unifor

International Passport

Gina Vidal Marcilio Pompeu
José Fontenele Brito Junior
Organizadores



Unifor

Fortaleza - CE
2026

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

PRESIDENTE

Lenise Queiroz Rocha

VICE-PRESIDENTE

Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

REITOR

Randal Martins Pompeu

VICE-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E
PÓS-GRADUAÇÃO

Katherinne de Macedo Maciel Mihaliuc

VICE-REITOR DE PESQUISA

Afonso Carneiro Lima

VICE-REITORA DE EXTENSÃO E COMUNIDADE
UNIVERSITÁRIA

Adriana Helena Santos Moreira da Silva

VICE-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

José Maria Gondim F. Júnior

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

Ana Leopoldina M. Quezado

DIRETOR DE TECNOLOGIA

Adriano Batista de Araujo Honorato

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

Marcelo Nogueira Magalhães

DIRETORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Gina Vidal Marcilio Pompeu

DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Lia Maria Brasil de S. Barros

DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO E GESTÃO

Danielle Batista Coimbra

DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS

Juliana Maria Borges Mamede

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS
TECNOLÓGICAS

Jackson Sávio de V. Silva

DIRETOR DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Marcos James Chaves Bessa

CONSELHO SUPERIOR DE EDITORAÇÃO

Juliana Maria de Sousa Pinto

NORMALIZAÇÃO

Gabriela Alves Gomes

REVISÃO DE TEXTO

Raquel Procópio de Sousa

DIAGRAMAÇÃO

Antônio Franciel Muniz Feitosa

CAPA

Diretoria de Comunicação e Marketing

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I61 International passport [livro eletrônico] / organizadores Gina Vidal Marcilio Pompeu, José Fontenele Brito Junior. -- Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2026.

1 arquivo [312f.]: PDF.

Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-85314-32-9

1. Ensino Superior (Internacionalização). 2. Relatos. 3. Vivências.
I. Universidade de Fortaleza. II. Diretoria de Relações Internacionais.
III. Título.

CDU 378(100)

Elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (Unifor)



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

SUMÁRIO

11 APRESENTAÇÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E GESTÃO - CCG

21 *ANDRÀ TUTTO BENE*

Yasmim de Carvalho Rodrigues
Lara Ferreira Bibiano Brandão

27 MY EXCHANGE EXPERIENCE AT UNIFOR: HOW FORTALEZA BECAME MY SECOND HOME

Jakob Bauer

31 A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO DIVISOR DE ÁGUAS: MINHA EXPERIÊNCIA DE DUPLA TITULAÇÃO NA ALEMANHA

Leide Carolina Andrade Menezes

36 RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERCÂMBIO EM MADRI

Cézanne Rocha

45 DA ITÁLIA AO CEARÁ: RELATO DE UM ESTUDANTE ITALIANO NA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Luigi Tassone
Bianca Carneiro Maranhao

47 ENTRE FRONTEIRAS E TRANSFORMAÇÕES: MINHA JORNADA DE DUPLA TITULAÇÃO NA ALEMANHA

Rayane Sousa Nobre

- 53 O LEGADO DE SALAMANCA: UMA IMERSÃO HISTÓRICA E O PAPEL DO CIDADÃO NA INTERNACIONALIZAÇÃO 5.0**
Cláudio Azevedo Peixoto Júnior
- 61 SEIS MESES QUE VIRARAM PARTE DE NÓS**
Beatriz Priante Schuber
Maria Julia Correia Barbosa
- 64 INSIDE MADRID: AN EXCHANGE STUDENT'S PERSPECTIVE**
Kyra Delgado Gomes
- 70 MY EXCHANGE YEAR IN FRANCE**
Júlia Ferreira Britto
- 75 MODA: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR (FORTALEZA – BRASIL) X UNIVERSIDAD CAMILO JOSÉ CELA – UCJC (MADRI – ESPANHA)**
Linda Carneiro Castelo Branco
- 79 NA DÚVIDA, EMBARQUE**
Raissa Bandeira Rabelo
- 85 TRAJETÓRIA INTERNACIONAL E ACADÊMICA: EXPERIÊNCIAS QUE IMPULSIONARAM O CRESCIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL**
Andrelina Pimentel de Sena
- 92 ALÉM DA QUINTA AVENIDA: O IMPACTO DA CULTURA DE NOVA YORK NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO**
João Henrique Viana de Sousa
- 99 ENTRE O AZUL DO MEDITERRÂNEO E A FORMAÇÃO DOCENTE: INTERNACIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM MALTA**
Bárbara Sampaio de Menezes
- 107 RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO COLABORADOR DA UNIFOR**
José Fontenele Brito Junior

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS - CCJ

- 117 DE FORTALEZA PARA O MUNDO: UMA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO GLOBAL**
Ramon Bernardino Ferreira
- 127 LIDERANÇA, *NETWORKING* E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ALEMANHA**
João Guilherme Teixeira Lima Aracena
- 135 A SIMBOLOGIA DA RÃ DA UNIVERSIDADE DE SALAMANCA COMO METÁFORA DO RENASCIMENTO DO OLHAR PESSOAL E ACADÊMICO**
Thaís Farias da Escóssia
Sidney Soares Filho
- 143 *JAÉN*, PARAÍSO INTERIOR**
Laura de Oliveira Barreto
- 148 FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR: UM RELATO A PARTIR DE SALAMANCA**
Laura Gadelha Valente
- 151 DA INSEGURANÇA À JORNADA POR 5 PAÍSES: COMO A GRADUAÇÃO EM DIREITO ME CONDUZIU A DUAS EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS**
Sâmia Oliveira dos Santos

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAUÚDE - CCS

- 161 MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL NO MESTRADO EM ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIFICAÇÃO DO CUIDADO**
Suzane Passos de Vasconcelos
Karla Maria Carneiro Rolim
- 170 EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE INTERNACIONAL NA FORMAÇÃO MÉDICA: UM RELATO A PARTIR DO INTERCÂMBIO EM LISBOA**
Ana Emília Souza de Holanda Vieira

- 178 ENTRE CONTINENTES E VÍNCULOS: O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA**
Alicia Rodrigues Moreira
Bárbara Jéssyca Magalhães
- 185 CARTAS À SALAMANCA, ESPANHA**
Giovanna Walfredo de Carvalho Linhares
- 194 O IMPACTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DISCENTE DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MOBILIDADE ACADÊMICA NA FRANÇA**
Kiarelle Lourenço Penaforte
Karla Maria Carneiro Rolim
Adriani Zaluski Izoton
- 202 MOBILIDADE INTERNACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA**
Andreza Façanha de Castro
- 209 BEYOND CLINICAL CARE: REFLECTIONS ON SPIRITUALITY AND PALLIATIVE PRACTICE IN A BRITISH HOSPICE**
Beatriz Luisa Machado de Lima
- 214 LONDRES E O NHS: UM OLHAR ACADÊMICO SOBRE A SAÚDE PÚBLICA NO REINO UNIDO**
Lucas Diógenes Parente Pinheiro
Carina Bezerra Bandeira
- 221 DOUTORADO-SANDUÍCHE EM VIANA DO CASTELO: INTERNACIONALIZAÇÃO, IDENTIDADE BRASIL-PORTUGAL E TRANSFORMAÇÃO ACADÊMICA E PESSOAL**
Luciana de Oliveira Neves
Karla Maria Carneiro Rolim
- 230 MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA FRANÇA-BRASIL**
Kiarelle Lourenço Penaforte
Samira Valentim Gama Lira de Alencar

- 237 INTERCÂMBIO ACADÊMICO EM SALAMANCA: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO**
Allana Nicole Sobreira Pereira
- 245 A JOURNEY OF LEARNING AND ADAPTING IN SOUTH KOREA**
Felipe Correa
- 253 DESLOCAR-SE PARA CRESCER: VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS EM MOBILIDADE INTERNACIONAL**
Hadija Siqueira Cysne Baali
- 259 DEVANEIOS DE UM ANO NA FRANÇA**
Rafaela Almeida Pinheiro
- 262 ONDE A CIÊNCIA ENCONTRA O MUNDO**
Sacha Aubrey Alves Rodrigues Santos

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS - CCT

- 271 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**
Felipe Feitosa Pessoa Bastos
- 278 DO SONHO À REALIDADE: MEU INTERCÂMBIO NO CANADÁ**
João Pedro Sampaio Ribeiro
- 286 QUANDO O MUNDO ENCOLHE SOB OS PÉS: UM RELATO DE VIVÊNCIA ACADÊMICA E PESSOAL EM LISBOA**
Rodrigo Avelino Lucas
- 294 FRONTEIRAS EXPANDIDAS: REFLEXÕES DA 2ª MISSÃO UNIFOR À PRAGA (2025)**
Patrícia Pessoa Lima
Diego Ximenes Vieira Silva
- 302 INTERCAMBIO EN BRASIL: EXPERIENCIA ACADÉMICA Y PROFESIONAL EN FORTALEZA**
Fabian Bautista

**305 APRENDER, TRABALHAR E EXPLORAR: A JORNADA DA DUPLA
TITULAÇÃO NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

Pedro Leite Albuquerque

Professor Orientador: Alexandre de Souza Rios

**308 DO CEARÁ PARA COLÔNIA: SEIS MESES QUE MUDARAM
MINHA FORMA DE VER O MUNDO**

Renan Elid Soares

APRESENTAÇÃO

Algumas pessoas vivem felizes com suas rotinas tranquilas, com seu círculo familiar e obrigações que enchem o tempo e aquecem o coração. Outras pessoas nascem com o espírito curioso e quase aventureiro com vontade de atravessar mares e ares na busca de conhecer o diferente, o outro, locais belos ou com adversidades, história, hábitos e culturas diferentes das suas, situações que abrem portas em outros mercados de trabalho. A esses dois tipos de pessoas dedicamos essa Coletânea intitulada *International Passport*, pois quem fica tem saudades de quem vai, e quem vai e volta transforma a maneira de enxergar o mundo e as pessoas no seu entorno. Quem retorna, volta diferente, mas sobremaneira impacta o local onde habita com mais humildade, alteridade e vontade de incluir o diferente.

A vida dos colaboradores da Diretoria de Relações Internacionais da Universidade de Fortaleza, é um *patchwork* colorido e fantástico; quantas histórias nos nossos olhos, corações e memórias... Cada um do seu jeito, moldado à sua maneira, diante dos caminhos da vida, hoje escuta e recebe melhor os sonhos e desejos de conhecer outras universidades, outros países, outros desafios, de cada jovem que ingressa na porta da DRI e diz: Eu quero fazer intercâmbio!

Todos os sonhos são bem-vindos, para cada curso e vontade existe um percurso. São 150 convênios com Universidades na Europa, África, América do Norte, Ásia, América Central e América do Sul. Ensino, pesquisa e extensão unem-se para conhecer o global e agir local: no Bairro

Edson Queiroz, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, na Região Nordeste, no Brasil.

Nesse sentido, pensamos como seria enriquecedor ouvir, publicar e ler as experiências dos colegas que tiveram a chance de realizar um intercâmbio universitário em suas vidas. Sabermos das dificuldades para tentarmos evitá-las, conhecer as emoções para também vivermos as nossas.

Como afirma Pablo Neruda, *eu confesso que vivi*. Aos vinte e poucos anos me apelidaram de Paris / Texas, (nome de um filme fantástico) porque tive a oportunidade de fazer intercâmbio, com 15 anos em Houston/Texas e depois com 21 em Paris. Hoje com mais de 60 anos, essa estrada está bem mais longa, mas cada vez que parto em viagem, volto a ser a pessoa curiosa, aventureira e atenta dos meus 15 anos e foi assim que, com os colegas da DRI, conheci lugares onde nunca pensei visitar como a Lituânia.

Em 2023, a Universidade de Fortaleza fez uma parceria com algumas instituições internacionais e uma nacional. Concorreu um edital da Comunidade Europeia, ganhou e integrou o Projeto I-MAT (*Innovative Mobility Attracting Tools for Latin America*). Os parceiros foram: 1) Instituto Superior Técnico-ULisboa (Portugal), principal proponente, 2) Akademia Gorniczo-Hutnicza im. Stanisława Staszica w Krakowie (Polônia), 3) Vilnius Tech (Lituânia), 4) Pontificia Universidad Javeriana (Colômbia), 5) Universidad de los Andes (Colômbia), 6) Pontificia Universidad Católica del Perú (Peru), 7) Universidad Católica San Pablo (Peru), 8) A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). O objetivo do projeto era adquirir e aprimorar as boas práticas de internacionalização realizadas em países europeus, direcionadas a alunos, professores e colaboradores e trazê-las para a prática do dia a dia das universidades na América Latina.

Vale ressaltar que, com o escopo de apresentar novas técnicas para o acolhimento de pessoal acadêmico e não acadêmico, por meio da transferência da expertise europeia para as IES latino-americanas, o

projeto proporcionou oportunidades para colaboradores da Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da Unifor participarem de mobilidades internacionais e vivenciarem, na prática, o intercâmbio de experiências em internacionalização.

A primeira oportunidade de intercâmbio aconteceu em novembro de 2023, em Vilnius (Lituânia), a partir da participação das Professoras Gina Pompeu e Cremilda Moreira e do funcionário José Brito Junior no *Pilot Workshop*, promovido pelo I-MAT em parceria com a Vilnius Tech, instituição lituana que integra o grupo de participantes. O objetivo deste workshop foi promover o primeiro ambiente de socialização dos participantes do consórcio; discutir os principais desafios encontrados na recepção e envio de estudantes, professores e colaboradores de cada universidade; e propor correções e melhorias nesses processos. Por meio dessas trocas, chegou-se à versão piloto do Catálogo de Boas Práticas de Mobilidade Internacional, documento que seria trabalhado ao longo de todo o projeto como um importante *deliverable* final.

Já em 2024, mesmo não sendo uma mobilidade internacional, os funcionários Ana Gabriela Falcão, Giselle Viana e José Brito Junior puderam participar do *International Training* em Natal (RN), promovido pelo I-MAT em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e com o Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (IST). Na ocasião, dois técnicos da área de mobilidade internacional do IST, Luís Moreira e Joanne Laranjeiro, foram os responsáveis por ministrar um treinamento das boas práticas desenvolvidas pela sua instituição para os colaboradores da UFRN e Unifor. Dentre as boas práticas discutidas no treinamento, destacaram-se o oferecimento de disciplinas em outros idiomas para atração de estudantes, o intercâmbio virtual para democratizar o processo de internacionalização para um maior número de alunos e a institucionalização da internacionalização como área estratégica para o plano de desenvolvimento institucional das universidades.

Em seu último ano, o Projeto I-MAT promoveu duas oportunidades de mobilidade internacional para os funcionários das instituições participantes do consórcio. Na primeira, o colaborador José Brito Junior, responsável pelo projeto e pelas parcerias internacionais da Unifor, representou a Universidade na *Project Management Meeting* realizada na AGH University (Polônia), em junho de 2025. Nessa reunião, os coordenadores do projeto em cada instituição apresentaram o andamento de suas atividades, além de planejarem as próximas ações a serem desenvolvidas para conclusão do I-MAT.

A Universidade de Fortaleza, nesse aspecto, tinha papel central nos últimos meses do projeto, sendo uma das instituições que iria promover uma conferência local para discutir as boas práticas de internacionalização no âmbito local e regional. A *Conferência I-MAT: Boas Práticas de Internacionalização* foi realizada em setembro do mesmo ano e contou com a participação virtual de Luís Moreira (IST-ULisboa), coordenador do projeto, e com a presença presencial do colaborador da UFRN, Bruno Motta.

Em dezembro de 2025, foi realizada a conferência final do I-MAT na Universidad de los Andes e na Pontifícia Universidade Javeriana, ambas em Bogotá, Colômbia, que contou com a presença da Professora Dra. Luciane Stallivieri, referência latino-americana nos estudos sobre internacionalização do ensino superior. Na ocasião, os funcionários Lina Sena e José Brito Junior estiveram presentes como ouvintes e palestrantes do evento. Em suas falas, destacaram os desafios encontrados para a realização da conferência local na Unifor e como foram superados, além da experiência de ter realizado, pela primeira vez, um projeto de capacitação (*capacity building project*) financiado pela Comissão Europeia.

Na última reunião realizada em Bogotá, além de traçar um histórico dos últimos três anos, o grupo de coordenadores do projeto definiu as metas e objetivos para a submissão de uma continuação do I-MAT à Comissão Europeia, desta vez expandindo a rede já criada com mais universidades

latino-americanas e incorporando aspectos como bem-estar e saúde mental às discussões das boas práticas de internacionalização. Em fevereiro de 2026, o novo projeto foi submetido à Comissão Europeia e, uma vez aprovado, o consórcio terá suas atividades retomadas a partir de 2027.

Neste breve histórico das atividades realizadas no âmbito do Projeto I-MAT, fica evidente que um de seus principais objetivos era a mobilidade internacional de pessoal técnico-administrativo, responsáveis pelos processos de internacionalização e mobilidade acadêmica em suas respectivas instituições, um grupo muitas vezes deixado à margem dessas experiências. O intercâmbio de referências, boas práticas e políticas de internacionalização foi inerente aos ambientes promovidos pelo I-MAT. No entanto, o desenvolvimento do capital humano e das relações socioculturais construídas ao longo de três anos foi o que consolidou o sucesso do projeto.

De acordo com Pompeu e Holanda (2020), o meio acadêmico desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do capital social, contribuindo não apenas para o crescimento individual, mas também para o fortalecimento das capacidades coletivas do corpo docente e administrativo. Nesse contexto, o Projeto I-MAT, enquanto iniciativa voltada para a academia e financiada pela Comissão Europeia, proporcionou aos colaboradores de cada universidade oportunidades de internacionalização que muitos ainda não haviam vivenciado e, conseqüentemente, os tornou multiplicadores de boas práticas em suas próprias instituições, ampliando o desenvolvimento do capital humano na área de internacionalização.

O Projeto I-MAT também contribuiu significativamente para o desenvolvimento das relações humanas, sociais e culturais entre seus participantes, ao promover a integração dessas dimensões em seu escopo de atuação por meio de encontros presenciais em diferentes contextos, países e universidades. As interações profissionais entre os participantes evoluíram para relações de colaboração entre colegas orientados por um

objetivo comum: o êxito do projeto e, conseqüentemente, a capacitação dos envolvidos. Não foi incomum, inclusive, a formalização de convênios de cooperação bilaterais entre a Unifor e as instituições parceiras, decorrentes das conexões estabelecidas ao longo do consórcio.

Sendo assim, buscamos, por meio desta introdução, relatar a experiência mais exitosa de internacionalização do corpo administrativo da Universidade de Fortaleza, por meio do Projeto I-MAT. O que foi vivenciado ao longo de três anos, em diferentes viagens, com distintas pessoas, culturas e desafios. A experiência impactou todos os envolvidos e, especialmente, um dos autores desta introdução, José Brito Junior, que nunca havia tido a oportunidade de realizar um intercâmbio anteriormente.

Por meio do incentivo dos colegas da Diretoria de Relações Internacionais, mas, sobretudo, em razão da valorização da internacionalização na Universidade de Fortaleza promovida pelo Reitor, Professor Randal Pompeu, constatamos que Brito pôde concretizar diversos sonhos profissionais e pessoais em um intervalo de tempo tão curto. Sem o apoio institucional e, principalmente, sem a confiança nele depositada, nada disso teria sido possível.

Essas experiências da Diretoria de Relações Internacionais retratam a sinergia e a orientação da gestão superior e do Reitor da Universidade de Fortaleza em favor da formação do capital educacional, do capital social e sua rede de confiança que atravessa os muros da Unifor, aterrissa em outros campi universitários, e depois retorna com novos sonhos e experiências para multiplicar a ideia do conhecimento global e ação local. É possível acolher todos os discentes e docentes que querem conhecer ideias, bem como mostrar mundo a fora, aquilo que aqui pesquisamos.

Assim, ao tempo em que desejamos boa leitura, e com o fito de contribuir e estimular a que, a essas experiências, se juntem outras, e a sua, que ora nos ler, a Diretoria de Relações Internacionais da Universidade de Fortaleza apresenta alguns relatos de mobilidade acadêmica internacional realizados por alunos, professores e colaboradores ao longo dos últimos anos.

O livro divide-se por relatos de cada Centro de Conhecimento, em ordem cronológica. Como destaca Milton Almeida dos Santos, na obra *Por uma outra globalização, “o mundo é um conjunto de possibilidades”*, e algumas dessas possibilidades foram gentilmente escritas pelos autores de cada capítulo para retratar o que é a experiência internacional promovida pela Universidade de Fortaleza.

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 30 de março de 2026.

Gina Vidal Marcilio Pompeu

Diretora de Relações Internacionais

José Fontenele Brito Junior

Assessor de Relações Internacionais

Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG



ANDRÀ TUTTO BENE

Yasmim de Carvalho Rodrigues

Lara Ferreira Bibiano Brandão

Curso Jornalismo

Universidade de Fortaleza

Foi em um laboratório da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) que o ano mais importante das nossas vidas começou a ser escrito. De frente para a tela de um computador, analisamos uma longa lista de universidades e cidades que ofereciam, uma a uma, oportunidades diferentes. Escolhemos Roma – apesar da incerteza dessa opção, já que éramos duas e havia apenas uma vaga. Ainda assim, confiamos na nossa intuição e, mesmo com os desafios intrínsecos a qualquer grande mudança de vida, embarcamos para a Cidade Eterna em 12 de fevereiro de 2020.

Para nós, o sonho era claro: aprender um novo idioma, viajar, fazer amigos, enfrentar desafios e, enfim, crescer. Não existem palavras em português ou em italiano que consigam descrever a sensação de pisar em Roma pela primeira vez. O clima frio, as placas em um idioma, na época ainda estranho, o nervosismo, o encantamento e o pensamento constante: “Eu não acredito que eu estou aqui”. Observar de longe a cúpula da Basílica de São Pedro é definitivamente uma imagem inesquecível e inigualável, porque, por mais que nós a vejamos diversas vezes, nenhuma delas será como a primeira vez.

Nos mudamos para Roma para estudar jornalismo na *Libera Università Maria Santissima Assunta (LUMSA)*. Um prédio moderno, bem organizado e onde só estivemos presencialmente por três vezes. O motivo? O inimaginável. Estávamos no terceiro dia de aula, ainda tentando

lidar com o desespero de descobrir que, como orgulhosas estudantes de ciências humanas, havíamos nos matriculado em uma disciplina de cálculo, quando veio a notícia: o governo italiano decretava uma “quarentena” de alguns dias nas universidades e escolas. E o que era isso?

O professor de cálculo explicou que seria um período sem aulas para lidar com uma crise de saúde envolvendo um vírus novo, chamado “Covid”, que estava deixando a população de Milão e do Norte da Itália em uma situação complicada. A ideia era a de que veríamos em breve. O carnaval também se aproximava e a única recomendação era: “Não subam para Veneza”. Logo, se o Norte era proibido, iríamos para o Sul? Assim, começamos a planejar nossa primeira viagem para conhecer Nápoles durante as “férias” que ganhamos. Pelo menos, essa era a ideia.

Não demorou muito para os poucos dias se tornarem muitas semanas, nem para a “quarentena” se tornar uma ordem de permanência total em casa, com autorização apenas para ir a mercados e farmácias. A viagem de Nápoles não aconteceu. Nunca mais vimos novamente o professor de cálculo, não só porque trocamos de matéria, mas também porque não veríamos presencialmente professor algum.

Entender a crise não foi algo repentino. Não entendíamos o idioma e, portanto, não sabíamos com detalhes quais eram as recomendações. Nossas fontes de notícia eram os jornais brasileiros e os grupos de *WhatsApp* com as experiências de outros intercambistas. Ali, ficávamos sabendo que precisávamos de documentação para sair de casa, formulários estes que exigiam dados que ainda não tínhamos, porque, em apenas 15 (quinze) dias no país, não havíamos tido tempo hábil de conseguir, por exemplo, o *Codice Fiscale* italiano, que se assemelha ao nosso Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). Sabíamos que a polícia estava nas ruas, que circular nas ruas sem justificativa era sinônimo de problema e, principalmente, que não conseguíamos explicar para um policial italiano por que estávamos fora de casa, se por acaso fôssemos paradas no caminho para o mercado.

Semanalmente, o dia de sair de casa para comprar mantimentos era tomado por uma ansiedade mista. Existia a parte feliz de, finalmente, ver como o mundo estava lá fora e, por outro lado, a parte nervosa de ter em mente que não conseguiríamos comprovar que nenhuma regra estava sendo descumprida. Nossa situação atípica era notícia em casa. Estudantes de jornalismo, não é? Nossa história foi registrada no CETV, no Diário do Nordeste, no Jornal Jangadeiro e, até mesmo, no antigo Portal do NIC, da UNIFOR.

A pergunta que mais nos faziam era se não estávamos frustradas por ter viajado milhares de quilômetros apenas para permanecer trancadas em um apartamento, longe de casa. Por sorte, ou por destino, fizemos do limão a limonada. Nossos dias no *lockdown* italiano eram, por incrível que pareça, felizes. Tentativas de recriar receitas brasileiras, receitas de café gelado do *TikTok*, que deram mais errado do que certo, promessas de que faríamos exercícios físicos – jamais cumpridas –, séries, filmes, ligações de vídeo, longas conversas até o dia raiar, danças de redes sociais e muito mais.

No nosso apartamento, em nenhum momento, pairou o clima de frustração pelas oportunidades que estávamos perdendo devido à situação mundial. Entendíamos o problema, nos preocupávamos, principalmente com a chegada do vírus no Brasil, vivemos a dor dos italianos, nos emocionamos assistindo o Papa Francisco caminhar sozinho pela mesma praça que dias antes estava lotada, vimos pelas câmeras a Fontana di Trevi sem ninguém. Foi doloroso. Choramos as mesmas lágrimas que eles. Mas, sempre que o fim do mundo parecia próximo, algo nos lembrava que depois de toda chuva poderia haver um arco-íris.

Ao abrir a janela, vez ou outra, conseguíamos escutar um vizinho tocando violino para os outros. Bandeiras de diferentes países penduradas nas varandas nos lembravam que estávamos todos juntos. Não era difícil ler em *outdoors* e faixas a frase *Andrà tutto bene* e, portanto, sempre tivemos a certeza de que, sim, ficaria tudo bem.

A vida acadêmica continuou na pandemia. Tínhamos aulas *online*, provas orais que nos tiravam a paz e o curso de italiano, que deixava

as idas aos mercados cada vez mais pacíficas. Eventualmente, nós já conseguiríamos explicar para qualquer autoridade que nenhuma regra de isolamento social havia sido quebrada.

É verdade que quase perdemos todo o contato com o mundo lá fora, mas a pandemia na Itália não nos tirou totalmente a oportunidade de viver choques culturais. Já anoitecia em um dia de semana qualquer, depois da nossa aula de italiano, quando a campainha da casa tocou. Nos olhamos assustadas, não estávamos esperando ninguém, até porque nem conhecíamos qualquer morador do prédio.

Por meio do olho mágico, observamos uma senhorinha agasalhada, aguardando ser atendida. Quando abrimos a porta, começamos a ouvir centenas de palavras de alguém que estava muito irritado: “janela”, “pombos”, “pão”, “toalha”, era tudo que conseguíamos entender. Com muito custo, supusemos que ela estava brava porque achava que estávamos alimentando pombos de alguma forma. E como seria? A gente nem comprava pão para a casa e, para tornar tudo mais irônico, não havia janelas na cozinha. A conversa pouco efetiva terminou com: “Se não pararem, vou chamar o senhorio”. Pois bem, quem a chamou fomos nós.

O que falar do nosso senhorio? Erica. Ela achou engraçada a história dos pombos. Soubemos depois que, aparentemente, é motivo comum de briga entre vizinhos o ato de bater a toalha de mesa na janela depois das refeições, porque os farelos atraem pombos. Não sei se era o caso do prédio, mas definitivamente não éramos nós. Erica riu e disse que aguardaria a ligação da vizinha: *La mando via*, nos garantiu.

Erica também representou um choque, mas de outro tipo. Não tinha a ver com cultura, mas, sim, com humanidade. Em meio à pandemia, com preocupações infinitas com idosos, aquela senhora de 60 (sessenta) e poucos anos veio ao prédio no dia do pagamento, mas não para recolher o aluguel. Quando estava chegando o dia, pediu que descêssemos as escadas para ajudá-la. Na calçada, muitas sacolas e, dentro delas, comida.

Não apenas comida de mercado, mas também um pote de molho caseiro para macarrão. Tudo nosso, um presente.

“Mas por que?” foi exatamente o que perguntamos. Ela respondeu que, diante da situação, não queria que nós nos expuséssemos ao vírus caminhando até o mercado. Erica nos trouxe comida para dez dias, totalmente de graça, apenas porque sentiu que precisava. Descobrimos ali que, mais uma vez, tivemos sorte. Em meio ao caos do mundo, uma benção, uma mãe, escolhida por acaso ou, novamente, por destino.

Os dias em casa não foram sempre fáceis. A vida continuava no Brasil e, nem sempre, com a mesma resiliência. Em Fortaleza, um pai com apendicite sendo operado depois de trabalhar por dias na linha de frente contra a Covid-19. Uma avó com diagnóstico grave, sem possibilidade de recuperação. No domingo de páscoa, a perda irreparável. Nós nos sustentamos durante os momentos difíceis e, sempre que ficava difícil demais, tínhamos alguém que ajudava a nos manter de pé. Almoçamos o macarrão com molho caseiro naquela páscoa e resistimos mais uma vez.

Era meia-noite do dia 19 de maio, momento que também marcava os primeiros minutos do país fora do *lockdown*. Brindamos juntas na mesma janela onde ouvíamos o vizinho tocar violino, com a mesma esperança que brindamos a chegada de um novo ano no dia 31 de dezembro.

As aulas continuaram *online*, mas o mundo estava pronto para nos receber. Fomos à praia, muitas vezes, inclusive. Conhecemos as amigas que fizemos *online* durante as aulas. Fomos a restaurantes, vivemos aventuras que provavelmente um dia serão contadas aos nossos netos. Viajamos para Veneza, Florença, Cinque Terre, Verona, Nápoles, Pompeia, Bologna. Descobrimos as maravilhas das passagens *low cost* e, quando menos esperávamos, estávamos em Atenas. Não só vivemos o verão europeu, como nos tornamos parte dele, realizando cada sonho que foi adiado pelo imprevisível. Quando o calor já parecia insuportável, uma última aventura além das fronteiras: Cracóvia, só para tirar as roupas de frio do armário.

De volta a Roma, todo dia um novo passeio, visitamos e revisitamos cada pedaço daquela cidade até que a visão da Fontana Di Trevi se tornasse algo comum. Mesmo assim, não vivemos tudo. Experimentamos novas comidas, novas praias, tudo isso com o bônus de, agora, já conseguir uma comunicação plena com os italianos.

Formamos, laços fortes com amigas que, no futuro, estariam aqui em Fortaleza. Hoje, temos conexões em diferentes países, compreendemos sobre diferenças culturais, levamos um pouco do Brasil para fora e voltamos para casa muito maiores do que saímos. Fomos incrivelmente felizes. Mesmo presas por um tempo, expandimos nosso mundo e nos fortalecemos profissionalmente. Crescemos como seres humanos. Deixamos a Itália sabendo que Roma permanecerá eterna para sempre, mas nós jamais seríamos novamente quem éramos naquele 12 de fevereiro de 2020. *È andato tutto bene.*

MY EXCHANGE EXPERIENCE AT UNIFOR: HOW FORTALEZA BECAME MY SECOND HOME

Jakob Bauer

Curso Comércio Exterior

Ludwig Maximilian Universität München, Munich, Bavaria, Germany

Former Exchange Student – University of Fortaleza

If someone had told me a few years ago that I would one day call a city on the northeast coast of Brazil my second home, I probably would have laughed. Yet that is exactly what happened during my exchange experience at the University of Fortaleza (UNIFOR).

At the end of July 2022, I had just returned to Germany after completing a five-month internship in Luxembourg. Instead of settling back into routine and returning to TH Deggendorf for my next semester, I was already packing my bags again for a new adventure. This time, it was my first journey towards South America. I was about to begin a one-year Double-Degree in Foreign Trade (Comércio Exterior) at UNIFOR in Fortaleza.

Before leaving, I knew little about the city. I chose Fortaleza mainly because I had always dreamed of visiting Brazil since the 2014 World Cup and because of the stories my parents told me about their travels in South America when they were young. I was excited and curious, but also aware of the concerns my family and friends had regarding safety as in safety rankings Fortaleza was considered as one of the most dangerous cities worldwide. Still, I decided not to let fear limit this opportunity.

After saying goodbye once again, I boarded my flight in Munich. Half a day later, I arrived in Fortaleza, welcomed by sunshine, warm temperatures, and the ocean. From the very first moment, I felt that this experience would be special. What was initially planned as a two-semester exchange slowly turned into something much deeper and longer.

Academically, my experience at UNIFOR was part of a double degree program between Hochschule Deggendorf, where I studied International Management, and UNIFOR, where I focused on Comércio Exterior. I arrived in July 2022 and ended up staying until March 2024. Instead of completing only two semesters, I stayed for three semesters and also completed an internship, which clearly reflects the impact Fortaleza had on my academic and personal life.

The academic experience at UNIFOR was extremely enriching. The courses covered topics such as international finance, foreign trade, international negotiations, sustainability, international institutions, and law. One aspect I particularly appreciated was the practical approach adopted in many classes. We worked on consulting projects with real companies, such as Catarina Mina, Trilha Edu, and Sofie.sunlight, which helped me better understand how international business functions in practice.

Another important part of my academic journey was learning Portuguese. When I arrived in Brazil, my vocabulary was very limited. Through classes, daily one-hour practice via Duolingo and friendships, I improved my communication skills, which made my academic, professional, and personal experiences significantly more meaningful.

Life at UNIFOR went far beyond the classroom. The campus offers excellent infrastructure, especially the university gym, which became part of my daily routine. Many of my days followed a simple structure: classes, gym, meals, and occasionally the beach. I also participated in football activities with friends, which, regardless of the results, strengthened friendships and cultural exchange.

UNIFOR also promoted several initiatives to integrate international students. Events such as the International Picnic and Sports Day provided opportunities to meet students from different backgrounds. The Buddy Program was especially helpful during my first weeks, supporting my adaptation process, helping me feel welcomed from the beginning and making friendships for life.

From a cultural perspective, this exchange experience was one of the most enriching experiences of my life. Brazilians are extremely welcoming, open, and friendly. I celebrated Carnival, participated in cultural events, attended an agricultural fair, and took part in social initiatives organized through UNIFOR. These experiences helped me better understand Brazilian culture and values.

Brazilian cuisine also became an important part of my daily routine. I fell in love with churrasco, the Mercado dos Peixes, and Cidade 2000, where I was enjoying typical foods such as espetinhos, pastéis, and pratinho with friends.

Professionally, I was able to complete an internship in Fortaleza with the support of UNIFOR's career office. During this period, I gained practical experience related to import and export processes, sourcing, and market research. This professional experience complemented my academic training and contributed significantly to my development in the field of international trade.

On a personal level, this exchange experience had a profound impact on me. I gained confidence, independence, lifelong friendships, and a broader worldview. Fortaleza became part of my daily life and, over time, truly became my second home.

Even after the official end of my exchange period, the connections I built in Fortaleza continued. I later completed another semester abroad during my master's program at the University of São Paulo (USP). During this time, several friends from Fortaleza visited me in São Paulo, which once again showed how strong and lasting the friendships from my exchange had become.

After finishing my semester abroad at the University of São Paulo (USP), I spent Christmas and New Year's Eve back in Fortaleza with my girlfriend, whom I met during my exchange at UNIFOR. I practiced kitesurfing, reunited with close friends, and visited the International Office at UNIFOR again. At the moment of writing this report, I am

traveling through South America and currently crossing from Colombia into Ecuador with a close friend whom I first met two years ago during my exchange at UNIFOR. The international friendships I built during my exchange have also extended far beyond Brazil. Many Brazilian friends and my girlfriend have already visited me in Germany, some staying in my hometown Pfarrkirchen or Munich, others joining me to watch football matches, including Bayern Munich games, or even participating with me in a football tournament or going with my for hike. With one friend, I watched the EUROS together, while others I visited during their own exchange semesters across different countries in Europe. These encounters show how my exchange experience at UNIFOR developed into a truly global network of friendships.

In addition to these connections, I am still very close with many other exchange students I met at UNIFOR. We continue to stay in touch and regularly meet across Europe. Last year, we even organized a skiing trip together, which once again highlighted how strong and long-lasting the bonds formed during my exchange experience have remained.

My exchange experience also had a strong impact on my family. During my time in Fortaleza, my family visited me and we did a road trip from Salvador to Fortaleza and then went to Manaus and Rio. They enjoyed the experience so much that they decided to visit me again the following year, where we did a road trip along the coast of São Paulo and Rio. My sister was really inspired by my exchange experience and has decided to complete her own exchange semester in Brazil. In 2026, she will study in Rio de Janeiro, continuing the international academic path that began with my experience at UNIFOR.

All in all, for me it was much more than an academic mobility program. It was a life-changing journey that continues to influence my personal and professional life. I arrived as a student and left as a more open, confident, and globally minded person. Sometimes, we do not choose a place; instead, the place chooses us.

A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO DIVISOR DE ÁGUAS: MINHA EXPERIÊNCIA DE DUPLA TITULAÇÃO NA ALEMANHA

Leide Carolina Andrade Menezes

*Curso Comércio Exterior
Universidade de Fortaleza*

Meu nome é Leide Carolina e sou formada em Comércio Exterior pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), tendo concluído o curso no semestre 2025.2. A oportunidade de viver uma experiência internacional sempre esteve presente nos meus planos, muito antes de ingressar na universidade, assim, desde o primeiro ano do Ensino Médio, eu já tinha decidido que desejava seguir carreira na área de Comércio Exterior. Na época, iniciei uma pesquisa sobre as melhores universidades do Brasil nessa área, e a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) destacou-se entre elas.

No entanto, o que mais me motivou a escolher a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e a me mudar para Fortaleza foi a possibilidade de participar do programa de dupla titulação, que oferecia aos estudantes a oportunidade de realizar parte da graduação no exterior e conquistar um diploma internacional. Desde a infância, sempre tive o sonho de estudar fora do país e viver uma experiência acadêmica internacional. Assim, desde o momento em que ingressei no curso de Comércio Exterior, já tinha em mente o objetivo de participar do programa.

Minha história começa em Petrolina, no Estado de Pernambuco, onde nasci. Foi na região do Vale do São Francisco que cresci, mais especificamente em Juazeiro, na Bahia. Apesar de amar onde nasci e cresci, sempre tive curiosidade sobre o mundo e sobre as diferentes formas de viver, pensar e se relacionar que existem além das fronteiras que conhecemos.

Quando decidi estudar Comércio Exterior na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), isso também significou tomar uma decisão

importante: mudar de cidade e recomeçar minha vida em outro lugar. Assim, deixei Juazeiro e me mudei para Fortaleza, no Ceará, com um objetivo muito claro: cursar Comércio Exterior na UNIFOR e, um dia, participar do programa de dupla titulação.

Durante toda a graduação, esse objetivo permaneceu presente. Além de uma possibilidade distante, era uma meta concreta que guiava minhas escolhas acadêmicas. Assim, eu sabia que aquele programa poderia transformar minha formação e ampliar minhas perspectivas profissionais e pessoais.

Em 2024, esse sonho finalmente se tornou realidade. Em março daquele ano, embarquei para a Alemanha para iniciar minha experiência de dupla titulação na *Deggendorf Institute of Technology (DIT)*, onde cursei o bacharelado em *International Management*. Permaneci no país até fevereiro de 2025, vivendo um ano de intensa aprendizagem, descobertas e transformações.

Ao final dessa jornada, tive a oportunidade de conquistar dois diplomas: o de bacharel em Comércio Exterior pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e o de bacharel em *International Management* pela universidade alemã. Mais do que dois títulos acadêmicos, esses diplomas representaram o caminho percorrido desde aquele sonho que começou ainda no Ensino Médio.

Durante minha experiência na Alemanha, tive contato com estudantes de diversas partes do mundo, o que tornou o ambiente acadêmico verdadeiramente multicultural. Entre as experiências mais marcantes, destaco a disciplina *International Team Building*, cujo objetivo era desenvolver habilidades de trabalho em equipes internacionais.

Para essa atividade, os professores organizavam grupos formados por estudantes de diferentes nacionalidades, que, muitas vezes, nunca tinham interagido antes. O desafio era aprender a trabalhar juntos, compreender as diferentes formas de comunicação e utilizar as habilidades individuais de cada integrante para resolver problemas coletivamente.

A disciplina incluiu uma experiência prática de três dias, que começou com uma atividade de *hiking*. Munidos de apenas um mapa, precisávamos encontrar o caminho até o local onde ocorreriam as atividades seguintes. Ao longo do percurso, aprendemos, na prática, a importância da cooperação, da comunicação e da confiança entre pessoas que vêm de contextos culturais completamente diferentes.

Nos dias seguintes, no *hostel* onde estavam os professores e as demais equipes, participamos de diversas dinâmicas voltadas ao desenvolvimento da liderança, da colaboração e da resolução de problemas. Aquela experiência, para além de um exercício acadêmico, nos permitiu conhecer profundamente uns aos outros, compreender diferentes perspectivas culturais e construir conexões genuínas.

Até hoje mantenho amizade com colegas que fizeram parte do meu grupo nessa disciplina. Isso demonstra como experiências de internacionalização também têm o poder de criar laços duradouros entre pessoas de diferentes partes do mundo.

Figura 1 – Integrantes da disciplina de *International Team Building*



Fonte: autoria própria.

Outro momento significativo da minha experiência foi a participação na retomada do *IM the Club*, um clube estudantil voltado aos alunos do curso de *International Management*, que estava inativo há alguns anos.

Juntamente a outros estudantes, trabalhamos para trazer o clube de volta à vida e promover atividades de integração entre os alunos.

Entre as iniciativas organizadas pelo grupo, realizamos uma venda de *Glühwein*, um tradicional vinho quente alemão, com o objetivo de arrecadar recursos para um evento de confraternização de Natal. Como integrante da equipe responsável pela organização de eventos do clube, tive a oportunidade de planejar algumas das atividades da celebração.

A festa de Natal foi um momento especialmente marcante. Cada participante levou um prato típico de seu país, transformando o evento em um verdadeiro encontro multicultural. Estudantes, professores e, até mesmo, fundadores do curso estiveram presentes, compartilhando histórias, comidas e experiências em um ambiente de celebração e troca cultural.

Figura 2 – *IM the Club* na festa de Natal



Fonte: autoria própria.

Foi nesse momento que percebi, de forma muito clara, o verdadeiro significado da internacionalização: pessoas de diferentes partes do mundo reunidas em um mesmo espaço, aprendendo umas com as outras e construindo uma comunidade baseada na diversidade.

Costumo dizer que existe uma versão minha antes da dupla titulação e outra depois dela. Viver em outro país, especialmente em um contexto em que ainda estamos aprendendo o idioma e nos adaptando a uma nova cultura, exige coragem, resiliência e capacidade de adaptação.

Ao longo desse período, tive aulas totalmente em inglês, precisei lidar com diferentes métodos de ensino e convivi diariamente com colegas de diversas nacionalidades. Além disso, muitas disciplinas abordavam temas relacionados à comunicação intercultural, à negociação internacional e à gestão de equipes globais, o que expandiu minha compreensão sobre o funcionamento das relações internacionais e dos negócios no mundo contemporâneo.

No entanto, os aprendizados mais importantes não vieram apenas da sala de aula, mas também das conversas com colegas de diferentes países. A partir delas, compartilhamos as dificuldades enfrentadas ao viver longe de casa e as pequenas conquistas cotidianas, que faziam parte da experiência de morar em outro país.

É importante mencionar que essa vivência ampliou minha visão de mundo de forma significativa. Consegui perceber que existem inúmeras realidades, perspectivas e formas de pensar que enriquecem nossa compreensão sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Hoje, posso afirmar que a internacionalização foi um verdadeiro divisor de águas na minha vida. Assim, não apenas fortaleceu minha formação profissional na área de negócios internacionais, mas também transformou minha forma de enxergar o mundo, as pessoas e as oportunidades que existem além das fronteiras que conhecemos.

Portanto, sou profundamente grata pela oportunidade de ter participado do programa de dupla titulação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Essa experiência me permitiu realizar um sonho que começou ainda no Ensino Médio, conhecer pessoas extraordinárias, explorar novas culturas e construir uma trajetória acadêmica internacional.

Dessa forma, a internacionalização abriu minha mente, ampliou meus horizontes e reforçou ainda mais meu desejo de continuar explorando o mundo por meio dos estudos, da carreira e das conexões construídas ao longo da jornada. Além de uma experiência acadêmica, a dupla titulação foi um período de crescimento, descoberta e transformação, que levarei comigo por toda a vida.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERCÂMBIO EM MADRI

Cézanne Rocha
Curso Design de Moda
Universidade de Fortaleza

Neste relato, destaco a significativa oportunidade que a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) me proporcionou ao me enviar a Madri, na Espanha, por um período de 6 (seis) meses. Minha jornada começou muito antes da viagem, visto que planejei esse intercâmbio por um ano e todo o processo fez parte da história. Desde a busca inicial pela cultura espanhola até o contato com ex-participantes do programa e com outros interessados, tudo se construía para um momento cujo desfecho era impossível de prever.

Essa possibilidade de vislumbrar um futuro promissor foi se firmando nos níveis psicológico, econômico e social, sustentada pelas relações que construí naquele momento. Em que pese a sensação de saudade e ausência, todos tinham a absoluta certeza de que eu precisava ir e voltar para compartilhar a experiência. Foi assim que aconteceu. Com a vida jogada ao acaso, surgiram amizades no período de pré-inscrição, juntamente à equipe do Núcleo Internacional, na chegada à cidade e, posteriormente, no retorno, com uma bagagem que favoreceu novas conexões que perduram até hoje.

Sou imensamente grato a toda a equipe docente de moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) que me acompanhou nesta jornada. Eles demonstraram uma crença inabalável no potencial dos alunos, com destaque especial para a coordenadora Priscila Medeiros, que se empenhou incansavelmente para buscar oportunidades para os estudantes, visando à expansão de suas experiências universitárias em todos os sentidos. Meu

agradecimento se estende também à equipe do Núcleo Internacional, em particular a Giselle e a Rayanne, que não apenas facilitaram todo o processo, mas também demonstraram um apoio genuíno.

Na aproximação da viagem e do primeiro passo em direção ao risco, ao acaso, à dedicação e à descoberta, formou-se uma torcida de amigos, professores e familiares que parecia viver esse sonho por mim. Foi com essa intenção que embarquei no avião. Desse modo, reconheci que minhas ações construiriam uma rede apta a proporcionar que mais pessoas tivessem experiências similares, levando toda uma visão docente a um novo ambiente que ainda conheceria a potência de Fortaleza. Pude, assim, fazer parte daqueles que carregam toda a força da universidade para conquistar cada vez mais espaços com visões, identidades e valores.

Manter-se aberto aos possíveis acasos em um país do outro lado do oceano exige coragem e confiança nas pessoas. Todo começo é desafiador. Recolocar-se em uma posição de vulnerabilidade na sociedade torna-se, portanto, um ato revolucionário em um mundo tão cercado de certezas, especialmente ao chegar em meio a uma onda de calor inédita. Esse cenário funcionou como um sutil lembrete de que nada seria como antes: nem o clima, nem eu. Diante disso, por que buscar tanto controle sobre o que essa experiência poderia trazer?

Toda oportunidade requer escolhas conscientes para que se alcance sua máxima potência. Nesse sentido, ir para outro país possibilita romper com limitações que, até então, condicionavam a realidade vivida. Além disso, o suporte da universidade foi fundamental nesse momento, pois serviu como uma porta de entrada para um mundo vasto, repleto de pessoas de diferentes partes do mundo, unidas pela sede de explorar. A partir do encontro com essas pessoas, igualmente disponíveis ao desconhecido, o céu se torna o limite.

Trata-se de explorar um mundo estruturado para o desenvolvimento pessoal, no qual os jovens dispõem de descontos e benefícios, além de serem vistos como o futuro real do planeta. Nesse contexto, embora muitos se acomodem com a facilidade, cria-se espaço para aqueles

realmente dispostos a utilizar todas as ferramentas disponíveis para ajudar a encontrar seu maior potencial.

De repente, meu sonho estava mais próximo, por um caminho que eu jamais poderia ter previsto. Escolhi vivenciá-lo e aproveitei para buscar o que me atraía. Na universidade, optei por disciplinas como cinematografia e cenografia, além do *design* de moda, meu curso principal. Essa experiência me permitiu transitar por diferentes universos dentro do campus, além de estabelecer amizades com alunos de diversas graduações para, de forma conjunta, explorarmos as possibilidades da cidade.

Foi assim que se iniciou um semestre de muitos projetos, amizades e descobertas. Em certo momento, precisei encarar o difícil e fazer acontecer. O que começou com alguns encontros ao lado de uma francesa – que logo se tornaria minha companhia mais honesta –, rapidamente se transformou em uma rede de conexões que eu jamais poderia ter imaginado. Nesse percurso, fui surpreendido por um festival de filmes do Almodóvar, em Madri, e logo descobri um salão de chá árabe, que se tornou meu aconchego na cidade.

Figura 1 – *Salon de Thé Al Yabal*



Fonte: autoria própria.

A universidade escolhida, *Universidad Francisco de Vitoria*, foi bastante receptiva. Tanto a equipe de internacionalização quanto os professores não hesitavam em ser compreensivos com alunos que cruzavam o oceano para estar ali e que não tinham a mesma facilidade com as demandas acadêmicas. Refiro-me, aqui, especialmente, à minha experiência em estudos da Arte. Essa relativa liberdade de cobranças acadêmicas me permitiu explorar e descobrir um universo de arte viva que já se manifestava fora das paredes da universidade.

Por meio da aula de Cenografia, foi possível conhecer o *Teatro de la Zarzuela* e, a partir daí, assistir a alguns ensaios gerais e, finalmente, à obra final. Na época, destacava-se uma ópera espanhola chamada *Marina*, de Emilio Arrieta. Fascinei-me pela realidade de dar vida a histórias por meio da música, dos figurinos, do cenário e da luz. Apesar de já ter minhas intenções de trabalhar com espetáculos, poder ver pessoalmente como uma equipe gigante trabalha para realizar a obra foi muito especial.

Figura 2 – Ópera *Marina* no *Teatro de La Zarzuela*



Fonte: autoria própria.

A descoberta de antiguidades em uma cidade que é igualmente antiga também foi objeto de grande fascínio. *El Rastro*, aos domingos, era um vislumbre de possibilidades. Sob essa ótica, não há estudo mais profundo de moda do que garimpar em incontáveis tipos de roupas, com diferentes preços nas etiquetas, em busca daquelas que se nota um cuidado, perceptível no acabamento, na escolha de tecido e nos pequenos detalhes escondidos. Muitas vezes, essas peças acabam nas araras de menor preço, talvez por não terem sido observadas o suficiente para terem seu valor reconhecido.

Além disso, também pude conhecer um pouco da noite da cidade, caminhar e sentir o vento frio e congelante enquanto conversava com algum amigo sobre tudo o que estávamos vivenciando, tendo como segundo plano lugares como o Banco da Espanha, o jardim do Prado ou o grande Museu Rainha Vitória. Tive a sorte de ser abençoado pela cidade e toda a oportunidade de vivê-la foi sempre bem aproveitada e sentida.

Ao estar na Europa, aproveitei para visitar amigos que estão construindo suas próprias histórias. Comecei pela Bélgica, onde tive a linda experiência de conhecer um país sobre o qual pouco sabia, mas que me surpreendeu pela simpatia das pessoas, pelas paisagens contemplativas, pelas deliciosas batatas fritas e por museus surpreendentes que pareciam valorizar algo além do sensacionalismo.

De início, passei por obras de Magritte, em Bruxelas, por Beguinage Principesco Ten Wijngaerde, em Bruges – um convento fascinante para freiras e mulheres solteiras do século XIII –, com uma parada na Escola Real de Artes e no Museu da Moda, na Antuérpia. Essa última cidade, meses depois, iria me acolher com a seleção do meu Trabalho de Conclusão de Curso para uma exposição de arte.

Figura 3 – *MoMu Antwerp*



Fonte: autoria própria.

Em razão da proximidade, também pude reencontrar uma amiga na Holanda, pois fazia anos que não nos víamos, especificamente desde o intercâmbio que fizemos juntos no Ensino Médio, no Canadá. Essa experiência me trouxe à mente a frase de Vinicius de Moraes: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. De repente, estava vivendo algo que sempre havia sonhado: conhecer outra parte do mundo pela visão de alguém que vivia lá e me mostraria o lugar por meio dos seus olhos. Assim, pude tomar um vinho quente e comer uma deliciosa e açucarada torta de maçã em meio aos canais de Amsterdã.

Figura 4 – Canal em Amsterdã



Fonte: autoria própria.

Em outra oportunidade, fui à França conhecer a cidade natal de Inês, que se tornou minha melhor amiga durante esse período e que me visitaria no Brasil meses depois. Fomos a *Toulouse* e *Montpellier*, onde novamente pude conhecer, através de seus olhos, seus amigos e suas comidas preferidas.

A última dessas viagens teve como destino Berlim, no período do Natal, com a companhia de alguns amigos que conheci em Madri e que se tornaram pessoas muito especiais nesse momento. Tive a oportunidade de reencontrar outra amiga desse mesmo intercâmbio que estava novamente morando em sua cidade natal, um momento para relembrar o sentido de estar ali.

Figura 5 – Estação de metrô Alexanderplatz



Fonte: autoria própria.

Além disso, a liberdade coletiva com meus amigos para vivenciar esse período, tão marcado por rituais como o Natal, à nossa própria maneira, revelou-se memorável. Descobrimos museus e festas que vibravam com rituais que, assim como as tradições cristãs, celebravam a conexão. Eram espaços com pessoas que se dedicavam à música, à dança, ao contato físico e visceral, à religião do viver, ao sentir e ao experienciar.

Com o intuito de honrar a arte do encontro, nos últimos dias de 2024 e no primeiro dia de 2025, encontrei-me com Amanda, no interior da Alemanha, uma amiga que havia feito na Universidade da Fortaleza (UNIFOR) e que me recebeu em sua casa para passarmos a virada do ano juntos. Por estarmos em momentos iniciais e decisivos de nossas vidas, optamos por nos encontrar e celebrar a arte do possível.

A volta para Madri após essas viagens era sempre refrescante: o céu azul contrastava com o cinza dos lugares ao Norte durante o inverno. A cidade terminou por se tornar a garota dos meus olhos, e não haveria forma mais perfeita de sublimar tudo isso se não fosse por meio da exposição *Madrid, chica*, de Almodóvar, juntamente ao ciclo que exibiu doze de

seus filmes, dos quais pude assistir a seis. A experiência foi ainda mais mágica, porque pude compartilhá-la com madrilenos. Assim, percebi o poder de criação das narrativas e a sua capacidade de unir tantas pessoas em torno do ato de apreciar.

De tudo que vivi durante esses seis meses, restou me curvar à incrível capacidade humana de experienciar; a uma vida real que contempla todo o conjunto de sensações físicas com conexões neurais e atravessamentos imateriais. Todas as conexões que criei e cultivei se enraizaram em mim e, agora, buscam formas de se multiplicar, compartilhando essa visão de mundo com o próprio mundo, que sou eu, é você e somos nós.

DA ITÁLIA AO CEARÁ: RELATO DE UM ESTUDANTE ITALIANO NA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Luigi Tassone

Curso Administração

Università di Parma, Itália

Bianca Carneiro Maranhao

Universidade de Fortaleza

Particpei do programa de intercâmbio em 2024, partindo da Universidade de Parma, na Itália. Ir para o outro lado do mundo, atravessando um oceano inteiro, para chegar sozinho em Fortaleza, no início, assustava-me. Embora me preocupasse com o fato de acompanhar as aulas e fazer as provas em português, decidi partir mesmo assim, movido pela vontade de explorar e conhecer pessoas com uma cultura completamente diferente da minha.

Sempre senti admiração e atração pelo Brasil, imaginando um dia visitar esse país tão bonito. Cresci ouvindo histórias sobre o Carnaval, sobre os jogadores de futebol brasileiros, sobre as praias paradisíacas e sobre as pessoas sempre sorridentes. Assim, parti com duas malas e muitas dúvidas, mas voltei com o coração cheio de experiências lindas e de aprendizados que me ensinaram muito.

Tive a sorte de ter a Bianca como minha *Buddy*. Ela foi me buscar no aeroporto quando cheguei e, imediatamente, levou-me para conhecer a cidade. Ainda me lembro do primeiro sorvete que tomamos juntos na Beira-Mar. Tê-la conhecido foi de grande ajuda! Ela me auxiliou com a universidade, com a língua e a conhecer a cidade de Fortaleza.

Durante a minha experiência, também conheci pessoas fantásticas, com quem ainda hoje converso e com quem compartilhei momentos

incríveis. Conheci muitos brasileiros que me acolheram muito bem desde o início, ensinando-me a língua portuguesa e ajudando com a adaptação. Também compartilhei muitos momentos com os outros estudantes do intercâmbio. Conheci pessoas incríveis de várias partes do mundo, que ampliaram muito a minha forma de pensar e de conhecer culturas diferentes.

Fui morar com dois rapazes alemães, Simeon e Lenny, e talvez, ali, tenha começado o período mais bonito de todos. Todos os outros estudantes vinham para nossa casa como ponto de encontro e cada dia se tornava especial. Durante o dia, eu ia às aulas e, à noite, saíamos todos juntos pela cidade ou íamos jogar futebol. Quando tinha tempo livre, como nos fins de semana, vivi muitas experiências.

ENTRE FRONTEIRAS E TRANSFORMAÇÕES: MINHA JORNADA DE DUPLA TITULAÇÃO NA ALEMANHA

Rayane Sousa Nobre
Curso Comércio Exterior
Universidade de Fortaleza

A decisão de integrar o programa de dupla titulação na Alemanha, em Deggendorf, na *Deggendorf Institute of Technology*, foi, ao mesmo tempo, uma das decisões mais empolgantes e mais desafiadoras da minha vida. Até o momento do embarque, tudo parecia um plano distante, algo que existia somente no papel, organizado em documentos, prazos e expectativas, mas que ainda não tinha ganhado forma real e que demorou alguns meses para se concretizar. Mesmo já estando lá, viver aquela realidade ainda parecia distante. Essa vivência, no entanto, aos poucos foi se concretizando, a partir de cada momento vivido, desde o estabelecimento de novos amigos até a aquisição de novos conhecimentos em sala de aula.

Recordo claramente do meu primeiro dia. O aeroporto, as placas em alemão, os anúncios que eu não compreendia completamente e a sensação constante de estar fora do meu contexto habitual – tudo parecia novo, intenso e, em certo nível, assustador. Ir para a Alemanha para realizar minha dupla titulação também foi minha primeira experiência internacional e minha primeira vez em um avião, o que tornou tudo ainda mais especial.

As pequenas tarefas, como encontrar o caminho até Deggendorf, comprar um *ticket* de transporte ou entender como funcionava o sistema ferroviário, tornaram-se verdadeiros desafios. Foi nesses momentos que percebi que o intercâmbio não seria apenas sobre estudar fora, mas sobre aprender a viver de forma independente em um ambiente completamente novo.

A adaptação inicial não foi simples. A barreira linguística, principalmente com o alemão, exigiu esforço constante, embora seja importante destacar que o inglês foi suficiente para minha comunicação, especialmente no ambiente acadêmico. Houve momentos de frustração, sobretudo quando eu não conseguia me expressar com clareza ou compreender totalmente o que estava sendo dito. Ainda assim, cada interação representava um avanço e, aos poucos, comecei a perceber progresso, não apenas no idioma, mas também na minha confiança.

No ambiente acadêmico, o impacto foi ainda mais significativo. Minha primeira aula na universidade alemã marcou um verdadeiro ponto de virada na minha percepção sobre o ensino superior. Diferentemente da realidade à qual eu estava acostumada na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde há uma estrutura mais guiada, com acompanhamento constante dos professores e uma organização mais definida das atividades, encontrei um modelo que exigia autonomia quase total do estudante.

Na Alemanha, o papel do professor é menos centralizador, visto que, em vez de conduzir o aluno passo a passo, ele atua mais como um facilitador do conhecimento. Desde o início, ficou claro que a responsabilidade pelo aprendizado era, em grande parte, do próprio estudante. As aulas exigiam leitura prévia, preparação consistente e participação ativa nas discussões. É importante mencionar que, em algumas disciplinas, não havia um professor apresentando o conteúdo de forma tradicional, mas, sim, uma troca de conhecimento entre os próprios alunos, mediada pelo professor.

Essas disciplinas foram fundamentais para o desenvolvimento da minha escuta ativa e da minha capacidade de compreender diferentes perspectivas, considerando que o ambiente universitário era bastante diverso, com estudantes de diversas nacionalidades e diferentes *backgrounds* acadêmicos. Nesse contexto, não era possível simplesmente assistir às aulas de forma passiva; era necessário chegar preparada e disposta a contribuir.

Lembro de uma das primeiras disciplinas em que o professor iniciou a aula assumindo que todos já haviam lido o material indicado.

A discussão começou imediatamente em um nível avançado e, naquele momento, percebi o quanto precisaria me adaptar rapidamente. Essa experiência foi desafiadora, mas, sem dúvidas, enriquecedora. Passei a desenvolver uma rotina de estudos mais disciplinada, organizando meu tempo de forma estratégica para acompanhar as demandas.

Outra diferença marcante estava na forma de avaliação. Enquanto na UNIFOR há uma divisão mais clara entre provas, trabalhos e atividades contínuas, na Alemanha, muitas disciplinas concentram grande parte da nota em trabalhos finais, projetos ou somente apresentações. Essa rotina exigia não apenas domínio do conteúdo, mas também habilidades de pesquisa, escrita acadêmica e pensamento crítico de uma forma bem mais constante.

Em um dos trabalhos mais desafiadores que realizei, precisei desenvolver uma análise aprofundada junto a um grupo de colegas de diferentes nacionalidades. De forma geral, tivemos dificuldades iniciais para alinhar expectativas, definir metodologias e organizar a comunicação. No entanto, ao longo do tempo, conseguimos estabelecer uma dinâmica eficiente. Essa experiência me ensinou não apenas conteúdos acadêmicos, mas também habilidades práticas, como gestão de tempo, resolução de conflitos e colaboração intercultural.

Figura 1 – Trabalho em grupo com estudantes de diferentes culturas na *Deggendorf Institute of Technology*.



Fonte: autoria própria.

O que também me chamou a atenção foi o nível de independência exigido fora da sala de aula. Não havia lembretes constantes ou acompanhamento próximo, como eu estava acostumada. Era necessário estar sempre atenta aos prazos, plataformas e orientações, muitas vezes distribuídas em diferentes sistemas. Isso me levou a desenvolver uma postura muito mais responsável e autônoma em relação aos meus estudos.

Apesar dos desafios, essa nova forma de aprendizado trouxe muitos ganhos. Passei a desenvolver um pensamento mais crítico e questionava mais, analisando diferentes perspectivas e buscando aprofundar meu entendimento sobre os temas estudados. Também percebi uma evolução na minha capacidade de organizar ideias e de me expressar academicamente, especialmente em um contexto internacional.

Além disso, ainda no ambiente acadêmico, tive a oportunidade de participar de projetos extracurriculares. Fiz parte da *Erasmus Student Network Deggendorf*, uma experiência que me permitiu organizar eventos para outros estudantes internacionais. Essa vivência contribuiu significativamente para o desenvolvimento das minhas habilidades de comunicação intercultural, organização e liderança, além de me possibilitar uma melhor compreensão sobre como acolher e integrar estudantes em um ambiente internacional.

Figura 2 – Atividade da *Erasmus Student Network (ESN) Deggendorf*.



Fonte: autoria própria.

Fora da universidade, as experiências continuaram a contribuir para minha formação. As viagens para diferentes cidades e países foi uma das partes mais enriquecedoras do intercâmbio, pois representavam tanto um desafio quanto uma oportunidade de aprendizado. Planejar deslocamentos, lidar com diferentes idiomas e culturas e me adaptar rapidamente a novos ambientes reforçou ainda mais minha independência, especialmente considerando que, em muitas dessas viagens, eu fui sozinha.

Ao mesmo tempo, nem sempre tive momentos fáceis. Houve dias de saudade, de cansaço emocional e de dúvidas. Estar longe da família e da minha realidade anterior me fez confrontar sentimentos que, muitas vezes, eu não precisava lidar antes. No entanto, foi justamente nesse período que mais cresci. Assim, aprendi a lidar com a solidão, a desenvolver resiliência emocional e a encontrar equilíbrio mesmo em situações desafiadoras.

Com o passar do tempo, comecei a perceber mudanças profundas em mim. Tornei-me mais independente, mais confiante e mais preparada para lidar com situações inesperadas. Desenvolvi uma maior capacidade de adaptação e uma postura mais proativa diante dos desafios, desse modo, situações que, em outros tempos, poderiam me causar insegurança, passaram a ser encaradas como oportunidades de aprendizado.

Figura 4 – Infraestrutura urbana em Deggendorf.



Fonte: autoria própria.

O intercâmbio também impactou meus objetivos futuros. A inserção em um ambiente acadêmico internacional ampliou minha visão sobre possibilidades de carreira e desenvolvimento profissional. De modo geral, passei a enxergar a importância das competências globais, como comunicação intercultural, pensamento crítico e adaptabilidade.

Hoje, ao olhar para trás, percebo que o intercâmbio na Alemanha foi muito mais do que uma experiência acadêmica, em realidade, foi um processo de transformação pessoal e intelectual. A comparação entre os sistemas de ensino da Alemanha e do Brasil, especialmente incluindo a UNIFOR, fez com que eu compreendesse diferentes abordagens educacionais e refletisse sobre meu próprio processo de aprendizagem.

Mais do que adquirir conhecimento, adquiri aprendizados.

Essa experiência me ensinou que crescer, muitas vezes, significa se permitir estar desconfortável, assumir responsabilidades e enfrentar desafios de frente. Foi exatamente isso que vivi ao longo desse período: um processo contínuo de evolução.

Levo comigo não apenas o conhecimento adquirido, mas também as experiências vividas, os desafios superados e a certeza de que sou capaz de me adaptar, aprender e crescer em qualquer contexto. O intercâmbio não apenas ampliou meus horizontes, mas também transformou minha forma de pensar, agir e enxergar o mundo.

Costumo dizer às pessoas que existe uma Rayane antes e uma Rayane depois dessa experiência, porque ela realmente transformou a forma como eu vejo a vida, as pessoas e, principalmente, eu mesma.

Antes de vivenciar o intercâmbio, eu já tinha ouvido muitas vezes: “você nunca será tão feliz quanto foi durante o seu intercâmbio”. E eu costumava me perguntar por que as pessoas diziam isso, até viver essa experiência.

Agora eu compreendo.

O LEGADO DE SALAMANCA: UMA IMERSÃO HISTÓRICA E O PAPEL DO CIDADÃO NA INTERNACIONALIZAÇÃO 5.0

Cláudio Azevedo Peixoto Júnior
Doutorado em Administração
Universidade de Fortaleza

1 INTRODUÇÃO: A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO NECESSIDADE ESTRATÉGICA

A internacionalização no ensino superior deixou de ser uma atividade eventual para tornar-se um pilar da excelência acadêmica. Ela não é um departamento, mas, antes de mais nada, um comportamento que necessita permear toda a universidade e ser parte de sua identidade (Moreira, 2026, p. 13).

Conforme destacado no Editorial da Revista do Encontro Pedagógico Integrado (2026, p. 3), esse movimento é “orientado por diretrizes claras, alinhado a agendas globais e sustentado por uma visão de longo prazo”. Na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), essa dimensão é consolidada de forma estruturada, integrando-se aos projetos pedagógicos e às práticas formativas.

Nesta oportunidade, faço este relato como aluno da pós-graduação, porém também sou professor vinculado ao Centro de Ciências da Comunicação e Gestão (CCG). É ciente das transformações que levam à internacionalização, a exemplo do processo de acreditação junto a *AACSB International – Association to Advance Collegiate Schools of Business*, que vivemos a experiência de mobilidade.

Como observado por Luciane Stallivieri, em Moreira (2026), a internacionalização deve ser compreendida como um meio para

qualificar a formação e a inserção global da universidade, promovendo o que se convencionou chamar de “Internacionalização 5.0”. Assim, a internacionalização, segundo Ekuni (2019), é como o “quarto pilar” da universidade contemporânea, indo muito além da mobilidade estudantil e envolvendo a democratização do conhecimento e a redução de assimetrias. Entre junho e julho de 2025, participei do programa Top Espanha. Após um processo seletivo que contou com mais de cem mil inscritos em todo o Brasil, fui um dos três alunos (entre graduação e pós-graduação) da UNIFOR a integrar um grupo de cerca de oitenta estudantes brasileiros a participar do intercâmbio na *Universidad de Salamanca (USAL)*, umas das mais antigas universidades hispanohablantes, com cerca de 808 (oitocentos e oito) anos de história.

Figura 1 – *Check-in* do grupo Top Espanha 2025, no Aeroporto de Guarulhos.



Fonte: autoria própria.

2 A VIVÊNCIA EM SALAMANCA: HISTÓRIA E APRENDIZADO

A imersão em Salamanca permitiu uma conexão profunda com a cultura hispânica e o convívio com colegas de diversas regiões do Brasil. A oportunidade de revisitar conhecimentos sobre a cultura hispânica levou a um sentimento de gratidão e satisfação, especialmente ao cursar disciplinas de língua espanhola e de história contemporânea. A vivência ressoou memórias de décadas anteriores, com destaque para a passagem

pela casa de cultura hispânica, além de memórias ainda mais longínquas, a exemplo dos livros de história crítica de Mario Schmidt.

Entre atividades acadêmicas e visitas a equipamentos culturais, conhecimentos que, antes, eram enraizados na leitura, tornaram-se um aprendizado histórico, indissociável da prática cidadã. Nesse sentido, faço um paralelo entre o intercâmbio considerado um aprendizado “ativado” e os “métodos ativos” da pirâmide de aprendizagem de William Glasser.

O conhecimento das aulas de espanhol e da história contemporânea da Espanha, além das visitas aos museus, às exposições e às cidades europeias, permitiram uma imersão no entendimento sobre as “idas e vindas da história espanhola”, servindo de base para reflexões sobre diferentes perspectivas históricas e suas similaridades. Como exemplos, temos os ganhos sociais, como o sufrágio, que podem ocorrer, apesar das motivações políticas instrumentais. Ademais, segundo Souza (2006), as narrativas autobiográficas de formação são uma “excelente estratégia de formação”, pois permitem ao sujeito organizar suas ideias, reconstruir sua vivência de forma autorreflexiva e tomar consciência do próprio aprendizado.

3 REFLEXÕES HISTÓRICAS: COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Entre as vivências nas salas e nas exposições, foi possível conhecer algumas cidades da Espanha e observar, para além de Salamanca, a arquitetura de outras cidades históricas, como Segóvia, Ávila e Toledo. Nessa oportunidade, conhecemos castelos, igrejas e muralhas, sendo impossível não as comparar com as estruturas brasileiras. A dicotomia entre colônias de exploração e colônias de povoamento, amplamente difundida por Prado Júnior (1942), tornou-se tangível ao se comparar a sociedade e a infraestrutura dessas cidades históricas com nossa ex-colônia de exploração. Não que a Espanha tenha sido colônia, mas foi

uma colonizadora, portanto, a comparação permanece válida, uma vez que fomos um país colonizado.

Recapitulando, enquanto nas colônias de exploração o foco era comercial, ou seja, a retirada de riquezas, as cidades com perfil de povoamento buscavam “autonomia e desenvolvimento interno, com foco no mercado local e na construção de uma identidade própria” (Prado Júnior, 1942).

Durante as aulas de história contemporânea espanhola, foi importante notar como o país percebe o seu apogeu a reboque das colônias e como ocorreu o seu declínio, com a perda dessas colônias, a exemplo da Guerra Hispano-Americana de 1898. Apesar disso, a oportunidade de estar na Espanha permitiu compreender as “trindades” arquitetônicas para simbolizar os valores fundantes de cada sociedade. Conforme Giannetti (2016), na colônia de exploração, as prioridades são o controle espiritual, a repressão física e a burocracia estatal, enquanto, na colônia de povoamento, as prioridades são o capital humano, o financiamento da produção local e a infraestrutura de integração.

As três primeiras edificações de uma cidade luso-brasileira eram a Igreja, a Cadeia e a Casa de Câmara (situada na Praça). As três primeiras edificações de uma cidade norte-americana eram a Escola, o Banco e a Estação Ferroviária (ou o Correio) (Giannetti, 2016).

Com isso, é possível ponderar que as cicatrizes institucionais existem ainda hoje. O intercâmbio permitiu compreender, inclusive, o que os laureados com o Prêmio Nobel de Economia em 2024 (Daron Acemoglu, Simon Johnson e James Robinson) discutem na obra “Por que as Nações Fracassam”. Eles utilizam as raízes da colonização para explicar a “dependência de trajetória” como um dos motivos para nações não se libertarem do *status* “em desenvolvimento”.

4 O PAPEL DO CIDADÃO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

A experiência internacional reforça que a cidadania vai além do cumprimento de deveres legais. Para Laus (2012) e De Wit (2013), a

internacionalização não é “um fim em si mesmo”, mas, sim, um meio para gerar novos conhecimentos, ciência e, principalmente, valores e cidadania. Trata-se de uma participação ativa e consciente na construção do ambiente coletivo. Sobre a responsabilidade social do estudante em mobilidade, o “Manual de Boas Práticas de Internacionalização” leciona:

A internacionalização na Unifor busca formar cidadãos globais, éticos e socialmente responsáveis, capazes de atuar em contextos multiculturais e contribuir para o desenvolvimento sustentável, alinhando-se aos compromissos da Agenda 2030 da ONU (Moreira, 2026).

Figura 2 – Registro da acolhida da *Universidad de Salamanca (USAL)* ao grupo Top Espanha 2025.



Fonte: autoria própria.

Abrindo o compromisso com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), presentes na Agenda 2030, essa perspectiva corrobora a visão de que o cidadão consciente é aquele que luta contra a discriminação e busca a equidade. O desenvolvimento da sociedade não é tarefa exclusiva dos governos, mas um processo contínuo que depende da ação individual e coletiva, no qual assumir esse papel com comprometimento pavimentam o caminho para uma sociedade mais justa.

Como cidadãos, somos muito mais do que meros habitantes de um lugar; somos peças ativas e cruciais na construção e no aprimoramento da sociedade. Nosso papel ultrapassa obedecer às leis e pagar impostos, em realidade, manifesta-se em ações diárias que, somadas, moldam o ambiente em que vivemos.

Primeiramente, a participação ativa é um pilar. Isso significa votar de forma consciente, buscando conhecer as propostas dos candidatos e fiscalizando a atuação dos eleitos. Participar também é engajar-se em Organizações da Sociedade Civil (OSC), é ter voz e usar essa voz para reivindicar melhorias, mas também para propor soluções.

Em segundo lugar, a responsabilidade social é intrínseca ao papel do cidadão, o que envolve respeitar o espaço público, cuidar do meio ambiente, praticar a solidariedade e a empatia. Além disso, a busca por informação e o pensamento crítico são essenciais. Em um mundo onde somos bombardeados por notícias e opiniões, é nosso dever procurar fontes confiáveis, questionar o que nos é apresentado e formar nossas próprias convicções. Um cidadão bem-informado é menos suscetível a manipulações e mais apto a tomar decisões que beneficiam o coletivo.

Por fim, a promoção da inclusão e da justiça social é uma das maiores responsabilidades. Uma sociedade desenvolvida não é aquela que apenas cresce economicamente, mas aquela que garante oportunidades para todos, independentemente de sua origem, gênero, raça ou condição social. O cidadão consciente luta contra a discriminação, defende os direitos humanos e busca construir um ambiente no qual a equidade seja uma realidade.

5 CONCLUSÃO

A internacionalização na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), especialmente considerando a acreditação AACSB, demanda que alunos e professores sejam agentes de mudança. O intercâmbio em Salamanca não foi apenas um curso de idiomas, mas também um chamado à cidadania global. Além de democratizar o acesso ao intercâmbio, rompe com uma das principais barreiras a internacionalização, que, segundo Oliveira (2023), seria a financeira.

Como resume a Professora Carina Bezerra (2026, p. 32), na Revista Internacionalização, tais experiências contribuem para a formação de profissionais “culturalmente sensíveis às realidades diversas do mundo e internacionalmente conectados”.

Embora a experiência em Salamanca tenha me proporcionado valiosos aprendizados sobre história, arquitetura, economia, organização, negócios e tendências globais, a reflexão mais profunda que ela me trouxe foi sobre a cidadania. Dessa forma, essa vivência reafirmou o papel crucial do cidadão no desenvolvimento da sociedade. *¡Hasta pronto, y que sigamos construyendo un mundo mejor!*

REFERÊNCIAS

DE WIT, Hans. Repensando o conceito da internacionalização. **Ensino Superior**, Campinas, SP, 20 fev. 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/repensando-o-conceito-da-internacionalizacao.html>. Acesso em: 5 mar. 2026.

EKUNI, Roberta. Internacionalização via doutorado sanduíche: relato de experiência no país líder em produção científica. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8652856>. Acesso em: 5 mar. 2026.

GIANNETTI, E. **Trópicos Utópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da Educação Superior**: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina. 2012. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17270/1/Laus%2c%20Sonia%20Pereira.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2026.

MOREIRA, C. M. S. (org.). **Manual de Boas Práticas de Internacionalização**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2026.

OLIVEIRA, E. C. S. de. **Internacionalização do ensino superior e o impacto do intercâmbio na graduação**: Um estudo de caso da FGV EBAPE. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2023.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. **Revista do Encontro Pedagógico Integrado - EPI 2026**: Internacionalização 5.0 - Conexões globais para o ensino superior. Fortaleza: Unifor, 2026.

SEIS MESES QUE VIRARAM PARTE DE NÓS

Beatriz Priante Schuber
Maria Julia Correia Barbosa
Curso Publicidade e Propaganda
Universidade de Fortaleza

A realização de um intercâmbio era um sonho que tínhamos há algum tempo. Quando surgiu a oportunidade de passar seis meses estudando em Cádiz, na Espanha, sabíamos que seria um desafio morar sozinhas em outro país, com outra cultura e longe da nossa família, mas decidimos ir mesmo assim.

O intercâmbio começou muito antes de chegarmos lá: teve início quando decidimos tentar, no instante em que dissemos “sim” para algo que ainda nem sabíamos exatamente como seria. Então, foi ali que surgiu a experiência mais louca e linda das nossas vidas.

Engraçado como nem sempre imaginamos que uma oportunidade acadêmica pode transformar uma trajetória. O que parecia apenas um passo na formação, revelou-se como um verdadeiro divisor de águas pessoal.

Quando chegamos, foi incrível perceber que realmente estávamos no país, que aquele sonho tinha se tornado realidade. Talvez ainda não tenhamos vivido o suficiente para comparar com tudo o que ainda está por vir, mas sabemos reconhecer quando algo deixa de ser apenas uma memória e passa a fazer parte daquilo que somos.

Sempre quando falamos do intercâmbio, gostamos de dizer que existe algo nele que nos devolve à infância. É a sensação de estar descobrindo o mundo pela primeira vez. Uma nova língua, novos costumes, novos rostos, novas versões de nós mesmas. A curiosidade se expande. O medo aparece, é inevitável, mas não domina, em realidade, é engolido pela vontade de viver.

Desse modo, ir para outro país foi se lançar no desconhecido, mas, mais do que isso, foi se lançar em direção a nós mesmas.

O intercâmbio nos levou a lugares inimagináveis, tanto física quanto emocionalmente. Cada dia trazia pequenas revoluções internas, pois acordávamos em um lugar estranho e, aos poucos, começávamos a chamá-lo de lar. Além disso, questionamos certezas que, antes, pareciam absolutas e percebemos que muitos limites eram apenas construções invisíveis que nós mesmas carregávamos.

Outro aspecto de destaque foi a oportunidade de criar conexões com outras pessoas. Conhecemos pessoas de diferentes partes do mundo, ouvimos suas histórias, compartilhamos culturas, risadas, inseguranças e descobertas. Assim, fizemos amizades que transformaram completamente a nossa experiência e que levamos conosco até hoje.

A felicidade também estava nas pequenas conquistas diárias, quando percebemos que estávamos lidando sozinhas com nossos problemas, resolvendo questões, tomando decisões importantes. Foi nesse instante que entendemos o quanto éramos capazes e percebemos que, mesmo longe de casa, estávamos em casa.

A vivência não se limitou ao aprendizado de uma nova cultura, pois também influenciou no reaprendizado de quem éramos. Assim, possibilitou que existíssemos em versões que ainda não conhecíamos. Crescemos nas pequenas decisões diárias, seja para enfrentar a saudade, seja para lidar com diferenças ou pedir ajuda quando necessário.

Houve momentos lindos, de encantamento genuíno, mas também houve dias difíceis, em que tudo parecia pesado demais. E, por incrível que pareça, foram esses dias que mais nos fortaleceram. Porque o medo não paralisa, desafia, e, ao enfrentá-lo, descobrimos forças que nem sabíamos que tínhamos.

Certamente, o intercâmbio nos transformou. Voltamos mais maduras, mais confiantes e, principalmente, mais conscientes da nossa

própria capacidade. Aprendemos a confiar em nós mesmas e a enfrentar desafios sem duvidar tanto.

Conhecemos pessoas que se tornaram casa e que, hoje, estão espalhadas pelo mundo, mas que carregam pedaços nossos, assim como nós carregamos pedaços delas. É extraordinário pensar que cruzamos fronteiras geográficas e, sem perceber, criamos laços que atravessam continentes.

Mais do que o aprendizado acadêmico, o que ficou também foram as trocas, as conversas e as experiências compartilhadas com pessoas de diferentes partes do mundo. O intercâmbio nos ensinou, portanto, que pertencimento não é sobre um lugar fixo, na verdade, é sobre as experiências que nos transformam.

Logo, o intercâmbio, para nós, não foi só viajar para fora. Foi possível viajar para dentro e voltar com a convicção de que partes de nós estão espalhadas por aí.

Somos profundamente gratas por ter vivido essa experiência, a qual não se resumiu a apenas uma etapa acadêmica. Foi um marco silencioso, mas definitivo, na construção de quem nos tornamos a cada dia. Foi incrível, intenso, desafiador mas, acima de tudo, inesquecível. Obrigada, Cádiz.

INSIDE MADRID: AN EXCHANGE STUDENT'S PERSPECTIVE

Kyra Delgado Gomes
Curso Cinema e Audiovisual
Universidade de Fortaleza

Academic exchange is one of the richest cultural experiences a student can have. Traveling all alone to a new country, where everyone and everything is completely different from the usual routine is scary, but at the same time, it is a step toward responsibility. For the first time in my life, I embarked on this adventure by myself.

In February 2025, I traveled to Madrid on a cultural exchange program promoted by UNIFOR – Universidade de Fortaleza. When I arrived at the Spanish capital, everything was a bit challenging. I was in a foreign place, trying to speak a language which I clearly was not fluent in, and adapting to sharing a home with eight other people.

I found my apartment through a housing application, made a video call with the owner, and confirmed the place actually existed. The moment I entered the room; I couldn't understand anything: where should I get my keys? How do the appliances in the house work? How are the kitchen drawers divided? However, as soon as I opened the door, there were two flat mates who helped me with everything I needed. Frida and Karen explained to me how the entire place worked, and rapidly we created a strong friendship. It was so comforting knowing right away that if anything happened, I would have someone to call, and that's exactly what happened: in two weeks, I got super sick with the cold and had their whole support.

At first, I wasn't sure whether to rent a place close to my university, which was around forty minutes by bus from Madrid's center, or to stay in the middle of the city and have to take public transportation every day to go to class. I ended up choosing to remain based in Madrid, and it was certainly one of the best decisions I made on this trip.

Camilo José Cela University was my chosen destination for my semester abroad in the Cinema and Audiovisual course. Even though around the university there was not much to do, the campus was huge and full of leisure spaces, such as a gym, pool, tennis and padel courts, stable and football field. The institution is very structured for the communication area; it counts with renowned professionals in the field, laboratories, and high-quality equipment.

On my first day of class, there was a welcome ceremony for the exchange students, which gave me the opportunity to meet a lot of people and make new friendships. The reception was followed by a lecture explaining how the faculties worked and all the activities that the program provided. In theory, we were supposed to have a tour around the campus, but since it was raining a lot, we headed straight to the refreshments. The waiters served all kinds of drinks: champagne, beer, wine, and some appetizers.

Meanwhile everyone was chatting, I created two of my biggest friendships this semester abroad, with Lucas and João Pedro, who were also in the exchange program. Even though I wanted to avoid Brazilians to practice my Spanish, our connection was absurd; since the first moment, we became a trio and would not stop going out.

After the reception, the boys went home, and I headed to the cafeteria to eat a little more before going to my first class. As mentioned before, I was not very fluent on Spanish, and that is why I decided to order a hot ham and cheese sandwich, since it was the only thing from the menu that I was sure what it meant. I kept practicing in my mind, “*yo quiero un mixto caliente, un mixto caliente, mixto caliente...*”. When

I got to the counter, I said: “*yo quiero un mixto quente*”, and the waiter did not understand a single thing.

As soon as I said the word “quente”, which stands by hot in Portuguese, a girl by my side turned to me and asked if I was Brazilian. As fate would have it, she was also from Brazil, studied cinema and had the same class as me. Sofia presented me to her friend group and translated most of my first classes since I was still getting used to the Spanish accent. Right from the start, I felt very welcome.

The university was a bit different from UNIFOR, since the way they would make the attendance, by a code that every student had to type on their phones, until the grading of the exams, in which professors would deduct points not only for failing to select the right answer but also for choosing an incorrect option. In other words, you would not get the points of the questions and get an additional penalty for marking a wrong answer; this did not make any sense to me.

One of the main distinctions was the course curriculum, which was quite diverse. Therefore, I chose to take classes that were not offered at my home university. One of them was ‘Multiplatform Production’, in which we had to shoot a series through the campus, and another called ‘Theory of Music in Cinema’, that consisted of a study about the soundtracks in movies. I learned a lot in both classes; it was very productive to have practical lessons with the whole classroom working together, and to study the most famous songs and tracks on the cinematography world.

Since I was not very well in Spanish yet, I enrolled in a review class offered to the exchange students. When I arrived in the room, it felt like being in the United Nations, there were many people from various countries such as South Korea, Ireland, Portugal, Lithuania, France..., and all of us were basically in the same situation: in a new place, with new people, adapting to a new language and wanting to enjoy the most of it. That way, we became friends very quickly and created the “Trying to Learn Spanish” group. As the course progressed, I became more confident

in speaking Spanish. The professors would also help me a lot with this process and were always very attentive when I needed it.

One of my favorite activities in the city was going to the bar by the corner of my street. After passing by the place all the time to get home, one day I decided to give it a shot. I went with João Pedro to watch a Champions League match, which consists of a European football championship. When we arrived, I asked the owner if they would broadcast the game, and he replied by saying that only if the Barcelona club were not the ones playing; we spent the whole night talking to him about football. Since then, the owner started to greet me every time I would pass by the bar, that was on the way home. Until this day, I still don't know his name, and I do not think he knows mine either.

My connection with Madrid was out of the world, I loved every place that I walked in this city. The best spot for me was the *Parque del Oeste*, a park where the sunset felt straight out of a movie, with music playing on the background and people dancing like a musical. I used to go there all the time with my friends for picnics or just to enjoy the view.

During my free time, I loved exploring the capital. I walked around most of the neighborhoods, tried many local foods, discovered very odd bars, went to many cinemas and visited museums, such as the *Museo Reina Sofía* and the *Museo Naval*. Over the course of the semester, I was rarely at home. People say that New York is the city that never sleeps, I think Madrid also fits a lot on this description; it does not matter the time or the place, it never stops.

Although I always had what to do, I constantly felt homesick. I looked at photos of my family or friends all together and missed them; I visited so many places thinking about how my parents would love it or how my boyfriend would find it funny or how my friends would have loved to meet that person. Distance is not easy, it will deprive us of special moments, and you will often compare this new country with your home.

However, it is an effort that is worth it, I am carrying the memories lived this year throughout my whole life, surrounded by love and care.

I enjoyed my exchange in Madrid so much that when it was time to say goodbye, I felt it wasn't the right moment yet. I requested UNIFOR and Camilo José Cela to stay for another semester; both accepted it. I returned to Brazil in June and redid the whole process to get a visa. During my vacation in Fortaleza, I could only think about how excited I was to come back.

In the beginning, I was afraid and unsure whether I should have made that decision, since nothing was going to be the same as before. For this reason, I asked for guidance to a friend of a mine, who had been through the same doubts during her exchange in Brazil. She gave me some advice that got stuck in my head by saying that I would live this new time as if I was really a student, and not an exchange student who is just passing through.

In September 2025, I arrived in Madrid for another five months. In the moment that I stepped on the Spanish capital, everything made sense; I felt in the right place at the right time.

My eight new flat mates became like a second family to me. The great advantage of living with so many people is that you will always have company to do anything. We would have dinner together, go to parties and bars, study, play games and even celebrate holidays together, each one of us bringing a little bit of their countries. During Thanksgiving, we had a whole dinner prepared by Travis, from the United States, and at Christmas, a Secret Santa among all of us with Mexican food, Italian dessert and Brazilian drinks.

Outside of the apartment, my main friend group was with three other Brazilians: Bruna, Letícia and Manuela. They lived around my street, so I would often finish my dinner and head to their place during weekdays. We would spend the night laughing, gossiping, and watching shows. With them, it was like I had never even left home.

At university, I formed even closer bonds with my classmates, the fact that I already knew all of them made the first day of class very easy. During the semester, my course organized two trips to major film festivals, in San Sebastián and Valladolid. As a cinema student, being at such renowned cinema festivals was amazing and very productive. My routine consisted of waking up, watching five movies per day in beautiful theaters, and going to bars at night; it could not be any better.

In this way, my second semester in Madrid developed very similar to the first. However, this time, I valued every minute even more. I knew that even if someday I came back to that city, nothing would be as it was. I lived everyday like it was the last one, enjoying the time I had with those people that I might never even see again, in places where I might never return.

Each experience of this last year helped me grow as a person and see the world in another way. Getting to know so many people from different countries made me want to travel even more and learn about cultures all around the world. Living alone helped me create responsibility and independence to handle anything. Learning a new language opened doors to multiple opportunities and improved my communication skills. Staying in a city like Madrid made me believe that anything is possible and can be achieved.

Therefore, I consider the exchange program an experience that mixes so many feelings all at once. Since the courage and fear of leaving home until the sadness and happiness of coming back. It is necessary to renounce a lot of things to board on this trip, but the ending is rewarding and worthwhile.

MY EXCHANGE YEAR IN FRANCE

Júlia Ferreira Britto
Curso Design de Moda
University of Fortaleza

My international journey began at the University of Fortaleza (UNIFOR), where I started my Fashion degree in August 2023. After completing four semesters, I felt the need to expand my global perspective and gain professional experience abroad. The process of choosing the right destination was a careful one. Initially, I looked for a university to continue my fashion studies, but I soon realized that to navigate today's digital-driven industry, I needed to master strategic communication. This led me to choose Excelia Group in La Rochelle, France, specifically for its program within the Center for Communication and Management Sciences. I was drawn to France not only because of its influential fashion heritage but also because I had already started learning French and wanted to immerse myself in the culture. Once the choice was made and the fact that the course was in English confirmed it was the right fit, I moved to La Rochelle to begin this new chapter.

I planned to study one semester of Digital Communication and Strategy and another semester of Business Administration, two different courses with knowledge that could easily be combined with my fashion degree. In the previous semester, I had the opportunity to participate in the Buddy Program at UNIFOR, where I met new exchange students. Two of them came from Excelia in La Rochelle; they encouraged me and helped me feel confident in my choice by sharing positive things about the city and the university.

Figure 1 – Participation in the Buddy Program at UNIFOR with exchange students from Excelia Group.



Source: personal archive.

My arrival in La Rochelle in September 2025 was a moment I won't forget, especially the melancholic charm of the city and the lively student life that I noticed as soon as I arrived. The city is famous for its charm, the vivid port, the bars, and the small bakeries made me realize it was a great atmosphere for my exchange. The people in this small town are welcoming, and I easily found myself drawn to the beauty of this place.

Figure 2 – View of the Old Port in La Rochelle, France.



Source: personal archive.

The welcoming days at my new university were amazing. They organized a game that allowed us to explore the city and make friends with other new exchange students. As my classes in the communication course began, I studied artistic photography, filmmaking, and media. I also spent

a week working with real clients to build brands in different fields, helping with social media creation, websites, and the visual identity of the brands.

That week was life-changing for me. It was my first time in contact with real clients who were partners with the university; it made me realize what it is like to work in this field and helped me learn so much about communication and digital skills.

Figure 3 – Cultural exchange with international students at Excelia Group during the Study Abroad Fair 2025.



Source: personal archive.

By the end of the semester, I was required to produce a documentary project entitled *Faces of La Rochelle*. The objective of this assignment was to explore the identity of the city through different cultural perspectives. For this project, I interviewed three local individuals and focused on three main themes: the city's heritage, its culinary culture, and its artistic scene. The documentary aimed to highlight how these elements contribute to the character of La Rochelle while also developing my skills in communication, storytelling, and audiovisual production in an international context.

The response to the documentary was unexpected. Because the university liked the final result so much, I was invited to be interviewed for an article on the Excelia website. This provided me with great feedback and encouraged me to learn even more about the communication field.

Figure 4 – My interview for the Excelia Communication School blog, titled “Dare to push the doors, without speaking French!”. The article highlights my experience producing the documentary as an international student. Available at: <https://ln.run/1AYz3>



Source: personal archive.

Now, for the spring semester, I am enrolled in the Bachelor in Business Administration International. I feel very happy with my choice as I am now ready to fully explore the business field. My previous experience with the documentary gave me a creative foundation that I can now integrate into my business studies, allowing me to approach management and strategy with a more professional and communicative perspective.

In conclusion, choosing La Rochelle and Excelia Group was undoubtedly the best decision for my academic and personal growth. This journey has not only expanded my professional skills but also given me a new perspective on the world and my own potential. The combination of a welcoming city and a high-quality educational environment made this exchange an unforgettable experience. I highly recommend that every student at UNIFOR steps out of their comfort zone and pursues an international opportunity. It is a life-changing experience that broadens your horizons in ways you never imagined.

Figure 5 – The Grosse Horloge, a historic gateway that symbolizes the heritage and charm of La Rochelle’s city center.



Source: personal archive.

REFERENCES

BRITO, J. F. **Oser pousser les portes, sans parler français!** La Rochelle: Excelia Communication School, 2026. Disponível em: <https://ln.run/1AYz3>. Acesso em:

EXCELIA GROUP. **Bachelor in Business Administration (BBA) International.** La Rochelle: Excelia Business School, 2026. Available at: <https://www.excelia-group.com>. Acesso em:

UNIVERSITY OF FORTALEZA. **Exchange Program and International Cooperation.** Fortaleza: UNIFOR, 2026.

MODA: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR (FORTALEZA – BRASIL) X UNIVERSIDAD CAMILO JOSÉ CELA – UCJC (MADRI – ESPANHA)

Linda Carneiro Castelo Branco
Curso Design de Moda
Universidade de Fortaleza

Fui aprovada no Curso Moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em 2023.1, contudo, iniciei minha vida acadêmica em 2024.1. A participação em um intercâmbio internacional de estudos sempre foi um sonho, uma ideia que trazia comigo desde a adolescência. Logo, por que não tentar ser aprovada em uma faculdade de Moda no exterior, já que a UNIFOR estabelece parcerias com diversas faculdades em vários países? Quando fiz esse questionamento, resolvi ter uma resposta concreta.

Então, em setembro de 2024, após pesquisar as diversas opções oferecidas pelo setor de intercâmbio, analisando os destinos, a língua a ser utilizada, as faculdades, os cronogramas de ensino, decidi que a Espanha seria o destino mais apropriado para o meu tão desejado intercâmbio. Assim, mergulhei no aprendizado da língua espanhola. O caminho foi desde manhãs de sábados estudando durante quatro meses até a aprovação no Teste de Proficiência em Leitura de Textos Acadêmicos em Espanhol (TEPLE), para poder solicitar, junto à universidade escolhida, uma vaga de estudos.

Desde o princípio, recebi incentivo e apoio da UNIFOR, pois o setor responsável pelos trâmites é composto por pessoas com vasto conhecimento em intercâmbio internacional. Desse modo, contar com pessoas me orientando, ajudando a cada passo, sempre dispostas para que tudo desse certo, foi muito importante. Os procedimentos a serem realizados previamente, as dúvidas quanto à escolha das disciplinas a serem cursadas, a possibilidade de aproveitamento de créditos no retorno,

o momento para solicitação do visto de estudante, a orientação acerca dos meus “direitos e deveres” como intercambista e o atendimento, mesmo à distância, foram essenciais para que eu me sentisse mais segura e conseguisse desfrutar, da melhor forma, essa experiência.

Como o primeiro passo foi escolher em qual faculdade desejava estudar, optei pela *Universidad Camilo José Cela*, em Madri, e essa cidade maravilhosa foi o melhor presente. Aproveito para esclarecer um ponto importante: o intercâmbio acadêmico permite desenvolver uma visão diferente do curso que se estuda, visto que possibilita cursar disciplinas que não estão na matriz curricular da universidade matriz, o que contribui para incrementar a vida acadêmica e profissional. Todavia, estudar em uma outra faculdade, ainda que por um certo período de tempo, vai muito além disso. O intercâmbio pode ampliar não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o conhecimento de mundo, de modo que você pode se ver vulnerável e conseguir se fortificar. Trata-se de aprender que é possível construir um lar em qualquer lugar do mundo, de entender que viver vai muito além do estudo, do trabalho e dos passeios. Ao estar em outra cidade, em outro país, com cultura e costumes diferentes, aprende-se e valoriza-se, genuinamente, cada momento como essencial para o crescimento humano.

Figura 1 – Entrada do Campus da *UCJC*, em *Castellana, Madrid*, outubro de 2025.



Fonte: autoria própria.

A chegada para morar em Madri, capital da Espanha, pareceu irreal. A cidade é linda e tem um ar de cidade viva, que te abraça e te acolhe, ao mesmo tempo que te incentiva a voar e a se aventurar. Como uma amante de cidades grandes, eu amava escutar os sons da cidade, visualizar as pessoas caminhando na rua a qualquer hora do dia. Os bares e restaurantes sempre contavam com muitas pessoas conversando, gargalhando, movimentando-se, além disso, existiam os grupos de amigos e os casais sentados em uma mesa na rua e passeando pelos parques. Madri oferece muitas praças e parques para uma simples caminhada, ou mesmo para passear, contemplar a natureza. Observar Madri e viver ali me fazia sentir viva. Até nos momentos mais ordinários da rotina, como ir ao supermercado, tornavam-se extraordinários. Ressalto, com facilidade, a todos que me perguntam, que, se eu pudesse escolher morar em Madri mais dez vezes, assim o faria.

Figura 2 – Puerta de Alcalá, Madri, dezembro de 2025.



Fonte: autoria própria.

Em seis meses, vivi uma enxurrada de aprendizados. Além de morar sozinha em outro país que não fala a sua língua nativa, tive que me abrir para o novo, fazer novas amizades, criar novas rotinas e construir um lar e uma família do zero com diversas pessoas. Isso, com certeza, contribuiu para o desenvolvimento próprio. Em salas de aulas, onde as pessoas conversam em outra língua, e, no meu caso, costumavam falar o espanhol e o inglês, o esforço consiste em compreender e conseguir se comunicar. Em resumo, estudar, realizar testes, bem como trabalhos

práticos individuais e em equipe, foram momentos desafiadores. Embora o medo inicial exista, a satisfação e a felicidade de ver tudo o que você sonhou e construiu se concretizando é imensamente gratificante. Além disso, a percepção do quão válida foi a experiência e do quanto você mudou para melhor é um sentimento que surge com o tempo.

Portanto, o intercâmbio me proporcionou conhecer, além da cidade que estava residindo, cidades vizinhas, *showrooms* de marcas famosas com acesso restrito, como *Hermés*, e eventos relacionados à Semana de Moda de Madri. Além disso, pude visitar a fábrica *Inditex*, localizada em *Coruña*, na Espanha, detentora de uma das marcas mais conhecidas mundialmente: a *ZARA*, tendo em vista que a faculdade possuía convênios interessantes. Essas visitas ocorreram sob o acompanhamento de professores, com demonstração *in loco* das matérias estudadas em sala de aula.

Figura 3 – Cartaz de divulgação do evento, em Madri, setembro de 2025.



Fonte: autoria própria.

Já de volta à cidade natal, sou grata por tudo que vivi; por todos os momentos de aflição, todas as pessoas que cruzaram meu caminho, todos os lugares que visitei, todas as comidas que provei e tudo que senti e aprendi. Desde que retornei, incentivo todos aqueles que sonham a se esforçarem para viver essa maravilhosa experiência, pois, com certeza, é transformadora. Obrigada, Universidade de Fortaleza (UNIFOR), por abrir mais essa porta. Obrigada, *Universidad Camilo José Cela (UCJC)*, por me receber, e obrigada Madri, por me abraçar.

NA DÚVIDA, EMBARQUE

Raissa Bandeira Rabelo

*Curso Design de Moda
Universidade de Fortaleza*

Muito se fala sobre a dificuldade de ir, mas pouco sobre a de ficar.

Confesso que, para mim, a ideia de permanecer em um só lugar por muito tempo sempre assombrou mais do que a de partir em busca do novo, do desconhecido. Algo sempre se moveu em direção ao horizonte, querendo mais, querendo ir longe. Ainda assim, o caminho não foi linear – arrisco afirmar que foi uma grande parábola, com mais baixos do que altos.

Minha trajetória começou em 2015, quando ingressei no curso de Direito, carregando o sonho de fazer intercâmbio na Universidade do Porto. Mas a vida, irônica e imprevisível como é, tratou de realizar esse sonho em um cenário bastante peculiar: em 2025, quando passei a cursar Moda. Vivi em uma cidade cuja existência eu sequer conhecia – encontrá-la no mapa já era um desafio –, a Covilhã. E foi, sem dúvida, a melhor escolha que fiz.



Fonte: autoria própria.

Cheguei em setembro de 2025, no final do verão, esbanjando alegria. Sentia que, finalmente, estava vivendo a vida que esperava, pois tive liberdade para criar e para ser quem eu sempre desejei ser. Dizem que, às vezes, não nos apaixonamos pela cidade em si, mas pela versão de nós mesmos que se torna possível nela. Esse é exatamente o meu sentimento em relação à Covilhã.

A princípio, não me identifiquei muito. Achei a vida pacata demais, distante dos grandes centros urbanos, com mobilidade difícil e um frio quase torturante. Mas isso foi apenas no momento inicial. À medida que fui construindo minha rotina e vivendo o dia a dia, tudo se tornou mais ameno. Passei a aproveitar a jornada de estar sozinha, e que jornada!

Lembro-me dos dias em que o tédio me levava a caminhar sem rumo, contemplando a vista das montanhas. Nessas horas, ia experimentar minha comida preferida, descobri o prazer de fazer mercado, escolher tudo o que gostava. Ao chegar em casa, cozinhava uma boa massa e abria um vinho. Aprendi a amar a minha própria companhia, a conviver com meus pensamentos sem me torturar, a respeitar o processo da solidão e a enxergar magia nisso.



Fonte: autoria própria.

Quanto à rotina acadêmica, optei por cursar disciplinas que, embora não pudesse aproveitá-las formalmente no meu país de origem, certamente agregariam valor ao meu aprendizado. Escolhi Laboratório

CAD, Teoria e Cultura do *Design* de Moda e Movimentos Artísticos e Contemporâneos da Moda. A maioria delas era de caráter teórico, mas considerei de suma importância vivenciá-las, pois, apesar de a Moda ser uma área majoritariamente manual, é o arcabouço teórico que sustenta e impulsiona a criatividade.



Fonte: autoria própria.

Tive a oportunidade de conhecer novos sistemas, como o *Kaledo Print* e o *Kaledo Knit*, por meio dos quais aprendi a criar tecidos do zero, sempre com foco na sustentabilidade dos fios. Também escrevi um artigo sobre Lipovetsky, no qual abordei tanto a efemeridade da relação ser humano *versus* moda quanto agentes formadores de personalidade, além da importância da sustentabilidade como forma de reduzir o consumo em massa.

Enfim, quanto à parte acadêmica, só me restam elogios, ainda mais por ter finalizado o semestre com boas notas e com um genuíno sentimento de dever cumprido.

Tenho ciência de que é apenas o começo, pois ainda almejo, após a formatura no Brasil, retornar à Europa para realizar o mestrado, também na área da Moda, e reforçar os aprendizados técnicos e manuais, sempre voltados para a área do *Design* e da Criação. Aliás, entre as minhas inúmeras facetas descobertas durante esse período morando fora, uma afirmação que foi reiterada: o meu grande desejo de continuar criando.

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e a Universidade da Beira Interior tornaram-se lar e oásis de aprendizados, os quais levarei comigo por toda a vida. Retorno com perseverança e criatividade para concluir meu período acadêmico com maestria e ingressar no mercado de trabalho transformada, sempre buscando ser uma profissional criativa e ética.

Afinal, arte e moda são o que sei fazer!

Ressalto que a experiência não se resumiu às salas de aula.

Nesse contexto, acredito que vivemos muitas vidas em outras dimensões, como propõe o livro “A Biblioteca da Meia-Noite”. Minha vida em Covilhã foi uma dessas vidas, entre as milhões de possibilidades que eu poderia ter escolhido. Sinto-me feliz e tranquila por ter aproveitado e extraído o melhor dessa experiência que decidi viver por seis meses.

Eu poderia escrever sobre os diversos destinos que visitei, sobre os lugares que jamais imaginei ver ao vivo, sobre boas comidas, bons vinhos e bons amigos. Entretanto, essa é a parte mágica que prefiro guardar apenas no coração.

Talvez, por isso, eu tenha escolhido mudar a lente da narrativa.

Em vez de continuar dizendo “eu”, decidi observá-la de fora – como se fosse outra e, ao mesmo tempo, a mesma. Uma terceira pessoa que tudo presenciou, que sentiu cada frio na barriga, cada despedida e cada reencontro, mas que, agora, conta a história com a delicadeza de quem folheia um álbum antigo.

Começemos, então.

Tudo teve início em 2023, quando a garota decidiu mudar de carreira e se matricular no curso de Moda. “Finalmente!” – ela disse. Logo no primeiro dia, deixou claro à coordenadora que seu sonho era fazer intercâmbio e que não deixaria essa oportunidade escapar novamente. Afinal, anos antes, havia desistido desse mesmo sonho. O motivo, talvez só ela saiba, ou talvez apenas tenha aprendido a acolher aquela escolha. Em 2023, decidiu que seria diferente, que faria diferente. Agora, parecia possível. Foram dois anos de espera, até que 2025 chegou e a garota se encontrou apta a se inscrever no programa de intercâmbio.

E assim o fez.

O percurso, no entanto, não foi simples. Pairaram dúvidas sobre para onde ir, com quem ir, como administrar o dinheiro e, como se não bastasse, existia toda a burocracia do consulado. Algumas horas de sono foram sacrificadas, mas tudo bem: nos quarenta e cinco do segundo tempo, o tão sonhado visto foi aprovado. E então, ela embarcou para a grande aventura.

No dia 9 de setembro de 2025, chegou à Covilhã. Estava assustada por ter deixado para trás sua vida em Fortaleza – a família, o namorado, a cachorrinha que tanto ama – mas, apesar de tudo, profundamente feliz. Curiosamente, sentiu que havia chegado em casa.

O começo não foi fácil, pois tudo ainda era muito novo: fazer amigos, estabelecer uma rotina, organizar um plano de estudos. Com o passar dos meses, porém, a vida foi se tornando leve, como se sempre estivesse ali, à espera dela. As sextas-feiras solitárias transformaram-se em refúgios de boas massas e de bons vinhos ou, em outros momentos, em estradas que a levavam à descoberta de novos lugares.

Ela conseguiu visitar Paris, seu lugar preferido no mundo, e viver a cidade de forma intensa e deslumbrante. Sentiu-se bem, em casa. No fundo, sabe-se que, quando uma cidade nos atrai tanto, talvez seja porque guarda algo nosso.

E, como se não bastasse, visitou até um novo continente: a África. Quem diria que seria possível?

Houve imersão cultural, com aprendizados sobre música, arte e gastronomia. Também passou por testes de resistência, pois assim se define o Saara: metade quente, metade fria, com picos de neve e ondas de calor. Tal qual a vida: imprevisível. E, ainda assim, ao final, que vista, que experiência!

No Marrocos, ela comprou um caderninho rosa, todo adornado, para registrar o último mês do intercâmbio. Todos os dias, após o café da manhã, sentava-se para escrever, relatando aflições, alegrias, a saudade

de casa e, ao mesmo tempo, o aperto no peito, por estar prestes a deixar sua outra casa. Loucura, não é?



Fonte: autoria própria.

Mas são esses sentimentos que o ato de morar fora desperta. Certamente, se pudesse, ela viveria tudo novamente. Todos os dias, ao acordar, lembrava-se da vista montanhosa da Covilhã que, de um jeito ou de outro, tornou-se lar e que sempre terá um espaço em seu coração.

Foi uma longa caminhada: sete países, vinte cidades. Entre idas e vindas, houve reflexão, autodeterminação e aprendizado ao viver, de fato, uma vida em solitude, algo que aquela garota precisava colocar em prática. Afinal, como podemos ser bons companheiros para o outro se não formos bons para nós mesmos?

É isso que o intercâmbio ensina – talvez até mais do que a própria vida acadêmica. Mais do que estudar, ela foi aprender a viver.

REFERÊNCIAS

Acervo pessoal da autora.

TRAJETÓRIA INTERNACIONAL E ACADÊMICA: EXPERIÊNCIAS QUE IMPULSIONARAM O CRESCIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

Andreлина Pimentel de Sena,
Mestrado em Administração
Diretoria de Relações Internacionais
Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

A internacionalização tem assumido um papel cada vez mais relevante no contexto contemporâneo da educação superior, da formação profissional e do desenvolvimento humano. As experiências de mobilidade internacional, sejam elas acadêmicas, sejam profissionais ou pessoais, contribuem para o desenvolvimento de competências interculturais, para a ampliação da visão de mundo e para a construção de trajetórias profissionais diversificadas.

No entanto, nem sempre essas experiências fazem parte do planejamento inicial de vida das pessoas. Em muitos casos, surgem de forma inesperada, impulsionadas por circunstâncias familiares, acadêmicas ou profissionais. Ainda assim, quando vivenciadas, podem desencadear processos de transformação pessoal e profissional.

Este capítulo apresenta o relato de uma trajetória marcada por diferentes experiências de mobilidade internacional ao longo da vida. Inicialmente vivenciada de forma indireta, ao acompanhar meu marido durante seu doutorado no exterior, essa experiência acabou influenciando escolhas acadêmicas futuras e direcionando o percurso profissional para o campo da internacionalização da educação superior.

É possível evidenciar como as minhas experiências internacionais podem impactar a construção da identidade acadêmica e profissional. Assim, o contato com outras culturas, idiomas e contextos institucionais

pode gerar transformações duradouras na forma como indivíduos percebem o mundo, planejam suas carreiras e desenvolvem suas competências.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

Minha trajetória internacional teve início em 1993, quando tive a oportunidade de acompanhar meu marido durante seu programa de doutorado nos Estados Unidos. Diferentemente da maioria das pessoas que planejam uma experiência internacional ainda durante a juventude ou durante a formação acadêmica inicial, minha primeira vivência no exterior ocorreu em um momento da vida marcado por responsabilidades familiares.

Naquele período, eu já era casada e mãe de uma menina de quatro anos. Além disso, não possuía domínio do idioma, o que tornava a experiência ainda mais desafiadora. A perspectiva de viver em outro país, em um ambiente cultural e linguístico completamente diferente, gerava sentimentos mistos de insegurança e expectativa.

Antes dessa oportunidade surgir, viajar para o exterior ou morar fora do país não faziam parte da minha realidade. Cresci em um contexto no qual experiências internacionais eram percebidas como algo distante, quase inacessível. Muitas vezes, eu mesma costumava dizer que jamais precisaria falar inglês, pois imaginava que minha vida profissional e pessoal permaneceria inteiramente no Brasil.

Entretanto, a vida, frequentemente, apresenta oportunidades inesperadas que acabam redefinindo trajetórias pessoais. A experiência de viver em outro país, mesmo inicialmente motivada por questões familiares, tornou-se um marco importante na minha história de vida.

O contato com uma nova cultura, novas formas de organização social e diferentes perspectivas de mundo ampliou minha compreensão sobre diversidade cultural e sobre convivência intercultural. Mesmo sem perceber plenamente, naquele momento, essa vivência despertou em mim um interesse crescente pelas dinâmicas relacionadas à mobilidade humana, às interações culturais e às experiências internacionais.

RETORNO AO BRASIL E REDIRECIONAMENTO ACADÊMICO

Após o período no exterior e o retorno ao Brasil, passei por um momento de reflexão e redirecionamento em relação ao meu percurso acadêmico e profissional. As experiências vividas no exterior haviam ampliado minha visão de mundo e despertado novas curiosidades intelectuais.

Em 2004, ingressei no curso de Turismo na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Essa decisão representou um importante passo na construção de uma nova trajetória acadêmica, fortemente influenciada pelas experiências interculturais vivenciadas anteriormente.

Durante a graduação, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em áreas como Hospitalidade, Turismo Internacional, Gestão de serviços e Interculturalidade. As disciplinas cursadas, as atividades de campo e o contato próximo com professores e colegas auxiliaram minha compreensão sobre a complexidade do fenômeno turístico e suas relações com aspectos culturais, sociais e econômicos.

A experiência anterior de viver em outro país também facilitou minha compreensão acerca das dinâmicas multiculturais discutidas nas aulas. Nesse sentido, muitas das situações abordadas de forma teórica durante o curso eram associadas às experiências que havia vivenciado no exterior.

Esse processo permitiu estabelecer conexões importantes entre a experiência prática e os fundamentos teóricos do campo do Turismo. Desse modo, fortaleci meu interesse pela área e os caminhos que eu viria a seguir posteriormente.

PROGRAMAS PROFISSIONAIS INTERNACIONAIS

Durante a graduação, tive a oportunidade de participar de programas internacionais de intercâmbio profissional que marcaram minha formação acadêmica e pessoal.

A primeira experiência ocorreu entre 2005 e 2006, quando participei de um programa de intercâmbio profissional nos Estados Unidos, com

duração aproximada de três meses, atuando em unidades de parques temáticos da *Disney*. Essa experiência proporcionou um contato direto com um ambiente internacional altamente dinâmico, caracterizado pela presença de profissionais e visitantes de diferentes nacionalidades.

Logo depois, em 2007, participei, novamente, de um programa de intercâmbio profissional nos Estados Unidos, dessa vez, com duração de seis meses. Durante esse período, atuei no parque *Animal Kingdom*, que fez parte do meu estágio supervisionado do curso de Turismo. Também tive a oportunidade de realizar um curso de especialização em hospitalidade no *Rosen College of Hospitality Management*, da *University of Central Florida*, antes mesmo da conclusão formal do curso de graduação em Turismo.

Essas experiências impactaram no desenvolvimento de diversas competências profissionais. Entre elas, destacam-se a comunicação intercultural, o trabalho em equipe em ambientes multiculturais, a gestão de serviços voltados para públicos internacionais e o desenvolvimento de habilidades de liderança.

Além disso, essas vivências reforçaram a importância do domínio da língua inglesa como ferramenta fundamental para a mobilidade acadêmica e profissional, em um mundo cada vez mais globalizado.

INSERÇÃO PROFISSIONAL E ATUAÇÃO NA INTERNACIONALIZAÇÃO

Após a conclusão da graduação em 2008, iniciei minha trajetória profissional no setor de aviação internacional, ao ser contratada pela *TAP Air Portugal*, atuando com atendimento ao público na loja, até julho de 2009. Posteriormente, iniciei minha atuação institucional na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), no setor de Assessoria Internacional. Essa etapa marcou o começo de uma trajetória profissional vinculada à promoção da internacionalização do ensino superior.

Em agosto de 2010, participei de um treinamento promovido pela rede *EducationUSA*, no Rio de Janeiro, voltado à orientação de

estudantes interessados em realizar estudos nos Estados Unidos. A partir de dezembro do mesmo ano, passei a atuar como orientadora na *EducationUSA/Unifor*, apoiando estudantes interessados em programas de graduação, pós-graduação, cursos de curta duração e programas de língua inglesa no exterior.

Entre os anos de 2011 e 2017, acompanhei os desdobramentos de estudantes para o programa Ciência sem Fronteiras. Essa iniciativa do governo federal ampliou significativamente as oportunidades de mobilidade acadêmica internacional para estudantes brasileiros.

Nesse período, foi necessário ampliar a infraestrutura de exames internacionais de proficiência em língua inglesa no Brasil, uma vez que a comprovação de proficiência era requisito fundamental para participação nos programas de mobilidade.

Nesse contexto, participei do processo de negociação, que resultou na nomeação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) como centro autorizado para aplicação do *Test of English as a Foreign Language (TOEFL iBT)*. Além disso, atuei na tradução do acordo firmado com a *Educational Testing Service (ETS)* e acompanhei todo o processo de implementação do centro de aplicação, que permanece em funcionamento até os dias atuais.

CONTINUIDADE DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Com o avanço da minha atuação profissional na área de internacionalização da educação, surgiu também o interesse em aprofundar minha formação acadêmica no campo da gestão.

Assim, ingressei no Mestrado em Administração da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Durante os estudos, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em gestão estratégica, gestão organizacional e políticas institucionais.

Essa formação contribuiu para estimular minha capacidade analítica e a compreensão sobre os processos institucionais que envolvem a

internacionalização do ensino superior, como planejamento estratégico, gestão de parcerias internacionais e desenvolvimento de políticas institucionais voltadas à cooperação acadêmica.

INTERNACIONALIZAÇÃO E PESQUISA NO DOUTORADO

Atualmente, continuo aprofundando essa trajetória por meio do Doutorado na Universidade de Lisboa, em Portugal. A pesquisa, em fase de desenvolvimento, está relacionada às políticas de internacionalização do ensino superior no Brasil, com foco na análise dessas políticas sob a perspectiva da ação pública.

De certa forma, essa etapa representa a consolidação de um percurso iniciado décadas atrás, quando vivi minha primeira experiência internacional, sem imaginar que ela influenciaria meu caminho acadêmico e profissional.

Hoje, as experiências pessoais de mobilidade internacional dialogam diretamente com o campo de investigação científica. De modo geral, as vivências práticas contribuem para a construção de reflexões acadêmicas sobre o fenômeno da internacionalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo evidencia como experiências de mobilidade internacional podem exercer um papel transformador na vida das pessoas, influenciando decisões acadêmicas, escolhas profissionais e perspectivas de mundo.

Essas experiências, mesmo quando surgem de forma inesperada, podem ampliar horizontes, desenvolver competências interculturais e estimular novos interesses acadêmicos e profissionais.

Ao compartilhar este relato, busca-se incentivar reflexões sobre o potencial transformador da internacionalização na formação humana e acadêmica. Destaca-se que as oportunidades de vivência internacional não apenas ampliam conhecimentos técnicos e linguísticos, mas também

contribuem para o desenvolvimento de indivíduos mais preparados para atuar em contextos globais e interculturais.

REFERÊNCIAS

ETS – Educational Testing Service. TOEFL iBT: Test and Score Data Summary. Princeton: ETS, 2023.

BRITISH COUNCIL. IELTS Handbook for Teachers and Administrators. Londres: British Council, 2021.

EDUCATIONUSA. Guide to U.S. Higher Education. Washington, D.C.: U.S. Department of State, 2022.

ALÉM DA QUINTA AVENIDA: O IMPACTO DA CULTURA DE NOVA YORK NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

João Henrique Viana de Sousa

*Curso Marketing
Universidade de Fortaleza*

INTRODUÇÃO: *MARKETING*, CONSUMO E EFERVESCÊNCIA DE 2013

Em fevereiro de 2013, ao desembarcar em Nova York, observei que a cidade buscava retomar a normalidade após os vestígios da histórica nevasca que, dias antes, paralisou a Costa Leste e deixou milhares de habitantes sem energia elétrica. A paisagem branca e as montanhas de neve acumuladas nas calçadas contrastavam com o calor de um momento cultural e tecnológico decisivo. Enquanto o lançamento do *iPhone 5* consolidava a era da hiperconectividade móvel e alterava as formas de captura e consumo do espaço urbano, a atmosfera social vibrava com uma tensão política palpável. Embora a decisão histórica da Suprema Corte Americana sobre o reconhecimento do casamento igualitário ocorresse apenas meses depois, em junho, as ruas e os espaços de convivência antecipavam a iminência dessa transformação nos direitos civis.

Nesse cenário de transição climática, tecnológica e social, iniciei a jornada de mobilidade. A dinâmica consistiu em uma semana intensiva de imersão acadêmica e em outra dedicada à vivência cultural. O objetivo inicial apresentava caráter técnico, voltado ao aprimoramento do idioma inglês e ao estudo de estratégias de mercado no epicentro do capitalismo global. Como professor de *marketing*, a expectativa residia na decodificação da lógica do capital e do comportamento de compra impulsionado pelas novas tecnologias móveis. No entanto, o desenho daqueles 15 (quinze)

dias configurou uma experiência que transbordou as fronteiras comerciais e invadiu o campo da cidadania.

A cidade revelou-se um laboratório complexo, no qual o consumo não se dissociava das pautas identitárias. Se a tecnologia reconfigurava os modos de consumo, os debates sociais alteravam quais sujeitos eram reconhecidos nesse processo. Este relato descreve como a imersão na cultura nova-iorquina de 2013 serviu como um rito de passagem ao deslocar meu olhar, estritamente técnico, para uma perspectiva humanizada e ao fundamentar, ainda que embrionariamente, minha atual formação docente em Diversidade e Inclusão.

A CIDADE COMO TEXTO: ENTRE O *BUSINESS ENGLISH* E A RUA

A base institucional dessa jornada de mobilidade foi o programa intensivo realizado na *The State University of New York* (SUNY), viabilizado pela parceria com a *IBS Americas*. O curso, focado em *Business English*, oferecia uma estrutura curricular robusta, voltada ao domínio do léxico corporativo, das finanças e da gestão, o que atraía estudantes e profissionais de diversas partes do mundo. As aulas ministradas nas instalações da universidade (figura 1) funcionavam como um ambiente de rigorosa eficiência, no qual eram dissecadas as estratégias das grandes corporações americanas.

Figura 1 –The State University of New York (SUNY) e a cidade de NYC



Fonte: autoria própria.

Durante as manhãs, a tônica recaía sobre a lógica do lucro e a competitividade global. No entanto, essa leitura estritamente empresarial, embora fundamental para a atualização técnica, logo se mostrou insuficiente, diante da complexidade externa. Ao sair do ambiente controlado da sala de aula para a imersão nas ruas, deparei-me com o que denomino “currículo oculto” da cidade.

Caminhar pela *Times Square* ou pela Quinta Avenida não constituía apenas um passeio turístico, mas também um estudo de campo em semiótica urbana. A cidade bombardeava os sentidos com estímulos de consumo que materializavam as teorias discutidas no curso. Contudo, ao observar a multidão e os ícones urbanos (figura 2), percebi que a força daquela economia não residia apenas nos manuais de negócios ou nas vitrines de luxo, mas também na vibrante e caótica pluralidade de seus habitantes. Nova York funcionava como um hipertexto vivo, em que a técnica aprendida na *SUNY* precisava ser urgentemente humanizada pela realidade pulsante das calçadas.

Figura 2 – Nova York como laboratório de observação do consumo e mídia.



Fonte: autoria própria.

O ENCONTRO COM A DIVERSIDADE: DO ENTRETENIMENTO AO ATIVISMO

O ponto de inflexão na formação docente não ocorreu na sala de aula, mas em um momento de lazer que se transformou em epifania. Na

ocasião em que assistia ao musical “O Rei Leão” na *Broadway* (figura 3), encontrei, casualmente, colegas do curso que, imersos na efervescência cultural da cidade, fizeram um convite inusitado para visitar o *The Stonewall Inn* e coletivos LGBTQIAPN+ locais. O que parecia apenas uma extensão da programação turística, revelou-se como a gênese de uma nova trajetória de pesquisa.

A experiência cultural, portanto, não deve ser compreendida apenas como entretenimento efêmero, mas também como um poderoso dispositivo de sensibilização cívica. O contato com a arte e com as diversas narrativas urbanas expande a capacidade empática do indivíduo e permite-lhe enxergar além de sua própria realidade imediata. Essa imersão estética atua diretamente na formação de uma consciência cidadã mais aguda, na qual a humanização das relações deixa de ser um conceito abstrato para se tornar uma exigência ética. É nesse entrelaçamento entre cultura e vivência que o sujeito se reconhece como agente político, instrumentalizado para se posicionar com firmeza diante das causas que o atravessam e para reivindicar, com lucidez, seu lugar de fala no mundo.

Figura 3 – “O Rei Leão” na *Broadway*: o ponto de partida cultural para novas descobertas.



Fonte: autoria própria.

A aceitação daquele convite transportou-me dos palcos da ficção para o palco da realidade social. Ao chegar ao *The Stonewall Inn* (figura 4), marco global da luta pelos direitos civis, e dialogar com os coletivos locais, compreendi que o consumo transcende a transação comercial, pois

configura um ato de reivindicação de identidade. A atmosfera vibrava com uma expectativa política singular, meses antes da histórica decisão da Suprema Corte norte-americana sobre o casamento igualitário. Os bares e centros comunitários operavam como espaços de resistência e acolhimento.

Essa atmosfera de transformação global ecoava, de forma sincrônica, a realidade brasileira daquele mesmo ano. Enquanto Nova York vivia a iminência da ampliação de direitos, o Brasil consolidava, em 2013, um marco histórico com a aprovação da Resolução nº 175 do Conselho Nacional de Justiça – CNJ (Brasil, 2013a), que vedou a recusa de celebração do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo nos cartórios. O avanço judicial, que contornou a morosidade legislativa, foi acompanhado pela instituição do Sistema Nacional LGBT e pela promulgação do Estatuto da Juventude (Brasil, 2013b), que incluiu, explicitamente, a orientação sexual como critério de proteção contra a discriminação. A vivência em Nova York, portanto, não constituiu um evento isolado, mas parte de um contexto transnacional de lutas e conquistas que, ao retornar, encontrou solo fértil no cenário jurídico e social brasileiro.

Figura 4 – Visita ao *The Stonewall Inn*: o despertar para a pesquisa em diversidade.



Fonte: autoria própria.

Aquele contraste entre o *marketing* de entretenimento da *Broadway* e a luta por direitos em *Greenwich Village*, agora contextualizado por esse panorama de avanços no Brasil, infundiu, em mim, o desejo de investigar como a gestão pode atuar como agente de transformação.

Foi nesse contexto que despertei para a vivência de pesquisa e para a especialização em Diversidade e Inclusão, com base no entendimento de que a formação de gestores competentes exige, primordialmente, a formação de cidadãos conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL À VIGILÂNCIA CONTEMPORÂNEA

O retorno para Fortaleza marcou mais do que o encerramento de uma mobilidade internacional, pois representou a gênese de uma nova postura diante do mundo e da academia. A bagagem trazida de Nova York continha, além das atualizações em *Business English* e estratégias de mercado, uma lente de sensibilidade aguçada para a inclusão. A experiência de acolhimento em espaços de diversidade no exterior transformou a percepção sobre o papel social da docência e impulsionou, em solo brasileiro, a busca por uma aproximação ativa com coletivos LGBTQIAPN+. Essa vivência prática permitiu o diálogo com as demandas reais dessa comunidade, retirando o *marketing* do campo abstrato e situando-o no terreno dos direitos humanos.

Hoje, a análise daquele período revela um contraste agudo com a realidade atual. Se o ano de 2013 foi marcado pela conquista de direitos civis, o ano de 2026 apresenta um cenário global e nacional de intensa polarização e vigilância necessária. Observa-se um quadro de ataques sistemáticos à diversidade, evidenciado pela liderança do Brasil, de índices de transfobia e a tramitação de centenas de projetos legislativos contrários aos direitos fundamentais. Simultaneamente, nota-se um recuo no ambiente corporativo, com um declínio significativo na comunicação de compromissos com diversidade e inclusão por grandes empresas globais. Diante desse contexto de retrocessos, a memória de *Stonewall* deixa de ser apenas um referencial histórico para se tornar um alerta sobre a impermanência das conquistas sociais.

A inquietação gerada por esse cenário cristaliza-se, agora, no projeto de tese de doutorado. Ao investigar a autenticidade no *Marketing* Inclusivo à luz da *Transformative Consumer Research* (TCR) (Mick *et al.*, 2012), busca-se responder a questões urgentes sobre como as marcas podem sustentar um compromisso genuíno em tempos de retração e sobre como a academia pode atuar como barreira contra a barbárie. O título deste relato, “Além da Quinta Avenida”, metaforiza essa trajetória de resistência. A experiência em Nova York, revisitada sob a ótica de 2026, ensina que a mobilidade internacional instrumentalizou a formação de um pesquisador capaz de compreender que a liberdade e a inclusão exigem um estado de vigilância ininterrupta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013**. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Brasília, DF: Conselho Nacional de Justiça, 2013a.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 2013b.

MICK, D. G. *et al.* (Eds.). **Transformative Consumer Research for Personal and Collective Well-Being**. New York: Routledge, 2012.

ENTRE O AZUL DO MEDITERRÂNEO E A FORMAÇÃO DOCENTE: INTERNACIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM MALTA

Bárbara Sampaio de Menezes
Curso Administração
Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

A internacionalização do ensino superior tem sido compreendida como a integração intencional de dimensões internacionais e interculturais às funções centrais das instituições acadêmicas, incluindo ensino, pesquisa e extensão (Knight, 2004). Nesse contexto, experiências de mobilidade acadêmica desempenham papel estratégico no desenvolvimento profissional docente, sobretudo quando articuladas à reflexão crítica sobre identidade, prática pedagógica e competência intercultural.

Em julho de 2025, realizou-se uma experiência de mobilidade internacional em Malta, arquipélago situado no Mediterrâneo central, historicamente influenciado por matrizes árabes e britânicas e caracterizado por uma forte tradição católica. A atividade consistiu em três semanas de curso de *General English* na instituição *English Path*, em *St. Julian's*, com hospedagem na residência da *University of Malta*.

Embora o objetivo inicial estivesse relacionado ao aprimoramento linguístico, a vivência evidenciou que os processos de internacionalização não se restringem ao desenvolvimento técnico da língua. Estudos indicam que a mobilidade internacional pode contribuir para a ampliação de repertórios culturais, para o fortalecimento da autonomia e para o desenvolvimento de competências interculturais (Kolb, 1984; De Wit,

2011). Assim, analisa-se a experiência sob a perspectiva do desenvolvimento profissional docente, articulando a vivência empírica e o referencial teórico consolidado.

CONTEXTO CULTURAL E APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL

Figura 1 – Visita cultural em Malta.



Fonte: autoria própria.

Malta apresenta configuração sociocultural singular. A língua maltesa tem origem semítica, resultado da influência árabe medieval, enquanto o sistema educacional e a administração pública refletem heranças do período colonial britânico. Ademais, aproximadamente 90% da população se identifica como católica, segundo dados do *National Statistics Office* de Malta, o que impacta práticas culturais e organização social.

Durante o período de mobilidade, a rotina estruturou-se em aulas de inglês no turno matutino e em visitas culturais no turno vespertino. Entre os principais locais explorados, destacam-se: *Valletta*, Co-Catedral de São João, *Mdina*, *Sliema*, *St. Julian's Bay*, Ilha de Gozo, *Blue Lagoon*, em Comino, e Três Cidades. Essa organização permitiu integrar a aprendizagem formal à observação cultural sistemática.

A visita às Catacumbas de São Paulo, localizadas em *Rabat*, Malta, acrescentou uma dimensão histórica e antropológica relevante

à experiência de mobilidade. Esse complexo funerário paleocristão, datado, aproximadamente, dos séculos III e VIII, constitui um dos mais significativos registros arqueológicos do cristianismo primitivo no Mediterrâneo. As catacumbas evidenciam práticas funerárias, organização comunitária e expressões simbólicas de fé em um contexto de transição religiosa no Império Romano. A experiência de percorrer esse espaço subterrâneo possibilitou a conexão entre conhecimento histórico e vivência concreta, favorecendo um processo de aprendizagem experiencial, conforme descrito por Kolb (1984).

Além disso, o contato direto com vestígios materiais de comunidades cristãs antigas estimulou reflexões sobre continuidade histórica, identidade cultural e formação de valores, aspectos que dialogam com a concepção de formação integral. Assim, a visita às catacumbas não representou apenas uma atividade turística, mas também constituiu uma oportunidade de aprofundamento crítico sobre memória, tradição e permanência simbólica em contextos contemporâneos.

De acordo com o modelo de aprendizagem experiencial proposto por Kolb (1984), o conhecimento é consolidado quando experiências concretas são seguidas de reflexão estruturada. Nesse sentido, a imersão cultural favoreceu o desenvolvimento linguístico e a ampliação da compreensão sobre identidade cultural, religiosidade pública e hibridismo histórico. Nesse contexto, a observação de uma sociedade em que a religiosidade se manifesta explicitamente no espaço urbano estimulou análises comparativas sobre laicidade, tradição e formação simbólica em contextos distintos.

INTERCULTURALIDADE E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Figura 2 – Sala de aula. Figura 3 – Figura 4 –



Fonte: autoria própria.

A sala de aula da *English Path* configurou-se como um ambiente multicultural, reunindo estudantes brasileiros, além de estudantes provenientes de outros países, como: Índia, Turquia, Coreia do Sul, Colômbia e Venezuela. Esse cenário possibilitou interações interculturais contínuas, exigindo adaptação comunicativa, escuta ativa e sensibilidade a diferentes padrões de participação.

A literatura sobre internacionalização destaca que a competência intercultural constitui um elemento central na formação contemporânea (Knight, 2004; De Wit, 2011; Hudzik, 2015). Tais competências incluem a capacidade de interpretar comportamentos à luz de diversos referenciais culturais e ajustar estratégias comunicacionais de forma contextualizada. Nesse sentido, a vivência como estudante adulta em ambiente linguístico estrangeiro possibilitou observar, sob uma nova perspectiva, dinâmicas de insegurança, hesitação e negociação de significado presentes em processos de aprendizagem.

A teoria do profissional reflexivo, proposta por Schön (2000), sustenta que o aprimoramento da prática depende da análise crítica das próprias ações. A experiência de mobilidade favoreceu, portanto, esse movimento reflexivo, permitindo revisar estratégias pedagógicas

previamente naturalizadas. Dessa forma, observou-se que a vulnerabilidade inerente ao aprendizado de uma língua estrangeira contribui para ampliar a empatia docente, aspecto consistentemente associado à qualidade do ensino em estudos sobre formação profissional.

Portanto, a mobilidade internacional não pode ser reduzida a um aprimoramento linguístico isolado. As evidências indicam que experiências interculturais estruturadas tendem a promover a expansão de repertórios cognitivos e a maior flexibilidade comunicativa, elementos relevantes para a atuação docente em contextos globalizados (De Wit, 2011; Hudzik, 2015).

DIMENSÃO SIMBÓLICA E FORMAÇÃO INTEGRAL

Ao término do período em Malta, a experiência foi complementada por uma visita a Roma, ao Vaticano, com participação em atividades vinculadas ao Jubileu da Esperança – um período de graça extraordinária promovido pela Igreja Católica; um tempo dedicado à renovação espiritual, à reconciliação e à vivência profunda da misericórdia divina. A literatura sobre internacionalização abrangente argumenta que processos formativos internacionais devem integrar dimensões acadêmicas, culturais e valorativas (Hudzik, 2015).

Figura 5 –



Fonte: autoria própria.

Nesse contexto, a peregrinação representou uma oportunidade de reflexão sobre a identidade profissional e o propósito formativo. A formação docente, conforme defendido por Schön (2000), envolve dimensões técnicas e reflexivas. Assim, a integração entre a experiência cultural e a reflexão pessoal pode fortalecer a coerência entre os valores individuais e a prática profissional, desde que mediada por uma análise crítica.

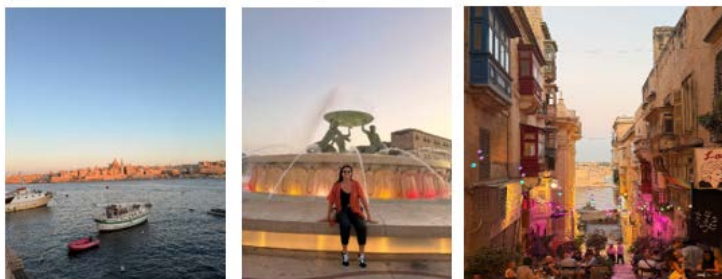
É importante ressaltar que tais efeitos não devem ser generalizados de forma indiscriminada. A contribuição da mobilidade para o desenvolvimento profissional depende de fatores como o engajamento ativo, a intencionalidade reflexiva e a articulação com a prática acadêmica posterior. Nessa perspectiva, a experiência analisada sugere um potencial formativo significativo, embora não possa ser interpretada como determinante universal de transformação docente.

INTERNACIONALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE QUALIFICAÇÃO

A internacionalização do ensino superior tem sido progressivamente associada à qualidade institucional e à competitividade acadêmica global (Knight, 2004; De Wit, 2011; Hudzik, 2015). Contudo, análises recentes apontam que a internacionalização eficaz requer integração substantiva às práticas pedagógicas, evitando reducionismo a indicadores quantitativos de mobilidade.

No caso, identificou-se expansão do repertório linguístico e intercultural, além do fortalecimento da autonomia e da disposição para enfrentar contextos desconhecidos. Esses elementos são frequentemente associados ao desenvolvimento de competências transversais relevantes para o exercício da docência em ambientes diversos.

Figura 6 –



Fonte: autoria própria.

Além dos resultados objetivos relacionados ao aprimoramento linguístico, a experiência produziu efeitos subjetivos, como o fortalecimento da autoconfiança, a ampliação da criatividade e a consolidação de redes interculturais. Estudos apontam que vivências internacionais podem contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais, tais como resiliência e disposição para enfrentar contextos incertos, elementos cada vez mais valorizados no exercício da docência contemporânea (Kolb, 1984; Hudzik, 2015). Nesse sentido, a experiência reforçou a compreensão de que o aprendizado contínuo constitui um componente estruturante da prática docente. A atualização permanente, quando articulada à vivência intercultural, tende a renovar o engajamento profissional e a fortalecer a capacidade reflexiva do educador (Schön, 2000).

Entretanto, é metodologicamente prudente reconhecer que a experiência relatada constitui um estudo de caso individual, o que não permite inferências generalizáveis. A análise deve ser compreendida como relato reflexivo, fundamentado teoricamente, cuja validade reside na coerência argumentativa e na articulação com a literatura consolidada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de mobilidade em Malta, realizada em 2025, evidenciou que processos de internacionalização podem contribuir

para o desenvolvimento profissional docente quando acompanhados de reflexão estruturada e fundamentação teórica. O aprimoramento linguístico constituiu um resultado objetivo da experiência, contudo, os impactos mais relevantes parecem situar-se na ampliação da competência intercultural e na revisão crítica da prática pedagógica.

Conforme argumentado por Knight (2004), a internacionalização implica integração sistêmica de dimensões globais à missão acadêmica. A vivência analisada sugeriu que essa integração também pode ocorrer no plano individual do docente, desde que articulada à prática institucional e à produção científica.

Assim, a mobilidade internacional, quando compreendida como processo formativo intencional e reflexivo, pode representar uma estratégia relevante de qualificação docente em contextos de crescente interdependência global.

REFERÊNCIAS

DE WIT, H. Internationalization Misconceptions. **International Higher Education**, [s.l.], n. 64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.6017/ihe.2011.64.8556>.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization**: Institutional pathways to success. Nova York: Routledge, 2015.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 5–31, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1177/1028315303260832>.

KOLB, D. A. **Experiential learning**: Experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO COLABORADOR DA UNIFOR

José Fontenele Brito Junior
Diretoria de Relações Internacionais
Universidade de Fortaleza

Desde muito cedo, ainda criança, em Carnaubal, uma cidade no interior do Ceará com dezoito mil habitantes, eu me imaginava conhecendo o mundo. Observava os morros que cercavam a cidade e refletia sobre o que poderia ter depois dali, as pessoas que eu poderia conhecer, as experiências que eu poderia viver. Então, desde muito cedo, eu busquei alternativas para ultrapassar aqueles morros e viver o que poderia surgir depois deles.

No Ensino Médio, aos quatorze anos, eu decidi que queria estudar na Escola Profissionalizante de São Benedito, a EEEP Isaías Gonçalves Damasceno, na época, a melhor referência de ensino público na Serra da Ibiapaba. Ao participar do processo seletivo, fiquei em primeiro lugar, com isso, minhas expectativas finalmente estavam se tornando realidade: eu iria estudar o dia inteiro em outra cidade, conhecer novas pessoas, ter mais independência e entrar em contato com novas perspectivas de vida. Assim aconteceu. Por meio de disciplinas como “Projeto de Vida”, pude sair da EEEP acreditando que, com esforço e muito estudo, tudo seria possível.

Com bastante esforço, estudo e apoio da minha família, eu consegui ingressar no curso dos meus sonhos: Relações Internacionais. Vale ressaltar uma breve recapitulação de como um adolescente do interior do Ceará decidiu que queria cursar Relações Internacionais. Na disciplina de “Projeto de Vida”, ainda no 1º (primeiro) ano do Ensino Médio, tínhamos que apresentar para a turma nossa profissão dos sonhos. Além dos clichês da época, como Engenharia Civil, Direito e Medicina, eu ainda não havia

pensado seriamente em qual profissão eu seguiria. Então, um dia, eu abri uma enciclopédia de profissões na biblioteca da escola e me deparei com Relações Internacionais. Era o que eu sempre sonhei: estudar sobre diferentes países, culturas, histórias, política e, principalmente, viajar para diversos países. Apresentei a profissão na aula e me apelidaram de “Relações Internacionais” por todo o Ensino Médio.

Em 2015, aos dezoito anos, fui aprovado em Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense (UFF), um dos cursos mais bem conceituados no país. O sonho de sair de Carnaubal e ir conhecer o mundo finalmente era real. No entanto, no momento em que o sonho se torna realidade, o medo e a insegurança chegam. Lembro da sensação de sair de casa pela primeira vez, com um choro que se juntava ao choro dos meus pais. Nunca tinha pensado que seria tão difícil a primeira partida (e todas as outras vezes, até hoje, são difíceis), mas a vontade de descobrir o mundo era maior.

Cheguei no Rio de Janeiro com uma mala de roupas em uma mão e cheia de inseguranças na outra. Foram inúmeros perrengues ao longo dos quase cinco anos que morei lá, os quais não precisam ser descritos aqui, mas, em compensação, carrego comigo, até hoje, os amigos que fiz lá e o crescimento como ser humano, que tanto o curso como a experiência de morar sozinho distante da família me proporcionaram. No aspecto profissional, em 2017, fui contratado como estagiário na Superintendência de Relações Internacionais da UFF (SRI), o que abriu uma porta para me fazer percorrer o caminho profissional que trilho até hoje.

Na SRI, primeiramente, eu trabalhava dando assistência para o time de Mobilidade *Out*, respondia e-mails e atendia telefones. Com o tempo e com a confiança conquistada por parte dos meus supervisores, comecei a ajudar no processo de seleção dos alunos que queriam fazer intercâmbio pela UFF e, posteriormente, passei a fazer a aplicação desses alunos para as universidades estrangeiras. Foi na SRI também que pude participar pela primeira vez do Programa de Apadrinhamento Internacional (PAI) e ser

buddy de alunos internacionais em intercâmbio na UFF. Pude praticar o inglês, conheci o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar com eles e criei laços de amizade e *networking*. Em dois anos e meio trabalhando na SRI e passando por todos os setores da Superintendência (*Mobilidade Out*, *Mobilidade In* e convênios), apaixonei-me pela internacionalização do ensino superior. Dessa forma, unir Relações Internacionais com educação pareceu perfeito para mim.

Foi nesse sentido que, após concluir a graduação e voltar para o Ceará, àquela altura, passando pela fase de recém-graduado sem emprego, decidi enviar um e-mail para a Assessoria de Assuntos Internacionais da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) com meu currículo. Assim narrei: “Eu tenho experiência na área e quero muito contribuir para o setor”. O *timing* foi perfeito. Abriu uma vaga no setor na mesma época que enviei o e-mail, chamaram-me para o processo seletivo e fui aprovado. Em fevereiro de 2020, comecei a trabalhar na Assessoria Internacional como responsável pelos alunos internacionais e pelos convênios de cooperação acadêmica da UNIFOR. Como estava morando em Fortaleza, eu estava, mais uma vez, animado para conhecer novas pessoas e uma cidade que ainda não conhecia. Entretanto, em seguida, veio a pandemia.

Foi um período de muita adaptação para a área de internacionalização, uma vez que, até a pandemia, a mobilidade era vista como o objetivo da internacionalização acadêmica. Alguns desafios foram superados e novos projetos iniciados, como o Projeto *Innovative Mobility Attracting Tools Project* (I-MAT), em 2023, que viria a ser um dos responsáveis pela escrita deste relato. Naquele ano, o setor de internacionalização da UNIFOR passou por mudanças a partir da gestão do Professor Doutor Randal Martins Pompeu como Reitor. A partir de um olhar visionário, ele colocou a internacionalização em pauta, criando o Núcleo de Estratégias Internacionais (NEI), órgão ligado ao gabinete da reitoria e responsável por todas as iniciativas de internacionalização da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Posteriormente, a Professora Doutora Gina Vidal Pompeu, atuando como coordenadora do novo setor, convidou-me para trabalhar ao seu lado em agosto de 2023. Aceitei o desafio sem imaginar quantas portas se abririam a partir disso. Passei a assumir maior protagonismo no setor, podendo auxiliar no desenvolvimento de documentos que guiam a política de internacionalização da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), como o Plano de Desenvolvimento Internacional. Foi também nesse contexto que vivenciei, ainda em 2023, as experiências de intercâmbio que motivaram este relato, tendo a oportunidade de viajar, pela primeira vez em missão pela UNIFOR, para a França e Lituânia.

Como mencionado anteriormente, a UNIFOR passou a compor o Projeto I-MAT desde 2023, com outras oito universidades da América Latina e da Europa. O objetivo do projeto era a transferência da expertise europeia na recepção de pessoal acadêmico e não-acadêmico para as instituições latino-americanas, visando, por via de consequência, aumentar sua capacidade de recebimento de estrangeiros em seus campi. No escopo do projeto, existiam alguns eventos em diferentes universidades voltados ao treinamento de pessoal, que trabalhavam nos escritórios internacionais. Foi nesse cenário que, em novembro de 2023, realizei minha primeira viagem à Europa.

A princípio, eu, a Professora Gina Pompeu e a Professora Cremilda Moreira paramos na França para firmar um convênio de cooperação acadêmica com a *Le Mans Université*. Após anos negociando e firmando convênios de forma virtual, por e-mail, tive a oportunidade de fazer aquilo pessoalmente, assim, poderia dar um *check* em mais um objetivo da carreira. No entanto, nada se comparou à chegada em Paris pela primeira vez. Assim que saí do aeroporto, senti o choque térmico do vento intensamente gelado e, ao mesmo tempo, caiu a ficha de que eu estava na Europa. Ver a Torre Eiffel de perto foi outro choque, no entanto, a experiência de estar diante das pirâmides do Louvre, naquela praça, com pessoas ao meu redor falando diferentes idiomas, me deixou

feliz como nunca antes. De fato, um sonho estava se realizando. Não à toa, passei pela praça do Louvre todos os dias que estive em Paris, para sentir aquela sensação de novo.

Figura 1 – Primeiro registro da viagem a Paris.



Fonte: autoria própria.

Em seguida, fomos para *Vilnius*, na Lituânia. Se me perguntassem, quando estava com vinte anos de idade, quais países eu iria conhecer no futuro, com certeza, a Lituânia não estaria nesta lista. Entretanto, o país foi uma grata surpresa. Lá, cheguei a presenciar temperaturas negativas e, pela primeira vez, vi neve! A comida foi maravilhosa e, principalmente, as pessoas envolvidas no projeto foram muito queridas. Assim, pude participar de um *workshop* com pessoas de diferentes países, diferentes universidades, com diferentes estágios de internacionalização foi algo incrível para mim. Além disso, absorvemos conhecimentos, reconhecemos as melhores práticas de outras instituições para implementação na UNIFOR, bem como visualizamos as boas práticas que já estávamos concretizando e iniciamos conversas para o estabelecimento de convênios bilaterais. De modo geral, senti que eu fazia parte daquele espaço e que podia contribuir para a discussão.

Figura 2 – Registro da *Vilnius Tech*



Fonte: autoria própria.

Como costumam dizer, nunca esquecemos das nossas primeiras vezes. Ainda assim, também recorro da segunda e da terceira experiências de mobilidades internacionais como funcionário da UNIFOR e coordenador do I-MAT no NEI, atual Diretoria de Relações Internacionais (DRI). Em junho de 2024, tive a oportunidade de viajar para Cracóvia, na Polônia, para participar da *Project Management Meeting* do projeto, uma reunião com os coordenadores de cada instituição para discutir o andamento das atividades. Um aspecto de destaque dessa viagem foi o fato de que era a primeira vez que eu viajava completamente sozinho para outro país. Eu me senti inseguro, mas a animação por ter essa oportunidade novamente fez com que o anseio se tornasse um mero detalhe. Foi também a primeira vez que representei a UNIFOR em uma reunião externa, com parceiros internacionais. Ciente da confiança depositada em mim, busquei, em todos os momentos, estar à altura da responsabilidade, contribuindo para as discussões e defendendo os interesses da UNIFOR nas próximas ações do projeto. Dessa vez, diferentemente de *Vilnius*, o verão estava começando na Polônia. O sol se punha às 22h, as ruas faziam calor e Cracóvia, com suas lendas de dragões, acabou por me conquistar.

O projeto I-MAT foi concluído em dezembro de 2025 e, para isso, foi realizada uma Conferência Internacional na *Universidad de los Andes* e

na *Pontificia Universidad Javeriana*, em Bogotá, na Colômbia. Tratou-se de mais uma oportunidade de viajar para um país que eu sempre quis conhecer, um vizinho sul-americano. Ao lado de Lina Sena, participei como *speaker* em duas seções da conferência internacional, apresentando a experiência da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) no I-MAT. Além disso, participei como coordenador na última reunião dos gestores do projeto, representando a UNIFOR na discussão para traçar o futuro do consórcio. No aspecto cultural, Bogotá foi uma experiência incrível. É impressionante ver as semelhanças com os brasileiros e, ao mesmo tempo, as diferenças tão marcantes de costumes, tradições e culinária. Outro aspecto impressionante foi a beleza de Bogotá: a cidade, seus prédios, suas praças, suas igrejas, museus, as próprias universidades que visitamos compõem um cenário admirável.

Com a realização da conferência final, o Projeto I-MAT chegou ao seu fim, mas não os laços de cooperação criados ao longo dos seus três anos de duração. No período, pude realizar convênios bilaterais com todas as universidades latino-americanas participantes, além de decidir sobre a continuação do projeto em uma versão 2.0, que foi submetida à aprovação e ao financiamento da Comissão Europeia em fevereiro de 2026. Uma vez aprovada, a nova versão do projeto entrará em vigor em 2027.

Figura 3 – Apresentação na Conferência Internacional do I-MAT



Fonte: autoria própria.

Após narrar todas essas experiências, enquanto retorno de ônibus para Carnaubal, para passar um feriado com a família, tenho a sensação de um *full circle*. Todas as decisões tomadas desde muito jovem, bem como as situações, muitas vezes difíceis, enfrentadas ao morar longe da família e os momentos que precisei me manter forte e seguir em frente, fazem com que eu perceba que tudo valeu a pena. Hoje, posso afirmar que vivi as experiências que o Junior, de dez anos, sonhava alcançar – e tenho certeza que ele nem imaginava o quão extraordinárias se tornariam.

Por ter vivido essas experiências, preciso agradecer o incentivo constante, a paciência e a confiança da minha gestora, Professora Gina Pompeu, quem, desde o início do NEI, reconheço como a melhor para conduzir a internacionalização da UNIFOR. Estendo meu agradecimento ao olhar visionário do Magnífico Reitor, Professor Randal Pompeu, por colocar a internacionalização em foco na UNIFOR. Agradeço também aos meus colegas de setor, especialmente à Lina Sena, que me contratou e possibilitou isso tudo, e à Rayanne Bezerra, que me incentiva, diariamente, há mais de 6 (seis) anos. E, principalmente, agradeço à minha família, que sempre confiou em mim e me apoiou em todas as decisões que eu tomei.

Centro de Ciências Jurídicas - CCJ



DE FORTALEZA PARA O MUNDO: UMA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO GLOBAL

Ramon Bernardino Ferreira

Curso Direito

Universidade de Fortaleza

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”
(*Clarice Lispector*).

Desde criança, sempre me encantou a liberdade dos pássaros, seres livres, viajantes, que voavam e pousavam onde queriam. Apesar de pequenos, encaixavam-se em qualquer lugar, eram rápidos, autênticos e sempre me lembravam que a vida pode ser linda com seu cantarolar. Voar e viajar sempre foi um sonho que eu guardava no coração; um sonho distante, visto que ninguém da família jamais havia feito isso antes.

Minha família por parte de pai vem de Marco e, por parte de mãe, de Itapiúna, municípios do interior do Ceará. São pessoas resilientes, que foram bem guiadas pelos meus avós tanto maternos quanto paternos. Hoje, atuam como comerciantes e sempre me motivaram muito a estudar para que a vida me abrisse novas portas e horizontes.

Aos oito anos, meus pais já me incentivavam a estudar a língua inglesa. No começo, tive muita dificuldade e acreditava que jamais conseguiria falar o idioma de forma fluente. Aos quinze anos, concluí o curso de inglês avançado e iniciei o de espanhol, tendo enfrentado um pouco de dificuldade, pois a língua se assemelha ao português. Naquele momento, decidi começar a estudar o francês, encontrando, nesse percurso, uma forma peculiar de realização pessoal. Logo depois, retomei o espanhol e, aos dezessete anos, consegui ser aprovado em Direito na Universidade

de Fortaleza (UNIFOR). Meu coração estava a mil. Iniciei a faculdade e amei me ver naquele novo mundo universitário cheio de conhecimentos.

No segundo semestre, ouvi falar do programa de intercâmbio do Núcleo de Estudos Internacionais (NEI), assim, fui ao escritório e me animei com a possibilidade de morar em outro país. Inicialmente, desejava um país anglófono para poder aprimorar meu inglês e falar como um nativo, no entanto, os Estados Unidos não me agradavam e a Inglaterra parecia um pouco inviável. Então, decidi me direcionar para a terceira língua que havia começado a estudar: o francês, optando por Paris, na França.

Desse modo, eu embarcaria naquele antigo mundo, que, para mim, passaria a ser novo. Finalmente, seria possível vivenciar todas as maravilhas e delícias da França – tudo que eu sempre assistia em filmes, lia em livros, aquele sonho de criança poderia, então, tornar-se realidade. Logo estaria no berço do Iluminismo, do conhecimento, onde tudo acontecia e pensadores, artistas e cientistas se reuniam para questionar o mundo e transformar a sociedade.

Em 2014, depois de quase dois anos de organização, preparação e busca de informações, dei o primeiro passo: a inscrição no intercâmbio. Recordo que minha coordenadora, ao conversar comigo, questionou: você já sabe sair sozinho? Vai a um cinema sozinho? Nesse momento, o medo tomou conta de mim. Imaginar-me sozinho, do outro lado do oceano, sem ajuda de ninguém, nenhum amigo, pai, mãe ou parentes, eu por eu mesmo (...).

Iniciei a viver aquele período de angústia: a mistura de “preciso ir” com “será que vou conseguir?”. Meus amigos, minha família e o apoio da UNIFOR foram essenciais nesse começo. Aos poucos, fui me reconstruindo e deixando alguns medos para depois. Precisei viajar para Brasília para tirar o visto de estudante, era minha primeira vez na capital do país. Por conseguir permanecer na casa de uma amiga, economizei na hospedagem e, ao chegar no Consulado Francês, deixei meu passaporte retido.

Faltava apenas uma semana para a viagem e meu passaporte ainda não tinha chegado à minha casa. O desespero de não poder viajar já se instaurava. Entre ajeitar mala e me despedir dos amigos e familiares prevalecia aquela incerteza de não poder viajar. No entanto, nos últimos dias que precederam à viagem, a campainha tocou. Finalmente o dia chegou!

Minha família foi me deixar no aeroporto, fiz o *check-in*, despachei as malas e continuamos juntos até o limite máximo. Ao abraçar meus pais, não conseguíamos conter as lágrimas. Era a entrada no desconhecido: a primeira vez que saía do Brasil, rumo a outro continente, prestes a cruzar um oceano. Tudo era novo para mim e eu precisava pensar em tudo – passaporte, casaco, cartão internacional, mala (...).

Apesar da apreensão, o voo foi tranquilo. Fui muito bem tratado pelos comissários de bordo e a comida oferecida era divina. Ali mesmo, no avião, já comecei a experimentar a culinária europeia, da qual me apaixonei de imediato. Diferentemente do nosso tradicional arroz com feijão, verduras e proteína, eles costumam valorizar preparações com batata inglesa, legumes e proteínas, com ênfase em técnicas clássicas, molhos refinados e ingredientes mais simples e tradicionais. Os temperos, que eu não havia experimentado antes, tornavam tudo mais delicioso.

Em dezembro de 2014, cheguei a Paris, em uma noite de apenas quatro graus – o frio mais intenso que já havia sentido na vida. Desembarquei com as mãos levemente trêmulas, segurando o passaporte com firmeza. Após algumas perguntas na imigração, finalmente passei pela alfândega, o que me proporcionou um grande alívio. Naquele instante, caiu a ficha: eu estava, de fato, em terras francesas. Uma mistura de ansiedade, alegria e incredulidade tomava conta de mim. Empolgado, eu repetia *bonsoir* para praticamente todas as pessoas que cruzavam meu caminho.

Um conhecido, que com o tempo se tornaria um grande amigo, foi me buscar no aeroporto. Havia algo profundamente reconfortante em chegar a um lugar tão distante e ser recebido por alguém disposto a me ajudar nos primeiros passos. Foi ele quem me guiou pelo *RER*, o trem que liga o aeroporto ao coração de Paris, de onde seguimos para o metrô.

Pouco tempo depois, cheguei ao *Gème arrondissement*, o bairro que seria meu lar pelos doze meses seguintes. Caminhando pelas ruas, tudo parecia quase irreal. As fachadas elegantes dos prédios parisienses, de pedra clara e janelas altas, alinhavam-se com uma harmonia que eu, até então, só conhecia pelas telas da televisão. Envolto em várias camadas de roupa, luvas, gorro e botas, eu tentava me proteger do frio intenso, enquanto observava aquela paisagem com os olhos úmidos, dividido entre o encanto e a sensação de estar vivendo algo que parecia maior do que eu havia imaginado.

Era inverno e tudo parecia limpo. As pessoas se vestiam de uma forma tão elegante, que eu me sentia um pouco fora do meu ambiente, apesar de ter nascido em Fortaleza, capital do Ceará. A rua lisa e perfeitamente organizada contrastava com o vento frio que batia no meu rosto. Enquanto conversava com meu amigo, percebi uma pequena fumaça sair da minha boca ao falar algo simples, que me fez sorrir. Era a primeira vez que eu sentia o inverno de verdade.

Embora, atualmente, em 2026, já tenham se passado onze anos desde a minha chegada, lembro-me como se fosse hoje do primeiro restaurante em que entrei. Curiosamente, não era francês, mas chinês. Tratava-se de um pequeno *à volonté*, com um letreiro simples anunciando: *dix euros le plat fait*. O aroma da comida escapava para a rua e invadia as narinas com uma mistura intensa de especiarias, molhos, frituras, especialmente os camarões ao molho, que, até hoje, fazem-me reviver aquele instante, o primeiro de muitos sabores que Paris ainda me revelaria.

Quatro semanas se passaram desde a minha chegada à cidade encantada e eu já começava a me adaptar ao ritmo apressado de Paris. Eram sete horas da manhã, mas a escuridão fazia parecer que ainda era meia-noite. Levantei-me cedo para o meu primeiro dia de aula; ao colocar os pés no chão gelado, um arrepio percorreu meu corpo até os fios do cabelo. Tomei um banho quente, preparei um café da manhã reforçado

e segui em direção ao metrô, na estação *Duroc*. O trajeto levaria cerca de trinta minutos até a minha universidade: *École de Commerce de Paris – ISC*.

Ao abrir o portão do prédio onde eu morava, o vento gélido me atingiu com força, congelando-me até a alma. Apertei o cachecol contra o pescoço, ajustei as luvas e comecei a caminhar pelas ruas ainda silenciosas, enquanto a cidade, pouco a pouco, despertava para mais um dia. Cheguei à sala às 08h10. Eu havia me enganado no metrô e descido na estação errada; precisei, então, esperar outro trem para voltar à parada correta.

Quando finalmente abri a porta da sala, entrei ofegante, suando de nervoso por estar atrasado logo no primeiro dia. O professor interrompeu a aula e perguntou, diante de todos, de onde eu vinha: Fortaleza, Ceará, *Brésil*, respondi. Ele, então, questionou, em tom irônico, se no meu país não existia horário para chegar à sala de aula. Alguns alunos ao meu redor seguraram o riso, porém, duas meninas, por coincidência brasileiras, sorriram discretamente e abriram espaço para que eu me sentasse ao lado delas. Eventualmente se tornariam grandes amigas que desbravariam Paris comigo.

Depois daquele dia, não me recordo de ter me atrasado alguma vez para as aulas, assim, a primeira lição havia sido aprendida com sucesso: jamais deixar um francês, ou qualquer pessoa, esperando. Tivemos muitas atividades de integração, conheci pessoas de todas as nacionalidades, como coreanos, japoneses, chineses, mexicanos, americanos, colombianos. Estudei, inclusive, com uma espanhola que se tornaria Miss Espanha anos depois. Eram tantas culturas e línguas ao meu redor que, quase sem perceber, passei a aprimorar ainda mais meu inglês, espanhol e francês.

Tive aulas de *Droit Civil*, *Droit du Travail*, *Business*, *Français Intermédiaire* e *Anglais avancé*. Essas disciplinas, juntamente com os professores que as conduziam, ensinaram-me muito e me moldaram de uma forma que ainda hoje tenho dificuldade de descrever em palavras, mas tentarei. A partir dessa experiência, observar de perto como funcionava o sistema jurídico francês abriu meu mundo e expandiu minha mente.

Cada aula parecia revelar uma nova maneira de pensar o Direito, a sociedade e, até mesmo, o papel do indivíduo dentro dela. Eu não aprendia apenas conceitos ou teorias; assimilava formas diferentes de raciocinar, de argumentar, de questionar.

Com o passar das semanas, comecei a perceber que aquele aprendizado ultrapassava as paredes da sala de aula. Ele se misturava às conversas com colegas de diferentes culturas, às leituras, às discussões acadêmicas e até às observações simples do cotidiano parisiense. Era como se, até então, eu tivesse vivido em uma pequena bolha. E ali, longe de tudo o que conhecia, essa bolha finalmente estourava. O mundo se mostrava muito maior, mais complexo e mais fascinante do que eu jamais havia imaginado e eu começava a compreender que aprender, de verdade, também significava desaprender muitas certezas que eu trazia comigo.

Estudar havia se tornado um verdadeiro fascínio. Eu sentia a necessidade de aprender, de avançar, de dominar o idioma; almejava falar francês com fluência. Demorei quase seis meses para conseguir me expressar sem que me pedissem para repetir alguma palavra ou para sustentar uma conversa fluida, com as pronúncias corretas e os gestos tão característicos da comunicação francesa.

Depois de muito ler, ouvir e observar, comecei a perceber uma evolução real. Assistia frequentemente ao *Le Journal de 20 Heures*, o telejornal mais assistido da França, tentando captar não apenas as palavras, mas também o ritmo da fala, as entonações e até aquelas pequenas interjeições, os *bah, eh, alors*, que dão vida ao idioma. Pouco a pouco, o francês deixou de ser apenas uma língua estrangeira e começou a se tornar parte do meu próprio modo de pensar e de me expressar.

AS VIAGENS

Os primeiros meses, apesar de intensos e repletos de descobertas, também trouxeram algo que eu não esperava sentir com tanta força: a

saudade. Saudade de casa, da família, dos amigos. Havia dias em que parecia que eu tinha tudo, novas experiências, uma cidade fascinante ao meu redor, pessoas interessantes e, ainda assim, algo parecia faltar. Em alguns momentos, a emoção transbordava e eu chorava, principalmente aos domingos no final da tarde, quando a cidade ficava mais silenciosa e o tempo parecia desacelerar, deixando espaço para que os pensamentos e as lembranças viessem à tona.

Ainda assim, mantinha um contato constante com meus pais e com os amigos mais próximos. Eles se tornaram pilares importantes naquele período, oferecendo palavras de incentivo e uma sensação de proximidade, mesmo a milhares de quilômetros de distância. Aos poucos, entre saudades e novas experiências, eu começava a encontrar meu lugar naquele país que ainda não era o meu, mas que, pouco a pouco, passava a fazer parte da minha história.

Fiz minha primeira e tão sonhada viagem dentro da Europa, com destino a Barcelona, na Espanha, juntamente com uma amiga que fiz na universidade. Como bons estudantes, viajávamos de forma simples e econômica: ficamos em um *hostel* no centro da cidade, dividindo um quarto com outras dez pessoas. Após conseguirmos um mapa na recepção, começamos a explorar a cidade a pé, descobrindo suas ruas cheias de vida, uma arquitetura impressionante e um clima vibrante, que parecia diferente de tudo que eu havia visto. A diferença nos preços em comparação com Paris era evidente; definitivamente, a Espanha era bem mais barata.

Aquela viagem, simples e improvisada, foi também uma pequena revelação. Comecei a entender que estudar no exterior não significava apenas frequentar aulas ou aprender um novo idioma, mas também descobrir o mundo passo a passo, cidade após cidade, experiência após experiência. Cada lugar visitado ampliava ainda mais minha visão de mundo e me mostrava que aquela jornada estava apenas começando.

Voltei a Paris já programando minhas próximas viagens, de ônibus, trem e avião. Criamos um grupo no qual sempre buscávamos as melhores promoções e, por sermos estudantes, tínhamos direito à maioria dos bilhetes de trem, pagando apenas meia tarifa, o que facilitava nossos deslocamentos. Como eu tinha aulas apenas de segunda à quinta pela manhã, conseguia encaixar pequenas viagens no decorrer do mês.

Comecei um relacionamento no meu quinto mês de intercâmbio, logo após o meu aniversário, em 15 de abril – um presente de aniversário. O que iniciou de forma leve e inesperada rapidamente se transformou em uma companhia constante nas descobertas daquele período. Quando chegaram as férias de julho e agosto, decidimos fazer algo que traduzisse bem o espírito de liberdade que estávamos vivendo: pegamos um carro, compramos uma barraca, um pequeno fogão de duas bocas, fizemos um pequeno mercantil e partimos para a estrada. Traçamos uma rota sem pressa, apenas com o desejo de explorar a história e a cultura de cada cidade e país que passávamos. Saímos de Paris rumo a Nuremberg, na Alemanha; seguimos para Praga, na República Tcheca; depois Viena, na Áustria; Bratislava, na Eslováquia, e finalizamos em Budapeste, na Hungria, acampando nos arredores das cidades por duas ou três noites.

Conhecemos inúmeras cidades ao longo do caminho. Como estávamos de carro, a liberdade de seguir de uma cidade a outra entre Paris e Budapeste tornava a viagem muito mais flexível e espontânea. Não havia pressa nem rigidez no roteiro, apenas a estrada, a curiosidade e a vontade de aproveitar cada lugar com calma.

Ao entardecer, montávamos a barraca e preparávamos algo simples no fogão portátil, que sempre era um prato delicioso, e que, até hoje, desperta-me nostalgia. Muitas vezes, fazíamos arroz, batata inglesa ao molho e pequenos cubos de frango. Nos lanches, optávamos por sanduíches rápidos de queijo e *foie gras*. Eram refeições simples, mas carregadas de um sabor especial, talvez por estarem associadas àquele momento mágico, que só poderia ser expresso em um livro inteiro.

No dia seguinte, acordávamos cedo e seguíamos para explorar as cidades, caminhando por ruas desconhecidas com a sensação de que o mundo se abria diante de nós. Era um verão europeu vivido com intensidade, daqueles que pareciam suspender o tempo e faziam cada dia parecer mais longo, mais pleno e inesquecível. No rádio, ouvíamos Edith Piaf, Indila e Dalida, cantoras que até hoje, quando ouço, levam-me àqueles momentos tão únicos e especiais, marcados na memória.

Com um ano de intercâmbio, eu já havia conhecido quatorze países: França, Irlanda, Suíça, Espanha, Portugal, Bélgica, Itália, Países Baixos e Inglaterra, além dos que percorri de carro durante aquela viagem, como Alemanha, República Tcheca, Áustria, Eslováquia e Hungria. Entre estudos, viagens rápidas e novas amizades, minha rotina se transformava em um constante movimento. Cada destino acrescentava algo diferente à minha jornada: novas paisagens, idiomas ecoando nas ruas, sabores inesperados e histórias compartilhadas com pessoas de diferentes partes do mundo. Aos poucos, eu percebia que aquela experiência não era apenas sobre conhecer lugares, mas também sobre ampliar horizontes e compreender que a vida poderia ser muito maior do que eu havia imaginado ao sair de Fortaleza rumo ao desconhecido.

Eu estava em Paris quando ocorreu o atentado na casa de shows “*Bataclan*”, na noite de 13 de novembro de 2015, no *Boulevard Voltaire*, e em outros cinco pontos na cidade, incluindo o *Stade de France*. Essa série de ataques terroristas coordenados marcou uma das noites mais trágicas da história recente da França, resultando em mais de 130 (cento e trinta) vítimas fatais em Paris. A cidade mergulhou em um clima de caos e tensão quase imediatos. Durante horas, era possível ouvir sirenes por toda parte; ambulâncias e carros de polícia cruzavam as ruas sem parar. Naquela noite e nos dias seguintes, meu telefone não parava de tocar: pais, amigos e familiares ligavam desesperados, querendo saber se eu estava bem. O medo e a incerteza tomaram conta de todos nós.

A atmosfera em Paris se tornou pesada. As notícias chegavam a cada minuto, revelando a dimensão da tragédia e o impacto que aquilo

havia causado em toda a cidade. Lembro-me de acompanhar os relatos das vítimas e de suas famílias, histórias dolorosas que marcaram aqueles dias. Foi impossível não se emocionar ao ouvir depoimentos de mães que relataram as últimas ligações de seus filhos, feitas enquanto tentavam se proteger dentro do local, antes que os terroristas chegassem, o que mostrava o tamanho do sofrimento vivido por tantas pessoas naquela noite.

Diante de todo aquele clima de medo e comoção, decidi me afastar um pouco da capital. Organizei minhas malas e fui passar duas semanas em *Avallon*, uma pequena cidade no interior da França, pois precisava de silêncio, distância e tempo para processar tudo o que havia acontecido. A tranquilidade do interior contrastava com os dias de tensão em Paris, e foi ali que encontrei um espaço para respirar e refletir sobre como, em poucos momentos, a vida pode ser atravessada por acontecimentos que mudam completamente a atmosfera de uma cidade inteira.

Chegou dezembro e meu prazo de intercâmbio se aproximava do fim. Consegui concluir todos os exames com sucesso; era hora de voltar para casa e recomeçar uma nova vida. A incerteza sobre o que estaria por vir voltou a se fazer presente. Quando já estava totalmente adaptado àquela cidade, às pessoas e aos amigos que me acolheram tão bem, senti uma mistura de emoções: o choro de tristeza pelo encerramento de um ciclo e a alegria pelo início de outro. Voltei no final de dezembro de 2015 com a sensação de que não era exatamente a mesma pessoa que havia partido meses antes, inseguro e dependente. Na bagagem, além das roupas e lembranças, eu levava histórias, aprendizados e uma nova forma de ver o mundo. A viagem havia chegado ao fim, mas, dentro de mim, algo ainda começava. Terminei este relato com profunda gratidão por tudo que aconteceu de positivo e negativo, momentos que auxiliaram a moldar quem sou hoje.

LIDERANÇA, NETWORKING E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ALEMANHA

João Guilherme Teixeira Lima Aracena
Curso Direito
Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

O ensino superior brasileiro é a estrutura final da educação no território nacional, sendo composto por diversas Instituições de Ensino Superior (IES), entre as quais se destacam as Universidades, as quais são erguidas sob três pilares indissociáveis: ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988). Na literatura, a mobilidade acadêmica insere-se dentro da componente denominada extensão, buscando promover a relação entre universidade e sociedade.

Nesse panorama, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), por meio da Diretoria de Relações Internacionais (DRI), oferece aos alunos a possibilidade de mobilidade acadêmica como parte do pilar da extensão universitária. Os programas de extensão, buscam, primariamente, o aprimoramento da formação estudantil e o enriquecimento da comunidade acadêmica.

A nível de graduação, o intercâmbio acadêmico, ou mobilidade internacional, demanda menos no que se refere ao ingresso e à aplicação no ingresso em universidades. Frequentemente, o intercâmbio acadêmico na modalidade graduação não envolve apresentação de projeto de pesquisa, publicação de artigos científicos ou experiências acadêmicas, como na mobilidade realizada por estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, haja vista sua dimensão de contribuição científica.

Além disso, a experiência proporcionada pelas vivências em um outro país desafiam os estudantes a buscar novos relacionamentos, a se adaptar a uma nova sociedade, a ter novas responsabilidades, a adquirir novas competências e a entender o multiculturalismo. Além disso, esses estudantes desenvolvem o controle emocional, pois se privam do cotidiano e abraçam uma nova realidade.

É importante ressaltar que a mobilidade acadêmica foi realizada a partir desse escopo. O país escolhido para a mobilidade internacional foi a Alemanha e, entre as razões de escolha do país de destino, estão a familiaridade da língua, o histórico do país em receber alunos internacionais e a qualidade do ensino superior (OECD, 2025).

Nesse sentido, o relato busca reunir as vivências em duas universidades, realizadas em contextos e períodos distintos. Identificam-se suas convergências para construir uma reflexão sobre as habilidades de liderança, *networking* e desenvolvimento sustentável, aprimoradas e observadas no país, de forma a fornecer suporte à decisão de outros estudantes que objetivam adquirir essas competências durante sua mobilidade internacional.

CHEGADA À ALEMANHA E INGRESSO NA UNIVERSIDADE DE FULDA

Após o envio da documentação requerida e a posterior carta de aceite da universidade, o ingresso na Universidade de Fulda ocorreu mediante a contemplação de uma bolsa de estudos para ingressar no programa de mestrado *Intercultural Communication and European Studies* do departamento de *Social and Cultural Science*, entre abril e julho de 2020.

Nesse momento de ingresso na universidade, o mundo passava por uma das maiores crises de saúde já vistas: a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-COV-2. Essa crise mudou a dinâmica da sociedade, anteriormente acostumada a ocupar espaços públicos e a realizar atividades de forma presencial. Agora, essa mesma sociedade deparava-se com a obrigatoriedade

de reclusão e com a prática da autoquarentena, a fim de evitar a proliferação da Covid-19 (Chaturvedi; Vishwarkarm; Singh. 2021).

O intercâmbio ocorreu durante períodos intensos da proliferação do vírus, de modo que os estudantes na Alemanha foram obrigados a permanecer reclusos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, ao longo do período de pré-vacina do coronavírus, um total de 5 milhões de pessoas faleceram em decorrência da proliferação do vírus (UNESCO, 2023).

HABILIDADES DE LIDERANÇA, NETWORKING E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM FULDA DURANTE A COVID-19

Em primeira visita à Alemanha, sob as lentes do desenvolvimento sustentável, tanto a cidade de Fulda quanto o país demonstraram elevado nível de resiliência e sustentabilidade. Observou-se que a conscientização coletiva sobre a proteção ao meio ambiente é constantemente reforçada no cotidiano, sendo perceptível, especialmente, nas políticas públicas de sustentabilidade. Nesse cenário, o sistema de depósito para garrafas retornáveis foi um dos maiores *insights* vivenciados durante a estadia em Fulda. Em síntese, o sistema opera como um incentivo financeiro, o consumidor paga um depósito e o recebe após devolver o produto.

As redes de contato, por sua vez, são formas de manter ou nutrir um relacionamento. No caso de Fulda, esse *networking* foi realizado por meio da comunidade de alumni, no ambiente virtual. Hoje, algumas parcerias foram mantidas, mas a falta de contato presencial dificultou a conexão entre os alunos.

O pilar da liderança talvez tenha sido o mais difícil de observar durante o intercâmbio acadêmico em Fulda. Embora vários desafios pessoais e profissionais decorrentes da pandemia da Covid-19 tenham sido superados, esse pilar só foi observado e aperfeiçoado após o retorno ao Brasil. Nesse momento, houve interação com a comunidade acadêmica

e a difusão de uma mudança cultural entre os estudantes de graduação em prol dos benefícios da realização de uma mobilidade acadêmica e do forte engajamento em discussões de defesas socioambientais.

É razoável compreender que o desencadeamento de determinadas mudanças não se torna imediatamente visível após o período no exterior. Parte das competências desenvolvidas em experiências internacionais obedecem a um processo gradual de desenvolvimento, inserindo-se em um processo intercultural que engloba três etapas: antes, durante e após as vivências. Esse percurso ultrapassa o desenvolvimento profissional e pessoal experienciado pelo estudante, manifestando-se de maneira clara quando os aprendizados adquiridos passam a ser aplicados na transformação dos contextos de origem do estudante (Hanleys; Chankseliani; 2025).

DESCOBRINDO A MULTICULTURAL BERLIM E A ESCOLA DE ECONOMIA E DIREITO

Berlim foi o local onde realmente se pôde experimentar, de forma empírica, os conhecimentos teóricos interculturais e de comunicação adquiridos em Fulda. A capital alemã é uma cidade cosmopolita, e por isso, o estudante/visitante frequentemente é exposto a outras línguas, culturas e conhecimento, que o enriquecem ao longo do programa.

Para garantir a acomodação dos novos intercambistas, a Escola de Berlim, por meio de parceria *Studierendenwerke Berlin*, forneceu vagas em um alojamento estudantil. A escolha por essa acomodação estudantil permitiu o maior contato com a rede de estudantes de Berlim e, posteriormente, a criação de relações mais duradouras em decorrência do convívio cotidiano da acomodação.

O campus de *Lichtenberg* foi palco do primeiro semestre, entre setembro de 2022 a janeiro de 2023. Nesse campus são condensados os departamentos de administração pública, Direito (*legal studies*) e Gestão Policial e de Segurança. Logo nos primeiros dias, a Universidade organiza

um *welcome day* e os estudantes são apresentados a uma variedade de nacionalidades. No ano de 2022, mais de 20 (vinte) nacionalidades foram representadas, evidenciando a multiculturalidade de Berlim, enquanto durante o semestre de 2023.1 as aulas passaram a ser ministradas no campus de *Schöneber*.

Ao longo do intercâmbio, foram estudadas as disciplinas de Corrupção; *Multinational Enterprises Human Rights and International Law*; *Innovations in Policymaking*, *International Economics* e *Corporate Environmental Management*. Algumas diferenças entre o sistema alemão e o brasileiro são feitas quanto à autonomia do aluno. Na Alemanha, a presença em sala de aula não é obrigatória e outras formas de avaliação do aluno são mais frequentes, tais como apresentações, produção escrita, participação em sala de aula. Esse tipo de avaliação holística foge da ortodoxia e examina o desempenho dos estudantes para além do simples resultado em provas escritas.

Dentre as disciplinas matriculadas, a disciplina de Corrupção, ministrada pelo professor Fran Osrecki, merece destaque por sua abordagem, visto que foge aos moldes ortodoxos de ensino, como os presentes na educação brasileira. Durante a disciplina, os alunos eram obrigados a ler um artigo por semana para participação e debate durante a aula, além disso, selecionavam três dos artigos lidos para escrita de um resumo e submissão à avaliação do professor. Ao invés de aulas expositivas, esse sistema expõe o aluno à metodologia socrática de fomento ao debate e às discussões em aula. Ao final do curso, a avaliação final era uma média dos três resumos escritos pelo aluno mais sua participação e dedicação nas discussões em sala.

LIDERANÇA, NETWORKING E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM BERLIM

Em Berlim, foi observado um ambiente comprometido em atingir metas estabelecidas pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

(ODS), contribuindo para o surgimento de uma juventude ativa que trabalha em prol da sustentabilidade. Com frequência, era possível observar ativistas, engajadores e mobilizadores sociais atuando tanto nas ruas quanto em debates, seminários e eventos acadêmicos.

Nessa perspectiva, a universidade configura-se como uma das principais instituições capaz de absorver a vontade de transformação e difundi-la entre os estudantes, por meio de projetos, disciplinas, cursos, comitês e *workshops*. Para além da disciplina eletiva de desenvolvimento sustentável, também foi possível participar de um *workshop* sobre sustentabilidade, cujo objetivo central foi a conscientização sobre as ODS, utilizando metodologias ativas de ensino.

De maneira geral, a forma como as redes de contato foram estabelecidas em Berlim decorreram, em grande parte, da participação dos estudantes nas salas de aula, nos eventos estudantis e profissionais e no cotidiano dentro das residências para estudantes. Grande parte da rede de contatos feita em Berlim se mantém, graças a reforços de encontros mensais e divulgação de projetos em conjunto.

Na *Berlin School of Economics and Law*, a liderança manifestou-se de forma colaborativa. A dinâmica das aulas, fortemente baseada em debates, estudos de caso e trabalhos em grupo com estudantes de diferentes nacionalidades, exigiu iniciativa, escuta e capacidade de articulação intercultural. Nesse contexto, o ato de liderar significou mediar perspectivas diversas sob um olhar multicultural. Essa experiência também se traduziu em protagonismo institucional, na atuação como ponte de contato para outros estudantes interessados em mobilidade internacional, por meio de sessões promovidas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como plano de partida o relato de experiência em dois momentos distintos experienciados na Alemanha: o primeiro em Fulda (2020) e o segundo em Berlim (2022-2023). Busca, assim, contribuir

para a difusão da mobilidade em nível de graduação, além de incentivar outros estudantes a participarem de iniciativas de internacionalização.

A mobilidade, além de proporcionar enriquecimento pessoal e profissional, revelou-se um compromisso institucional e individual que envolve desafios significativos, como os vivenciados durante a pandemia da Covid-19, exigindo resiliência e adaptação. A experiência contribuiu para o fortalecimento de competências essenciais, como liderança em contextos multiculturais, ampliação de *networking* internacional e aprofundamento da compreensão sobre desenvolvimento sustentável nesse período estar longe da família; amigos e da zona de conforto testam a resiliência do estudante.

Por fim, reforça-se a importância de promover a mobilização acadêmica internacional por meio de iniciativas que tornem as universidades brasileiras ambientes de aprendizado global, ante as dinâmicas da globalização vivenciados pelos estudantes nos dias atuais.

RECONHECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Prof.^a Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu, Diretora da Diretoria de Relações Internacionais da Universidade de Fortaleza, bem como a toda a sua equipe, e ao Reitor, Dr. Randal Pompeu, pelo constante fomento às iniciativas de internacionalização da educação desenvolvidas no âmbito desta universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 nov. 2025.

CHATURVEDI, Kunal; VISHWAKARM, Dinish; SINGH, Nidhi. COVID-19 and its impact on education, social life and mental health of students: A survey. **Children and Youth Services Review**, [s.l.], v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105866>.

HANLEY, N., & CHANKSELIANI, M. Intercultural Competence Beyond International Student Mobility: Insights from a Global Study. **Journal of Studies in International Education**, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1177/10283153251364515>

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **What are the key trends in international student mobility?** Paris: OECD Publishing, 2025. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2025/03/what-are-the-key-trends-in-international-student-mobility_495dcfac/2a423a76-en.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

UNESCO. **Impact of COVID-19 on higher**. Paris: UNESCO Digital Library, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000389860>. Acesso em: 10 nov. 2025.

A SIMBOLOGIA DA RÃ DA UNIVERSIDADE DE SALAMANCA COMO METÁFORA DO RENASCIMENTO DO OLHAR PESSOAL E ACADÊMICO

**Thaís Farias da Escóssia
Sidney Soares Filh**
*Curso Direito
Universidade de Fortaleza*

A simbologia da rã da Universidade de Salamanca como metáfora do renascimento do olhar pessoal e acadêmico é uma temática que repercutiu de maneira decisiva no meu amadurecimento, além disso, refletiu na minha essência e intimidade, acarretando uma verdadeira transformação. Dessa forma, comecei a enxergar algumas atipicidades com outro olhar, como consequência da mudança de pensamento, que oportunizou o crescimento da paz e da resignificação interior.

Metaforicamente, esse elemento arquitetônico, a rã da Universidade de Salamanca, passou a ser sinônimo de renascimento, despertando interesse na possibilidade de reinterpretar as vivências e os desafios do mundo com mais curiosidade, paciência e profundidade. Logo, possibilitou decifrar as atipicidades e a densidade das relações interpessoais com mais clareza, fugindo um pouco da leitura simplificada da vida.

Assim, a ideia de pesquisar e relatar sobre essa simbologia surgiu quando me deparei com esse elemento, enquanto passeava com algumas amigas pelas fantásticas e acolhedoras ruas da cidade de Salamanca. Esse símbolo, apesar de discreto, tem um elevado peso na cultura e na história da cidade, incorporando também a área acadêmica, principalmente no âmbito do Direito. Sob esse viés, aprender sobre a história da Universidade

de Salamanca e da cidade em si possui um valor pessoal significativo, já que, de certa forma, permite um diálogo com o legado histórico e cultural, o qual influencia diretamente na pessoa que almejo ser.

A Universidade de Salamanca está localizada na Espanha, na cidade de Salamanca, na região de Castela e Leão (*Castilla y León*). É uma das universidades mais antigas da Europa e a mais antiga da Espanha, sendo fundada em 1218 e reconhecida em 1255 como universidade. Anteriormente, o coração dessa antiga instituição era conhecido como *Escuela de Salamanca* e, atualmente, leva o nome de *Patio de las Escuelas*.

Assim, a *Escuela de Salamanca* (XVI–XVII) foi um movimento intelectual da Escolástica que tinha como base o Direito, a Teologia e a Economia, impactando na mudança de como interpretar ideias e movimentos sobre os direitos humanos, o direito internacional e a própria justiça. Esses pensamentos acarretaram reflexões que servem como fundamentação para o direito na atualidade. Tratou-se, assim, de uma revolução nos pensamentos jurídico, econômico e ético.

Ademais, nesse cenário jurídico e intelectual, especialmente na *Escuela de Salamanca* e, posteriormente, na Universidade de Salamanca, destacaram-se importantes nomes do pensamento jurídico e filosófico. A título de exemplo, destaca-se Francisco de Vitória, que, em parceria com outros pensadores da época, formou a *Escuela de Salamanca*, defendendo o pensamento humanístico e o realismo aristotélico.

Outro nome de destaque foi o reitor e filósofo Miguel de Unamuno. Ele era poeta e escritor, sendo também reconhecido por suas obras, como “Do sentimento trágico da vida”, de 1913, e a “Vida de Dom Quixote e Sancho”, de 1905. Esse último é um dos meus livros favoritos, pois dialoga com a principal obra de Miguel de Cervantes, “Dom Quixote”.

Miguel de Unamuno, em sua interpretação sobre “Dom Quixote”, sustenta a importância da valorização de um sonho e da busca pela verdade interna. Na obra “Do sentimento trágico da vida”, por sua vez, reflete sobre a angústia da morte e a necessidade de viver com paixão e

contradição. Portanto, somente os apaixonados são capazes de elaborar e criar obras verdadeiramente duradouras, o que ressalta a importância de imprimir intensa paixão e ardor nos projetos individuais, fazendo com que se tornem valiosos.

Esse raciocínio se conecta diretamente com a experiência que eu vivi na Universidade de Salamanca. De acordo com Unamuno, a essencialidade da intensidade e do esforço para a elaboração de projetos sugere, ainda que indiretamente, a importância de um olhar mais aprofundado sobre a realidade, o que dialoga com a minha vivência acadêmica, a qual exigiu maior curiosidade, perspicácia, dedicação e intensidade. Esses aspectos influenciaram o aprimoramento do meu aprendizado e, de certa forma, o fortalecimento da minha resiliência, diante de possíveis adversidades. Tratou-se, assim, de uma verdadeira reconstrução da minha percepção pessoal e acadêmica.

Retomando a origem da ideia do intercâmbio, iniciei, em 2024, algumas pesquisas sobre cidades e universidades na Europa para realizar essa experiência acadêmica. Por fim, sem pensar duas vezes, considerando sua tradição e história, escolhi a cidade de Salamanca. Em janeiro de 2025, após cumprir todo o processo burocrático, como a obtenção do visto de estudante em Salvador, embarquei com mais duas amigas para a Espanha. Decidi que iria estudar Direito Internacional Público, Relações Internacionais e Técnicas Qualitativas de Investigação.

Após chegarmos à cidade e nos alojarmos no apartamento, resolvemos sair para comer algo próximo à *Plaza Mayor* e logo combinamos um passeio para o dia seguinte. Assim, no outro dia pela manhã, saímos em direção à Catedral de Salamanca e, em seguida, fomos à *Casa de Las Conchas*, onde assistimos a uma apresentação de músicos, enquanto algumas pessoas dançavam e cantavam ao redor – obviamente, nos juntamos a eles. No término dessa apresentação, caminhamos para o *Patio de las Escuelas*.

Ao adentrarmos o pátio, notamos que, abaixo de uma portada, havia um senhor vendendo algumas esculturas de rãs e que, próximo a

ele, havia uma caixa de som pequena que ecoava o coaxar de várias rãs. Nesse momento, lembramos de alguns boatos que havíamos escutado antes de irmos para Salamanca: um dos principais símbolos da cidade era justamente uma rã esculpida em uma portada localizada no *Patio de las Escuelas*.

Dessa maneira, paramos em frente à principal porta que havia naquele pátio e, coincidentemente, um grupo de turistas, acompanhado de um guia, fez o mesmo. O orientador daquelas pessoas começou a explicar, com um tom de empolgação, a história da *Rana de Salamanca*. Relatou, assim, que a Rã de Salamanca foi esculpida na portada do edifício das Escolas Maiores de Salamanca, entre 1520 e 1530, e, com o tempo, tornou-se um dos ícones da cidade, configurando um elemento plateresco.

Após ouvirmos o relato, decidi fazer uma breve pesquisa pelo celular e descobri que esse símbolo remonta ao estilo arquitetônico da época da Renascença Espanhola, característico do trabalho dos ourives, combinando elementos góticos e renascentistas, bem como simbolizando uma decoração minuciosa e rica em detalhes. Também tomei conhecimento de que, quem encontrasse a rã esculpida na portada, teria sucesso nos estudos, pois representava sorte na obtenção de boas notas nos exames finais. Ademais, algumas informações mencionavam que, além do significado no âmbito acadêmico, a rã poderia ser sinônimo de sorte no amor. Em paralelo à minha pesquisa, uma das minhas amigas mencionou que deveríamos começar a procurar a rã na fachada.

Sendo assim, passamos a observar a portada e, após alguns minutos, encontramos a rã esculpida acima de uma caveira e, além dela, havia diversos elementos lapidados, formando uma verdadeira obra de arte. Toda aquela combinação de símbolos, extremamente ricos em detalhes, captava minha atenção de forma peculiar, tanto pela delicadeza quanto pela ambiguidade.

Por outro lado, um dos aspectos que me despertou curiosidade foi a coincidência. Desde pequena, tenho fobia de sapos e rãs, informação

popularmente conhecida entre meus amigos e familiares. Nesse sentido, o fato de que um dos símbolos da cidade em que eu residiria pelos próximos meses era justamente uma rã, aquilo que, por um bom tempo, representou um sinônimo de medo e aflição, passou a adquirir um novo significado, tornando-se um sinal de sorte e autoconfiança, como um acaso improvável.

Sob esse viés, questionei: quem poderia imaginar que, em uma das fachadas do edifício que foi palco de um renascimento no pensamento jurídico, haveria uma rã esculpida sob a cabeça de uma caveira? Quando retornamos para casa, continuei as minhas pesquisas sobre esse tema. Então, descobri que o símbolo esculpido, composto pela rã sob a caveira, representava, além da sorte, a importância de aceitar a existência de desafios, bem como a necessidade de enfrentá-los. A junção desses elementos definia que o estudante, ao buscar a rã sem auxílio dos demais poderia ser beneficiado com a sorte nos estudos e no amor.

Com base nesse ponto de vista, foi impossível não recordar uma das visões defendidas por José Saramago em seu livro “Ensaio sobre a Cegueira”. A obra discorre sobre a preferência dos seres humanos pela cegueira branca, o que representa, de certa forma, uma negação em face dos desafios da vida, bem como da presença da dor e do medo. Para o escritor, a cegueira branca age como uma espécie de véu que torna as pessoas e as coisas invisíveis, sendo uma crítica à perda de conexão e à incapacidade dos seres humanos de ver além da sua individualidade. Ele também aponta que os indivíduos se tornam cegos em razão da opressão de sentimentos como o medo e a angústia, o que gera a cegueira. Um dos trechos assim afirma:

O único milagre que podemos fazer será o de continuar a viver, disse a mulher, amparar a fragilidade da vida um dia após outro dia, como se fosse ela a cega, a que não sabe para onde ir, e talvez assim seja, talvez ela realmente não o saiba, entregou-se as nossas mãos depois de nos ter tornado inteligentes, e a isto a trouxemos (Saramago, 1998, p. 283).

Dessa forma, comparando com o significado da rã esculpida, o texto reflete sobre a necessidade da perseverança diante das adversidades, sugerindo que ser um indivíduo consciente de seus atos e capaz de enxergar e promover o conhecimento da sua verdadeira essência constitui, por si só, um milagre. Assim, nem sempre poderemos compreender a vida e, muito menos, as ações dos demais. Conclui-se, portanto, que tanto o pensamento de Saramago quanto a busca pela rã correlacionam-se com a ideia de que o valor dos indivíduos reside na capacidade de enfrentar os desafios, valorizar a própria fragilidade e cuidar dos demais com empatia.

Essa forma de pensar surgiu durante a vivência acadêmica e pessoal de seis meses na Espanha, pois ocasionou uma ruptura da falsa sensação de conforto que eu tinha no Brasil. O intercâmbio promoveu, desse modo, um renascimento na forma de enfrentar as atipicidades na rotina, assim como transformou meu olhar empático em relação ao outro. Nesse sentido, pude aprimorar essas habilidades por meio da convivência com pessoas que não eram da minha família, mas que, durante o processo, tornaram-se parte dela.

Nesse cenário, esses seis meses significaram um deslocamento simbólico da minha zona de conforto, ou seja, pude perder a visão, para, finalmente, enxergar além do meu próprio mundo. Vivemos protegidos por nossa rotina, costumes, códigos sociais e morais, o que reforça a essencialidade desse deslocamento, ou seja, estava inserida em uma espécie de cegueira que, durante o intercâmbio, mas, principalmente, ao retornar ao Brasil, foi rompida. Dessa forma, assim como a *Rana de Salamanca* simboliza renascimento, o intercâmbio e todos os seus aprendizados também representam o mesmo.

Logo, por estarem inseridos em um intercâmbio acadêmico, os estudantes passam a enxergar o mundo com mais humanidade, a ver além da superficialidade, desde que estejam dispostos a ter paciência. É uma qualidade que, em razão do imediatismo enraizado na sociedade, torna-se ainda mais difícil de aprimorar. Portanto, posso afirmar que uma das

habilidades mais desenvolvidas durante esse período foi a paciência, pois aprendi a apreciar as características com mais sensibilidade e curiosidade.

Por conseguinte, surge uma nova visão sobre abandonar certezas, reconhecer limites e aceitar a presença de vulnerabilidades. Assim, aprendemos a enxergar as próprias dificuldades e as dos outros, e buscar a visão da realidade do próximo significa ter acesso à pura essência de si mesmo.

Consequentemente, o programa de intercâmbio tornou-se parte de mim. O enriquecimento acadêmico adquirido foi algo imensurável, bem como o impacto na consolidação de qualidades pessoais. É uma sorte poder afirmar que estudei na Universidade de Salamanca e, a partir disso, tive a oportunidade de estudar em salas de aula com pessoas de diferentes culturas e continentes. Ademais, participar, durante seis meses, do curso de Direito em um local que foi berço de grandes juristas é um privilégio e uma grande honra.

O intercâmbio ensina, portanto, que o mundo não gira em torno da nossa lógica e, na maior parte do tempo, não se ajustará ao nosso planejamento. Assim, com o passar dos meses, e depois de algumas frustrações, compreendi que deixar de tentar controlar o incontornável é, na verdade, algo libertador. Dessa maneira, um dos principais aprendizados foi confiar nos meus instintos e em mim mesma, reconhecendo que, mesmo com o apoio de amigos e da família, que se faziam presentes apesar da distância, é essencial acreditar no meu próprio potencial. O objetivo desse intercâmbio foi desenvolver, assim, autonomia, coragem e autoconfiança diante dos desafios.

Em síntese, o intercâmbio diz muito menos respeito ao lugar de destino, embora, no meu caso, ele tenha influenciado positivamente, afinal, é muito mais sobre a pessoa que retorna. Notoriamente, o aprendizado sobre a profundidade das relações interpessoais, o aprimoramento de competências acadêmicas e o desenvolvimento de aspectos pessoais, quando somados, formam uma bagagem de conhecimento incalculável. Concluo

que aprendi a olhar o mundo com mais autonomia, reconhecendo que o renascimento surge quando nos permitimos enfrentar o desconhecido e o desafiador. Por fim, conforme refletido por Platão, no “Mito da Caverna”: “O problema não é só sair da caverna, como também suportar a luz” (Platão, 2007, p. 10).

REFERÊNCIAS

PLATÃO. **A República**. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

UNAMUNO, Miguel de. **Do sentimento trágico da vida**. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

UNAMUNO, Miguel de. **Vida de Dom Quixote e Sancho**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA. **História**. Salamanca: USAL. Disponível em: <https://www.usal.es/historia>. Acesso em: 20 jan. 2026.

RANA de Salamanca. In: **WIKIPEDIA**: la enciclopedia libre. [S.l.]: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Rana_de_Salamanca. Acesso em: 20 jan. 2026.

JAÉN, PARAÍSO INTERIOR

Laura de Oliveira Barreto

Curso Direito

Universidade de Fortaleza

“*Jaén*, paraíso interior” é o lema do governo de *Jaén*, localizada no interior da Espanha, cidade que escolhi para dar um salto de fé e encontrar “vida” do outro lado da montanha. Uma vida que eu não só encontrei, mas que também tomou conta de mim e me mudou por completo. No entanto, não posso deixar de mencionar o caminho turbulento que antecedeu a minha chegada.

Assim que eu completei 18 anos, estabeleci o objetivo de morar fora por um tempo, o que me motivou a escolher a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Desde então, minhas escolhas pessoais, profissionais e acadêmicas passaram a ter essa ideia como guia. Comecei a estagiar, a guardar dinheiro, a estudar espanhol e a me preparar para que, quando a oportunidade surgisse, eu pudesse abraçá-la.

Durante esse processo, que durou mais de dois anos, eu tive inúmeras expectativas frustradas por fatores fora do meu controle, que, nos momentos mais difíceis, faziam eu me questionar se estava seguindo a escolha e o caminho certos. Ainda assim, abrir mão do sonho, depois de tudo que abdiquei, da energia que depusitei nele e de tudo que idealizei, não era uma opção.

Assim, apareceu *Jaén*. Essa cidade, localizada no Sul da Espanha, foi a que, com seus 110 mil habitantes e um sotaque forte – tendo em vista que até mesmo falantes nativos de espanhol não o compreendem –, recebeu-me no melhor período da minha vida.

Saí de Fortaleza sozinha, em 1º de setembro de 2025, com cerca de 40 quilos de bagagem. Após mais de 24 horas de viagem, cheguei

a uma cidade em que eu não conhecia ninguém, não falava a língua e encontrei um apartamento vazio, cercado por ruas com todos os comércios já fechados. Não tinha sequer o que comer naquela noite, mas existia a disposição de construir do zero a rede de apoio que me faltava. E, de forma espontânea, ela chegou.

No meu primeiro dia na Universidade de *Jaén*, estava em uma fila interminável no escritório internacional. No momento em que esperava meu atendimento, escutei, pela primeira vez, depois de três dias na cidade, um grupo falando um idioma que parecia ser o português, na sala ao lado. Ao me levantar, encontrei um trio e, incrédula, perguntei se falavam português. Desse dia em diante, não nos separamos.

Ainda nas primeiras semanas, esse grupo, que cresceu com a chegada de mais uma brasileira, permaneceu unido. Juntos, cruzamos fronteiras, ouvimos mais línguas do que podíamos reconhecer, criamos memórias e conhecemos quatro países, tendo como centro a mesma cidade.

Recordo-me de sentir nostalgia do que ainda estava vivendo. Por muito tempo, desejei aquilo que estava diante de mim; por anos, enderecei minhas escolhas a “eu do futuro” e eu passei a ser ela, colhendo os frutos do que antes era um sonho que eu sonhava acordada.

Vivia provações todos os dias. Ao morar sozinha pela primeira vez, precisei cuidar de um apartamento, conviver com três espanholas que chegaram depois para morar comigo, enquanto aprendia a única língua que podia nos conectar, além de criar minha rede de apoio, estudar, experienciar a mudança do clima (...). Viveria tudo de novo!

Não há nada como a possibilidade de, um dia, mencionar em uma conversa *croissants* e, em seguida, comprar uma passagem barata para a França, com o intuito de provar os originais.

Saboreei todas as comidas locais que pude, observei pinturas, esculturas e paisagens que só visualizava nos livros, conheci mais cidades, culturas, pessoas e histórias que a minha imaginação em Fortaleza jamais poderia listar. Sem dúvida, depois que o horizonte se expande e o referencial se diversifica, não há como voltar atrás.

Durante os três primeiros meses, por mais feliz que estivesse, eu me esforçava para atribuir a *Jaén* a qualidade de “casa”. Anteriormente, essa ideia parecia um desrespeito com meu lar no Brasil, porém, após 20 (vinte) dias longe, durante as festas de fim de ano, voltei ansiosa para o apartamento, esperando encontrá-lo cheio. No entanto, ao destrancar a porta, deparei-me com ele vazio, como se tivesse retornado para o meu primeiro dia nele, quando era somente eu. O cheiro já não era mais o de produto de limpeza, de comida e de cigarro das meninas, mas, sim, do aroma neutro de madeira da época que cheguei, em setembro. Senti, então, uma nostalgia estranha, acompanhada de uma saudade inesperada da calmaria do interior.

Diferentemente da primeira vez que entrei por aquela porta, naquele momento, eu já sabia o que fazer, rituais a seguir e uma casa, não só um apartamento, para cuidar. Comecei a contar os dias que ainda tinha em *Jaén*, torcendo para que houvesse mais deles. Nesse dia, eu chorei, assim como no primeiro, mas por razões completamente diferentes.

O conceito matemático de infinito determina que alguns infinitos são maiores que outros, e como eu fui feliz nos meus dias numerados! Foram dias que eu desejei que se multiplicassem. Dei o salto de fé ciente da data de validade, e foi isso que tornou a experiência tão preciosa, visto que potencializou a forma como me apeguei aos últimos fios que ainda nos ligavam.

Antes, via a experiência como uma grande oportunidade de recuperar a fase perdida durante a pandemia, no entanto, ao vivê-la, compreendi que não é possível retornar ao passado para resgatar o que se perdeu. Ainda assim, é completamente possível transformar o futuro à medida que me enriquecia com vida.

Por mais difícil que seja me despedir de tudo o que construí por lá, retorno a Fortaleza com uma enorme curiosidade de reencontrar minha antiga realidade com um novo olhar.

Figura 1 – O grupo que conheci no escritório internacional.



Fonte: autoria própria.

Figura 2 – Minha primeira viagem para fora da Espanha. Grutas de Benagil, em Algarve, Portugal.



Fonte: autoria própria.

Figura 3 – Catedral de Jaé: cartão postal da cidade e símbolo renascentista.



Fonte: autoria própria.

Figura 4 – Water Lilies, pintadas por Monet, o primeiro artista que estudei quando criança e meu preferido. Conjunto de quadros feitos para o museu l’Orangerie, em Paris, viagem que surgiu de uma conversa em que mencionamos *croissants*.



Fonte: autoria própria.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Talita. **Existem infinitos maiores que outros infinitos?** 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional). - Universidade Estadual Paulista, Unesp, São Paulo, 4 out. 2022.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR: UM RELATO A PARTIR DE SALAMANCA

Laura Gadelha Valente

Curso Direito

Universidade de Fortaleza

Neste relato, apresento a experiência de mobilidade internacional vivenciada durante o período de intercâmbio acadêmico, a partir de uma trajetória marcada por expectativas, desafios de adaptação e processos de aprendizagem que ultrapassaram os limites da sala de aula. De início, a mobilidade internacional parecia algo distante, quase impossível, quando observada sob uma perspectiva individual. Como estudante em fase final da graduação, surgiam inúmeras preocupações: o receio de prolongar o tempo de faculdade, o enfrentamento de um novo território, a idealização de um modelo de ensino diferente e, sobretudo, a adaptação a outra língua. Ainda assim, a vontade de explorar o mundo se impôs e permaneceu latente, como um chamado que não se deixava silenciar.

O passo seguinte foi alimentar a esperança de que esses desejos não fossem frustrados. Iniciou-se, então, o processo de aceitação, tanto por parte da universidade quanto do país de destino. Vieram as primeiras tentativas, algumas viagens à capital da Bahia e a frustração de uma negativa inicial. Mesmo assim, permaneci firme e insisti, até que, em determinado momento, o aceite finalmente se materializou em minhas mãos. A partir dali, a ideia se fixou em minha mente e passei a planejar, de forma concreta, as mudanças que essa experiência traria para minha vida.

A chegada a Madri, na Espanha, foi acolhedora. No entanto, foi apenas quando alcancei o verdadeiro destino, Salamanca, que o impacto foi sentido por inteiro. A sensação era difícil de nomear: uma vontade imensa de voltar para casa misturada à alegria radiante de estar em outro

país. Eu não estava só. Compartilhava aquele deslocamento com alguém que, assim como eu, atravessava o desconhecido pela primeira vez. Levamos alguns dias para nos familiarizar com a cidade, com os ritmos e com os silêncios, aprendendo a habitar um lugar que ainda não nos pertencia.

O primeiro dia de aula foi permeado por duas cafeeiras escolhidas às pressas e por um conhecimento ainda limitado da língua espanhola. A estreia ocorreu em uma aula de criminologia, que, desde então, tornou-se a minha preferida. Naquele instante, algo se alinhou dentro de mim. Logo veio o encanto, a sensação nítida de estar no lugar certo, como se, por um breve momento, o caminho da minha vida tivesse sido traçado como deveria ser.

Apesar da afinidade com a disciplina, ir diariamente à universidade tornava-se, a cada dia, uma tarefa mais trabalhosa. Havia um fuso de cinco horas entre mim e a vida que eu havia deixado, além da tentativa constante de estar presente em dois lugares ao mesmo tempo. Desisti de dormir mais cedo para manter vínculos de forma virtual, o que, no dia seguinte, transformava-se em cansaço, angústia e medo de estar conduzindo todo o processo de maneira equivocada. O questionamento que ecoava era recorrente: se eu havia almejado tanto estar ali, por que, em certos momentos, desejava estar em casa? Ao longo dos meses, compreendi, na prática, que não é possível conciliar plenamente todas as dimensões da vida de forma simultânea.

Com o passar dos dias, os deslocamentos cotidianos passaram a integrar a experiência formativa. O trajeto de ônibus até a universidade, de aproximadamente trinta minutos, e, por vezes, as caminhadas pela cidade tornaram-se momentos de observação e reconhecimento do novo espaço. Salamanca mostrou-se difícil de descrever: a sensação de segurança, de tranquilidade e de liberdade fazia parte do dia a dia. Passei a apreciar as ruas limpas, as árvores, os ônibus pouco cheios e a possibilidade de circular pela cidade em diferentes horários, aspectos que contribuíram para uma percepção mais positiva do processo de adaptação ao novo contexto urbano e cultural.

A construção de vínculos sociais ocorreu de forma gradual. No ambiente universitário, as interações eram, inicialmente, limitadas. Depois, em uma aula de criminologia, conheci uma colega, com quem estabeleci maior proximidade. Embora esse contato tenha sido simples e pontual, foi um divisor de águas no processo de inserção social, tornando o ambiente acadêmico menos distante e mais acolhedor.

Durante as aulas, o idioma espanhol foi se tornando progressivamente mais familiar. Por conseguinte, a compreensão oral passou a ocorrer com maior fluidez, o que favoreceu o acompanhamento dos conteúdos ministrados em sala. Percebi que o avanço mais significativo no domínio da língua ocorreu a partir da abertura para interações em contextos informais, como encontros e saídas com outros estudantes universitários, espanhóis e de diferentes nacionalidades. Nesses espaços, os erros eram compreendidos como parte do processo de aprendizagem, o que estimulava maior coragem para arriscar e se comunicar.

De modo geral, a adaptação ao contexto acadêmico e sociocultural ocorreu de forma paulatina e mediada pelo tempo. A mobilidade internacional possibilitou, assim, uma reflexão mais aprofundada sobre minha trajetória formativa, evidenciando a valorização do país de origem e do ensino da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). O outro contexto educacional permitiu tanto reconhecer, com mais clareza, as potencialidades da formação recebida e quanto compreender que a experiência de ir também é, de certa forma, um movimento de retorno ao que se é, agora com um olhar ampliado e mais crítico sobre si e sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. Núcleo de Estratégias Internacionais. **Unifor International Passport: experiences abroad.** Fortaleza: Unifor, 2025.

DA INSEGURANÇA À JORNADA POR 5 PAÍSES: COMO A GRADUAÇÃO EM DIREITO ME CONDUZIU A DUAS EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS

Sâmia Oliveira dos Santos

Curso Direito

Universidade de Fortaleza

A mobilidade internacional representa, para além do simples deslocamento geográfico, um processo profundo de formação acadêmica, cultural e humana. Trata-se de uma experiência capaz de transformar percepções, ampliar horizontes e consolidar vocações. Na graduação em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), tive a oportunidade de vivenciar experiências internacionais que marcaram de forma definitiva minha trajetória.

Essas vivências possuem um significado ainda mais profundo quando consideradas à luz da minha trajetória. Durante muito tempo, experiências como viagens internacionais, intercâmbios ou competições no exterior pareciam distantes da minha realidade. Elas estavam no horizonte, como um sonho distante, difícil de alcançar. Mas, com o tempo, percebi como o estudo abre portas e, mais do que isso, nos dá a coragem e a capacidade de atravessá-las. A verdadeira beleza está em compreender que o esforço diário, a dedicação e o compromisso acadêmico são a chave para transformar esses sonhos em experiências concretas.

Minha primeira experiência internacional ocorreu em maio de 2025 e foi fruto direto de um longo e intenso processo de preparação acadêmica iniciado ainda em julho de 2024, quando passei a integrar os estudos para a *Inter-American Human Rights Moot Court Competition* (IAMOOT), realizada em Washington, D.C. Reconhecida como a maior e mais renomada competição acadêmica de Direitos Humanos do mundo,

a IAMOOT é organizada pela *American University Washington College of Law*, em parceria com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). A competição simula julgamentos perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH) e reúne estudantes de diversas nacionalidades.

No certame, eu e meu colega César atuamos como oradores, realizando sustentações orais nas quais defendíamos, conforme o sorteio das rodadas, ora o Estado, ora as vítimas, sempre com base em um caso hipotético que vínhamos estudando intensamente desde dezembro. Durante as sustentações, os juízes interrompiam constantemente com questionamentos técnicos e jurídicos, exigindo respostas articuladas e fundamentadas no caso concreto, nos tratados internacionais e na jurisprudência consolidada da Corte Interamericana. Minhas colegas Maria e Bia, por sua vez, atuaram como pesquisadoras, desempenhando papel essencial na elaboração de memoriais escritos e na construção dos argumentos apresentados.

A participação na competição foi resultado de um esforço coletivo intenso, disciplinado e comprometido da equipe. Contamos com o apoio institucional da UNIFOR, que nos concedeu auxílio parcial e tornou possível nossa presença no certame, permitindo-nos representar, pela primeira vez, não apenas a Universidade, mas também o Estado do Ceará nesta competição internacional de grande relevância. Durante uma semana em Washington, vivenciamos uma verdadeira imersão acadêmica, que culminou com a classificação da equipe até as semifinais: um feito extremamente significativo e profundamente gratificante diante do alto nível de excelência dos participantes.

Figura 1: Fotografia da Equipe da UNIFOR na *American University College of Law* (Washington, D.C./EUA)



Fonte: elaboração própria.

Paralelamente ao rigor acadêmico, tivemos contato com a dimensão cultural da cidade. Visitamos espaços simbólicos como o *Smithsonian Museum*, o *Lincoln Memorial*, o Capitólio e a própria sede da OEA. Por se tratar da minha primeira viagem internacional, tudo era novo: os lugares, as dinâmicas urbanas e as interações multiculturais. Fiz amizades com estudantes de países como Angola e México, percebendo, na prática, como o Direito e os Direitos Humanos funcionam como uma linguagem comum, capaz de conectar pessoas de realidades sociais, políticas e culturais distintas.

Antes mesmo dessa experiência em Washington, eu já havia me candidatado ao processo seletivo do Programa Santander Top España 2025, ainda com baixas expectativas quanto às minhas chances de aprovação. O processo seletivo considera critérios como iniciação científica, monitorias, estágios e produção acadêmica, atividades que eu já vinha desenvolvendo ao longo da graduação.

Nesse percurso, faço uma menção especial aos professores que confiaram em mim, e orientaram minha trajetória acadêmica. A Professora

Ana Maria D'Ávila, que me introduziu à pesquisa científica ainda no segundo semestre da graduação e sempre ressaltou a importância de trilhar caminhos que façam sentido e nos façam felizes; o Professor Eduardo Girão, meu orientador durante as duas primeiras monitorias, que me incentivou a acreditar na construção gradual de um percurso acadêmico sólido; e a Professora Mariana Dionísio, com quem atualmente atuo como monitora e que constantemente amplia minha compreensão acerca da relevância da produção científica. Não há como reconhecer o bom desempenho obtido no processo seletivo sem destacar a contribuição, o incentivo e a confiança desses docentes.

Nada disso também teria sido possível sem o apoio constante dos amigos Teresa, César e Maria, que me acompanharam de perto durante esse processo. César, um amigo e pessoa que admiro profundamente, sempre acreditou que a aprovação era uma questão de quando, não de se, e foi uma fonte constante de motivação. Teresa, com sua gentileza imensurável, sempre acreditou em mim mais do que eu mesma, tornando-se minha grande apoiadora, sempre me incentivando a continuar, mesmo nas horas de insegurança. E Maria, cuja determinação e confiança são inesquecíveis, me mostrou o que é ter alguém ao lado que realmente acredita em seu potencial. Eles diziam, com toda certeza, que minha aprovação já era certa.

E lá estava eu. Após o retorno da minha primeira experiência internacional, já me preparava para embarcar em uma nova jornada - desta vez, com destino à Espanha. Acreditei que, com o apoio deles e a bagagem de aprendizados adquiridos, esse novo passo seria tão significativo quanto o primeiro: e foi.

Em julho de 2025, passei três semanas na cidade de Salamanca como aluna da Universidad de Salamanca, uma das mais antigas e prestigiadas instituições de ensino da Europa. A rotina acadêmica e cultural foi intensa e profundamente transformadora. Pela manhã, frequentava aulas de língua espanhola; à tarde, me dedicava a conhecer a cidade, sua história e seus espaços. Não houve um único dia em que eu não percorresse o centro histórico de Salamanca, caminhando entre a Plaza Mayor, a Catedral, e,

sem dúvidas, a imponente Universidad de Salamanca. Mais do que visitar, eu vivi a cidade - andando, observando, escutando e me permitindo fazer parte daquele cotidiano.

Figura 2: Fotografia tirada na Espanha, após as aulas de espanhol na Universidad de Salamanca.



Fonte: elaboração própria.

Durante esse período, também visitei cidades como Toledo, Ávila e Madri, aprofundando meu contato com a história espanhola. Realizei, ainda, uma viagem a Aveiro, em Portugal, conhecida de forma bem-humorada entre os professores como “a praia de Salamanca”. Caminhei pela cidade, andei nos tradicionais barcos, amarrei fitinhas na Ponte dos Laços da Amizade e vivi costumes locais.

Figura 3: Fotografia tirada em Aveiro, Portugal, na Ponte dos Laços da Amizade.



Fonte: elaboração própria.

Ainda durante minha estadia na Espanha, realizei um antigo sonho: conheci a Itália. Em um final de semana cuidadosamente planejado com amigos que fiz por lá, para não comprometer nenhuma atividade acadêmica, viajei a Roma. Caminhei mais de 20 quilômetros por dia, fazendo dos meus próprios passos a principal forma de conhecer o lugar. Meus grandes companheiros foram meus sapatos, tanto que, após dias de chuva intensa e longas caminhadas, um deles acabou rasgando, me obrigando a comprar outro. Esse detalhe, aparentemente simples, simboliza o quanto vivi Roma com o corpo inteiro: andando, sentindo, me perdendo e me encontrando novamente. Cada detalhe de Roma conta uma história, e eu vivi cada uma delas.

Visitei a Fontana di Trevi, o Coliseu, a Piazza di Spagna, o Panteão, o Fórum Romano, o Monte Palatino e a Igreja de Santo Inácio de Loyola. Também me permiti experimentar as culinárias locais, provando pizza, cornetto, gelato e tiramisù, sem pressa, aproveitando cada sabor como se fosse uma nova descoberta.

Figura 3: Fotografia tirada em frente ao Coliseu, Roma, Itália.



Fonte: elaboração própria.

No dia seguinte, tive a oportunidade de visitar o Vaticano. Atravessei a Porta Santa, que, por se tratar do Ano do Jubileu, estava aberta. Para mim, como católica, essa experiência teve um significado profundo e

simbólico, uma vivência espiritual que reforçou o sentido de renovação e fé. Senti que esse momento foi mais do que uma simples visita, foi um símbolo de acolhimento e reflexão que, com muita fé, sinto que retornarei para vivenciar novamente daqui a 25 anos, de forma ordinária, quando a Porta se abrirá novamente.

A entrada na Basílica de São Pedro, a visita ao Museu do Vaticano e, sobretudo, a contemplação do teto da Capela Sistina configuraram momentos quase surreais. A vivência direta diante daquela obra despertou reflexões profundas sobre arte, cultura e direitos, evidenciando como experiências culturais intensas são capazes de provocar inquietações intelectuais. Dessas reflexões nasceu, inclusive, um artigo científico voltado à temática dos direitos culturais, posteriormente submetido e apresentado nos Encontros Científicos da UNIFOR. A experiência demonstrou, de forma concreta, como o contato com diferentes expressões culturais no exterior pode se converter diretamente em produção acadêmica qualificada, ampliando horizontes e incentivando a busca constante por conhecimento.

Figura 5: Fotografia com a amiga Teresa. Apresentação nos Encontros Científicos da UNIFOR, com temática desenvolvida a partir da experiência vivida na Capela Sistina, no Vaticano.



Fonte: elaboração própria.

Essas experiências, somadas, permitiram compreender que a mobilidade internacional vai muito além do currículo acadêmico. Ela

prepara para o mundo, para a diversidade, para o diálogo intercultural e para os desafios profissionais e humanos que transcendem fronteiras. Ao todo, tive a oportunidade de conhecer cinco países - Estados Unidos, Espanha, Itália, Vaticano e Portugal - ainda durante a graduação, algo que, em outro momento da minha vida, eu jamais imaginei ser possível.

Atualmente no sétimo semestre da graduação, caminhando para o oitavo e com aproximadamente um ano e meio da graduação ainda pela frente, me sinto realizada, grata e convicta das escolhas que tenho feito diariamente. As experiências de mobilidade internacional vivenciadas ao longo da graduação não apenas ampliaram minha formação acadêmica e cultural, mas também fortaleceram, de forma profunda, a confiança nas minhas próprias capacidades. Elas me fizeram perceber que sou capaz de ir além, de ocupar espaços e de construir caminhos que antes pareciam distantes.

Desde então, tenho sido procurada por colegas e estudantes interessados em compreender esses processos e buscar oportunidades semelhantes. Compartilhar experiências, orientar e incentivar se tornou natural, assim como fui amparada por professores, amigos e pela própria instituição ao longo da minha trajetória. A gentileza, o incentivo e a confiança que recebi despertaram em mim o compromisso de retribuir, pois a vida acadêmica, assim como a vida em sociedade, se constrói de forma coletiva, por meio de apoio, colaboração e troca.

Concluo este relato com a certeza de que o estudo abre portas e de que a Universidade desempenha um papel fundamental nesse processo. À UNIFOR, minha mais sincera gratidão. Meus sonhos, após essa viagem, voltaram renovados, mais vivos e ainda mais bonitos.

Centro de Ciências da Saúde - CCS



MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL NO MESTRADO EM ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIFICAÇÃO DO CUIDADO

Suzane Passos de Vasconcelos

Karla Maria Carneiro Rolim

Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem

Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior tem se destacado, nas últimas décadas, como um caminho estratégico para o avanço científico, a inovação tecnológica e a formação crítica de profissionais aptos a atuar em múltiplos contextos globais (Teixeira *et al.*, 2023; OCDE, 2023). No âmbito dos cursos da saúde, particularmente na Enfermagem, a mobilidade acadêmica viabiliza experiências de intercâmbio que vão além do simples deslocamento territorial, promovendo processos formativos de alta complexidade, nos quais valores, saberes e práticas são constantemente analisados e reconstruídos segundo demandas internacionais, culturais e institucionais. Esse movimento de expansão atende tanto às exigências das novas diretrizes curriculares quanto à crescente necessidade de integração entre pesquisa, ensino e assistência em saúde.

No Brasil, políticas de incentivo à mobilidade internacional ganharam fôlego com programas regimentados por agências como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além das cooperações institucionais celebradas entre universidades nacionais e estrangeiras. Esse processo produz impactos importantes na qualificação de discentes e docentes, expandindo horizontes ao permitir o contato com sistemas educacionais distintos e modelos inovadores de cuidado em saúde (Azevedo; Silva, 2022; Bambrilla *et al.*, 2021). Levantamentos

recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) apontam um crescimento gradual, mas ainda tímido, da presença de estudantes brasileiros em experiências internacionais, o que reforça o valor de iniciativas institucionais que viabilizem e divulguem essas trajetórias exitosas.

No campo da Enfermagem, a mobilidade internacional propicia ao estudante e ao profissional a vivência de metodologias ativas de ensino, de tecnologias de cuidado, de estratégias de humanização e de um amplo repertório de práticas interprofissionais, representando não apenas um diferencial acadêmico, mas também um mecanismo de empoderamento e transformação social (Lima; Sampaio, 2022; Luce *et al.*, 2016). Além disso, a imersão em contextos estrangeiros estimula o desenvolvimento de competências em comunicação intercultural, resiliência, adaptabilidade e pensamento crítico, habilidades consideradas fundamentais para a atuação qualificada em cenários de alta complexidade, como os serviços de saúde globais. Ressalta-se que os desafios inerentes à mobilidade vão além das questões técnicas, em realidade, envolvem barreiras linguísticas, processuais, emocionais e culturais, exigindo apoio institucional, preparação prévia e engajamento ativo dos participantes para que as trocas sejam fecundas (Ramos; Velho, 2011; Carvalho, 2016).

Nessas experiências, os relatos e registros de vivências pessoais se transformam em um valioso subsídio para a reflexão coletiva sobre os rumos da formação em Enfermagem e sobre o papel dos profissionais de saúde em sociedades em transformação. Diante desse cenário, o presente capítulo objetiva relatar e analisar a experiência de mobilidade acadêmica vivenciada durante o Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem (MPTIE), da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), realizada junto à *Université de Rouen*, em Normandia, na França. O foco recai sobre as oportunidades de aprendizagem técnico-científica, cultural e humana, sobre os desafios enfrentados e sobre as contribuições do intercâmbio para o aprimoramento do cuidado, inspirando profissionais e gestores sobre a importância da internacionalização na formação superior em saúde no Brasil.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O relato tem como base o estágio acadêmico vivenciado entre novembro de 2019 e janeiro de 2020, resultado da parceria entre o Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem (MPTIE), da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e a *Université de Rouen*, em Normandia, na França, com apoio do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O objetivo principal foi o desenvolvimento de competências relacionadas ao cuidado em Enfermagem Pediátrica, a partir da imersão em contextos teóricos e práticos de instituições reconhecidas internacionalmente pelo protagonismo na assistência e formação em saúde. A preparação para a mobilidade englobou processos institucionais, seleção acadêmica, planejamento logístico e, sobretudo, reorganização emocional frente à perspectiva de viver intensamente em outra cultura, experimentar um novo idioma e lidar com incertezas próprias do deslocamento internacional.

O desembarque em *Rouen* coincidiu com o início do inverno europeu, impondo desafios pessoais como adaptação ao clima, alimentação e rotina. A recepção pelas equipes da *Université de Rouen* e da Escola de Formação de Profissionais de Saúde da Normandia – *Institut de Formation des Professionnels de Santé de Normandie* (IFSI) foi decisiva para a integração. Desde os primeiros dias, o contato com colegas e professores franceses, bem como os encontros entre estudantes estrangeiros, promoveu trocas culturais e a compreensão da complexidade do cotidiano acadêmico na França.

As primeiras semanas foram marcadas por etapas de adaptação ao idioma, ajuste ao fuso horário, roteirização dos trajetos diários e contato com os espaços de formação teórica e laboratorial. A sensação de estranhamento inicial rapidamente deu lugar ao desejo de protagonizar ativamente o intercâmbio, absorvendo conhecimentos e vivências.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Durante as duas primeiras semanas, as atividades estiveram concentradas no âmbito da Escola de Formação de Profissionais de Saúde da Normandia. O cronograma contemplou participação em aulas teóricas voltadas à promoção da saúde, prática laboratorial, oficinas de procedimentos, ensino de avaliação e cuidados específicos em Enfermagem. Temas como procedimentos de enfermagem, semiologia, cuidados com estomias e manejo da dor foram aprofundados, aliando teoria e prática em ambientes simulados.

O convívio cotidiano com os estudantes da escola de formação possibilitou as trocas entre saberes, a aproximação de realidades distintas e a compreensão sobre as diferenças na formação profissional de Enfermagem no Brasil e na França. A participação nas avaliações práticas e o acompanhamento das matrizes curriculares ilustraram não apenas a dimensão técnica da formação, mas também a preocupação em humanizar o cuidado e preparar o estudante para a atuação em contextos de vulnerabilidade social (Azevedo; Silva, 2022).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO COMPLEXO HOSPITALAR UNIVERSITÁRIO DE ROUEN – PAVILHÃO DE PEDIATRIA

A etapa seguinte do estágio foi realizada no Complexo Hospitalar Universitário de Rouen – *Complexe Hospitalier Universitaire de Rouen (CHU-ROUEN)*, mais especificamente no Pavilhão de Pediatria, durante quatro semanas intensas de vivências práticas. O estágio foi cuidadosamente planejado e dividido em setores, com o objetivo de proporcionar um contato multifacetado com a assistência pediátrica francesa. Na primeira semana, a experiência concentrou-se no Serviço de Urgência Pediátrica. O foco principal foi conhecer a dinâmica do atendimento, desde a triagem inicial das crianças até o acolhimento aos

familiares, e os principais protocolos de avaliação e manejo da dor. Uma especial atenção foi dada à implementação de métodos farmacológicos e não farmacológicos para atenuação do sofrimento infantil relacionado à dor, aspecto valorizado pela equipe local e diferenciado em relação à rotina observada no Brasil.

Por sua vez, na segunda semana, o estágio ocorreu na Cirurgia Pediátrica e no Hospital-Dia, permitindo o acompanhamento de cirurgias ambulatoriais, as internações breves e a análise do papel do enfermeiro na transição entre ambientes hospitalares e domiciliares. Esse contato reforçou a importância do cuidado integral e do trabalho interdisciplinar para a recuperação da criança. Nos dias subsequentes, o setor de Reanimação Cirúrgica Pediátrica foi o cenário para aprofundamento em cuidados críticos. O manejo de situações complexas, o monitoramento em tempo real de pacientes graves e a interação com uma equipe multiprofissional de alta competência marcaram o período, destacando competências técnicas e habilidades de comunicação sensíveis ao contexto francês.

Por fim, as últimas duas semanas foram dedicadas à Clínica Médica Pediátrica, setor que concentrou as atividades práticas mais prolongadas junto aos profissionais franceses. Foi possível acompanhar rotinas de amamentação durante internações, orientações a familiares e comparações entre insumos, materiais e protocolos utilizados. Esse percurso foi fundamental para reconhecer semelhanças e diferenças em relação ao cuidado hospitalar realizado no Brasil, possibilitando reflexões sobre avanços necessários no contexto nacional.

DESAFIOS ENFRENTADOS: BARREIRAS E APRENDIZAGENS

A vivência cotidiana na mobilidade internacional impôs desafios diversos, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. A barreira linguística, sobretudo nos momentos iniciais, representou fonte de tensão e incerteza. Além disso, a dificuldade em compreender expressões e nuances culturais exigiu empenho, flexibilidade e, principalmente, humildade para

aprender com erros e limitações. Gradualmente, a imersão linguística contribuiu para o aperfeiçoamento do francês, ampliando a compreensão não só das práticas assistenciais, mas também do contexto de vida dos pacientes e profissionais locais.

Outro aspecto marcante foi o enfrentamento das diferenças institucionais e de recursos. Certos medicamentos, materiais e tecnologias disponíveis em *Rouen* ainda não fazem parte do cotidiano das unidades de saúde brasileiras, o que demandou uma capacidade de adaptação e um novo olhar para processos de cuidado. Essas comparações estimularam o raciocínio crítico e o reconhecimento de potencialidades e fragilidades de cada sistema, além disso, o contexto social e emocional também se constituiu como desafio relevante. Observou-se que a ausência familiar, a saudade do ambiente de origem, o frio intenso do inverno europeu e os hábitos alimentares distintos demandaram resiliência e estratégias para manter o bem-estar. Destacou-se, no entanto, o papel acolhedor das equipes francesas e o apoio mútuo entre colegas estrangeiros, fundamentais para o sucesso da vivência.

REFLEXÕES INTERCULTURAIS E IMPACTOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A soma das experiências, desafios e superações promoveu amadurecimento profissional e pessoal, ao passo que o aprendizado sobre o cuidado centrado na criança e na família ampliou novas perspectivas para a atuação no Brasil. Nesse contexto, o estímulo à autonomia do enfermeiro, a valorização do trabalho em equipe e o respeito à diversidade cultural fortaleceram a convicção sobre o papel transformador da Enfermagem.

Dessa forma, a convivência com profissionais de diferentes nacionalidades expandiu a percepção sobre o alcance dos saberes e fazeres em saúde. O diálogo e a troca científica em um ambiente internacional demonstraram que, apesar das diferenças contextuais, a ética, a empatia, a comunicação efetiva e a ciência são pilares universais do cuidado. Ao

retornar para o Brasil, as lições aprendidas se converteram em práticas de ensino, pesquisa e assistência renovadas. A mobilidade acadêmica se revelou, assim, como um vetor de inovação, estimulando a busca constante por qualificação, a pesquisa baseada em evidências e as ações colaborativas no âmbito global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade acadêmica internacional, vivenciada no âmbito do Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem (MPTIE) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), representou uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional. O contato com diferentes modelos de assistência, processos educativos inovadores e realidades institucionais ampliou não apenas as competências técnicas, mas também o olhar crítico-sensível diante dos desafios do cuidado em saúde.

Observou-se que a experiência em *Rouen* possibilitou trocas fundamentais para a compreensão do cuidado integral à criança e à família, da integração de práticas humanizadas e do fortalecimento da autonomia da Enfermagem enquanto área de conhecimento científico e socialmente relevante. Desse modo, o enfrentamento de obstáculos linguísticos, emocionais, culturais e institucionais exigiu resiliência, flexibilidade e capacidade de adaptação, ressaltando o valor da colaboração, da humildade e da empatia no processo formativo.

Ademais, destaca-se o papel estratégico das parcerias internacionais e dos programas institucionais de incentivo à mobilidade. Em síntese, eles potencializam o desenvolvimento de habilidades globais, ampliam a rede de colaboração científica e fomentam o protagonismo dos profissionais de saúde no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Diante das experiências vividas, recomenda-se que estudantes e profissionais busquem ativamente oportunidades de internacionalização, pois elas contribuem, de modo singular, para a construção de trajetórias inovadoras, éticas e transformadoras na Enfermagem. Assim, a mobilidade

acadêmica não se encerra no retorno ao país de origem, mas segue reverberando nas práticas cotidianas, inspirando pesquisa, ensino, assistência e liderança em prol de sistemas de saúde mais equânimes e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. S.; SILVA, D. F. Internacionalização do ensino em Saúde: reflexões e desafios. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 46, n. 3, 2022.

BAMBRILLA, F. J.; LIMA, T. A.; SOUSA, M. M. Mobilidade acadêmica e formação em Enfermagem: impactos e perspectivas. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 12, n. 5, 2021.

CARVALHO, A. Mobilidade acadêmica internacional: uma experiência na graduação. Rio de Janeiro: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – Campus Realengo, 2016.

CAVALCANTE, B. L. L.; LIMA, U. T. S. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing and Health*, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 94–103, 2012. DOI: <https://doi.org/10.15210/jonah.v2i1.3447>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/3447>. Acesso em: 2 mar. 2026.

HÔPITAL CHARLES-NICOLLE. Centre Hospitalier Universitaire de Rouen. Rouen: CHU Rouen, 2019. Disponível em: <https://www.chu-rouen.fr/hopital/hopital-charles-nicolle-rouen/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

LIMA, M. M.; SAMPAIO, H. P. Internacionalização curricular e formação crítica em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 75, n. 2, 2022.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; GONZÁLEZ, M. O. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP,

v. 21, n. 2, p. 317–339, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000200317. Acesso em: 2 mar. 2026.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Education at a Glance 2023: OECD Indicators. Paris: OECD Publishing, 2023.

RAMOS, M. Y.; VELHO, L. Formação de doutores no Brasil e no exterior: impactos na propensão a migrar. Educação & Sociedade, Campinas, v. 32, n. 117, p. 933–951, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a03.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2026.

TEIXEIRA, J. M. *et al.* Mobilidade acadêmica internacional: cenários e tendências no Brasil pós-pandemia. Cadernos de Educação, Pelotas, n. 65, 2023.

UNESCO. Global Flow of Tertiary-Level Students. Montreal: UNESCO Institute for Statistics, 2015. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/uis-student-flow>. Acesso em: 2 mar. 2026.

EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE INTERNACIONAL NA FORMAÇÃO MÉDICA: UM RELATO A PARTIR DO INTERCÂMBIO EM LISBOA

Ana Emília Souza de Holanda Vieira

*Curso Medicina
Universidade de Fortaleza*

Eu sou Ana Emília, graduada em Medicina em maio de 2023 e egressa da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Minha trajetória acadêmica sempre esteve profundamente conectada à internacionalização do ensino superior, assim, muito antes da realização formal do intercâmbio acadêmico, eu já sabia que teria experiências internacionais. Antes de ingressar na faculdade, iniciei como tradutora de um grupo de médicos norte-americanos em comunidades carentes de Fortaleza, no Ceará, e, logo após ser aprovada na faculdade, participei ativamente, por cinco anos consecutivos, de iniciativas institucionais voltadas à mobilidade internacional, como o *Buddy Program*, um programa voluntário criado pela UNIFOR que promove a integração de estudantes estrangeiros à comunidade acadêmica local. A iniciativa consiste na “adoção” de alunos intercambistas por estudantes da universidade, com o objetivo de facilitar sua adaptação acadêmica, cultural e social, oferecendo suporte relacionado à vida no campus e à cidade de Fortaleza.

Minha participação no programa teve início em 2018, quando acompanhei e “adotei” duas estudantes colombianas do curso de Administração. Ambas se chamavam Daniela, extremamente adoráveis e responsáveis por me manter em contato com seu idioma nativo, o espanhol, enquanto eu as ensinava português, como forma de otimizar a estadia e os estudos. Nem é preciso afirmar que essa experiência contribuiu para o aprimoramento do meu espanhol e, de forma indireta, do inglês,

por também ter outros estudantes de outras nacionalidades que utilizavam o inglês como idioma para comunicação. Além disso, foi possível ampliar minha rede de contatos com outros estudantes brasileiros e de outros cursos, muitos dos quais se tornaram amizades duradouras, com quem sigo, até hoje, compartilhando momentos especiais.

No semestre seguinte, acompanhei de perto a estudante austríaca, que também se chamava Anna. Essa experiência foi particularmente marcante, pois, além do suporte acadêmico e da adaptação à cidade, pude promover trocas culturais mais profundas. Tive a oportunidade de apresentar a ela aspectos da cultura cearense e integrá-la à minha vivência pessoal, inclusive durante uma visita à minha cidade natal, Iguatu, localizada no Centro-Sul do Ceará, no período natalino, quando mostrei a ela como normalmente acontece a época festiva no Brasil. Nossa relação extrapolou o contexto universitário e consolidou-se como uma amizade verdadeira, permitindo também o contato com membros de sua família, como sua irmã gêmea, Sophie, e sua irmã caçula, Kath, que vieram ao Brasil no mesmo período. Na ocasião, pude levá-las às mais belas praias do estado e mostrar-lhes um pouco da nossa cultura, como o Centro de Rendeiras do Estado do Ceará, em Aquiraz.

Assim, nosso vínculo se estendeu para além do período do seu intercâmbio. Posteriormente, nosso reencontro ocorreu durante a minha experiência de mobilidade internacional em Portugal, no ano de 2023.

Figura 1 – Emiliana (minha mãe, à esquerda), Ana Emília, a senhora rendeira, Sophie, Anna e Kath, 2019.



Fonte: autoria própria.

Figura 2 – Emiliana (minha mãe, à esquerda), Ana Emília, Anna, Sophie e Kath, 2019.



Fonte: autoria própria.

Em 2022, com a recepção, pela primeira vez, de intercambistas do curso de Medicina, conheci as estudantes portuguesas Bia e Diana, que estavam no mesmo semestre que eu e, por coincidência, estavam nos rodízios do internato – como chamamos as disciplinas. Ambas eram graduandas da Universidade NOVA de Lisboa, participando do primeiro convênio entre as faculdades de Medicina de Fortaleza e Lisboa, e permaneceram na UNIFOR por seis meses como intercambistas.

A convivência acadêmica e pessoal estabelecida nesse período fortaleceu laços que se mantiveram ao longo do tempo e despertou em mim a vontade de realizar um estágio eletivo em outro país, com a possibilidade de conhecer uma nova realidade e, claro, integrar a profissão que tanto almejei. Talvez, a convivência contínua com estudantes estrangeiros durante a graduação consolidou, de forma progressiva, meu interesse pela mobilidade internacional, não apenas como experiência cultural, mas também como ferramenta de formação acadêmica e profissional. Como exemplos, podem ser citados o meu contato com os médicos norte-americanos ou quando tive como *buddies* os estudantes da Colômbia, Áustria, Coréia do Sul, França, Suíça e Alemanha, ao longo dos anos e semestres. Desse modo, o contato com diferentes realidades, idiomas e perspectivas sobre a vida desencandeou em mim a imensa vontade de conhecer o novo, além do desejo de vivenciar, de forma direta, a prática médica em um sistema de ensino e assistência à saúde fora do Brasil.

Nessa perspectiva, a formalização do convênio entre a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e as instituições de ensino em Portugal representou uma oportunidade concreta de transformar uma trajetória já marcada pela internacionalização em uma experiência acadêmica mais estruturada. No ano seguinte, em março de 2023, estava embarcando em meu próprio intercâmbio acadêmico, na mesma universidade de origem das estudantes portuguesas, isto é, *NOVA Medical School* – Universidade NOVA de Lisboa, inserindo-me em um ambiente de formação reconhecido internacionalmente. O estágio ocorreu durante os meses de março e abril, período correspondente ao meu estágio prático eletivo, o que permitiu conciliar as exigências curriculares do internato com a realização da experiência internacional.

Cheguei a Lisboa com a proposta de realizar estágios práticos em Ginecologia e Obstetrícia, sendo alocada na Maternidade Alfredo da Costa (MAC) – MHM, uma maternidade pública de grande relevância histórica e científica em Portugal, fundada em 1932 e reconhecida pela qualidade da assistência prestada e pela formação de profissionais na área materno-infantil. Durante o período do intercâmbio, pude acompanhar a rotina dos serviços, vivenciando um modelo de atenção à saúde que se mostrou, ao mesmo tempo, similar e distinto do brasileiro, tanto no que se refere à organização do sistema quanto às práticas assistenciais. Destacam-se aspectos positivos, como a disponibilidade de recursos tecnológicos e medicamentos no âmbito da rede pública. Ademais, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) apresenta semelhanças com o Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente no que diz respeito aos princípios de acesso universal, embora, diferentemente do sistema brasileiro, alguns serviços e medicamentos possam estar sujeitos a taxas de baixo custo. Ainda assim, a MAC, enquanto maternidade pública, apresenta um padrão elevado de funcionamento, sem carência de insumos, oferecendo assistência de excelência às gestantes e puérperas, pautada em protocolos atualizados e em uma atuação profissional qualificada. Como reflexão crítica, a

experiência possibilitou observar práticas que suscitam comparação com a realidade brasileira, reforçando a importância da análise contínua e contextualizada dos avanços e desafios presentes na obstetrícia em diferentes sistemas de saúde.

Paralelamente às atividades desenvolvidas na maternidade pública, tive a oportunidade de acompanhar a prática clínica da Dra. Carla Leitão, médica ginecologista atuante na Clínica CUF Belém, em Lisboa. Nesse cenário, pude observar cirurgias ginecológicas de alta complexidade, o que nunca havia visto quando fiz parte de ginecologia enquanto estava em Fortaleza, e procedimentos robóticos, integrados com outras áreas cirúrgicas e voltados ao tratamento da endometriose, o que representou meu primeiro contato com a cirurgia robótica. Essa vivência ampliou minha percepção sobre as possibilidades tecnológicas aplicadas à ginecologia moderna e despertou reflexões importantes acerca da incorporação de novas tecnologias na prática médica.

A experiência de mobilidade internacional, portanto, contribuiu de forma decisiva para o meu amadurecimento acadêmico e profissional, especialmente em virtude de ter observado a prática médica a partir de uma perspectiva comparativa e crítica. Assim, estar inserida em um sistema de saúde diferente do brasileiro favoreceu reflexões sobre organização dos serviços, tomada de decisões clínicas e abordagens assistenciais, o que desenvolveu minha compreensão sobre a complexidade da prática médica em contextos distintos. Nesse sentido, o contato cotidiano com a ginecologia e a obstetrícia em um cenário internacional reforçou a importância de compreender a Medicina como uma prática dinâmica, influenciada por fatores culturais, institucionais e históricos. A vivência, mais do que identificar diferenças técnicas, estimulou a capacidade de questionar, analisar e contextualizar condutas, de modo que não existe um único modelo ideal, mas, sim, práticas que precisam ser constantemente avaliadas à luz de evidências científicas, recursos disponíveis e necessidades das pacientes.

É importante destacar que a aproximação com procedimentos cirúrgicos de maior complexidade e com o uso de tecnologias avançadas representou um ponto de inflexão na minha formação. A observação de cirurgias minimamente invasivas e o primeiro contato com a cirurgia robótica reforçaram minha visão sobre as possibilidades terapêuticas atuais, empreendendo um interesse mais aprofundado pela incorporação consciente da tecnologia na prática médica. Desse modo, consolidei uma postura profissional mais atenta à inovação, sem perder de vista a centralidade do cuidado humano.

A experiência em Lisboa, além do ambiente acadêmico e assistencial, proporcionou uma imersão em um contexto urbano e cultural que impactou significativamente minha vivência pessoal. A qualidade de vida observada na cidade, aliada à eficiência do transporte público, à facilidade de deslocamento e às condições adequadas de moradia – mesmo residindo em uma residência estudantil vinculada à universidade – contribuiu para uma rotina mais equilibrada e favorável ao bem-estar. No cotidiano, também foi possível apreciar a qualidade da culinária portuguesa, reconhecida por sua diversidade e riqueza cultural, aspectos que influenciaram positivamente a experiência de permanência no país.

Além disso, a possibilidade de conhecer locais de grande relevância histórica, cultural e espiritual ampliou o caráter formativo da mobilidade internacional. Destaca-se, nesse contexto, a visita ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, experiência particularmente importante por sua dimensão pessoal e simbólica, que reforçou a compreensão da internacionalização como um processo que integra formação acadêmica, crescimento humano e espiritual. A facilidade de locomoção dentro da cidade e entre diferentes regiões do país favoreceu essas vivências, ampliando o contato com a cultura local e fortalecendo o sentimento de integração ao cotidiano lisboeta.

O intercâmbio consolidou, assim, um processo de aprendizado que ultrapassou fronteiras geográficas e institucionais, tornando a internacionalização uma ferramenta transformadora na formação médica.

O contato com um sistema de saúde distinto expandiu a capacidade de reflexão crítica, estimulando o questionamento de práticas, valores e modelos assistenciais, bem como contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade profissional mais consciente, ética e sensível às diferenças culturais. Esse percurso também favoreceu o desenvolvimento de competências essenciais à formação médica contemporânea, como autonomia, adaptabilidade, pensamento crítico e sensibilidade intercultural.

Nesse contexto, a experiência internacional influenciou diretamente minhas perspectivas de futuro profissional. Atualmente, meu plano é exercer a Medicina nos Estados Unidos, encontrando-me em processo de preparação e transição para essa nova etapa. A vivência prévia em contextos internacionais, aliada às competências interculturais desenvolvidas ao longo da graduação e do intercâmbio, tem sido fundamental para sustentar essa escolha e orientar minhas decisões profissionais.

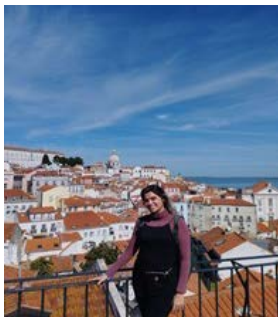
Dessa forma, a internacionalização solidificou-se como um componente estruturante do meu projeto de vida e de carreira. Ao refletir sobre o futuro, levo comigo a convicção de que a prática médica deve estar alinhada à aprendizagem contínua, à reflexão crítica e à adaptação a diferentes contextos socioculturais. Portanto, a experiência de mobilidade internacional reafirmou meu compromisso com uma medicina humanizada, tecnicamente sólida e conectada com as transformações do cenário global.

Figura 3 – Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, 2023.



Fonte: autoria própria.

Figura 4 – Ana Emília em Baixa-Chiado, Lisboa, 2023.



Fonte: autoria própria.

Figura 5 – Gabriella, Bia, Diana e Ana, Emília, Lisboa, 2023.



Fonte: autoria própria.

ENTRE CONTINENTES E VÍNCULOS: O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

Alicia Rodrigues Moreira
Bárbara Jéssyca Magalhães
Curso Psicologia
Universidade de Fortaleza

“Se você pode sonhar, você pode realizar”
(Walt Disney).

Quando eu escutei essa frase pela primeira vez, ainda criança, não conseguia compreender o peso que ela carregava. Naquela época, meus sonhos pareciam limitados pelas condições financeiras e pela incerteza que a vida proporcionava. Apesar disso, meus pais protegiam os meus sonhos. Aos dois anos de idade, enfrentei meu primeiro grande teste de sobrevivência: um episódio de convulsão severa que me deixou dezenove minutos inconsciente. Mais tarde, a partir das memórias de meus pais, compreendi o desespero daquele momento, em que meu pai precisou realizar manobras de respiração boca a boca e reanimação cardiopulmonar em mim, até chegar ao hospital.

A sentença médica foi dura. O tempo prolongado de inconsciência sugeria possíveis danos neurológicos permanentes e a necessidade de uso contínuo de medicação anticonvulsivante pelo resto da vida. No entanto, o que a Medicina previu como uma limitação crônica, acabou se convertendo em resiliência. Assim, utilizei os medicamentos por apenas trinta dias e, contrariando o prognóstico inicial, não precisei mais deles. Essa experiência precoce de superação plantou em mim a semente da

flexibilidade psicológica e aprendi, desde a infância, que diagnósticos e circunstâncias difíceis não determinam o seu destino.

Para honrar a menina que, aos dois anos, decidiu que a vida seria muito maior do que qualquer limitação clínica, planejei um intercâmbio para estudar Psicologia em Portugal, por intermédio da minha universidade de origem, Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Dessa forma, em setembro de 2023, uma semana antes do início das aulas, desembarquei em Lisboa para iniciar minha jornada em uma das melhores universidades do país, onde realizaria um semestre acadêmico de seis meses, cursando quatro disciplinas da área, pronta para transformar o sonho em realidade.

A experiência começou em uma moradia temporária com conhecidas da UNIFOR, um arranjo inicial enquanto buscávamos um local definitivo. No entanto, o convívio logo revelou que nossas afinidades e ritmos eram diferentes. Aos poucos, senti um distanciamento gradual que me fez experimentar, pela primeira vez, uma sensação de solidão em solo estrangeiro.

A Psicologia aponta que o processo de imigração estudantil envolve estressores que podem levar ao sofrimento psíquico, principalmente quando o estudante enfrenta o isolamento social e a falta de uma rede de suporte sólida no país de destino. Eu estava vivenciando aquilo que os teóricos descrevem como o impacto da internacionalização na saúde mental: a distância da rede original (Brasil), somada à fragilidade dos novos vínculos, gerou em mim um estado de vulnerabilidade emocional (Silva-Ferreira *et al.*, 2019).

Diante desse cenário, precisei acionar minha capacidade de me ajustar emocionalmente. Em vez de me paralisar pelo desconforto ou pela culpa de não conseguir manter aquela convivência, compreendi que a experiência de intercâmbio exigia mudança (Hayes *et al.*, 2021). Aceitei que aquele ambiente inicial não era o lugar onde eu poderia crescer e decidi buscar uma nova moradia, longe desse convívio, mudando-me para uma residência universitária. Ao sair de uma bolha que me tornava invisível, permiti-me ser encontrada por novas pessoas e culturas, transformando a solidão em um solo fértil para amizades que eu levaria para a vida inteira.

O primeiro laço que criei veio por meio de um casal de brasileiros que também estava no intercâmbio. O acolhimento por parte deles foi imediato e, naquele momento, percebi que a dificuldade de integração anterior era apenas um desajuste de contexto e não definia minha capacidade de estabelecer vínculos com outras pessoas. A amizade que construí com a companheira desse casal proporcionou uma conexão profunda, uma vez que o intercâmbio possibilitou uma intimidade acelerada em razão da vivência compartilhada de vulnerabilidades em terras estrangeiras. Mesmo dois anos após o retorno ao Brasil, esse vínculo permanece vivo, provando que a mobilidade internacional é um berço de laços duradouros (Cimino; Cerniglia, 2025).

Além disso, percebi que a residência universitária oportunizou a vivência da interculturalidade. Formamos um pequeno grupo multicultural: eu, um colega angolano e uma colega síria. Enquanto o mundo assistia aos conflitos no Oriente Médio pela televisão, eu ouvia os relatos de uma amiga cujos pais ainda viviam sob risco constante na Síria. Essa experiência de escuta é o que a Psicologia define como escuta ativa. Então, as trocas cotidianas funcionaram como um suporte subjetivo essencial, transformando o intercâmbio em um espaço de encontros humanos profundos, onde a Psicologia deixava de ser teoria para se tornar prática na arte de acolher a história do outro (Castro *et al.*, 2022).

Nesse período, contei também com o suporte contínuo da minha família e do meu até então namorado, que estavam no Brasil. Essa presença virtual me ajudou a manter o senso de comunidade e continuidade com as pessoas do meu país de origem, o que me trouxe uma estabilidade emocional enquanto eu atravessava as incertezas desse período.

Quanto à minha vivência acadêmica, percebi um choque de modelos pedagógicos. Em Portugal, a estrutura do ensino superior (três anos de licenciatura e dois de mestrado) reflete-se em uma abordagem mais pragmática quando comparada ao modelo brasileiro. Dessa forma, observei diferenças importantes na organização curricular e nas ênfases formativas.

Enquanto, no Brasil, somos instigados desde cedo à articulação teórico-crítica e ao manejo clínico, o modelo luso mostrou-se mais direcionado ao campo organizacional e técnico, exigindo de mim um processo contínuo de adaptação a lógicas institucionais distintas.

Além disso, o sistema de avaliação do ensino superior de Portugal demandou um exercício contínuo de ajuste, em virtude da rigurosidade e do foco em métricas de acertos elevados. Nesse contexto, enfrentei o desafio de cursar uma disciplina cujo formato avaliativo não se alinhou à minha trajetória, resultando em uma nota aquém do esperado. A experiência inicial de frustração foi gradualmente ressignificada como parte do desenvolvimento de autonomia e flexibilidade acadêmica, visto que a adaptação a distintos sistemas educacionais exige aprender a lidar com o fracasso, com a diferença e com a imprevisibilidade, o que contribuiu para o fortalecimento da minha identidade profissional (Silva-Ferreira, 2019).

Após alguns meses, recebi a visita dos meus pais e do meu namorado. Ver meus pais em solo europeu representou a materialização de uma conquista geracional. Para eles, que saíram do interior do Ceará e construíram uma vida com poucos recursos, aquele momento representava a quebra de um ciclo de limitações. Assim, notar o brilho nos olhos deles ao pisarem em outro continente simbolizou que o intercâmbio era, além de um projeto individual, uma vitória da nossa família.

Viajamos juntos para a Espanha e a França e, sob as luzes de Paris, fui pedida em casamento. Ali, diante da Torre Eiffel, o “sim” que eu dei ao meu futuro marido carregava também o “sim” que meus pais deram à minha educação anos atrás. Para além de apenas uma estudante de Psicologia em viagem, eu era a concretização da esperança de dois cearenses que venceram a escassez. Paris transformou-se no cenário onde encontrei a recompensa do esforço familiar, provando que o destino é algo que construímos com coragem e apoio de quem amamos.

Ao olhar retrospectivamente para a experiência do intercâmbio, compreendo que essa aventura representou um importante processo

de amadurecimento subjetivo e profissional da minha formação em Psicologia. O afastamento do meu contexto habitual e a exposição a diferentes modelos acadêmicos, culturais e relacionais favoreceu o desenvolvimento de uma maior autonomia e uma maior capacidade de me organizar diante de desafios, que são competências essenciais para o exercício ético da profissão.

No entanto, o ganho mais surpreendente dessa jornada consistiu na possibilidade de reconhecer como minha formação de origem contribuiu para que eu lidasse com diferentes modelos de aprendizagem. Ao me inserir em um dos principais centros acadêmicos da Europa, pude compreender a profundidade teórico-crítica e a valorização da escuta clínica que caracterizam o ensino de Psicologia no Brasil.

Enquanto o modelo europeu me apresentou uma visão pragmática e organizacional de excelência, a base teórico-prática da minha formação ofereceu-me sustentação crítica para me constituir como uma pensadora da Psicologia. Essa experiência reafirmou que o ensino brasileiro em Psicologia não se encontra em posição de subalternidade em relação aos centros globais de produção de conhecimento. Ao contrário, sua capacidade de articular técnica, ética e compreensão do sujeito em sua complexidade possibilita um diferencial humano e profissional.

Nesse sentido, o intercâmbio me transformou em uma profissional mais preparada para lidar com mudanças e dificuldades. Aprendi que a Psicologia se constrói nas trocas interculturais, na escuta das narrativas de sofrimento de colegas de diferentes contextos geopolíticos e na coragem de reconstruir vínculos quando o cenário inicial se apresenta como hostil. Para estudantes de Psicologia, a mobilidade acadêmica é um convite ao amadurecimento e à formação de uma identidade profissional ética e sensível às desigualdades sociais, culturais e históricas do mundo contemporâneo.

Portanto, concluí esta jornada com a certeza de que a mobilidade internacional é um investimento na alma do estudante. Saí de Fortaleza

como uma aluna dedicada e retornei como uma cidadã do mundo, noiva e futura psicóloga, com um repertório humano expandido e uma gratidão pelo suporte formativo que tornou essa experiência possível. Como aprendi com minha própria história, do interior do Ceará às luzes de Paris não há limites quando temos uma base sólida para nos apoiar e o céu como único horizonte.

Figura 1 – Momentos do Intercâmbio.



Fonte: autoria própria.

Referências

SILVA-FERREIRA, A. V.; MARTINS-BORGES, L.; WILLECKE, T. G. Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, SP, v. 24, n. 3, p. 594–614, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>.

CASTRO, E. A.; DOS SANTOS, N. E.; KLAUSS, J. A prática da escuta ativa em momentos de angústia: relato de experiência em plantão psicológico. In: LIMA, A. S. *et al.* (org.). **Psicologia e saúde: pesquisa, aplicações e estudos interdisciplinares**. Guarujá: Editora Científica Digital, 2022. v. 1, cap. 4, p. 41-50. DOI: <https://doi.org/10.37885/220709398>.

CIMINO, S.; CERNIGLIA, L. Psychopathological Risk During Adolescent Study-Abroad: A Larger-Cohort Update of a Previous Longitudinal Study. **European Journal of Investigation in Health**,

Psychology and Education, [s.l.], v. 15, n. 10, p. 210, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/ejihpe15100210>.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. **Terapia de Aceitação e Compromisso**: o Processo e a prática da mudança consciente. Porto Alegre: Artmed, 2021.

SILVA-FERREIRA, A. V.; MARTINS-BORGES, L.; WILLECKE, T. G. Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, SP, v. 24, n. 3, p. 594-614, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>.

CARTAS À SALAMANCA, ESPANHA

Giovanna Walfredo de Carvalho Linhares

Curso Medicina

Universidade de Fortaleza

A autora convida-lhe a uma provocação: dada a oportunidade, você, leitor, gostaria de passar três semanas na Europa vivenciando um intercâmbio acadêmico, cultural e linguístico, estudando na instituição mais antiga e tradicional da Espanha, tudo enquanto experimenta uma imersão completa no idioma espanhol? E, se ainda por cima, fosse tudo pago, aceitaria?

Há dois anos, vi-me diante desse mesmo questionamento, ao receber, por meio da *newsletter* da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), o e-mail que anunciava a abertura das inscrições do Programa Santander Top España 2024. Minha resposta à pergunta foi “sim”.

Levei certo tempo para reconhecer a natureza ambiciosa daquele “sim”. Afinal, participar dessa seleção significava concorrer com toda a comunidade acadêmica da UNIFOR, visto que qualquer pessoa do campus poderia estar apta a candidatar-se às três vagas ofertadas. Contudo, após estudar a proposta do programa, não tive outra alternativa senão me inscrever no processo seletivo. Ali, um sonho começou a se instalar.

A primeira fase da seleção para o Programa Santander Top España consiste na submissão de documentos e certificações. Essas análises de cunho técnico, contudo, não se equiparam ao desafio de escrever uma boa Carta de Motivação, item também exigido nessa fase, conforme o edital.

A escrita da Carta de Motivação foi, sob minha perspectiva, um exercício de vulnerabilidade calculada. Exigia expor, de forma palatável, ao avaliador, minhas altas expectativas e reconhecer o quanto a oportunidade de realizar esse intercâmbio ressoava em nível pessoal. Por dias, senti-me

desafiada a tentar articular um desejo “íntimo” com a argumentação lógica que sustentava sua concretização. Tendo em vista essa intenção, para além das notas ou análises curriculares, precisei abordar aspectos da minha personalidade e da minha história, o que fugia bastante da minha zona de conforto. Ao mesmo tempo, estava preocupada em me posicionar como uma candidata diferenciada e como uma escolha pertinente de representante para a UNIFOR nessa iniciativa internacional.

Dois anos após minha seleção, tendo sido aprovada como aluna bolsista e vivido a experiência do intercâmbio em Salamanca, deparei-me com a divulgação das inscrições para a edição de 2026 e revisitei as lembranças do meu próprio processo seletivo. Acredito que o ganho pessoal de uma vivência é potencializado quando o olhar amadurecido se volta ao passado e extrai uma reflexão. Portanto, proponho estabelecer um diálogo entre minha Carta de Motivação e minhas percepções atuais do programa, unindo o que foi idealizado ao que, de fato, concretizou-se, por meio da análise de trechos selecionados da carta que escrevi como candidata do Santander Top España 2024.

Aproveito este momento para me apresentar ao leitor, resgatando a abertura da minha Carta de Motivação: “Me chamo Giovanna Walfredo de Carvalho Linhares, tenho 20 (vinte) anos e costumo me apresentar de diferentes formas. Sou palhaçoterapeuta, pesquisadora, artesã, apaixonada por música, leitora ávida e estou no 6º semestre de Medicina”. Considero essa apresentação um acerto, pois, conscientemente, optei por explorar, logo de início, aspectos que transbordam a minha graduação, deixando meu curso mencionado apenas ao final. Defendo fortemente a valorização da pessoa e de suas paixões para além da profissão e compreendo que essa dimensão a define como sujeito, bem mais do que sua ocupação profissional. Sigo alinhada a essa escolha de escrita e ainda hoje optaria por iniciar o texto dessa mesma maneira.

No parágrafo seguinte, escrevi sobre meu desejo de conhecer aquele país: “Tenho muito interesse em conhecer a Espanha e ter um

contato intensivo com essa nação que transborda cultura e arte vivas, amalgamadas das mais diversas influências, castelos, catedrais, cidades antigas que exalam riqueza histórica e arquitetônica”. Reconhecia, claro, a relevância da Espanha e sua influência no desenrolar da história e da cultura internacionais, noções superficiais adquiridas ainda na época da escola. Hoje, todavia, percebo que, antes da viagem, não alcançava a verdadeira dimensão do país. A impressão de grandeza, como já imaginava, sofreria influência do contraste entre os recursos econômicos da Espanha e os do Brasil, uma vez que essa discrepância se reflete na aparência do ambiente, bem como no comportamento das pessoas. Alegrou-me confirmar que a abundância espanhola atravessava os mesmos conceitos que mencionei na carta, relacionados à história, à arquitetura, à cultura. Há, igualmente, uma riqueza humana no país. Não considero exagero afirmar que percebi a grandiosidade da Espanha (e da experiência proporcionada por esse intercâmbio) logo nas primeiras horas após minha chegada.

Quando o voo decolou de Guarulhos, em nossa rota de Fortaleza para Madri, já era tarde da noite. Assim, entre uns tantos cochilos superficiais, quando o relógio marcou 00h no fuso horário brasileiro, meus amigos, e também intercambistas da UNIFOR, Geilson e Karla, levaram até minha poltrona um bolinho que haviam guardado do lanche servido a bordo. Um palito de mexer café foi utilizado como vela e, ali, de cinto afivelado e com a poltrona em posição vertical, comemorei com meus recém-feitos amigos. Meu primeiro dia na Espanha foi também o dia do meu aniversário, no dia 29 de junho de 2024.

Em estado de consciência flutuante, ainda atordoada pelo impacto de estar comemorando meu aniversário ao chegar à Espanha e também despertando do sono do longo voo, recebi, incrédula, as parabenizações e o “feliz aniversário” dos outros intercambistas, enquanto caminhávamos juntos pelo Aeroporto de Madri em direção à área de imigração. Diversos fatores contribuíam para meu estado de confusão diante da surrealidade daquele momento. Entre eles, tocava-me o fato de estar aniversariando

longe de casa e distante da minha família pela primeira vez, mas cercada por esses colegas que conhecia há tão pouco tempo e que já me celebravam com tanta gentileza. Alguns deles, inclusive, eu sequer havia tido tempo de conhecer devidamente e os reconhecia apenas pelo uniforme vermelho do grupo!

Enquanto caminhávamos, impressionavam-me as dimensões agigantadas daquele aeroporto, tão grande e luxuoso, que contava até com uma linha interna de metrô para permitir o deslocamento dos passageiros ao longo de toda a sua extensão. Tinha dificuldade em processar que aquilo realmente estava acontecendo e recordo de ter me perguntado se a grandiosidade do aeroporto, o primeiro lugar da Espanha que vi, seria compatível com o que encontraríamos ao sair de lá. A resposta foi uma grata surpresa.

Após os trâmites da imigração, nosso grupo de 80 (oitenta) intercambistas ainda tinha um último trecho a percorrer: a viagem de ônibus até Salamanca, Madri. O trânsito implacável, característico de uma grande metrópole, ficava para trás à medida que avançávamos pela estrada. Lembro-me de contemplar em silêncio as paisagens cada vez mais verdes e naturais daquele trajeto, enquanto grande parte do ônibus ainda dormia o sono pendente do voo. Nesse momento, observando a estrada e assimilando tudo o que havia acontecido nas últimas horas, finalmente me dei conta de que meu tão desejado intercâmbio estava se tornando realidade. Até então, mesmo quando já estava em território espanhol, sentia-me desconfiada, quase cética, com medo de que algo pudesse dar errado e de que meus planos se desfizessem. Por isso, considero que, somente no meio do nada da Espanha, entre uma cidade e outra, a ficha caiu. Passei, enfim, a acreditar no que estava acontecendo e senti-me, pela primeira vez, desde o início da viagem, plenamente feliz e relaxada, tanto que acabei adormecendo profundamente. Acordei apenas quando o sistema de som do ônibus anunciou nossa primeira parada para o café da manhã, em Ávila.

Do restaurante onde tomamos o café, avistavam-se as imponentes muralhas de Ávila. A refeição foi abundante, exatamente o que precisávamos após a longa viagem, e o lugar era mais sofisticado do que esperávamos. Sentei-me à mesa com alguns intercambistas cariocas e mineiros, nos divertimos tentando decifrar o espanhol acelerado dos garçons, que nenhum de nós conseguia compreender. Embora breve, a parada foi suficiente para despertar encanto de forma unânime. Da janela, contemplamos a paisagem serena da cidade, com as muralhas alvas se erguendo ao fundo e compondo uma paisagem imponente silenciosa. Revigorados, retomamos o caminho rumo ao nosso destino final: Salamanca.

Mais adiante, na carta, abordei o que aguçava meu interesse na cidade de Salamanca, especificamente: “Por sua vez, a ideia de conhecer a cidade de Salamanca me encanta não só por ela reunir costumes, festividades, música e gastronomia que refletem a identidade da região, mas também por ser um polo consagrado de educação e desenvolvimento intelectual”. Estava ansiosa para explorar a cidade, tanto que, mesmo exausta da viagem, fui passear a pé no mesmo dia em que cheguei.

Salamanca é, inquestionavelmente, uma cidade erguida com ordem e sustentada pelo orgulho de sua tradição. Preferia caminhar pelas ruas sem destino traçado a seguir um roteiro fixo de pontos turísticos, assim, a cada vez que explorava a cidade, tinha a sensação de fazer uma descoberta. As visitas ao *Huerto de Calixto y Melibea*, às catedrais velha e nova, à *Plaza de Anaya* e à *Casa de Las Conchas* eram como encontrar um refúgio, um esconderijo secreto.

Os quarteirões e as ruas se arranjam em elegante coerência e parecem zelar constantemente pelo pedestre, pois sempre desembocam em alguma construção suntuosa, em um parque convidativo ou em uma imponente catedral. O arenito amarelado dos tijolos, comuns a todas as edificações do centro histórico, alcança seu estado de graça quando atingido pelos feixes de luz solar, conferindo à cidade seu apelido de “Cidade Dourada”. Tenho

a impressão de que até o azul do céu se presta a fomentar a atmosfera quase irreal dessa cidade; tão plácido, sólido e irretocável, porém jamais entediante. Sentia que todos os dias poderia olhar para cima e cravar o exato mesmo tom azulado radioso, desanuviado, então assim o fazia.

Guardo com saudade cada aspecto de Salamanca que tive a oportunidade de vivenciar. Quase todos os dias eu passava pela *Plaza Mayor* para interagir com quem estivesse por ali, ouvir as apresentações musicais dos Tunas, comer tapas e conversar com meus amigos enquanto bebíamos *tinto de verano* ou tomávamos sorvete nas gelaterias da praça. Sentia-me viva ao observar o movimento dos transeuntes e, de alguma forma, parte daquele todo também. Valorizei a convivência naquele pequeno ecossistema brasileiro que nós, intercambistas, formávamos dentro do alojamento, mas também procurei me expor ao mundo, fora do Hernan Cortes. Dessa forma, buscava ativamente experiências que me incorporassem à cultura e ao cotidiano local como uma verdadeira salmantina, ao mesmo tempo em que as aproveitava sob o olhar curioso de uma estrangeira. Experimentei novos pratos da culinária local (inclusive a famosa *paella* espanhola), ouvi a rádio da cidade, observei atentamente os prédios, parques e construções, entrei em lojas, comércios, livrarias e museus, tudo o que me aproximava da intimidade de Salamanca. Não foi algo intuitivo me lançar tanto ao exterior e às novas amizades, dada minha personalidade mais reservada. Ainda assim, contrariar minha natureza introspectiva acabou sendo uma das melhores decisões que tomei durante a viagem.

Ainda prosseguindo na carta, escrevi: “Estudar na *Universidad de Salamanca*, a primeira da Espanha e que tanto moldou o desenvolvimento do país, seria adquirir formação de excelência em um centro de referência no ensino do idioma espanhol”. De fato, a qualidade da formação que recebi na *Universidad de Salamanca (USAL)* foi irretocável. Desde o teste de nível aplicado semanas antes da viagem, que permitiu a alocação dos estudantes em turmas compatíveis com seu domínio do idioma, até os

materiais didáticos, as aulas, os professores e o acolhimento institucional, tudo demonstrava cuidado e organização.

Era perceptível o entusiasmo do corpo docente em nos receber, e admiro especialmente a maneira com que a *USAL* conseguiu acolher um grupo tão numeroso com tanta leveza e competência. As aulas com os professores JuanMa e Andrea, de gramática e conversação, respectivamente, eram não apenas teoricamente proveitosas, mas também leves e divertidas. O aprendizado fluía naturalmente e favorecia a criação de vínculos com meus colegas, que, em grande parte, graças à convivência nas aulas, tornaram-se também meus amigos. Sou profundamente grata pela recepção que recebemos da *USAL* e da equipe do Santander e recordo cada membro da equipe que participou dessa experiência. Nunca havia tido sequer uma aula de espanhol antes do intercâmbio, mas, ao final dele, senti que havia adquirido uma base teórica sólida para dar continuidade, já no Brasil, ao estudo desse idioma tão apaixonante.

Concluí a carta com o seguinte trecho: “Reitero meu grande interesse no Programa Top España justamente por saber que ele promove uma oportunidade extraordinária de atrelar a imersão no idioma espanhol a uma vivência enriquecedora de intercâmbio nacional e internacional, proporcionando a troca de ideias, experiências e perspectivas culturais com estudantes estrangeiros e com os colegas brasileiros vindos de universidades de todo o Brasil”. A essa altura, o leitor já percebeu que muitas das expectativas contidas na minha Carta de Motivação se concretizaram. Essa não foi diferente, ainda bem! Além das valiosas oportunidades de imersão no idioma e na cultura estrangeira, pude conhecer pessoas do Brasil e de outras nacionalidades que, dificilmente, encontraria em qualquer outro contexto. Fiz amigos de São Paulo, do Amazonas, do Rio de Janeiro, do Distrito Federal, da Espanha, dos Estados Unidos, do México e da Guatemala, guardando comigo um pouco do que aprendi e vivi com cada um deles.

A sensação é de que esse intercâmbio multiplicou meu afeto e o espalhou por partes do mundo às quais eu não havia tido acesso. A meu ver, de pouco adiantaria vivenciar a cultura ou dominar o idioma espanhol se eu não saísse do país atravessada por vínculos mais viscerais, pois acredito que são eles que verdadeiramente nos movem e atribuem significado a tudo que se vive. Considero ter alcançado um dos objetivos mais importantes de uma vivência como essa: o humano, o afetivo. Aos meus amigos Geilson, Karla, Adria, Lua, Luryan, Lucas, Martin, Larissa, César, Paulo e a tantos outros que compartilharam trocas, alegrias, desafios e euforias, deixo meu carinhoso agradecimento pela companhia e pela amizade.

Chega ao fim minha Carta de Motivação e, com ela, encerro também a escrita deste texto. Ao revisitá-la depois de tanto tempo, observo que o exercício de memória se transformou, também, em uma nova carta. Uma carta construída não mais pela expectativa do que viria, mas pelo registro e celebração do que foi vivido, uma Carta de Memórias. Ao reler minhas próprias palavras e confrontá-las com as experiências que se seguiram, revigorei lembranças que desempenharam um papel formativo no meu caráter e na pessoa que sou hoje. Concluo que, de fato, concretizei muitas das expectativas expressas na carta original e tive a oportunidade de rememorar-las no presente, sob a influência de um olhar mais amadurecido e experiente, além de igualmente entusiasmado com cada aspecto dessa experiência. Assim, se a primeira carta foi escrita antes da viagem, esta segunda vem como um gesto de registro, de gratidão e de saudade, endereçada, inevitavelmente, à Salamanca.

Sou grata à Universidade de Fortaleza (UNIFOR), pelo amparo institucional que tornou possível minha participação no programa, à *Universidad de Salamanca (USAL)*, pela acolhida generosa e pela excelência acadêmica, à minha família, pelo apoio constante, e aos amigos, que compartilharam comigo essa jornada inesquecível. Cada um compôs, à sua maneira, o fenômeno que foi a minha trajetória no Santander Top España.

Admito que o registro dessas memórias em palavras foi um desafio. Diante de vivências tão extraordinárias, parecem dispositivos quase fúteis, obsoletos, diante da complexidade do que se vive e se sente. Por esse motivo, optei por me desafiar e por manter meu capítulo puramente escrito, sem o auxílio de imagens ou outros artifícios que auxiliassem a transmissão desse relato ao leitor. O uso das palavras possui nuances, sutilezas, dificuldades, o manejo é delicado, ainda assim, em virtude da importância do registro e da partilha, vale a pena tentar.

O IMPACTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DISCENTE DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MOBILIDADE ACADÊMICA NA FRANÇA

**Kiarelle Lourenço Penaforte
Karla Maria Carneiro Rolim
Adriani Zaluski Izoton**
*Curso Enfermagem
Universidade de Fortaleza*

A internacionalização do ensino superior, embora frequentemente compreendida como um fenômeno contemporâneo, remonta à Idade Média, período em que estudiosos transitavam entre importantes centros de produção do conhecimento, como a Universidade de Oxford e a Universidade de Paris, favorecendo a circulação de saberes e contribuindo para a consolidação das primeiras universidades europeias. Esse movimento adquiriu maior expressividade no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando acordos internacionais passaram a ser estabelecidos com vistas à reconstrução cultural, científica e econômica das nações (Vianna; Laranjeira, 2018).

No contexto contemporâneo, diante das exigências impostas pela globalização e pela intensificação das interações internacionais, as instituições de ensino superior têm buscado ampliar suas fronteiras acadêmicas por meio do fortalecimento de programas de cooperação e de intercâmbio, promovendo a mobilidade de estudantes e docentes e incentivando a produção científica colaborativa (Quiroga, 2020). Na área da saúde, os intercâmbios acadêmicos configuram-se como estratégias relevantes para a compreensão das realidades culturais, epidemiológicas e sociais de diferentes países, possibilitando o contato com distintos modelos de atenção e a incorporação de novas abordagens no cuidado aos pacientes

(Carvalho *et al.*, 2016). Tais experiências favorecem a ampliação do olhar crítico e reflexivo, essencial à formação de profissionais comprometidos com a integralidade da assistência.

No âmbito da Enfermagem, no qual a formação é orientada pelo desenvolvimento de competências que visam preparar profissionais protagonistas nos diversos cenários de atenção à saúde, a internacionalização assume papel estratégico. Ao proporcionar vivências interculturais, contribui para o desenvolvimento da consciência cultural, da empatia, da adaptabilidade e das habilidades comunicacionais, elementos fundamentais para a oferta de uma assistência qualificada e culturalmente sensível (Ximenes Neto *et al.*, 2020; Holtbrügge; Engelhard, 2016).

Ademais, destacam-se as Teorias de Enfermagem como fundamentos teóricos, essenciais para a tomada de decisões clínicas, para a organização do processo de trabalho e para a produção científica. Tais teorias, construídas a partir das experiências e reflexões de diferentes estudiosos, favorecem a compreensão das necessidades humanas de maneira integral, considerando o indivíduo em sua totalidade e inserido em determinado contexto sociocultural (Souza *et al.*, 2021).

Entre as principais teóricas da área, sobressai-se Madeleine Leininger, criadora da Teoria do Cuidado Transcultural, também denominada Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. Essa abordagem sustenta que fatores sociais, culturais e ambientais influenciam diretamente o processo saúde-doença, defendendo a necessidade de um cuidado culturalmente congruente (Leininger, 2000).

Nessa perspectiva, considerando a importância da compreensão da realidade sociocultural dos indivíduos para o planejamento de intervenções adequadas às suas necessidades, as experiências de mobilidade acadêmica internacional configuram-se como oportunidades privilegiadas para o contato com diferentes culturas, idiomas e tradições. Essas vivências enriquecem a formação do enfermeiro e qualifica o cuidado prestado à população (Leininger, 2000; Carvalho *et al.*, 2016).

Diante da relevância do compartilhamento de saberes e da necessidade de fortalecimento da escrita científica por meio de experiências diversificadas, o presente trabalho justifica-se por apresentar uma nova perspectiva acerca do processo de internacionalização na formação em Enfermagem. Sua contribuição reside não apenas na ampliação do conhecimento internacional, mas também na aproximação entre a graduação e o mestrado profissional.

Assim, o objetivo consiste em relatar a experiência de mobilidade acadêmica internacional vivenciada por uma estudante de Enfermagem, destacando suas contribuições e impactos para a formação profissional e para a construção de competências alinhadas às demandas contemporâneas da prática em saúde.

Trata-se de um relato de experiência de mobilidade acadêmica, no âmbito do módulo internacional realizado pelo Programa de Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem, que ofertou vagas, durante o mês de novembro de 2024, para os estudantes da graduação. O módulo é uma parceria entre a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e o *Centre Hospitalier Universitaire de Rouen*, na França.

Para a participação do estudante da graduação no programa, fez-se necessário a realização de um processo seletivo que tinha como critérios de elegibilidade: a Média Ponderada Geral (PMG) do aluno; a fluência ou a capacidade de se comunicar em alguma língua estrangeira, que, de preferência, fosse o inglês ou o francês; a análise do Currículo *Lattes*; o aspecto comportamental do aluno e a sua disponibilidade em arcar com os custos relacionados à viagem.

Os custos relacionados à passagem aérea, ao seguro-saúde e aos passeios são de inteira responsabilidade do estudante. Em contrapartida, as taxas escolares, a hospedagem e parte da alimentação são cobertos pelo programa. O tempo de realização da experiência é de aproximadamente 10 (dez) dias.

Os resultados são apresentados de forma cronológica, a partir de uma abordagem descritiva. Assim, este texto contempla os relatos das vivências, das atividades desenvolvidas e das observações oriundas

da experiência de internacionalização, bem como as limitações e as potencialidades dessa oportunidade na graduação, no contexto da formação de profissionais qualificados, com conhecimentos ampliados acerca das diferentes perspectivas dos cuidados de Enfermagem e das suas múltiplas abordagens ao redor do mundo.

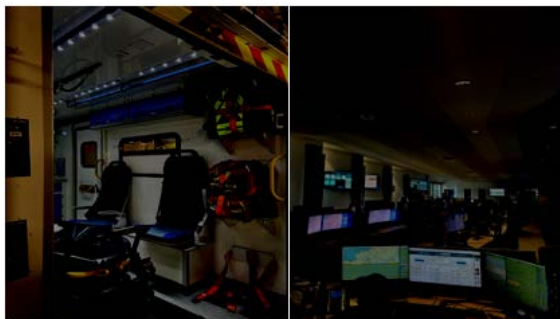
No âmbito dos diversos programas de internacionalização ofertados pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), destaca-se o Módulo Internacional do MPTIE, realizado em parceria com o Centro Universitário de *Rouen*, onde os mestrandos e o aluno da graduação eleito têm a oportunidade de conhecer o sistema de saúde francês; aprofundar-se em temáticas globais; conhecer a realidade dos profissionais de Enfermagem e suas rotinas, além de realizar visitas técnicas no hospital.

O primeiro dia do módulo foi inaugurado com uma roda de conversa entre a coordenadora do curso de Enfermagem do CHU e os estudantes, tendo como tema as principais diferenças entre o Sistema de Saúde francês e o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. Apesar de ambos os países compartilharem do princípio da universalidade, significando que todos têm acesso à saúde, o Sistema de Saúde da França diferencia-se por ser um modelo de seguro social, gerado por meio do advento do sistema privado na década de 80 (Zaganelli, 2016).

No decorrer dos dias, também foram abordados temas já conhecidos pelos estudantes, como saúde mental e segurança do paciente, mas voltados para a ótica da França e de toda a Europa. Entre os temas, foram citados: protocolos, situação epidemiológica, condutas adotadas pelo sistema de saúde, programas do governo etc.

Ademais, foi ofertada aos estudantes a oportunidade de realizar visitas técnicas no Service d'Aide Médicale Urgente, também conhecido como SAMU, mesmo termo utilizado no Brasil para se referir ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, conforme demonstrado nas figuras 1 e 2, e no Centro de Material Esterilizado (CME) do Hospital Universitário, de acordo com as figuras 3 e 4.

Figuras 1 e 2 – Central de Regulação Médica de Urgências e interior de uma ambulância do SAMU. *Rouen*, Normandia, França, 2024.



Fonte: autoria própria.

Figuras 3 e 4 – Central de Material Esterilizado do CHU. *Rouen*, Normandia, França, 2024.



Fonte: autoria própria.

Nos dias finais do módulo, foi realizado o “IV Encontro Internacional de Cuidados de Enfermagem: Saúde Digital e Evolução da Enfermagem”, uma parceria realizada entre a UNIFOR, CHU, a Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP) e a Escola Superior de Saúde de Viseu (ESSV), ambas de Portugal, abordando temas como: Inteligência Artificial (IA) aplicada à saúde; Saúde digital; Telemonitoramento de pacientes

com câncer; Enfermagem e saúde pública; Saúde global no contexto contemporâneo, entre outros.

Ao final da experiência, foi possível observar, de forma concreta, o que a literatura afirma sobre os impactos gerados no desenvolvimento das competências dos estudantes como futuros enfermeiros, tais como: aumento do conhecimento cultural; crescimento pessoal e influência sobre a prática da enfermagem, apresentando a internacionalização como uma oportunidade de consolidação da carreira e de satisfação profissional (Kokko, 2011; Gomes *et al.*, 2016).

O quadro 1, apresentado a seguir, sistematiza algumas das principais contribuições decorrentes da experiência de mobilidade acadêmica na trajetória formativa da estudante de Enfermagem relatora. Essa sistematização busca materializar, em sua vivência, aspectos amplamente discutidos na literatura científica acerca da internacionalização e de seus impactos na formação profissional.

Quadro 1 – Contribuições da mobilidade acadêmica para a formação do estudante de enfermagem. *Rouen*, Normandia, França, 2024.

Área da vida	Contribuições
Profissional	<ul style="list-style-type: none">• Enriquecimento do currículo (participação de evento internacional e mobilidade acadêmica);• Aperfeiçoamento dos conhecimentos técnicos e práticos;• Estabelecimento de uma rede de contatos internacionais (criação de oportunidade de trabalho e de produção científica);• Conhecimento de outras realidades na prática da Enfermagem;• Troca de experiências com enfermeiros experientes.
Pessoal	<ul style="list-style-type: none">• Enriquecimento cultural;• Conhecimento de outras realidades sociais e econômicas;• Prática de outros idiomas;• Estabelecimento de novas amizades;• Amadurecimento e autoconhecimento.

Fonte: autoria própria.

No que diz respeito à formação profissional, a internacionalização é fundamental na formação de futuros profissionais capacitados para

lidarem com um mundo globalizado, já que força o indivíduo a mudar sua visão de mundo local para uma escala internacional. Ao estimular essa habilidade, não só a experiência formativa é aprimorada, como também habilita os estudantes a enfrentarem futuros desafios em um contexto profissional cada vez mais multicultural (Tigua *et al.*, 2024).

A realização da mobilidade acadêmica em uma universidade francesa, portanto, foi uma experiência singular, visto que oportunizou o conhecimento da estrutura, da rotina e do funcionamento institucional. Além disso, incentivou a convivência com os profissionais que nela atuam, suas culturas, dialetos e hábitos, agregando valores ao crescimento pessoal e à formação profissional.

Ademais, a vivência possibilitou uma mudança de olhar quanto ao futuro da Enfermagem, observando, de forma palpável, como o conhecimento de novas realidades e culturas pode aperfeiçoar o cuidado prestado aos pacientes, tal como idealizado por Madeleine Leininger em sua teoria.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. L.; BACKES, D. S.; LOMBA, M. de L. L. de F.; COLOMÉ, J. S. Intercâmbio acadêmico internacional: uma oportunidade para a formação do futuro enfermeiro. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v. 4, n. 10, p. 59–67, 2016. Disponível em: https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&id_artigo=2607&id_revista=24&id_edicao=97. Acesso em: 09 fev. 2026.

TIGUA, G. P. C.; CHIQUITO, G. X. C.; MERA, A. M.; PARRALES, N. V. P. Capacidades y desafíos de las Direcciones Estratégicas para fortalecer las Instituciones Públicas de Ecuador. **Editorial Internacional Alemana**, Jipijapa, p. 1-151, 2024. Disponível em: <https://editorialalema.org/libros/index.php/alema/article/view/23>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GOMES, D. C.; PRADO, M. L.; CANEVER, B. P.; JESUS, B. H.; SEBOLD, L. F.; BACKES, V. M. S. Doutor em enfermagem: capacidade

de construção do projeto de carreira profissional e científica. **Texto & Contexto Enfermagem**, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 1–9, 2016.

HOLTBRÜGGE, D.; ENGELHARD, F. Study abroad programs: individual motivations, cultural intelligence, and the mediating role of cultural boundary spanning. **Academy of Management Learning & Education**, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 435–455, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0128>.

KOKKO, R. Future nurses' cultural competencies: what are their learning experiences during exchange and studies abroad? a systematic literature review. **Journal of Nursing Management**, [s.l.], v. 19, n. 5, p. 673–682, 2011.

LEININGER, M. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TEORIAS DE ENFERMAGEM, 1., 2000, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

QUIROGA, S. R. Alunos e internacionalização: mobilidade estudantil nos processos de internacionalização. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 6, p. e020023, 2019. DOI: <http://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8653867>.

SOUZA, D. G. *et al.* (org.). **Teorias de enfermagem: relevância para a prática profissional na atualidade**. Campo Grande: Editora Inovar, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/642889/3/Livro%20-%20Teorias%20de%20enfermagem%20relev%C3%A2ncia%20para%20a%20pr%C3%A1tica%20profissional%20na%20atualidade.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.

XIMENES, N. F. R. G. *et al.* Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 25, p. 37–46, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.27702019>.

MOBILIDADE INTERNACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Andreza Façanha de Castro

Curso Psicologia

Universidade de Fortaleza

1 INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo discorrer sobre a experiência como estudante de mobilidade internacional do curso de Psicologia na Universidade de Aveiro, em Portugal, que possibilitou o contato com alunos de diferentes nacionalidades, culturas e histórias de vida. A experiência propiciou trocas educacionais e o desenvolvimento de competências acadêmicas, sociais e emocionais que contribuíram para o meu crescimento pessoal e para uma visão mais ampla sobre o ser humano, aspecto essencial para a formação em Psicologia.

Este texto narra as minhas vivências, as motivações que me levaram a participar do programa de intercâmbio, o cotidiano em Portugal, desde a chegada à cidade de Aveiro até o início de novas amizades e o contato com a cultura local. Relato como fui acolhida, as tradições que observei e também as experiências que ultrapassaram o âmbito acadêmico, como algumas viagens realizadas para diferentes países, como: Marrocos, Espanha, Luxemburgo, Itália. Em uma dessas viagens, tive a oportunidade de presenciar um acontecimento considerado histórico para a sociedade: participei da Missa de Exéquias do Papa Francisco, o líder da igreja católica, com influência religiosa, política e cultural global. Foi um evento que mobilizou intensamente o mundo, com a presença de chefes de Estado, de líderes políticos, da realeza e de outros convidados notáveis.

Por fim, o relato apresenta as reflexões sobre os impactos dessa experiência na minha trajetória acadêmica e pessoal. O intercâmbio é um espaço de aprendizado contínuo, desenvolvendo competências essenciais à prática psicológica, como empatia, observação e abertura a diferentes perspectivas, ao mesmo tempo em que promove amadurecimento, autonomia e resiliência.

2 DESENVOLVIMENTO

Para a elaboração deste artigo, será adotado o método de relato de experiência dentro de uma abordagem qualitativa. Esse tipo de abordagem exige atenção cuidadosa às manifestações de determinados fatos, lugares ou pessoas e aos objetos de pesquisa, considerando os significados que nem sempre são explícitos ou facilmente observáveis. Dessa forma, o pesquisador assume o papel de interpretar e traduzir esses objetos em um texto descritivo e contínuo (Chizzotti, 2007). Portanto, o relato de experiência consiste na descrição de vivências profissionais ou acadêmicas, posteriormente organizadas de forma escrita, embasado cientificamente e acompanhado de reflexão crítica (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Por se tratar de um relato de experiência, nesta seção, será utilizada a primeira pessoa do singular.

Desde o início da minha trajetória acadêmica na Psicologia, almejei participar do Programa de Intercâmbio Universitário oferecido pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em parceria com a Universidade de Aveiro, em Portugal. A vontade de expandir meus horizontes acadêmicos esteve relacionada tanto com conhecer novas perspectivas da Psicologia e vivenciar uma cultura diferente quanto com meu interesse em crescer pessoalmente, desenvolver autonomia e sair da zona de conforto. Acredito que essa parceria foi uma oportunidade enriquecedora, não apenas para ambas as instituições de ensino, mas, sobretudo, para os alunos envolvidos, que passaram a vivenciar uma experiência única em uma universidade de ensino superior em outro país.

Compreendo o quanto essa vivência contribuiu para o meu crescimento cultural e desenvolvimento profissional, visto que o mercado de trabalho valoriza profissionais que possuem experiências internacionais, por reconhecer neles maior autonomia, adaptabilidade e visão de mundo. No aspecto cultural, avalio que foi determinante o contato com diferentes culturas, metodologias de ensino e perspectivas de aprendizagem, pois pude aprofundar meus conhecimentos sobre a história e a identidade do país anfitrião e de outras culturas ali presentes.

Quando cheguei a Portugal, no dia 10 de setembro de 2024, recebi ajuda e apoio da minha *buddy*, uma portuguesa inscrita no programa de *buddy* do *Erasmus*, que se disponibilizou a ajudar uma estudante em mobilidade acadêmica. Foi uma chegada intensa, com um acolhimento incrível. Conheci muitas pessoas novas e a cidade era maravilhosa, fazendo eu me encantar por cada pedacinho que cruzei. Conheci o departamento da Psicologia, que tem uma estrutura de grande porte e salas completas com equipamentos adequados. Também entrei em contato com professores e a coordenadora do curso, com quem tivemos, inicialmente, uma reunião com os demais estudantes de mobilidade internacional que cursavam Psicologia. Nessa reunião, tive a oportunidade de conhecer e fazer amizade com uma estudante que, de início, tornou-se amiga e, com o passar do tempo, tornou-se família. Ela era uma portuguesa que residia em Luxemburgo e estava participando do programa de mobilidade do *Erasmus*, em Aveiro.

Desde o começo, tive a oportunidade de compartilhar com ela momentos que ficaram marcados em minha memória, pois participamos de disciplinas juntas, comemoramos o Natal com sua família, em Viana do Castelo, e vivenciamos pequenas viagens que se transformaram em grandes aventuras. Entretanto, não foram apenas os momentos alegres que fizeram nossa amizade crescer, pois passamos por momentos de dificuldades e sempre acolhemos uma à outra, oferecendo apoio e companhia quando os dias pareciam mais difíceis. Cada experiência

vivida com ela e com outros amigos me trouxe não apenas aprendizado, mas também um profundo sentimento de gratidão e carinho que vou levar sempre comigo.

Dessa forma, pude conhecer e entender mais de perto as tradições acadêmicas dos alunos portugueses e, uma das coisas que mais me chamou a atenção, em particular, foi o uso do traje acadêmico, uma vestimenta tradicional que simboliza tradição e pertença à comunidade acadêmica. Essa vestimenta costuma ser utilizada em ocasiões formais e é composta por um traje preto (casaco e calças ou saia), camisa branca e uma capa preta comprida, o elemento mais emblemático. Geralmente, é vestida em cerimônias, como a Queima das Fitas, e em momentos solenes ligados à vida universitária.

Em relação à cidade e à sua cultura, aprendi sobre a gastronomia tradicional de Aveiro, como “os ovos moles”, um doce tradicional português, natural dessa cidade, cuja receita surgiu no século XVI. Tudo iniciou em um convento da região, onde as gemas de ovos eram utilizadas para fazer doces e as claras serviam para engomar as roupas das freiras. Tradicionalmente, os ovos são feitos em finas cápsulas de hóstia moldadas em formas inspiradas em elementos marinhos, refletindo a ligação histórica de Aveiro à Ria e ao mar (figura 1). Os ovos moles apresentam uma textura cremosa e um sabor intenso e característico. Embora não tenha sido muito agradável para o meu paladar, meus pais, ao me visitarem e ao experimentarem, adoraram, o que me trouxe muita alegria ao poder vivenciar e compartilhar essa experiência com eles. A participação na oficina de fabricação dos ovos moles foi uma experiência memorável, pois nos proporcionou conhecimento sobre a cultura local de Aveiro. Atualmente, os ovos moles de Aveiro são reconhecidos como um símbolo da doçaria conventual portuguesa e possuem o estatuto de Indicação Geográfica Protegida (IGP), que garante a preservação da sua origem e do método de produção tradicional.

No dia 21 de abril de 2025, viajei para Roma, na Itália. Enquanto finalizava os preparativos e arrumava a mala para seguir ao aeroporto, recebi uma notícia de que o Papa havia acabado de falecer, o que me impactou profundamente. Foi um momento de surpresa, pois não imaginava que isso pudesse acontecer justamente naquela ocasião, já que estava indo para o Jubileu da Esperança, celebrado a cada 25 (vinte e cinco) anos, e para a Canonização do Carlo Acutis. Tinha o grande desejo, inclusive, de ver o Papa aparecer na janela, como historicamente acontece, para saudar os fiéis. Diante disso, a viagem, inicialmente marcada por entusiasmo e expectativa, ganhou um significado diferente. Ao chegar a Roma, percebi um clima de comoção que tomava conta da cidade. Dias depois, em 26 de abril de 2025, foi celebrada a Missa de Exéquias do Papa Francisco (figura 2), com a presença de chefes de Estado e de diversas autoridades internacionais para prestar suas homenagens, evidenciando a importância mundial do Papa, não apenas como líder religioso, mas também como uma figura de influência política, social e humanitária.

Assim, presenciar aquele momento histórico foi uma experiência significativa. Senti que estava diante de um capítulo relevante da história da Igreja e do mundo, em uma experiência única que uniu fé, emoção e reflexão, que tornou minha viagem ainda mais inesquecível.

Figura 1: Oficina de Ovos Moles Figura 2: Missa de Exéquias



Fonte: autoria própria.



Fonte: autoria própria.

Portanto, a experiência de intercâmbio representou um dos momentos mais relevantes da minha trajetória pessoal e acadêmica, especialmente enquanto estudante de Psicologia, por ter possibilitado uma imersão concreta em diferentes contextos culturais, sociais e relacionais. Do ponto de vista formativo, o intercâmbio contribuiu diretamente para o desenvolvimento de competências essenciais à prática psicológica, como empatia, observação contextualizada, tolerância à diversidade, pensamento crítico e abertura para perspectivas distintas das minhas referências de origem. Ao perceber como as crenças, hábitos e comportamentos variam conforme o contexto cultural, pude compreender, de maneira mais concreta, a importância de levar em consideração o sujeito inserido em sua realidade sociocultural, um dos princípios fundamentais para uma atuação psicológica ética e responsável. Além disso, lidar com desafios de adaptação, saudade, barreiras de comunicação e diferenças de costumes fortaleceu meus recursos de regulação emocional e resolução de problemas, experiências que também ampliam a compreensão sobre processos de ajustamento humano.

Por fim, como um dos meus maiores sonhos sempre foi desbravar o mundo, descobrir o outro e, ao mesmo tempo, a mim mesma, enxergo o intercâmbio como uma oportunidade de amadurecimento pessoal, crescimento emocional e construção de novas vivências. Foi possível viver intensamente, sonhar com os olhos abertos e aprender para além das salas de aula. Não se trata de dar a volta ao mundo em oitenta dias, como no clássico de Júlio Verne (1873), mas de dar os primeiros passos na realização de um sonho antigo e sempre renovado. Assim, digo firmemente que a participação nesse programa me proporcionou uma valiosa bagagem cultural e intelectual, contribuindo de forma significativa para minha formação acadêmica e principalmente pessoal.

3 CONCLUSÃO

A experiência de intercâmbio na Universidade de Aveiro constituiu um momento único de crescimento acadêmico, cultural e pessoal. Para além

do aprimoramento na formação em Psicologia, a vivência internacional possibilitou o desenvolvimento de autonomia, amadurecimento emocional e ampliação da visão de mundo, por meio do contato com novas culturas, pessoas e acontecimentos marcantes.

Desse modo, este relato evidencia que a mobilidade acadêmica não se limitou ao âmbito educacional, pois também representou uma experiência transformadora, cujos aprendizados e vivências permanecerão como parte fundamental da minha trajetória. Concluo e reforço que o intercâmbio expandiu meu repertório cultural e humano, bem como impactou positivamente minha construção profissional, visto que me tornarei uma futura psicóloga mais empática, mais preparada para atuar com públicos diversos e mais consciente sobre a complexidade do comportamento humano em contextos plurais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e aos amigos, por me incentivaram a pensar fora da caixa, mesmo antes de realizar o intercâmbio, e por sempre acreditarem no meu potencial. Agradeço também à Prof.^a Dra. Xênia Diógenes, que me orientou neste projeto. É transformador compartilhar um pouco dessa experiência por meio de um livro.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221–236, 2003.

MUSSI, R.; FLORES, F.; ALMEIDA, C. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [s.l.], v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021.

BEYOND CLINICAL CARE: REFLECTIONS ON SPIRITUALITY AND PALLIATIVE PRACTICE IN A BRITISH HOSPICE

Beatriz Luisa Machado de Lima

Curso Medicina

Universidade de Fortaleza

In July 2025, I visited Martlets Hospice in Brighton & Hove as part of the *Missão Internacional: Sociedade, Arte e Cultura* in England, an academic program supported by UNIFOR. Although conceived as an academic activity, the visit quickly became something more personal. It reshaped how I understand healthcare, moving my perspective beyond technical knowledge toward questions of ethics, humanity, institutional responsibility, and above all, the power of faith.

The visit was made possible by earlier activities developed during the mission and through the support of a member of the nursing staff, Guy Chetwynd-Appleton, to whom I am deeply grateful. Until that moment, my understanding of hospice care had remained largely theoretical, formed through lectures and general discussions on palliative medicine. Being physically present there, observing daily routines, listening to professionals, and witnessing interactions with patients and families gave those concepts a depth that no classroom environment could provide me.

Martlets Hospice operates within a model centered on dignity, comfort, and holistic care for individuals living with life-limiting illnesses. What stood out most was not the technical organization of care, but the way emotional, psychological, and spiritual dimensions were consistently integrated into everyday practice and the ambiance of the place itself, which was more reminiscent of a home and less of a hospital. This approach was neither improvised nor informal. Instead, it was careful planning, regulated, and ethically grounded.

A particularly meaningful moment during this experience was a conversation with one of the hospice chaplains, Vlada Rakin, who explained how spiritual care is formally incorporated within the UK public healthcare system. Through this discussion, I learned that the National Health Service (NHS) maintains specific programs and guidelines that regulate the role of chaplains and spiritual care providers within healthcare institutions (NHS ENGLAND, 2023). These professionals are trained to support patients, families, and healthcare staff, regardless of religious affiliation, belief system, or even the absence of religious belief.

What fascinated me the most was the clarity with which boundaries are defined. Spiritual care within the NHS is not centered on promoting a specific faith but rather on responding to existential distress, suffering, grief, and the search for meaning that often accompany illness, hospitalization, and end-of-life care (NHS ENGLAND, 2023). Its ethical principles, such as equality, respect, and non-intrusion, guide this practice, allowing spiritual support to remain patient-centered and respectful.

These reflections naturally extended to the Brazilian context. Brazil is marked by deep cultural and spiritual diversity, and faith frequently plays a significant role in how illness and death are experienced. Recently, the Brazilian Federal Council of Medicine (CFM) established a Commission on Health and Spirituality, an important step toward recognizing this dimension within medical practice (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2025). Although still in its early stages, this initiative signals increasing awareness that spirituality cannot be entirely separated from healthcare. In fact, at least at UNIFOR, we are required to include, from the very first semester of medical school, the spiritual dimension in the anamnesis so that we can see the patient as a whole.

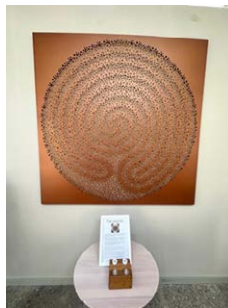
However, this is not mandatory nationwide, and when comparing both contexts, a clear difference becomes evident. In Brazil, spiritual care is often addressed informally and depends largely on individual sensitivity rather than institutional structure. In contrast, the NHS offers an exemplar of how spirituality can be integrated institutionally, through regulation, professional training, and shared ethical standards.

This kind of structure is what truly protects patients while also offering guidance and security to professionals who may otherwise feel uncertain or unprepared about addressing spiritual needs.

For me, as a medical student, observing this model firsthand expanded my understanding of what comprehensive care can truly mean. It challenged conventional approaches to medical education, which often prioritize biological aspects of disease while leaving emotional and spiritual dimensions underexplored. The hospice environment made it evident that caring for patients at the end of life requires not only clinical knowledge but also presence, active listening, and respect for each patient's values and worldview.

Therefore, my visit to Martlets Hospice became both an academic milestone and a deeply personal experience. Conversations with members of the multidisciplinary team, including Dr. Rishma Pau, consultant in palliative medicine at Martlets, further enriched my understanding of this field. Her openness in discussing clinical practice and professional challenges strengthened my desire to pursue palliative care in the future. Moving forward, I hope, throughout my medical training and professional journey, to develop the same level of competence, sensitivity, and humanity demonstrated by the professionals I had the privilege to meet and learn from during this experience.

Figure 1 – The labyrinth at Martlets Hospice: symbolizing the journey of life and spiritual reflection.



Source: personal archive.

Figure 2 – Welcome to Martlets: the main entrance of Martlets Hospice in Brighton & Hove, illustrating a care environment designed to feel like a home rather than a hospital.



Source: personal archive.

Figure 3 – Shaun the Sheep sculpture at Martlets Hospice Garden: placed on a colorful bench filled with words of care, dignity, and compassion, this playful figure brings warmth and lightness to the hospice environment, symbolizing comfort, kindness, and emotional support in moments of vulnerability.



Source: personal archive.

References

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Comissão de Saúde e Espiritualidade criada pelo CFM para discutir o tema realiza sua primeira reunião. **Conselho Federal de Medicina**, Brasília, DF, 16 maio 2025.

Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/nova-comissao-do-cfm-criada-paradiscutir-o-tema-realiza-sua-primeira-reuniao>. Acesso em: 19 dez. 2025

MARTLETS HOSPICE. About us. **Martlets Hospice**, Brighton & Hove, [s.d.]. Disponível em: <https://www.martlets.org.uk/about-us/>. Acesso em: 19 dez. 2025

NHS ENGLAND. NHS chaplaincy: guidelines for NHS managers on pastoral, spiritual and religious care. **NHS England**, London, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.england.nhs.uk/long-read/nhs-chaplaincy-guidelines-for-nhs-managers-on-pastoral-spiritual-and-religious-care>. Acesso em: 19 dez. 2025

NHS ENGLAND. NHS chaplaincy programme. **NHS England**, London, [s.d.]. Disponível em: <https://www.england.nhs.uk/chaplaincy/>. Acesso em: 19 dez. 2025

LONDRES E O NHS: UM OLHAR ACADÊMICO SOBRE A SAÚDE PÚBLICA NO REINO UNIDO

Lucas Diógenes Parente Pinheiro
Carina Bezerra Bandeira

*Curso Medicina
Universidade de Fortaleza*

INTRODUÇÃO

A compreensão de diferentes modelos de organização da saúde é um fator essencial para a formação médica, especialmente na análise de sistemas públicos universais. Nesse contexto, destacam-se o *National Health Service* (NHS), do Reino Unido, e o Sistema Único de Saúde (SUS), do Brasil, ambos fundamentados no princípio da saúde como direito social.

O NHS foi criado em 1948, no contexto do Estado de Bem-Estar Social britânico, com a proposta de oferecer acesso universal, financiado por impostos e gratuito no ponto de uso (Timmins, 1995; Department of Health & Social Care, 2021). Em contrapartida, o SUS foi instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei n.º 8.080/1990, consolidando a saúde como direito de todos e dever do Estado (Brasil, 1988; Brasil, 1990). Conforme destacado por Paim *et al.* (2011), sua criação representou uma transformação estrutural ao universalizar o acesso à saúde no país.

Apesar das diferenças organizacionais e de gestão, ambos os sistemas compartilham princípios como universalidade e financiamento público, o que torna sua comparação relevante para a reflexão acadêmica e profissional.

OBJETIVOS

- Analisar criticamente o *National Health Service (NHS)*, estabelecendo um paralelo com o Sistema Único de Saúde (SUS), destacando convergências e divergências.
- Compreender os princípios práticos e organizacionais do *National Health Service (NHS)*, incluindo seus valores institucionais e o fluxo assistencial do paciente.
- Avaliar a influência do contexto econômico britânico sobre o financiamento da saúde e os principais desafios enfrentados pelo *National Health Service (NHS)*.

METODOLOGIA

O presente relato descreve uma vivência acadêmica realizada em junho de 2025, com duração de 10 (dez) dias, em Londres (Inglaterra), organizada e acompanhada por docentes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A programação incluiu visitas técnicas a serviços do *National Health Service (NHS)*, como o *Ambrose King Sexual Health Centre*, além de palestras ministradas por profissionais da rede de saúde pública. Participaram estudantes de graduação de diferentes cursos da área da saúde (Medicina, Psicologia, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia) e a coleta de dados ocorreu por meio de observação participativa, vivências práticas e análises de campo, com foco na observação sistemática dos fluxos assistenciais e na interação com profissionais locais, possibilitando a compreensão do funcionamento do *NHS* e sua comparação com o sistema de saúde brasileiro.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, é fundamental compreender o modelo organizacional do *National Health Service (NHS)*. O sistema de saúde do Reino Unido

é público, descentralizado e financiado majoritariamente por impostos, com características Beveridgianas, fundamentado nos princípios da universalidade, equidade e gratuidade no ponto de uso (Seaton, 2023). O Estado atua como principal financiador, provedor e regulador. O Reino Unido possui quatro sistemas autônomos: *NHS England*, *NHS Scotland*, *NHS Wales* e *Health and Social Care Northern Ireland*, cada um responsável por definir suas políticas e prioridades.

No contexto do *NHS England*, observou-se uma estrutura organizada em diferentes níveis: o *Department of Health and Social Care (DHSC)*, responsável por formular políticas e alocar orçamento; o *NHS England (NHSE)*, que supervisiona e financia os serviços; os *Integrated Care Systems (ICSs)*, responsáveis pela coordenação regional e os “*trusts*”, que gerenciam hospitais e serviços especializados (King’s Fund, 2022). Essa organização evidencia uma clara definição de responsabilidades e de forte coordenação assistencial.

Ao comparar o *NHS* com o Sistema Único de Saúde (SUS), destacam-se convergências estruturais importantes, por exemplo, ambos garantem acesso universal e são financiados predominantemente por impostos. Ademais, compartilham a valorização da atenção primária como porta de entrada do sistema: no *NHS*, por meio dos *General Practitioners (GPs)*, e no SUS, por meio da Estratégia Saúde da Família (Krieger, 2023).

Entretanto, existem diferenças relevantes. O *NHS* apresenta maior investimento *per capita* e gestão majoritariamente estatal dos serviços, enquanto o SUS opera com maior descentralização administrativa entre estados e municípios e significativa participação complementar do setor privado (King’s Fund, 2022). No Brasil, persistem desafios, tais como subfinanciamento, desigualdades regionais e dificuldades de coordenação entre níveis assistenciais.

Nesse contexto, a experiência britânica oferece aprendizados importantes. A integração regional promovida pelos *Integrated Care Systems* pode inspirar maior coordenação no SUS. Destaca-se também a avaliação

de tecnologias em saúde realizada pelo *National Institute for Health and Care Excellence (NICE)*, baseada em evidências científicas e custo-efetividade, em contraste com os desafios enfrentados pela CONITEC no Brasil (Johnson *et al.*, 2018).

Por outro lado, o SUS apresenta aspectos positivos reconhecidos internacionalmente, a exemplo da ampla cobertura territorial da atenção primária, da participação social por meio de conselhos de saúde, além de um robusto e completo programa nacional de imunização.

Durante as visitas técnicas, foi possível observar a aplicação prática dos princípios do *NHS*. No *Ambrose King Sexual Health Centre*, percebeu-se acesso gratuito a testagens, consultas, métodos contraceptivos e ao apoio psicológico, evidenciando a universalidade do sistema (NHS, 2024). A equidade, por sua vez, manifesta-se na alocação de recursos, conforme critérios socioeconômicos e de vulnerabilidade (Anderson *et al.*, 2022). A integralidade é fortalecida pelos *ICSs*, que promovem articulação entre atenção primária, hospitais e assistência social (King's Fund, 2022). Observou-se, ainda, forte destaque na prevenção e na promoção da saúde, com programas de rastreamento, vacinação e aconselhamento, alinhados às diretrizes de saúde pública (European Observatory on Health Systems and Policies, 2022).

No campo econômico, o modelo de bem-estar social britânico contribui para maior estabilidade no financiamento do *NHS*, apesar de períodos de austeridade entre 2010 e 2016 (Anderson *et al.*, 2022). No Brasil, o subfinanciamento do SUS foi agravado por medidas como a Emenda Constitucional 95/2016 (Brasil, 2016), comprometendo a expansão, a consolidação e o funcionamento 100% eficaz do sistema.

Apesar de sua consolidação histórica, o *NHS* enfrenta desafios, tais como pressão orçamentária, decorrente do envelhecimento populacional, e aumento de doenças crônicas, resultando no aumento das filas para procedimentos eletivos (Seaton, 2023). Também se nota escassez e sobrecarga de profissionais, sobretudo na atenção primária, além de

desigualdades regionais e limitações na integração plena dos sistemas eletrônicos (Anderson *et al.*, 2022; King's Fund, 2022).

Em resposta, o *NHS* tem empregado mais recursos em inovação, com expansão da telemedicina e da digitalização por meio do *NHS Digital*, do fortalecimento da atuação multiprofissional e da reorganização assistencial via *Integrated Care Systems* (Hodgson *et al.*, 2025). Estratégias preventivas e programas comunitários também buscam reduzir consideravelmente o número de hospitalizações evitáveis (Johnson *et al.*, 2018).

A visita ao *Ambrose King Sexual Health Centre* foi particularmente marcante, pois evidenciou a abordagem integral da saúde sexual, com serviços gratuitos e redução de estigmas (NHS, 2024). Outro destaque foi a visita à *Bluebird Care*, que exemplifica a organização do cuidado domiciliar ao idoso e a preparação para o envelhecimento populacional (Bluebird Care, 2023).

A imersão permitiu compreender, portanto, a relevância do trabalho multiprofissional e da integração entre políticas públicas e prática clínica. Tanto o SUS quanto o *NHS* apresentam características complementares e a cooperação entre Brasil e Reino Unido pode fortalecer áreas como formação profissional, pesquisa e desenvolvimento de tecnologias em saúde (Reis *et al.*, 2017).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Michael et al. The United Kingdom: health system review. **Health Systems in Transition**, v. 24, n. 1, p. 1–192, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35579557/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BLUEBIRD CARE. Bluebird Care named one of the top 20 home care group. **Bluebird Care**. [s.l.], 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.bluebirdcarecareers.co.uk/useful-information/news-press-releases/bluebird-care-named-one-of-the-top-20-home-care-gr>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023].

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para instituir o novo regime fiscal [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2016.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

GREAT BRITAIN. Department of Health & Social Care. **The NHS Constitution for England**. London: DHSC, 2021.

EUROPEAN OBSERVATORY ON HEALTH SYSTEMS AND POLICIES. **United Kingdom**: health system summary. [S.l.]: European Observatory, 2025. Disponível em: <https://eurohealthobservatory.who.int/publications/i/united-kingdom-health-system-summary>. Acesso em: 5 ago. 2025.

HODGSON, L. E. *et al.* Patient-centered team-based care: the role of clinical pharmacists in the heart failure multidisciplinary team. **JACC Advances**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 100391, 2025.

JOHNSON, James A.; STOSKOPF, Carleen H.; SHI, Leiyu. **Comparative health systems**: a global perspective. 2. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2018.

KING'S FUND. How is the NHS structured? London: **The King's Fund**, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.kingsfund.org.uk/insight-and-analysis/animations/how-nhs-structured>. Acesso em: 5 ago. 2025.

KRIEGER, Carolina Santana. Sistema Único de Saúde (SUS) e National Health Service (NHS): uma análise comparativa das potencialidades e fragilidades das ações voltadas à saúde coletiva. **Nursing Edição Brasileira**, [s.l.], v. 26, n. 303, p. 9836–9840, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2023v26i303p9836-9840>.

NATIONAL HEALTH SERVICE (NHS). **Ambrose King Sexual Health Centre**. [S. l.]: NHS, 2024. Disponível em: <https://www.nhs.uk/services/service-directory/ambrose-king-sexual-health-centre/N10502844>. Acesso em: 5 ago. 2025.

PAIM, J. S. *et al.* The Brazilian health system: history, advances, and challenges. **The Lancet**, [s.l.], v. 377, n. 9779, p. 1778–1797, 2011. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)60054-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)60054-8).

REIS, R. S. *et al.* Hospital infection control in Brazil and the United Kingdom: a comparative analysis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 70, n. 5, p. 1040–1047, 2017.

SEATON, Andrew. **Our NHS**: a history of Britain's best loved institution. New Haven: Yale University Press, 2023.

TIMMINS, Nicholas. **The Five Giants**: a biography of the welfare state. London: HarperCollins, 1995.

DOUTORADO-SANDUÍCHE EM VIANA DO CASTELO: INTERNACIONALIZAÇÃO, IDENTIDADE BRASIL-PORTUGAL E TRANSFORMAÇÃO ACADÊMICA E PESSOAL

**Luciana de Oliveira Neves
Karla Maria Carneiro Rolim**
*Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade de Fortaleza*

Durante o transcorrer do aprimoramento científico, pessoal e profissional, no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação de Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (PPGSC/UNIFOR), em 2025, fui contemplada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de concurso nacional, com uma bolsa de Estágio Pós-Doutoral, Estágio de Doutorando (Sanduíche), na cidade de Viana do Castelo, em Portugal.

A modalidade de bolsa de estágio de doutorando visa proporcionar aos estudantes a oportunidade de desenvolver parte de sua pesquisa de doutorado em instituição de reconhecida excelência, localizada no exterior, e baseia-se no princípio da cooperação entre professores e pesquisadores para a formação de novos doutores no país. Segundo exigido, as candidaturas apresentadas à CAPES devem demonstrar inequívoco entrosamento entre o orientador no Brasil e o coorientador no exterior (Brasil, 2024).

O estágio de doutorando no exterior deve ser parte integrante de um consórcio de atividades cooperativas entre cursos brasileiros e estrangeiros. Os alunos de doutorado, regularmente matriculados em curso avaliado pela CAPES e com nota igual ou superior a quatro, podem

beneficiar-se do estágio de doutorando no exterior. Nessa modalidade, o aluno de doutorado poderá realizar um estágio de quatro até doze meses para desenvolver atividades no exterior, que sejam complementares e essenciais ao seu projeto de formação no Brasil (Brasil, 2026).

Sabe-se que a CAPES concede bolsas no exterior com vistas a complementar os esforços dos cursos de pós-graduação no Brasil e da formação de docentes e pesquisadores de alto nível, para inserção deles no meio acadêmico e de pesquisa do país. O doutorado-sanduíche é um programa de incentivo entre a CAPES e duas Instituições de Ensino Superior (IES), promovendo a internacionalização e a troca de informações entre os dois países (Brasil, 2026).

Nesse processo de inscrição para seleção do doutorado-sanduíche, foi muito importante o apoio das Professoras Mirna Albuquerque Frota e Karla Maria Carneiro Rolim (UNIFOR, 2025), que oportunizaram o contato com o Professor Luis Carlos Carvalho da Graça, da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em Portugal (ESS-IPVC) (Escola Superior de Saúde – IPVC, 2026), que, por seu turno, indicou a Professora Maria Manuela Amorim Cerqueira, a qual aceitou participar como minha coorientadora em Portugal. A Professora Manuela, além das suas competências como educadora, também é coordenadora do Mestrado de Enfermagem à Pessoa em Situação Paliativa na ESS do IPVC (ESS-IPVC) (ESS-IPVC, 2026). Em conjunto com minha orientadora, Professora Karla Rolim, PhD na área de Humanização, a experiência acadêmica e a sensibilidade de ambas foram determinantes para o desenvolvimento da tese.

Durante meu doutoramento, dei continuidade à temática abordada em 2021-2022, durante o Mestrado em Saúde Coletiva, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). O Projeto intitulava-se: “Cuidado Centrado na Pessoa Internada por AVC: Prognóstico, Humanização e Cuidados Paliativos”.

E por que Portugal? Eu não conhecia Portugal. Apesar disso, sentia afinidade, da “terrinha” além-mar. Em primeiro lugar, a escolha ocorreu devido à língua portuguesa, à história entre Brasil e Portugal e à minha admiração, desde a infância, pela família real (Dom Pedro I, Dom Pedro II, Princesa Isabel), da história de Portugal. Por isso, não tive dúvidas. Eu escolhi Portugal com a alma e com a razão.

Segui o solicitado pelo Edital (CAPES, 2024), mas não estava certa da minha aprovação. Eu pensava: “Por que não tentar?”. Mesmo assim, era um projeto que visualizava como algo distante, afinal, estava com 46 anos, dois filhos adolescentes, casada e com empregos bem estabelecidos. Contudo, estava diante do sonho de fazer uma boa tese de doutorado, um sonho que me impulsionava, mas de forma despretensiosa. De repente, a grande surpresa: a aprovação! Fui parabenizada pelos amigos, familiares, professoras e comecei a ir atrás dos documentos. Tive que pedir demissão de um dos empregos, licença de outros, encaminhar pacientes para colegas. Isso, para mim, foi um grande desafio, seja financeiro, seja para minha família, mas tive apoio do meu marido e segui com o que seria necessário para a estadia em Portugal.

Uma grande dificuldade foi a obtenção do visto de estudante, pois não ficaria pronto a tempo da viagem, devido às exigências imigratórias atuais. Assim, eu me deparei com o fato de não ter visto, mas, em razão do acordo entre Brasil e Portugal, seria possível ficar até 90 (noventa) dias em terras portuguesas (ETIAS, 2026). Enquanto estava no Vice-Consulado Português, com três horas de espera para os três minutos de explicações, mandei e-mail à Professora Manuela, a qual falou que, por ela, seria possível. Então, permaneci os quatro meses de licença e quase três meses em Portugal.

EXERCITANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM

Durante o período do estágio de doutorando, busquei uma integração com o corpo docente e uma interação com toda a comunidade educativa.

A cidade em que fiquei chamava-se Viana do Castelo, localizada no distrito com mesmo nome (Câmara Municipal Viana do Castelo, 2026). A cidade fica ao Norte de Portugal, próxima à Espanha, e meu local de hospedagem era próximo à ESS-IPVC. Eu fazia o percurso caminhando, admirando a linda paisagem (construções, vegetação, mar) e a vida cotidiana das proximidades.

Nesse cenário, fui muito bem acolhida no IPVC, o que me trouxe tranquilidade e a certeza de ter escolhido o caminho certo para meu aprimoramento profissional e, por que não, pessoal. Tive a oportunidade de conhecer a cidade de Viana do Castelo e fui delicadamente apoiada pelos funcionários da escola, que estavam sempre dispostos a nos dar orientação e a nos ajudar. Convivi com estudantes brasileiros e africanos, todos com ligação histórica com Portugal, e dividi a casa com duas estudantes africanas, o que proporcionou uma convivência boa. Esses momentos se tornaram fundamentais para aliviar a saudade da família e do Brasil.

A minha rotina acadêmica foi abençoada pela beleza de Viana do Castelo, pela hospitalidade dos portugueses e pela comida maravilhosa, com destaque para os pães. O cotidiano me possibilitou, assim, uma dedicação exclusiva à tese e às atividades acadêmicas, pois permaneci em casa por muito tempo e voltei-me à pesquisa e à escrita científica. Em busca de uma rotina saudável, estudava e vivenciava momentos prazerosos de caminhada para ver o pôr-do-sol de Viana (figura 1). Do alto e de todos os pontos que andei pela cidade, conseguia visualizar a Igreja de Santa Luzia, que trazia sensação de proteção (figura 2). Como era bom ouvir música e caminhar por Viana.

Figura 1 – Pôr-do-sol.



Fonte: autoria própria.

Figura 2 –Vista de Viana do Castelo.



Fonte: autoria própria.

A rotina de estudos foi um momento de resiliência e, ao mesmo tempo, de sobrevivência. Além disso, estive virtualmente presente em reuniões de projetos no Brasil e com meus filhos, ajudando no que fosse preciso em casa e na escola. Meu pai mandava mensagens de “bom dia”, todos os dias, o que alimentava mais ainda a vontade de não desistir. Eu apresentei aulas relacionadas ao Acidente Vascular Cerebral (AVC) e a Cuidados Paliativos.

Como trabalho acadêmico, também assisti a defesas do Mestrado em Cuidados Paliativos, as quais me encantaram Chamaram a atenção os

mesmos obstáculos que encontrava no Brasil, relativos ao acesso dos pacientes e familiares aos cuidados paliativos. Ademais, pude explorar estudos sobre a Política Nacional de Cuidados Paliativos de Portugal (Silva *et al.*, 2023) e sobre a Linha de Cuidados ao AVC português (República Portuguesa Saúde; Sistema Nacional de Saúde; Direção Geral de Saúde, 2017), para compará-los com os estudos do Brasil (Ministério da Saúde, 2024; Ministério da Saúde, 2020). Esses estudos, de modo geral, foram essenciais para o desenvolvimento da minha tese. Certamente, a experiência acadêmica vivenciada durante o doutorado sanduíche em Portugal me proporcionou, além da qualificação do saber, uma fonte de satisfação e de orgulho.

Ressalto que não foi só a utilização do computador, de *sites* institucionais e de programas de edição de texto, planilhas e análises estatísticas que resumiram minha experiência. Além do estudo, tive vivências culturais em Portugal, afinal, o país tem muita história, cultura e relação com a história do Brasil. Em um desses momentos, visitei a própria Viana do Castelo e o Navio-Hospital *Gil Eannes* (Fundação Gil Eannes, 2007), experiência que ocorreu, coincidentemente, no Dia de São Lucas, no Dia do Médico, em 18 de outubro. Fiquei emocionada com a energia do barco e a sua história: trata-se de um barco-hospital que atendia pescadores adoecidos, realizando internamentos e até cirurgias.

Ademais, pude visitar cidades ao redor de Viana, como Valença, Porto, Santiago de Compostela e Lisboa. Todos foram passeios incríveis. Eu sentia saudades e, ao mesmo tempo, sentia a presença do meu esposo e dos meus filhos. Portugal é um país lindo! Aconselho todos a visitarem! De todos os lugares que visitei, para mim, o melhor foi conhecer a casa do escritor português Fernando Pessoa (Casa Fernando Pessoa, 2026), onde ele morou nos últimos anos. Eu sempre gostei dos seus poemas, de sua biografia, então, visitar sua casa foi um dos momentos mais emocionantes, um encontro. Aliás, eu levo para minha vida, pessoal e profissional, o que foi repassado na visita: sua preocupação em organizar seus registros para assegurar a imortalidade (Pessoa, 2000, pg 14). Logo, trouxe comigo a

importância de deixar registros como este; a relevância do ato de publicar, só assim, podemos ser lembrados. Obrigada, Fernando Pessoa!

Caminhar por Viana do Castelo, por outras cidades em Portugal e por Santiago de Compostela, na Espanha, resgataram uma sensação que remontava à adolescência, na década de 1990: a segurança, algo que, infelizmente, falta no Brasil. Percebi o respeito ao espaço do outro, sem poluição auditiva provocada por celulares ou buzinas desnecessárias de carros. O transporte público e o ato de andar a pé, ou de fazer viagens de trem (o chamado “comboio”) para visitar qualquer cidade, foram muito agradáveis. Nesse contexto, refleti sobre como vivemos de forma estressada no Brasil e sobre a possibilidade de melhorar nossa qualidade de vida. Esses aspectos dialogam com a Saúde Coletiva e com as famosas e necessárias ODS (Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, 2024).

Após a entrega da escrita da tese, sob supervisão das Professoras Karla e Manuela, e diante da necessidade de concluir o doutorado, o intercâmbio, como parte da internacionalização, proporcionou não apenas a oportunidade de desenvolver e defender a pesquisa, mas também um crescimento pessoal incrível. Aprendi a não aceitar determinadas regressões, a desenvolver maior resiliência, a ostentar menos e a dar mais atenção à qualidade assistencial, de vida, de momentos e de propostas de emprego. Agradeço o apoio dos amigos e colegas no dia da defesa, em 9 de dezembro de 2025. Sim, consegui defender em Viana do Castelo! Foi muito especial ver amigos e familiares assistindo à minha defesa e ouvir os membros da banca examinadora, com seus questionamentos e avaliações, comentários e elogios.

Essa trajetória só foi possível por estar na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), amparada por verdadeiras educadoras, e por ter contado, além-mar, com exemplos dos professores e da instituição ESS, do IPVC. O compromisso com a Saúde Coletiva, aliado ao Programa de Internacionalização promovido pela CAPES, reforçou o compromisso com a ciência e a sociedade. Novamente, voltando a Fernando Pessoa, meu ídolo, nada mais pertinente do que citar o seu conhecido trecho:

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena.” (Pessoa, 1934). Valeu a pena atravessar o Atlântico, valeu tudo a pena. Minha alma ficou maior!

REFERÊNCIAS

BRASIL; CAPES. **Portaria nº 77, de 8 de março de 2024**. Dispõe sobre o Regulamento do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=14344#anchor>. Acesso em: 12 fev. 2026.

VIANA DO CASTELO (Portugal). Câmara Municipal. **Câmara Municipal Viana do Castelo**. Viana do Castelo: CMVC, 2025. Disponível em: <https://www.cm-viana-castelo.pt>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Edital nº 26/2024**. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/editais>. Acesso em: 12 fev. 2026.

CASA FERNANDO PESSOA. **Casa Fernando Pessoa**: loja online. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, [2026?]. Disponível em: <https://www.loja.casafernandopessoa.pt>. Acesso em: 12 fev. 2026.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO (IPVC). Escola Superior de Saúde (ESS). **Escola Superior de Saúde - IPVC**: portal institucional. Viana do Castelo: IPVC, [2026?]. Disponível em: <https://www.ipvc.pt/ess/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

PESSOA, FERNANDO. **Mensagem**. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1932.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO (IPVC). Escola Superior de Saúde (ESS). **Mestrado Enfermagem à Pessoa em Situação Paliativa**: curso. Viana do Castelo: IPVC, [2026?]. Disponível em: <https://www.ipvc.pt/ess/courses/enfermagem-a-pessoa-em-situacao-paliativa/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ETIAS. **ETIAS Portugal para brasileiros: requisitos e informações.** [S.l.]: ETIAS, [2026?]. Disponível em: <https://www.etiaseu.com.br/requisitos-europa/visto-portugal>. Acesso em: 12 fev. 2026.

PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a Busca da Imortalidade.** Lisboa: ASSIRIO & ALVIM, 2000.

FUNDAÇÃO GIL EANNES. **Gil Eannes:** navio museu. Viana do Castelo: Fundação Gil Eannes, [2007?]. Disponível em: <https://www.fundacaogileannes.pt/engine.php?cat=1>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BRASIL. **Portaria GM/MS nº 3.681, de maio de 2024.** Institui a Política Nacional de Cuidados Paliativos - PNCP no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS [...]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Linha de Cuidado do Acidente Vascular Cerebral (AVC) no Adulto.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Histórico ODS:** portal institucional. Brasília, DF: MMA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/aceso-a-informacao/informacoes-ambientais/historico-ods>. Acesso em: 3 set. 2024.

PORTUGAL. Ministério da Saúde. Direção-Geral da Saúde. **Decreto Regulamentar nº 14/2012, de 26 de janeiro:** via verde do acidente vascular cerebral no adulto. [S.l.]: DGS, 2012.

SILVA, Rui *et al.* **Plano Estratégico para o Desenvolvimento dos Cuidados Paliativos em Portugal Continental:** biênio 2023-2024. Lisboa: Ministério da Saúde, 2023.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR). **Doutorado em Saúde Coletiva:** programa de pós-graduação. Fortaleza: UNIFOR, [2026?]. Disponível em: <https://unifor.br/web/pos-graduacao/doutorado-saude-coletiva>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Mobilidade Acadêmica Internacional na Graduação em Enfermagem: relato de experiência França-Brasil

Kiarelle Lourenço Penaforte
Samira Valentim Gama Lira de Alencar
Curso Enfermagem
Universidade de Fortaleza

A internacionalização da educação superior se pauta em uma ordem global que compreende novas estratégias de relação entre países e instituições possibilitando discussões acerca dos processos de globalização e de internacionalização propriamente dita (Ribeiro; Afonso, 2021).

Diante desse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Enfermagem (DCN) ressaltam a necessidade de reconhecer as transformações da Enfermagem e da saúde, bem como os determinantes dos contextos nacional e internacional. Além disso, enfatizam a atenção às condições do setor saúde, fundamentadas em princípios, diretrizes e políticas públicas de âmbito internacional, nacional e regional. Nesse sentido, a internacionalização do currículo de Enfermagem se justifica por estratégias como a promoção do intercâmbio acadêmico e a incorporação de práticas globais e conteúdos relacionados à saúde internacional.

Corroborando as DCNs da Enfermagem, a Mobilidade Acadêmica Internacional em Enfermagem constitui um eixo estratégico para a internacionalização do ensino superior e para o desenvolvimento acadêmico dos participantes do processo. Ao oportunizar diferentes contextos culturais, sistemas de saúde e abordagens de Enfermagem, os programas de intercâmbio contribuem para a formação integral, resultando em sujeitos globalmente conscientes, ampliando as perspectivas dos estudantes e promovendo o desenvolvimento de competências e

habilidades interpessoais, além da adaptabilidade e da resolução de problemas em um ambiente multicultural (Martins *et al.*, 2024).

Nessa perspectiva, o ensino interdisciplinar vivenciado pelos estudantes durante o intercâmbio favorece a construção do saber-fazer de outras categorias profissionais, levando ao melhor entendimento de suas limitações e à identidade profissional (Freitas *et al.*, 2017).

Diante dessa casuística, sublinha-se como objetivo descrever a experiência de mobilidade acadêmica internacional de alunas francesas na graduação em Enfermagem de uma instituição de ensino superior brasileira. Destacam-se as vivências acadêmicas, práticas e interculturais no contexto da formação em saúde.

Trata-se de um relato de experiência que ocorreu no âmbito de um acordo de cooperação internacional entre uma instituição de ensino superior da França e outra do Brasil, com o objetivo de promover intercâmbio acadêmico, científico e cultural na formação em saúde.

O curso possui diversas experiências de mobilidade acadêmica, tendo a última sido realizada no ano de 2025. Normalmente, o período da experiência dura um mês e os estudantes são inseridos em atividades acadêmicas teóricas, práticas e extensionistas, conforme o projeto pedagógico do curso de Enfermagem da instituição.

As atividades desenvolvidas incluíram participação em disciplinas teóricas, práticas em laboratórios de habilidades, estágios supervisionados em serviços de saúde, além de ações de extensão e vivências interculturais nos contextos universitário e comunitário. As estudantes também tiveram contato com o sistema de saúde vigente de cada país. No Brasil, ressalta-se o Sistema Único de Saúde (SUS) e, por meio dele, tornou-se possível compreender a organização dos serviços de saúde, das práticas de Enfermagem e das políticas públicas brasileiras.

O relato foi construído a partir da organização e do planejamento que o curso de Enfermagem possui, além da observação das participantes, dos registros reflexivos dos estudantes e das discussões realizadas com docentes e

discentes das instituições envolvidas. As experiências foram organizadas de forma narrativa e analítica, considerando aspectos acadêmicos, assistenciais, culturais e linguísticos, bem como os desafios e potencialidades da mobilidade internacional na formação em Enfermagem.

Por se tratar de um relato de experiência, não houve aplicação de instrumentos formais de coleta de dados, respeitando os princípios éticos e garantindo o anonimato das participantes e das instituições envolvidas, conforme a Resolução n.º 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012).

O curso de Enfermagem possui parcerias com algumas instituições estrangeiras, o que facilita a mobilidade acadêmica internacional. Diante disso, seguem as ações de planejamento e implementação realizadas pelo curso:

O curso possui dois planejamentos para mobilidade acadêmica:

I – Mobilidade acadêmica internacional receptiva:

Esse tipo de planejamento tem a finalidade de promover a internacionalização do ensino superior em Enfermagem por meio do acolhimento de estudantes estrangeiros, favorecendo a troca de saberes, experiências e práticas em saúde em um contexto intercultural. Essa modalidade busca fortalecer o ambiente acadêmico, ampliar a diversidade cultural no processo formativo e consolidar a cooperação internacional entre instituições de ensino, contribuindo para a formação de profissionais com visão global e sensibilidade às diferentes realidades dos sistemas de saúde.

Diante disso, após a confirmação da mobilidade acadêmica internacional receptiva, o grupo gestor do curso de Enfermagem realiza uma avaliação a partir do perfil do(s) discente(s) intercambista(s), para colaborar com novos conhecimentos, oportunidades práticas e conexão com a realidade brasileira. Organiza-se um acolhimento inclusivo,

com orientações sobre os cenários das práticas, das normas éticas e da biossegurança, e ações de integração cultural e social, no intuito de reduzir a insegurança e facilitar a adaptação, bem como favorecer as atividades acadêmicas planejadas. Vale ressaltar que é proposto um acompanhamento contínuo pelo docente e pela coordenação do curso, a fim de identificar alguma dificuldade, apoiar na adaptação acadêmica e garantir o aproveitamento da experiência.

Uma estratégia de fortalecimento dessa modalidade é a seleção de alunos para apoiar o momento, de forma a favorecer a tradução, ou seja, a comunicação efetiva, as integrações acadêmica e cultural e a qualidade da experiência formativa. Esse apoio mostra-se relevante durante as aulas práticas nos serviços de saúde, nas quais há contato direto com pacientes cuja língua predominante é o português, o que contribui para a qualificação do atendimento. Embora o docente esteja presente, a dinâmica das atividades práticas demanda o apoio dos alunos tradutores, que complementam a atuação do professor, colaborando para o desenvolvimento da prática assistida.

Ademais, é realizado um planejamento prévio das disciplinas a serem acompanhadas pelas intercambistas, possibilitando diferentes cenários de ensino-aprendizagem, como sala de aula, laboratório para desenvolvimento de habilidade prática, aula de campo em serviços de saúde e atividades extensionistas.

Quando ocorre essa análise do perfil do aluno intercambista com a matriz curricular da instituição de ensino, opta-se por disciplinas que facilitem o processo ensino-aprendizagem. Assim, os professores são convocados a realizarem uma estruturação para esse momento do intercâmbio, viabilizando as experiências relacionadas à Enfermagem brasileira. O objetivo é proporcionar novos conhecimentos e impactar no ensino-aprendizagem das intercambistas, refletindo em sua prática assistencial.

Dessa forma, os alunos e professores envolvidos podem conhecer uma nova cultura e novas realidades assistenciais e de formação diferentes, possibilitando reflexões críticas sobre a atuação da Enfermagem no mundo.

Ribeiro e Afonso (2021) destacam que a formação profissional qualificada é um dos motivos para se buscar um programa de mobilidade estudantil internacional, uma vez que proporciona o conhecimento de universidades renomadas em grandes centros de pesquisa e a produção de conhecimento. Além disso, essa experiência oportuniza o aprendizado de uma nova língua estrangeira, a partir da convivência com colegas e professores, que podem utilizar a língua no dia a dia, conseguindo desenvolver a comunicação, o que potencializa o aprendizado.

II – Mobilidade acadêmica internacional ativa

Esse tipo de mobilidade tem a finalidade de ampliar a formação acadêmica dos estudantes por meio da inserção em contextos internacionais de ensino, pesquisa e prática profissional. Essa modalidade visa, portanto, promover o contato com diferentes sistemas de saúde, modelos assistenciais e abordagens pedagógicas, contribuindo para a formação crítica, reflexiva e globalmente contextualizada do futuro enfermeiro.

Diante disso, após a confirmação da mobilidade acadêmica internacional ativa, o grupo gestor do curso de Enfermagem realiza uma seleção do(s) discente(s) intercambista(s), priorizando estudantes que já apresentam interesse em participar de experiências internacionais, afinidade com internacionalização e disponibilidade acadêmica. Essa seleção visa garantir um suporte pedagógico e linguístico para qualificar o processo de ensino-aprendizagem durante a mobilidade.

Após o retorno do aluno, é solicitada a socialização da experiência, favorecendo a troca de saberes e estimulando o interesse de outros discentes pela internacionalização.

Assim, a internacionalização na graduação de Enfermagem funciona como estratégia para formação de profissionais críticos, reflexivos, capazes

de atuar em diferentes contextos de saúde. Nesse contexto, a mobilidade acadêmica internacional amplia os horizontes, fortalece a integração entre ensino, pesquisa e extensão e contribui para a consolidação de práticas alinhadas com as diretrizes curriculares brasileiras do curso de Enfermagem, que pauta demandas globais de saúde na qualificação do processo de formação do enfermeiro.

Azzolin *et al.* (2025) destacam que a internacionalização de Enfermagem não exige, necessariamente, a modalidade física dos estudantes para outros países. Assim, pode ser implementada por meio de estratégias como intercâmbio virtual, tradução colaborativa de materiais, discussão comparativa de sistemas de saúde e produção conjunta de conhecimento. Em síntese, essa modalidade estende a oportunidade de internacionalização para os estudantes de Enfermagem.

Então, diante disso, é válido rever todas as alternativas que propiciam a internacionalização para o estudante de graduação, uma vez que a expansão do conhecimento global propiciará uma prática mais consciente e reflexões críticas sobre documentos internacionais.

REFERÊNCIAS

AZZOLIN, Gabriela Marchiori Carmo *et al.* Internacionalización de la educación en enfermería: informe de experiencia sobre la Asociación Brasil-Estado Unidos em el programa pet-enfermería. **Revista Abracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 12, p. 1-17, 2025.

BRASIL. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem, licenciatura e bacharelado**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos

participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10 fev. 2026.

FREITAS, Glauteice Freitas *et al.* Intercâmbio internacional nos cursos de graduação de enfermagem. **J Nurs Health**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 213-225, 2017.

MARTINS, Giovana Immich *et al.* A contribuição da mobilidade acadêmica em Portugal para graduação de enfermagem: relato de experiência. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 13, n. 2, 2024.

RIBEIRO, José Antonio Bicca; AFONSO, Mariângela da Rosa. A internacionalização do ensino superior e sua contribuição para a formação na área da saúde. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 65, p. 288-304, 2021.

INTERCÂMBIO ACADÊMICO EM SALAMANCA: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Allana Nicole Sobreira Pereira

Curso Psicologia

Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

O intercâmbio foi realizado na cidade de Salamanca, na Espanha, tendo como instituição de destino a *Universidade de Salamanca (USAL)*, durante o semestre de 2025.2, por meio do programa *UNIFOR International Passport*. A experiência foi planejada com o objetivo de promover uma imersão cultural e contribuir para a estruturação do meu currículo, especialmente considerando a intenção futura de ingressar em um mestrado internacional. O processo se iniciou enquanto eu cursava o 7º semestre de Psicologia.

Além de levar a um ganho profissional, o intercâmbio representava a realização de um sonho. Havia, nessa escolha, o desejo de vivenciar um processo desafiador de aprendizagem, aliado à construção de experiências e trocas afetivas que, sem dúvidas, fortaleceram meu percurso acadêmico, seja por meio da motivação, seja por meio do senso de pertencimento.

Desde os nove anos de idade, iniciei o estudo de idiomas. Aprendi o inglês de forma autodidata, movida pelo desejo de me comunicar com o outro e com o diferente. Ressalto que esse movimento de abertura ao mundo contribuiu para a formação da minha identidade como estudante de Psicologia e como pessoa. Posteriormente, iniciei o aprendizado do espanhol, minha terceira língua, processo que se mostrou mais desafiador, mas igualmente enriquecedor.

Embora o intercâmbio fosse um grande sonho, a princípio, eu não sabia como viabilizá-lo. Somente ao longo dos semestres do curso de Psicologia, observei um movimento crescente de estudantes ingressando em programas de mobilidade acadêmica em diversos países, o que despertou em mim o questionamento e a percepção de que também poderia fazer parte dessa experiência. A partir disso, iniciei pesquisas, conversei com antigos intercambistas e busquei orientação junto ao Núcleo de Estratégias Internacionais (NEI) e, especificamente, junto à profissional Rayanne Pires Bezerra, fundamental no meu processo de preparação e sempre disponível para orientar ou facilitar os trâmites necessários.

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) demonstra forte compromisso com a internacionalização, construindo pontes que permitem aos estudantes ampliar horizontes acadêmicos e culturais. Sem o convênio estabelecido e o suporte da equipe do NEI, essa experiência estaria muito distante da minha realidade.

Apesar de compreender, de forma geral, o funcionamento de um intercâmbio, não conseguia visualizar, com total clareza, o que enfrentaria e vivenciaria, sobretudo por se tratar da minha primeira viagem internacional e da primeira experiência de morar sozinha em outro país. Durante o período na Universidade de Salamanca, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos na área da Psicologia com professores renomados, acessando produções científicas atuais, especialmente pesquisas quantitativas contemporâneas, o que ampliou minha formação acadêmica.

EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Durante as aulas na Universidade de Salamanca, fui percebendo o quanto estava preparada como aluna. Apesar do desafio linguístico e cultural, identifiquei que os conhecimentos em Psicologia adquiridos na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) estavam atualizados e sólidos,

o que me proporcionou base para aprofundar e aperfeiçoar o conteúdo apresentado nas disciplinas cursadas.

As disciplinas escolhidas eram estruturadas com momentos teóricos e práticos, frequentemente conduzidos por diferentes professores. Embora essa organização se assemelhe ao modelo da UNIFOR, percebi diferenças significativas na compreensão do que se considera “parte prática”. Na *USAL*, a prática estava, majoritariamente, vinculada à participação em sala de aula, debates e resolução de atividades acadêmicas. Por outro lado, na UNIFOR, minha experiência prática esteve fortemente associada à inserção em campos externos à universidade, como escolas, postos de saúde e centros comunitários, o que considero um diferencial relevante na formação, por ampliar o contato com realidades concretas de atuação profissional.

Em relação às avaliações, observei que os alunos dedicavam grande parte de seus esforços às provas finais, as quais concentravam a maior parte da nota e ocorriam ao término do semestre. Diferentemente do modelo vivenciado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde há avaliações distribuídas ao longo do período letivo e maior diversidade de instrumentos avaliativos, na *USAL*, as apresentações orais e trabalhos escritos, quando existentes, representavam uma porcentagem menor da nota e nem sempre eram obrigatórios.

O modelo de avaliação objetiva também se mostrou desafiador. Tratava-se de um sistema de teste em que o estudante pontuava ao acertar a questão, mas perdia o dobro da pontuação caso errasse, como estratégia para evitar respostas aleatórias. Esse formato exigia maior cautela e segurança no conteúdo, especialmente para um aluno intercambista, ainda em processo de adaptação linguística.

No que se refere à postura dos professores, percebi uma maior rigidez e hierarquização na relação docente-discente. Embora a autoridade acadêmica seja naturalmente reconhecida, a menor abertura para mediação e troca pode inibir a participação dos alunos e dificultar o processo de aprendizagem, sobretudo para estudantes estrangeiros que já enfrentam

desafios de integração e pertencimento. Em contraste, na UNIFOR, embora o professor detenha posição hierárquica no saber, percebo uma mediação mais acessível e dialógica, favorecendo a construção conjunta do conhecimento.

Outro aspecto que senti falta foi de um programa de acolhimento institucional semelhante ao *Buddy Program* da UNIFOR. Compartilhei essa experiência positiva com outros estudantes intercambistas, destacando a importância de um suporte inicial estruturado. Na *USAL*, percebi fragilidades nesse acompanhamento, inclusive em processos administrativos simples, como alterações de horários e disciplinas, que ocasionou dificuldades adicionais durante o período de adaptação.

DESAFIOS ENFRENTADOS

A escolha pela Espanha foi particularmente interessante, pois trata-se de uma cultura mais expressiva e calorosa, além disso, em alguns aspectos, é semelhante à cultura brasileira. Ainda assim, o processo de adaptação social se mostrou desafiador, especialmente nas interações mais informais, fora do contexto acadêmico. A construção de vínculos leves e espontâneos exigiu tempo e abertura.

O idioma foi outro fator desafiador, sobretudo pela rapidez da fala e pelo sotaque espanhol, que, inicialmente, dificultavam a compreensão. Com o tempo, porém, essa barreira foi sendo superada, transformando-se em elemento de apreciação e crescimento. A experiência evidenciou que a adaptação linguística não ocorre apenas no domínio da gramática, mas também na capacidade de se expressar emocionalmente em outra língua.

Como intercambista de primeira viagem, a autonomia e a gestão financeira também me desafiaram. Lidar com orçamento, organização de despesas e responsabilidades cotidianas exigiu maturidade e planejamento. Em um primeiro momento, essas demandas pareciam quase intransponíveis, entretanto, com o tempo, tornaram-se naturais.

Essa vivência reforçou, de forma concreta, a noção de neuroplasticidade discutida nas neurociências, isto é, somos capazes de nos reorganizar, aprender e nos reinventar diante de novas circunstâncias.

No campo afetivo, a distância da família e o impacto na saúde emocional também foram significativos. Compreendi que não é possível replicar o ambiente familiar em outro país, mas é possível construir novos espaços de pertencimento. A abertura para o novo, para as pessoas e para os lugares mostrou-se essencial no processo de adaptação. Quanto maior a consciência dessa transição, mais leve tende a ser a experiência.

Outros desafios de destaque foram a língua e a sensação de solidão. Havia a constante necessidade de “traduzir quem eu era” para o espanhol ou para o inglês, o que gerava, por vezes, angústia e sensação de deslocamento. Tudo funcionava de maneira diferente, desde aspectos culturais até estruturas cotidianas. Apesar dessa avalanche inicial, encontrei suporte na fala e na troca com amigos e outros intercambistas. Quando compartilhava dificuldades, percebi que muitos desafios eram coletivos e que a experiência de estranhamento fazia parte do processo.

Ao final, aprendi o quanto minha identidade é constituída cultural e afetivamente pelas pessoas que me cercam. Portanto, compreendi que não era errado sentir saudade ou reconhecer fragilidades, mas que também sou capaz de viver realidades diferentes daquelas que conhecia, construindo novas referências com alegria e autonomia.

CRESCIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

O acesso ao ensino da Psicologia em diferentes países permitiu-me perceber distinções relevantes em narrativas e perspectivas teóricas. No Brasil, especialmente na formação recebida na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), tive amplo contato com abordagens que dialogam com perspectivas sociais e contextuais. Na Espanha, por sua vez, observei uma predominância maior da abordagem cognitivo-comportamental

nas disciplinas cursadas. Essa diferença evidenciou a importância da pluralidade teórica na formação em Psicologia, reforçando o valor de uma base diversificada, que possibilite uma atuação mais extensa e sensível às múltiplas realidades humanas.

Com o tempo, o aprimoramento linguístico ocorreu de forma mais fluida. Busquei, intencionalmente, trocar experiências com outros intercambistas e moradores locais, como forma de praticar o idioma e ampliar minha compreensão cultural. Esse movimento foi essencial para fortalecer minha confiança na comunicação e na construção de vínculos.

Para além do contexto acadêmico, tive a oportunidade de realizar um voluntariado na Cruz Vermelha, auxiliando uma psicóloga na mediação de grupos de saúde mental voltados para jovens. Essa experiência foi desafiadora, pois exigia não apenas enfrentamento das barreiras linguísticas, mas também preparo teórico consistente para contribuir de maneira ética e responsável naquele espaço. O voluntariado impactou, assim, a construção da minha identidade profissional, pois me colocou diante da prática em um contexto internacional e reforçou a importância da preparação técnica aliada à sensibilidade cultural.

IMPACTO NA FORMAÇÃO E FUTURO

A psicóloga que desejo ser é atravessada por todos esses desafios, angústias e pela pluralidade vivenciada durante o intercâmbio. A experiência internacional aprimorou minha capacidade de acolher o diverso, a começar pela minha trajetória. Ao enfrentar diferenças culturais, linguísticas e afetivas, aprendi a reconhecer no outro a complexidade que também existe em mim, fortalecendo uma postura profissional que alia compreensão técnica à escuta sensível.

Além das trocas acadêmicas formais, foi possível estabelecer interações com outros intercambistas, que ampliaram meu senso de mundo. A convivência com estudantes turcas, romenas, argentinas e de

outras nacionalidades fez com que eu acessasse perspectivas individuais e coletivas distintas, compreendendo como fatores culturais atravessam experiências subjetivas. Diante disso, criei uma melhor percepção sobre diversidade, identidade e pertencimento, aspectos fundamentais para a atuação em Psicologia.

A experiência também marcou o início de um processo de internacionalização do meu currículo. O intercâmbio engrandece horizontes acadêmicos e profissionais, possibilitando contato com programas, professores e instituições de diferentes países. Esse movimento, portanto, expande oportunidades futuras, tanto no âmbito da formação continuada quanto em possíveis colaborações acadêmicas e projetos internacionais.

Durante o período na Universidade de Salamanca, estabeleci contato com professores doutores, não apenas no contexto das aulas, mas também por meio de diálogos que abriram possibilidades de futuras colaborações e produções acadêmicas. Essa aproximação reforçou a importância de construir redes profissionais e compreender a Psicologia como campo de conhecimento que ultrapassa fronteiras nacionais.

Assim, o intercâmbio, além de uma experiência acadêmica temporária, foi um marco na construção da minha identidade profissional. De modo geral, ampliou perspectivas e consolidou o compromisso com uma atuação ética, plural e internacionalmente conectada.

CONCLUSÃO

Portanto, a experiência de intercâmbio foi, em síntese, profundamente enriquecedora e desafiadora, promovendo transformações significativas em diferentes dimensões da minha vida. Ao longo desse percurso, compreendi que, com maturidade e dedicação, é possível alcançar objetivos que, inicialmente, parecem distantes.

A mobilidade acadêmica revelou-se não apenas como uma ampliação de horizontes educacionais, mas também como um processo de crescimento

pessoal. A vivência internacional, além do desenvolvimento técnico, fortaleceu minha autonomia, intensificou minha visão de mundo e consolidou minha identidade profissional em construção.

Acredito que experiências como essa contribuem tanto para a trajetória individual do estudante quanto para a própria universidade, que reafirma seu compromisso com a internacionalização e com a formação de profissionais preparados para contextos globais. Encorajo todos os estudantes que tiverem a oportunidade de realizar uma mobilidade acadêmica a vivenciá-la, pois os ganhos ultrapassam o âmbito acadêmico, impactando de forma duradoura a trajetória pessoal e profissional.

A JOURNEY OF LEARNING AND ADAPTING IN SOUTH KOREA

Felipe Correa

Curso Farmácia

Universidade de Fortaleza

My adventure to the other side of the planet started through a variety of factors. It all began in November 2022 with a choice of studying an Eastern Asian language, and yes, I chose Korean. Back then it was meant to be just a learning exercise without diving too deep into it, as my only learning outlet was Duolingo.

The other factor came about sometime later in 2024 when a friend of mine went on an exchange of her own, seeing her photos and experiences made me start thinking about going on an exchange myself.

And lastly, in May 2024 I started working part-time as a lab assistant in a cosmetics industry, this experience made me interested in acquiring more knowledge about the production and development of cosmetics. Diving deeper into this subject gave me a newfound motivation for my future and for my development as a professional.

As all these ideas got inside my head, I realized that there's a huge investment in the cosmetic industry in South Korea, which in turn made me look for exchange programs from Unifor to South Korea and, thankfully, there were some options. With this, all the cards were set on the table, and I began to investigate what was needed for the Exchange Program.

The process of acquiring every required documentation was long, full of waiting, a lot of harsh deadlines, and extremely uncertain. There were some moments where I thought there wouldn't be enough time to gather everything in time, but thankfully I had the willpower to not let

the hardships get to me and kept pushing forward with my decision to travel to Korea. Additionally, Unifor's NEI (particularly Rayanne) helped me with any sort of assistance I needed, especially by intermediating a lot of bureaucracy issues that needed to be sorted out.

I cannot thank them enough for all the wonderful work explaining the whole process and providing support with things I couldn't do myself.

The original plan which me and my family had organized was to travel going through the USA, stopping at Los Angeles for a week to spend some time with my brother that lives there, and then keep going to South Korea.

Unfortunately, the US immigration did not approve my visa, and some last-minute changes had to be made. My trip instead would go through Europe, stopping only at France for 2 hours. It was extremely exhausting since the entire trip lasted about 24 hours with minimal rest time.

As I reached Korea I was hit with a sudden feeling of awe, the thrill of exploring a new place is something I adore to no end. I immediately went to the SIM card booth to get my brand- new Korean number to get a taxi to my new home for the next 5 months.

Riding that first taxi had me filled with so much excitement for the adventure that was to come. Sightseeing the different buildings, the houses, and trying to read every bit of Hangul I could see showed me just how much I didn't know about the world we live in. There are people living in such different conditions, cultures, and perspectives in every corner of the Earth, and we never bat an eye because everything is treated as "they are weird" or "their culture is nonsensical".

Upon entering the apartment, I quickly learned that there are a diverse number of rules that I had to learn and get used to. Unlike Brazil, Korea sustains incredibly clean and tidy public places, much of this is due to their garbage and trash policies. Instead of having trash cans around the city for easy disposal of garbage, every person living in Korea (foreigner

or no) must separate their own garbage within their own homes into specifically labeled trash bags. Furthermore, each type of garbage has its own day of the week to be placed outside for the refuse collector to pick up every day, the process of learning this was quite confusing as I had never had to be so meticulous with where each piece of trash had to go.

Most of the first few weeks was spent just learning and adapting to the new culture. Interacting with people, ordering food, taking a bus or taking the subway, everything appears to be similar to what I was already used to, but there are some small details in how to approach people, in which words to use, or even in how you dress that could be interpreted as bad manners or even ill-mannered by locals.

Even though the culture and the way to communicate is so different, I managed to feel at home quickly, everyone respects each other's personal space and silence. It's a country with such a peaceful environment that, as a Brazilian, it doesn't feel real. Having 5 full months with such tranquility made me think so much about myself, my life, and my inner peace. Not only did this exchange make me experience a new culture but it also gave me a new perspective on life.

I don't have to live in a specific way because people tell me to, if it doesn't hurt anyone I can live however I choose. And sharing kindness virtuously is my way of living.

My experiences within Inha University were unique, it was the place where I had the most interaction with Koreans and other exchange students. Not only that but the international team, who provided support for the international students, organized several events, field trips, and culture exchange moments to take part in. It was within these events that I made friends with people from France, Belarus, Austria, Sweden, Uzbekistan, etc. Never had I imagined that I would meet so many people from all over the world.

The field trips I went on took me to beautiful photo spots around the capital Seoul for sightseeing, some traditional Korean restaurants, and

a palace named Gyeongbokgung which to enter everyone had to dress up in traditional Korean clothes known as Hanbok. It felt so magical to be inside the palace and learn about how life during ancient times in the Korean peninsula was.

Image 1 – Wearing Hanbok



Source: personal archive.

Classes at Inha were well organized and well taught, I had two teachers that were fantastic, one of them was always interacting with me (as I was the only foreigner in the class) to make me feel more at home, and he kept pushing to build a good relationship with his students. Every class there was a nice conversation about how some things worked in Korea in comparison to Brazil, as well as a language exchange, the class was taught in English but sometimes there would be information in Korean and the teacher would ask me how to say it in Portuguese.

However, I did have one teacher that did not provide me with the best moments, he would always pester me by asking me random things during class but not to the other students, this behavior from lasted the entire semester. Thankfully there were only two classes per week with him and honestly such actions don't bother me, but it does get annoying at times.

Korea is such a pleasant country to explore, most of my time was spent walking around the capital Seoul after a one-hour trip. While in Seoul I went to an artificial river that runs through the city, hiked up a few mountains, had fun on an amusement park next to a beach, partied hard on late night clubs at Hongdae, exercised at a bouldering gym, went shopping on Seoul's huge subterranean malls, tasted so many kinds of food, and even found a Brazilian restaurant to eat some homey food.

Image 2 – Cheonggyecheon Stream



Source: personal archive.

Image 3 – Wolmi Theme Park



Source: personal archive.

I truly feel that I made the most of my time during this exchange. I never felt unmotivated or homesick enough to stop doing what I wanted. The only real limitation came from Korea itself. Foreigners staying for more than three months must apply for the ARC (Alien Registration Card), which serves as an ID. However, due to system issues, the card was delayed and I only received it in mid-November.

The ARC was essential because, without it, I would not have been able to re-enter Korea after traveling abroad, since my student visa allowed only a single entry. As a result, I could not make any travel plans until I received it.

On December 15th classes were over, it was then that I began my traveling around Asia. My plans included trips to Jeju Island (a South Korean volcanic island), China, and Japan. All of it happened in the span of one month.

Starting off in Jeju, where I spent one week, I went out to explore well-preserved traditional Korean villages, admire stunning coastal rock formations by boat, and even take an 8 hour hike up a 2000 meters high volcano.

The next destination was China. Which was quickly met with unforeseen events, my VPN did not work, leaving me unable to contact anyone in Brazil due to China's restrictions on websites and apps. Although stressful, I refused to let it overshadow the experience. I visited remarkable landmarks such as the Great Wall, the Imperial Palace, the Summer Palace, and the Temple of Heaven, and even saw pandas at the Beijing Zoo.

Image 4 – Mutianyu Great Wall



Source: personal archive.

For the final trip, I made sure everything was carefully planned. Japan had always been a dream vacation, and I wanted every moment to count. I spent two weeks there, dividing my time between Tokyo and Kyoto. In Tokyo, I experienced the greatness of the capital, from Shibuya Crossing to the Tokyo SkyTree, while enjoying the incredible Japanese cuisine, and views of Mount Fuji. Kyoto offered a contrasting atmosphere, rich in tradition and history, where I explored ancient temples, watched a Geisha performance, walked through the torii gates of Fushimi Inari, visited Nara Park, and even enjoyed the Nintendo World theme park.

Image 5 – Mount Fuji at Fujikawaguchiko



Source: personal archive.

After leaving Japan I returned to Korea for about 3 days before heading back to Brazil, and within these last days I took a few moments to think back on everything that occurred in the last 5 months. As a person that adapts fast to new places it felt like I started taking things for granted after a couple months, but I never thought that I was having a bad time.

Is South Korea a great country? Absolutely yes, you are guaranteed to enjoy your time while living there. But it is by no means a perfect country, every place has its issues, and South Korea is no exception, from extremely low birth rates to high cost of living, it shows that no matter how romanticized a country is on social media or television, it will have problems.

Regardless, every moment was thoroughly enjoyed, I can say that I returned to Brazil a changed person with a different perspective on life, and I'm ready to put the knowledge I acquired into practice. I hope to bring some of the Eastern Asian culture into my life and integrate it into my daily practices.

“There is nary a moment from which one fails to learn, no matter how many forks, every road has a trail, a mark left by those who came before, follow them, use them, it's what they are there for. Do not be afraid to create your own road, however. All things need a starting point, be the one to provide the trail for those who come after”.

DESLOCAR-SE PARA CRESCER: VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS EM MOBILIDADE INTERNACIONAL

Hadija Siqueira Cysne Baali
Curso Psicologia
Universidade de Fortaleza

Este é um relato sob a perspectiva da aluna do 5º semestre de Psicologia, Hadija Siqueira Cysne Baali, que ainda está vivenciando a mobilidade internacional.

A primeira vez que ouvi falar a respeito do programa de intercâmbio da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) foi por meio de uma colega do curso e amiga pessoal, Luiza Albuquerque Mendonça. Até então, eu acreditava que o processo para realizar um intercâmbio era muito mais complexo e distante da minha realidade como estudante universitária, pois carregava a ideia de que essa experiência ocorria, em sua maioria, durante o período escolar.

A partir da conversa com essa amiga, minha percepção começou a mudar e passei a enxergar uma possibilidade real de fazer parte de um intercâmbio. Desde então, passamos a desenvolver a ideia de viver essa experiência juntas.

Assim, cerca de um ano antes do período previsto para o intercâmbio, começamos a pesquisar países e universidades. Nesse processo, os profissionais do Núcleo de Estratégias Internacionais (NEI) foram fundamentais, visto que procurei o setor diversas vezes para esclarecer dúvidas e me certificar de que todos os passos estavam sendo seguidos corretamente.

Após o período de pesquisa, decidimos realizar a mobilidade internacional na Espanha, na *Universidad Miguel Hernández de Elche*,

localizada na cidade de *Elche*, na província de *Alicante*. A escolha do país foi movida tanto pelo interesse na língua espanhola quanto por acreditarmos que, entre as opções, poderia ser um país mais aberto e caloroso. A cidade, em específico, chamou nossa atenção por ser pequena, majoritariamente universitária e, principalmente, por possuir muitas praias.

Nesse momento, a origem do meu desejo de realizar esse processo estava profundamente ligada à busca por maior liberdade e autonomia. Somado a isso, havia também uma satisfação pessoal em me integrar a uma nova cultura e aprender outro idioma.

No âmbito profissional e acadêmico, a motivação era muito clara: estudar Psicologia a partir de uma perspectiva diferente da que eu estava habituada no Brasil, entrando em contato com novos métodos e formas de aplicação prática. Acreditava que essa experiência expandiria minha visão da área e poderia representar um diferencial dentro da minha formação quando retornasse ao Brasil.

Antes de chegar à Espanha, eu nutria uma visão mais positiva sobre o intercâmbio. Acreditava que a saudade não seria um grande problema e não me preocupava tanto com possíveis choques culturais. No entanto, a repentina mudança de idioma e a perspectiva de morar com uma amiga pela primeira vez passaram a causar certa preocupação.

Diante disso, o que me trouxe alívio foi a forma como buscamos ser totalmente transparentes uma com a outra em relação aos nossos medos e inseguranças. Tivemos inúmeras conversas e estabelecemos alguns acordos antes e também durante a viagem.

Quando cheguei à Espanha, deparei-me com uma situação que definitivamente não esperava: tive minha primeira infecção alimentar faltando dois dias para o meu aniversário. Naquele momento, a única coisa que eu queria era voltar para o conforto da minha família e dos meus amigos. Esse foi, provavelmente, o primeiro momento de desespero que enfrentei durante o intercâmbio.

Com o passar dos dias, a sensação de apenas “estar viajando” foi embora e veio a necessidade de começar a construir uma nova rotina.

Desse modo, pequenas decisões do cotidiano passaram a ocupar um espaço muito maior na minha vida, como o planejamento das ações do dia, o horário de lavar roupa, as compras do mercado e a preparação das refeições ao longo da semana. Foi nesse momento que me vi, finalmente, enfrentando a tal autonomia que tanto buscava.

Em paralelo, surgiu a insegurança diante do novo idioma. Apesar de ter sido aprovada no teste de proficiência em espanhol, percebi que, na prática, falar espanhol não era tão simples quanto eu imaginava. Acompanhar as aulas e entender o conteúdo exigia muito mais esforço e nem sempre eu conseguia acompanhar as explicações.

Além disso, minha relação com a universidade teve altos e baixos. A estrutura do campus é incrível e, por ser muito arborizado, muitas vezes me fazia lembrar a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A universidade oferece diversas atividades para os estudantes, como eventos e encontros pensados para promover a socialização.

A maior decepção foi em relação à forma como a Psicologia é vista na Europa. A partir da minha experiência, pude perceber que a abordagem cognitivo-comportamental é dominante, e praticamente única, quando comparada a outras perspectivas que acabam não sendo muito valorizadas. Muitas aulas têm um tom mais biomédico, focado em diagnóstico e sintomas, o que pode parecer limitado para quem vem de uma formação mais ampla.

Apesar disso, é inegável que a abordagem cognitivo-comportamental é analisada de forma muito mais rica. As aulas permitem acessar diferentes visões nessa área e aprofundar conceitos que, no Brasil, muitas vezes, não são tão explorados.

Ao longo do caminho, observando algumas pessoas, percebi que muitas frustrações surgem da expectativa irreal de uma vida perfeita: muitas amizades, oportunidades diversas e quase nenhum desafio. Por isso, sinto que é importante destacar um lado do intercâmbio que raramente é comentado. A liberdade que ele oferece é cativante, mas também

pode ser perigosa, pois, facilmente, cria a ilusão de estarmos isentos de consequências, responsabilidades e até de momentos de tristeza.

Essa experiência já é desafiadora por si só, pois estamos sem nossa língua materna, nossos costumes, amigos e familiares. Dito isso, ter consciência de que cada jornada é individual me ajudou a respeitar quem sou e minhas escolhas, sem me comparar com a vida de outras pessoas ao meu redor. Colocar-me em situações que julgava corretas e viver de forma responsável, sem perder de vista meus objetivos, foi, com certeza, o diferencial para que essa experiência fosse proveitosa e saudável, de acordo com o que me propus a viver.

Como fechamento, afirmo, com toda a sinceridade, que essa foi, sem dúvida, uma das experiências mais importantes da minha vida. O crescimento pessoal e profissional que venho vivenciando ao longo desse intercâmbio é algo que, dificilmente, poderia ser mensurado. Grande parte desse desenvolvimento está diretamente relacionado com o contato com diferentes culturas, que se tornou um dos aspectos mais enriquecedores dessa vivência.

Dessa forma, o ato de sair de casa e de interagir com pessoas de diversas partes do mundo vem me proporcionando experiências únicas. Nesse percurso, estou conhecendo novos costumes, tradições, idiomas e culinárias, que, em outras circunstâncias, não vivenciaria tão cedo. Essa diversidade aumentou minha visão de mundo, possibilitando não apenas a melhor compreensão de outras realidades, mas também a construção de conexões ao longo do caminho.

Nesse contexto, destaco a convivência com um dos meus colegas de apartamento, natural de Mali. Além da casa, compartilhamos vivências, reflexões sobre a vida e longas conversas sobre nossos países de origem. Esses momentos de troca têm sido fundamentais para fortalecer meu apreço por diferentes culturas e também para perceber as semelhanças que nos aproximam. Foi a partir dessas conversas e encontros que comecei a rever algumas percepções que tinha antes de chegar à Europa.

Assim, pude desmistificar algumas ideias preconcebidas. Embora o acesso a serviços básicos e a determinadas estruturas seja, de fato, mais garantido em muitos países europeus, essa experiência me fez perceber que qualidade de vida, oportunidades de crescimento e possibilidades de construir caminhos com significados não pertencem a um único lugar. Ao ampliar minha percepção sobre diferentes realidades, passei também a valorizar ainda mais o Brasil, reconhecendo a riqueza da nossa diversidade cultural e o potencial que temos de construir caminhos igualmente ricos em experiências, aprendizados e desenvolvimento.

Figura 1 – Elche, 27 de setembro de 2025.



Fonte: autoria própria.

Figura 2 – Alicante, 5 de outubro de 2025.



Fonte: autoria própria.

Figura 3 – Santa Pola, 28 de janeiro de 2026.



Fonte: autoria própria.

Figura 4 – Alicante, 8 de fevereiro de 2026.



Fonte: autoria própria.

DEVANEIOS DE UM ANO NA FRANÇA

Rafaela Almeida Pinheiro

Curso Psicologia

Universidade de Fortaleza

A Psicologia não é minha primeira graduação. Cheguei para uma segunda graduação já calejada, com um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nas costas e uma forma de ver a universidade de maneira completamente diferente do que na primeira. Cheguei sabendo mais ou menos o percurso que iria trilhar, isto é, iria participar das aulas, tentar uma monitoria, participar de pesquisas e, não menos importante, viver a experiência. Dessa forma, desde o meu primeiro semestre na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), busquei informações sobre o que seria necessário para participar do programa de intercâmbio, pois sempre quis ter a experiência de morar fora e, pela primeira vez, essa oportunidade pareceu palpável.

Como todo desafio é pouco, eu, nativa em português e fluente em inglês, escolhi morar na França e estudar em uma universidade em que as aulas são todas em francês. Nesse momento, pode surgir a dúvida: “Você já falava francês?” A resposta para essa pergunta é: “Não, mas vou aprender”. E aprendi. Quer dizer, aprendi? Mesmo com aulas e aulas de francês e um teste de proficiência, atestando um nível B1 (intermediário) em francês, em agosto de 2025, quando finalmente cheguei à França, a realidade veio à tona: um ambiente controlado de ensino de um idioma, onde ninguém, de fato, sabe, além do professor, e a vida real do dia a dia em um país que fala esse idioma são experiências bem diferentes. Assim que desembarquei, quis dar *check* em pequenas coisas. Imigração? *Check*. Pegar as malas? *Check*. Encontrar meu namorado que estaria me esperando no aeroporto? *Check*. Sair do aeroporto? *Check*, e por aí em diante (...).

Nos primeiros dias, eu ainda não estava na cidade em que ia morar, *Reims*, na região de *Champagne-Ardenne*, no Nordeste da França. Amei as pequenas férias conhecendo outros pontos da França, pois, naquele instante, notei que meu francês de sala de aula tinha muito o que melhorar. Nesse percurso, tive a sorte de estar acompanhada de um francês, então, senti-me menos perdida, mas tinha ciência que estava chegando o dia da minha nova realidade. Eu ia viver em francês, dessa forma, iria fazer compras, comparecer à aula, conhecer pessoas, utilizar transporte público, abrir conta no banco, contratar uma linha do celular, resolver problemas do dia a dia (...) tudo em francês. Ao mesmo tempo que estava animadíssima, também estava apavorada. Mas vamos lá, né? Eu fiz essa escolha, agora vou sustentá-la.

Finalmente, cheguei em *Reims*. Anteriormente, tinha pesquisado sobre a cidade e sabia de alguns pontos que queria conhecer, mas confesso que, ainda na estrada, tão somente as placas de trânsito sinalizando “*Reims*” e a distância já me deixavam entusiasmada. No caminho, a quilometragem para chegar diminuía e minha ansiedade aumentava; eu estava chegando na minha nova vida, no lugar que me acolheria pelos próximos dez meses. Ali, eu viveria momentos, conheceria pessoas, guardaria memórias que levaria para toda a vida!

A Catedral de *Reims* é famosa por ter sido o local onde reis franceses foram coroados, além disso, ficou conhecida como um marco da arquitetura gótica. Cheguei já sabendo da informação de que, por exemplo, trata-se da igreja católica com mais estátuas no mundo (mais de três mil), todas diferentes entre si. Para mim, essa catedral, que tantas vezes havia visto durante as pesquisas sobre a cidade, era simbólica. Assim que cheguei a *Reims*, deixei as coisas no apartamento e corri até lá. Ao vê-la de perto, não contive o choro. Assim, tudo se tornou concreto: a igreja era real e eu estava presenciando sua estrutura. Além disso, eu moraria naquela cidade.

Não posso afirmar que tudo foram flores, nem fingir que momentos difíceis não aconteceram. O inverno, com a chuva, o frio, a neve, dias (às

vezes, semanas) sem o sol, assim como poentes que chegavam antes de 17h foram, por exemplo, um grande desafio. Sentir-me pronta pra falar francês e perceber que conseguia entender os outros, e ser compreendida por eles, não foi fácil. Como em toda experiência, há ônus e bônus e, ainda assim, mesmo diante de tudo que vem me desafiando, eu agradeço todos os dias pela oportunidade de estar aqui.

Atualmente, estou no segundo semestre dessa experiência e olhar para a Rafaela que chegou aqui é curioso: eu sou ela, mas, ao mesmo tempo, não sou. Ao longo desse período, venho aprendendo muito com o intercâmbio, desde estudar Psicologia na França até a viver em francês, morar só, cuidar de tudo o que diz respeito a mim, inclusive da organização das minhas finanças. Também tenho aprendido sobre mim, conhecido novos lugares pelo mundo e me conectando com pessoas de diferentes culturas e histórias. Hoje, a poucos meses de voltar ao Brasil, não consigo me imaginar sem esse ano que estou vivendo em *Reims*. Essa minha versão, sem dúvida, marcará para sempre a minha trajetória, tanto pessoal quanto profissional.

ONDE A CIÊNCIA ENCONTRA O MUNDO

Sacha Aubrey Alves Rodrigues Santos

*Curso Farmácia
Universidade de Fortaleza*

Algumas experiências transformam não apenas a trajetória acadêmica, mas também a forma como passamos a enxergar o mundo e o nosso próprio papel na ciência. Ainda durante meu doutorado em Biotecnologia em Saúde, tive a oportunidade de viver uma dessas experiências ao ser selecionada para participar da European Pain School, realizada na University of Siena, na Itália. Inserida em um ambiente de excelência científica e convivendo com pesquisadores de diferentes países, pude representar a pesquisa desenvolvida no Brasil e fortalecer minha formação em um cenário acadêmico verdadeiramente internacional.

A participação nesse programa simbolizou não apenas o reconhecimento do trabalho que venho construindo ao longo dos anos, mas também a consolidação da minha identidade como pesquisadora formada na Universidade de Fortaleza, instituição onde desenvolvi toda a minha trajetória acadêmica. Levar a produção científica da universidade para um espaço de discussão global reforçou o papel da instituição na promoção da internacionalização e na formação de profissionais capazes de dialogar com centros de pesquisa de todo o mundo.

O processo de seleção foi exigente e altamente competitivo. Para participar, era necessário submeter currículo, cartas de recomendação e um trabalho científico para apresentação. Desenvolvi, então, o projeto experimental, realizei os testes, escrevi o trabalho e submeti minha proposta. Entre candidatos de diversas partes do mundo, apenas trinta e nove pesquisadores foram selecionados, representando dezessete países. Receber a confirmação da aprovação foi, ao mesmo tempo, motivo de

alegria e de responsabilidade, eu levaria para um cenário internacional a pesquisa desenvolvida dentro da minha universidade, contribuindo para ampliar a presença global da ciência produzida na Unifor.

Meu trabalho, apresentado oralmente em inglês, abordou o estudo do citral e seus efeitos antinociceptivos, pesquisa que venho desenvolvendo desde a graduação em Farmácia, também concluída na Universidade de Fortaleza. O estudo apresentado, intitulado “*Citral-induced scratching behavior and antinociception*”, nasceu ainda como meu Trabalho de Conclusão de Curso e, ao longo dos anos, foi ampliado e aprofundado, consolidando-se como uma das principais linhas da minha trajetória científica.

Essa investigação, desenvolvida no Núcleo de Biologia Experimental - Nubex, resultou na publicação do artigo internacional “*Transient receptor potential channel involvement in antinociceptive effect of citral in orofacial acute and chronic pain models*”, publicado na revista *EXCLI Journal*, periódico científico alemão de alto impacto, além de contribuir para o depósito de uma patente envolvendo uma nanoformulação contendo citral. O trabalho também contou com a coautoria do pesquisador Barry Sessle, da University of Toronto, fortalecendo o processo de internacionalização da pesquisa desenvolvida na Universidade de Fortaleza e ampliando o diálogo científico com centros de referência mundial na área de dor.

Apresentar esse trabalho diante de pesquisadores de diferentes países foi um momento de profundo orgulho acadêmico e institucional, pois representou não apenas minha jornada pessoal, mas também a capacidade da universidade de produzir ciência competitiva em âmbito global e de formar pesquisadores capazes de contribuir ativamente para a construção do conhecimento internacional.

Esse sentimento de pertencimento a uma comunidade científica global tornou a experiência ainda mais significativa ao longo dos dias seguintes de imersão na European Pain School. Mais do que um espaço para apresentações científicas, o encontro proporcionou convivência

intensa entre estudantes, pesquisadores e professores de diferentes partes do mundo, permitindo que o aprendizado ultrapassasse as salas de aula e se estendesse aos momentos informais de convivência, trocas culturais e discussões sobre ciência, carreira e perspectivas de pesquisa. Foi nesse ambiente de diálogo constante que percebi, de forma concreta, como a internacionalização fortalece tanto a formação individual quanto o papel da Universidade de Fortaleza na construção de redes científicas que ultrapassam fronteiras geográficas.

A viagem também trouxe vivências pessoais marcantes. O trajeto incluiu uma conexão em Paris, cidade que sempre esteve entre meus sonhos de viagem, onde pude passar um dia explorando espaços históricos e culturais, incluindo a visita à icônica Torre Eiffel. Ver a torre de perto foi profundamente emocionante e tornou esse momento ainda mais especial, ampliando minha percepção sobre a riqueza artística e cultural europeia. Em seguida, viajei para Florença, onde permaneci por dois dias antes de seguir para Siena. A cidade, berço do Renascimento, proporcionou experiências inesquecíveis, como a visita ao imponente Catedral de Santa Maria del Fiore (*Duomo di Firenze*), cuja grandiosidade arquitetônica e beleza artística causam profundo impacto em quem a contempla. Também pude visitar museus e galerias, incluindo o emocionante encontro com a escultura de David, obra-prima de Michelangelo, experiência que reforçou como arte, história e ciência dialogam na formação humana e acadêmica.

Outro momento marcante foi o pôr do sol observado da *Piazzale Michelangelo*, quando a cidade se iluminava em tons dourados enquanto músicas de Andrea Bocelli ecoavam ao redor, criando uma atmosfera profundamente emocionante e contemplativa. Soma-se a isso o contato com a cultura italiana, marcada por sua valorização da convivência, da história e, especialmente, da culinária, um dos aspectos que mais me encantaram durante a viagem, tornando essa etapa do percurso não apenas turística, mas uma verdadeira imersão cultural que ampliou minha visão.

A etapa central da experiência ocorreu em Siena, onde permanecemos hospedados na histórica *Certosa di Pontignano* durante oito dias de imersão científica. O cotidiano era intenso e profundamente enriquecedor. As manhãs começavam com o café coletivo, seguido de palestras ministradas por especialistas de diversos países. As apresentações abordavam diferentes aspectos dos mecanismos da dor, desde bases moleculares até aplicações clínicas e terapêuticas.

Os momentos de refeição eram parte essencial da experiência e se transformavam em verdadeiros espaços de convivência e aprendizado. Alunos e professores compartilhavam longos almoços e jantares em mesas coletivas, promovendo trocas que iam muito além da ciência. Falávamos sobre projetos, metodologias e perspectivas de pesquisa, mas também sobre cultura, idioma, costumes e trajetórias pessoais. A cada refeição, mudávamos de mesa, permitindo interações com participantes de diferentes nacionalidades e ampliando ainda mais a troca cultural. Além disso, esses encontros eram acompanhados pela rica culinária italiana, com diferentes tipos de massas, molhos tradicionais e vinhos locais, tornando cada refeição uma experiência sensorial e cultural que fortalecia vínculos e tornava o aprendizado mais humano, acolhedor e colaborativo.

A diversidade cultural era impressionante. Minha colega de quarto, por exemplo, era natural do Iêmen e realizava seus estudos na Finlândia, comunicando-se em árabe, finlandês e inglês. Situações como essa reforçavam a importância do inglês como ponte entre culturas e ampliavam a compreensão sobre diferentes realidades acadêmicas e sociais.

Além das atividades científicas, também tivemos momentos de integração cultural, incluindo visitas ao centro histórico de Siena, passeios e atividades que fortaleceram ainda mais os vínculos entre os participantes. Essas vivências contribuíram para a construção de amizades e contatos acadêmicos que permanecem ativos até hoje.

Um dos momentos mais marcantes ocorreu durante a palestra do pesquisador Isaac M. Chiu, da *Harvard Medical School*. Ao acompanhar a

apresentação de um modelo experimental de dor abdominal desenvolvido em roedores, percebi algo que me impactou profundamente, naquele mesmo período, nós já estávamos, na Universidade de Fortaleza, implementando experimentos com proposta semelhante utilizando zebrafish, modelo experimental amplamente empregado em nossas pesquisas. A coincidência entre os caminhos científicos despertou imediatamente a possibilidade de adaptação e fortalecimento do modelo que estávamos desenvolvendo. Para mim, aquele encontro não pareceu fruto do acaso, mas um sinal de que os caminhos da ciência e da vida se alinham quando estamos comprometidos com nosso propósito. A palestra não apenas confirmou a relevância do trabalho que realizávamos, como também abriu portas para futuras trocas científicas e contribuiu para ampliar as perspectivas de colaboração internacional.

Aquele encontro reforçou a relevância do caminho que já vínhamos trilhando e abriu novas perspectivas para o desenvolvimento do modelo experimental em nossa instituição. A troca de ideias durante o evento permaneceu comigo após o retorno ao Brasil e, naturalmente, passou a integrar as etapas seguintes do trabalho que já estava em andamento.

Posteriormente, durante a fase de escrita do artigo científico sobre o modelo de nociceção abdominal induzido por lipopolissacarídeo em zebrafish, entrei em contato com o professor Isaac M. Chiu para compartilhar os resultados alcançados. Ele gentilmente contribuiu com sugestões e revisões que aprimoraram significativamente o manuscrito, posteriormente publicado no periódico internacional *Journal of Pharmacological and Toxicological Methods*, sob o título “*Lipopolysaccharide-induced abdominal nociception model in adult zebrafish (Danio rerio)*”. Embora não tenha sido incluído como coautor por não ter participado da concepção do estudo, seu apoio foi reconhecido nos agradecimentos do artigo, fortalecendo laços acadêmicos e ampliando a visibilidade internacional da pesquisa realizada na Universidade de Fortaleza.

A experiência internacional transformou minha percepção sobre ciência e colaboração. Mais do que adquirir conhecimento técnico, compreendi que a pesquisa é construída por redes humanas, pela troca generosa de ideias e pela capacidade de dialogar com diferentes culturas e perspectivas.

Hoje, já doutora em Biotecnologia em Saúde, reconheço que essa vivência fortaleceu minha segurança para atuar em ambientes internacionais, ampliou minhas possibilidades de colaboração e reforçou meu compromisso em produzir ciência de qualidade no Brasil, contribuindo para que a Universidade de Fortaleza continue ampliando sua presença e impacto no cenário global.

Participar dessa mobilidade internacional não foi apenas uma conquista pessoal; foi a confirmação de que a ciência produzida em nossa universidade dialoga com o mundo e tem potencial para gerar conhecimento, inovação e impacto social. Carrego comigo a convicção de que experiências como essa transformam pesquisadores e, conseqüentemente, ampliam horizontes para futuras gerações de estudantes e cientistas.

O retorno ao Brasil ainda reservava momentos especiais que tornaram a experiência internacional ainda mais marcante. Após o encerramento das atividades em Siena, segui viagem a partir de Florença rumo a Amsterdã, onde faria conexão antes do retorno definitivo. Ao organizar as passagens, percebi que, justamente na noite em que permaneceria na cidade, aconteceria um show da Beyoncé. Como fã da artista há muitos anos, decidi aproveitar essa coincidência feliz e encerrar a viagem vivendo também essa experiência cultural.

Fui sozinha ao espetáculo, e aquele momento acabou se tornando uma das memórias mais emocionantes de toda a jornada. Depois de dias intensos de aprendizado científico e trocas acadêmicas, participar de um evento dessa magnitude trouxe uma sensação de celebração, liberdade e gratidão pelo caminho percorrido. Foi como encerrar a viagem unindo

duas dimensões que também fazem parte da minha trajetória: a dedicação à ciência e a valorização das experiências humanas e culturais que tornam cada conquista ainda mais significativa.

A viagem, aliás, foi inteiramente realizada de forma independente. Desde a saída do Brasil, passando por conexões e deslocamentos entre cidades europeias, até o retorno, percorri sozinha cada etapa do trajeto. Essa autonomia fortaleceu minha confiança e ampliou minha percepção de mundo, mostrando que a mobilidade internacional também é um exercício de crescimento pessoal e coragem.

Na manhã seguinte ao *show*, segui viagem rumo a Paris, onde ainda tive tempo para um café da manhã em Paris antes de embarcar para o Brasil. Curiosamente, naquele mesmo dia estive em três países diferentes, pela manhã na Holanda, horas depois na França e, à noite, já de volta ao Brasil. Essa sequência simbolizou, de forma quase poética, a intensidade e a dimensão da experiência vivida.

Retornei ao Brasil trazendo na bagagem não apenas aprendizados científicos e novas conexões acadêmicas, mas também memórias culturais e pessoais que ampliaram minha visão de mundo. A experiência demonstrou que a internacionalização vai além da formação técnica, ela transforma, inspira e fortalece a trajetória humana e profissional daqueles que têm a oportunidade de vivê-la. Mais do que uma etapa da minha formação, essa jornada reafirmou meu compromisso de produzir ciência que dialogue com o mundo e, ao mesmo tempo, contribua para o desenvolvimento da pesquisa e da inovação em minha universidade e em meu país.

Centro de Ciências Tecnológicas - CCT



RELATO DE EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Felipe Feitosa Pessoa Bastos
Curso Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Fortaleza

INTRODUÇÃO

Sou Felipe Feitosa Pessoa Bastos, acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). No período de agosto de 2024 a janeiro de 2025, fiz intercâmbio em Lisboa, em Portugal, e estudei no Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa.

Neste capítulo, apresento parte das minhas experiências. Destacam-se as inúmeras Igrejas visitadas – que contam com a análise da arquitetura ou apenas com a admiração –, as vivências com a família portuguesa que me acolheu e as minhas experiências acadêmicas, até porque, mesmo aproveitando bastante, não podia esquecer o meu principal objetivo: a educação.

IGREJAS PELA EUROPA

Sou católico bastante interessado pela arquitetura religiosa. Assim, durante minha estadia na Europa, aproveitei para visitar o máximo de Igrejas possível, analisando suas estruturas externas – algumas mais brutais, e outras, mais delicadas. Muitas vezes, eram menores, mas o interior revelava uma riqueza de detalhes e elementos que embelezavam e enalteciam a religião, demonstrando o poder que existia naquela época.

A seguir, apresento minha análise sobre algumas igrejas visitadas:

Figura 1 – Catedral de Lisboa



Fonte: autoria própria.

Catedral de Lisboa: a construção reúne elementos da arquitetura gótica e do brutalismo, mas, no seu interior, demonstra uma leveza, proporcionada pelos vitrais e pela altura do pé direito, concebida com o objetivo de alcançar o céu – aproximando-se de Deus. A Sé de Lisboa apresentava um local estratégico quando foi construída, tendo em vista que foi erguida em uma região alta, de modo a ser avistada por aqueles que se aproximavam.

Figura 2 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha



Fonte: autoria própria.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha: implantada em uma região próxima à Praça do Comércio, essa igreja, de porte bem menor em comparação com a Catedral de Lisboa, possui uma fachada detalhada, acompanhada de uma entrada com dois arcos desenhados, além do frontão, o qual relembra a arquitetura romana. Seu interior é pequeno, mas com pinturas e esculturas esculpidas no teto.

Igreja de Santa Maria de Belém: localizada em Belém, conecta-se de forma contígua e estrutural ao Mosteiro dos Jerónimos. Essa igreja apresenta a fachada bem mais trabalhada, com muitas esculturas detalhadas na sua entrada, como uma espécie de didática, seguindo uma história. Nota-se, no seu interior, os túmulos de Camões e de Vasco da Gama, que podem ser visitados e auxiliam a conhecer um pouco da história deles em Portugal.

Figura 3 – Santuário do Sagrado Coração de Jesus ou Igreja de Santa Luzia



Fonte: autoria própria.

Santuário do Sagrado Coração de Jesus ou Igreja de Santa Luzia: localizada em Viana do Castelo, essa foi uma das visitas que fiz ao sair da capital. Sua arquitetura é de grande porte e está situada em uma região mais alta, de onde se tem vista para toda a cidade, especialmente para o rio que a banha. Na entrada, destaca-se um enorme vitral que retrata figuras do catolicismo, além de duas torres que remetem à arquitetura gótica. No interior, há uma grande cúpula no centro, cuja base é adornada por

vitrais que retomam a sensação de leveza, bem como pinturas trabalhadas nas meias-cúpulas laterais.

Igreja Matriz de Santa Maria dos Anjos: localizada em Ponte de Lima, apresenta uma arquitetura medieval, marcada por uma fachada simples, um pequeno vitral na entrada e uma única torre. Sua estrutura, construída em pedra e com telhado de madeira, proporciona uma sensação de conforto em seu interior. Essa igreja foi a que considerei mais interessante de conhecer e visitar, justamente pela simplicidade aliada ao conforto que transmite e, ao mesmo tempo, pela beleza interior. Ressalto que a arquitetura medieval, para mim, é uma das mais incríveis de ser estudada.

Catedral de Almudena: localizada em Madri, na Espanha, possui uma arquitetura neoclássica no seu exterior, por conter colunas e elementos que seguem uma simetria na fachada da entrada. Seu interior apresenta uma arquitetura neogótica, caracterizada pela verticalidade e por arcos ogivais. Uma outra característica marcante dessa igreja é o fato de ela ser a única que não está apontada para o Leste, tendo em vista que sua entrada foi apontada para o Norte, em razão de ter que ficar de frente para o Palácio Real de Madrid.

Na comparação com igrejas existentes em Fortaleza, pude perceber que as igrejas da Europa são mais trabalhadas, mais ricas em detalhes e mais antigas que as de Fortaleza. As igrejas de Fortaleza são mais simples, apresentando alguns ornamentos detalhados nas suas fachadas, mas um interior simples, sem as presenças de esculturas, como as observadas nas igrejas europeias. A Catedral de Fortaleza, localizada no Centro da cidade, assemelha-se às igrejas góticas da Europa, embora também apresente elementos do neoclássico, o que a torna uma construção com um estilo mais eclético em sua estrutura. De modo geral, todas demonstram sua importância e seu impacto onde estão inseridas, tanto por suas arquiteturas quanto por funções sociais nas cidades.

RECEPÇÃO, CONVIVÊNCIA E VIVÊNCIAS

Nesse período, estava morando em Oeiras, cidade próxima a Lisboa, na casa de uma portuguesa, que alugava os quartos da casa para estudantes. Eu tinha acesso à casa inteira e as tarefas eram divididas com outro estudante português que morava lá. Eu convivi bastante com a família da dona da casa, aprendendo muito sobre os costumes e as vivências dos portugueses.

Era uma família bastante religiosa, que frequentava, semanalmente, as missas na Catedral de Oeiras. Com eles, aprendi a gostar de tomar sopas com pão durante a noite, principalmente no inverno, e dos inúmeros pratos feitos com bacalhau, o que se tornou uma experiência gastronômica incrível. Juntos, assistimos a diversos shows de fados, tanto em restaurantes quanto em espaços abertos pela cidade, sempre caminhando com tranquilidade. O clima ajudou nessa prática, já que em Fortaleza, geralmente, as temperaturas são mais elevadas.

Eles me levavam para muitos festivais locais que aconteciam pela região, como as “Festas do Mar”, em Cascais. Esse festival ocorreu logo após eu chegar no país e foi minha primeira experiência com festas. Durante esse período, também ocorreu um festival de aviões na praia de Oeiras. Assistimos a toda a apresentação e, ao final, houve um show do *DJ* Padre Guilherme.

Ainda sobre minhas vivências durante o intercâmbio, na segunda semana de estadia, ocorreu um terremoto de grande magnitude, que me despertou, e eu sentia a casa inteira tremer. O episódio, de início, foi assustador, principalmente por se tratar da primeira vez em que presenciava um evento da natureza.

Durante o semestre, também conheci padres cearenses que moravam em uma comunidade em Oeiras. Aproximei-me bastante deles e, geralmente, costumávamos nos reunir para cozinhar e conversar

um pouco. Passei o Ano Novo com a família de um desses padres, que morava em Barcelos, no Norte de Portugal.

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Como eu estava morando em Oeiras e a faculdade se situava na região da Alameda, em Lisboa, meu deslocamento para as aulas ocorria por meio do comboio e, depois, eu pegava o metrô para chegar ao IST. Minhas aulas eram de segunda à quarta, e na quarta ia até às 18h. Todas as aulas eram ministradas em inglês, mesmo com os professores sendo portugueses, e eu cursava 3 (três) disciplinas: Arquitetura na Cidade Informal, Teoria da Arquitetura e Planejamento Urbano.

Senti certa dificuldade em virtude de as aulas serem ministradas em inglês, ainda assim, consegui acompanhar os estudos de forma tranquila. Apresentava os trabalhos conforme conseguia e estudava bastante em casa, a fim de recuperar o que não compreendia durante as aulas.

Figura 1



Fonte: autoria própria.

Das 3 (três) disciplinas, a que eu me adaptei melhor foi Arquitetura na Cidade Informal. Eu integrava uma equipe composta por um português, uma francesa e duas norueguesas, mantinha uma boa relação com eles

e a comunicação era em inglês. Embora sentisse dificuldade, conseguia entender bem todos. Nessa disciplina, desenvolvemos um projeto de arquitetura modular com materiais locais para Moçambique. Inicialmente, estudamos sobre o país e elaboramos o projeto de uma casa, destinada a uma família de cinco a seis pessoas, utilizando materiais do país. Com o projeto concluído, confeccionamos uma maquete que mostrava como seria, de fato, a residência, e apresentamos o trabalho final no pátio central da faculdade, com a maquete sendo exposta durante uma semana. Ao final, foi produzido um livro com os trabalhos de todas as equipes e de todos os alunos, e cada um recebeu um exemplar.

Figura 2



Fonte: autoria própria.

DO SONHO À REALIDADE: MEU INTERCÂMBIO NO CANADÁ

João Pedro Sampaio Ribeiro
*Curso Ciência da Computação
Universidade de Fortaleza*

O SONHO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO

Meu desejo de realizar um intercâmbio não começou na faculdade, pelo contrário, estava presente desde a minha infância, assim, ainda na escola, meu interesse já despertava. Inicialmente, meus planos eram cursar parte do Ensino Médio nos Estados Unidos, um caminho comum e muito elogiado. No entanto, ao ingressar nessa etapa, sobreveio a pandemia, um momento desafiador que acabou adiando esse sonho.

No momento que ingressei na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) para cursar Ciência da Computação, fui apresentado ao programa de intercâmbio da instituição, o que fez com que aquele antigo desejo de estudar e morar no exterior ressurgisse com força total. Percebi que, quando eu menos esperava, o destino colocava em minhas mãos uma nova oportunidade para concretizar esse objetivo, agora sob uma perspectiva profissional. A partir daquele momento, iniciei um planejamento rigoroso e estratégico, no qual cada escolha durante o curso convergia para um único foco.

O PROCESSO SELETIVO: UM TESTE DE RESILIÊNCIA E APRENDIZADOS

O processo seletivo começou com a escolha da faculdade, etapa em que tive dúvidas sobre qual país escolher: Alemanha ou Canadá. A

princípio, minha preferência era ir para a Alemanha, pois a ideia de poder viajar por toda Europa ao mesmo tempo que estudava me brilhava os olhos, no entanto, durante essa pesquisa, encontrei a *Concordia University*, em Montreal, no Canadá. Desde o acesso ao site da *Concordia*, tive a certeza de que aquele era o lugar onde eu almejava estar. A universidade apresentava uma estrutura fenomenal, uma matriz curricular excelente e, além disso, situava-se em uma cidade que eu sempre tive o desejo de conhecer.

A etapa de seleção foi o meu primeiro teste de resiliência. Apesar de estar no meu planejamento, como um jovem comum, acabei deixando algumas pendências para a última hora. Assim, mesmo com os avisos de que o prazo final se aproximava, não tive tanta urgência para fazer o teste de proficiência em inglês. Para minha sorte, ou azar, quando finalmente comecei a procurar sobre o referido teste, descobri que a universidade que eu tinha escolhido aceitava um tipo de teste *online*, que aparentava ser menos burocrático que os outros.

Quando faltavam poucos dias para o prazo limite de candidatura, fiz o exame e, para minha surpresa, recebi a resposta de que meu teste havia sido invalidado devido a um *software* que estava rodando em segundo plano no meu computador. O desespero bateu. Será que daria tempo para uma nova tentativa? Logo em seguida tentei novamente e, faltando poucas horas para a data limite, recebi o resultado do teste: dessa vez tinha dado certo, eu tinha atingido a nota de corte, finalizando, então, o processo de minha candidatura. Após isso, eu fiz uma promessa para mim mesmo, no sentido de não deixar mais nada que tivesse relação com o intercâmbio para a última hora.

A BUROCRACIA E O QUEBRA-CABEÇA DAS DISCIPLINAS

Com a carta de aceite em mãos, a maratona de planejamento iniciou oficialmente: vistos, seguro-saúde, moradia, passagens e a complexa escolha das disciplinas. Primeiramente, comecei pelo que acreditava ser o maior

gargalo burocrático: o visto. No entanto, essa foi a etapa mais simples. Em razão do meu visto dos Estados Unidos estar válido e da parceria entre os países, o processo para o Canadá foi surpreendentemente ágil. Como minha permanência seria inferior a seis meses, pude solicitar o eTA (Autorização Eletrônica de Viagem), dessa forma, com uma pequena taxa e apenas 15 (quinze) minutos de espera, meu documento oficial já estava aprovado.

Decidido a não repetir os erros do passado, antecipei tudo o que pude, incluindo a montagem da grade acadêmica, que foi um verdadeiro quebra-cabeças. Ao acessar a plataforma da universidade estrangeira, deparei-me com disciplinas não ofertadas no semestre que eu iria e conflitos de horários que exigiram paciência. Além da logística, havia o peso emocional de cursar matérias do final de curso em uma língua estrangeira. Eu estava genuinamente nervoso e incerto sobre o meu desempenho. Diante disso, passei uma semana inteira mergulhado em fóruns estudantis e conversando com alunos locais para entender o perfil de cada professor e da disciplina. Ao final, bati o martelo e escolhi Inteligência Artificial (IA), *Design* de Interfaces e Testes de *Software*.

MORADIA EM MEIO À CRISE

A partir das disciplinas definidas, o último e mais estressante desafio bateu à porta: o local onde eu iria morar. Minha primeira tentativa foi o dormitório da faculdade, a poucos metros do campus, mas a resposta foi um “talvez”, que me desanimou. Por ser um estudante de curta permanência, eu estava no fim da fila de prioridades.

A realidade da crise imobiliária em Montreal me atingiu de frente e a barreira era sempre a mesma: ninguém aceitava contratos menores que seis meses. O tempo passava, a viagem se aproximava e eu continuava sem um teto. Nesse período, a ansiedade era constante e eu fazia vários questionamentos: “E se eu chegar lá e não tiver onde dormir?”; “Será

que esses anúncios na internet são reais?». A incerteza de fechar um contrato à distância, em outra moeda e sem analisar o local pessoalmente, trazia um medo enorme.

Dias antes do embarque encontrei um anúncio que parecia ótimo. Tinha descoberto uma residência só para estudantes, no meio dos principais polos universitários da cidade, com acomodações novas, alimentação inclusa, academia e salas de estudo. Era um ambiente projetado especificamente para abrigar estudantes que estavam chegando na cidade pela primeira vez. Mesmo com o frio na barriga de estar tomando uma decisão tão importante de longe, algo me dizia que aquele era o meu lugar. Dessa forma, com o contrato assinado e o coração finalmente mais leve, eu estava pronto para partir.

A CHEGADA EM MONTREAL E O BATISMO DE FOGO

Os primeiros dias foram de pura apreensão e noites mal dormidas. Cheguei em Montreal uma semana antes das aulas começarem e aproveitei aquele momento para organizar meu dormitório, conhecer a faculdade e participar de alguns eventos de integração, que foram fundamentais para minha adaptação. Durante essas atividades, conheci outros intercambistas e tive a chance de criar amizades que seriam fundamentais para me dar a sensação de que ali seria minha casa.

Tudo parecia sob controle, até que, em uma madrugada, acordei com o barulho desesperador do alarme de incêndio. Vesti um casaco o mais rápido que pude e comecei a descer os 16 (dezesseis) andares de escada. Ao chegar no térreo, o cenário era tenso: vários carros de bombeiros em frente ao prédio e uma multidão esperando informações. Felizmente, houve apenas um pequeno princípio de incêndio no estacionamento e logo fomos liberados para subir de volta. Quando pensei que o susto tinha acabado ali, no outro dia, o alarme tocou novamente, dessa vez, na hora do jantar. Como o refeitório havia sido fechado devido ao alarme,

eu e alguns amigos decidimos ir a um restaurante próximo para jantar, porém, no caminho, caiu uma tempestade que nos deixou encharcados. Acabamos nos abrigando em uma hamburgueria próxima, onde esperamos a chuva passar, rindo do que tinha acontecido.

A chuva e a aglomeração no dia do alarme de incêndio cobraram seu preço. Poucos dias depois, adoeci e até tentei uma consulta *online* com uma médica do Brasil, mas os sintomas só pioravam. Naquele momento, a ficha caiu – eu estava doente, fragilizado e completamente sozinho em um país estrangeiro. Sem alternativa, recorri ao pronto-socorro da faculdade, onde meu seguro-saúde foi aceito e o atendimento foi surpreendentemente rápido.

A médica suspendeu alguns remédios que eu estava tomando, explicou que era apenas uma virose comum de retorno às aulas e receitou apenas repouso. Embora assustado com esse tratamento tão “minimalista” e diferente do que temos no Brasil, decidi confiar. Embora tenha sido uma das piores gripes da minha vida, a recuperação trouxe um novo vigor. Eu tinha enfrentado um dos meus maiores receios de morar no exterior e estava bem, agora, sentia que estava verdadeiramente pronto para qualquer desafio em Montreal.

O RITMO DA CIDADE, O PESO DO OUTONO E A TENSÃO DAS PROVAS

Com o primeiro mês finalizado e a saúde recuperada, mergulhei de cabeça na experiência acadêmica e cultural. Na faculdade, as aulas iam muito além da teoria tradicional. Cheguei a criar projetos que realmente poderiam ajudar no dia a dia do campus e participei de dinâmicas integrativas que transformavam o aprendizado em algo divertido. Essas atividades eram acompanhadas de apresentações semanais em inglês, fundamentais para transformar minha insegurança inicial em uma fluidez que eu não imaginava alcançar tão rápido. Ao fim de cada apresentação, aquele sentimento de empolgação era cada vez maior.

Fora das salas, adotei a corrida como meu ritual de liberdade. Toda semana, eu escolhia uma direção aleatória e corria para me perder pela cidade, desbravando bairros e parques antes que o inverno chegasse. Montreal é uma cidade que respira esportes e morar perto de dois grandes polos universitários me permitia observar essa energia pulsante em cada esquina. Um dos momentos mais marcantes foi presenciar uma etapa do campeonato mundial de ciclismo, que parou a cidade e que eu nunca tinha visto. Uma multidão se aglomerava nas ruas para torcer, transformando as avenidas em um espetáculo de velocidade e resistência, o que deixou claro o quanto a cultura esportiva está enraizada ali.

Até então, o clima agradável, sempre acima dos 15 °C, era o convite perfeito para participar desses e de outros eventos temáticos promovidos pela universidade, desde festivais culturais até dinâmicas ao ar livre que celebravam a diversidade internacional. Cada dia trazia uma experiência nova, fazendo com que minha adaptação fosse constante.

No entanto, em outubro, o cenário mudou e a rotina pesou com a chegada do outono. Com os dias nublados e as chuvas persistentes, meu foco tornou-se absoluto – eu passava os dias na universidade, aproveitando o ambiente acolhedor da biblioteca para me dedicar ao máximo e garantir um dezembro livre. Quando as provas finais chegaram, o cansaço era extremo, mas a recompensa veio de forma poética: na manhã do exame mais difícil, abri a janela e observei a cidade pintada de branco. Inspirado por aquele cenário extraordinário, enfrentei o desafio final e saí da sala com o sentimento de dever cumprido.

O ADEUS GELADO DE MONTREAL

O mês de dezembro foi, sem dúvidas, o ponto alto da viagem. Cada dia trazia uma nova aventura: entre jogos de hóquei e horas praticando patinação no gelo, eu vivia intensamente cada segundo. No entanto, o tempo voa quando estamos felizes e, de forma inesperada, a

véspera do retorno chegou, as despedidas começaram e as pessoas que se tornaram minha família temporária estavam partindo, cada uma para um canto do mundo.

No meu último dia, para se despedir da cidade da melhor forma possível, eu e um amigo decidimos ir para um parque em frente ao nosso prédio. Saímos cedo e nos deparamos com um cenário cinematográfico, totalmente coberto de neve. A caminhada era um desafio, já que o gelo escorregadio testava nosso equilíbrio a cada passo, mas seguimos em frente. Assim, decidimos ir até o lago do parque, um caminho mais longo do que estávamos acostumados a fazer, o que, com certeza, foi a melhor decisão que poderíamos ter tomado.

Ao chegarmos, a pista de patinação natural estava aberta. Calcei os patins e passei mais de três horas ali, deslizando sobre o gelo, absorvendo a paisagem e tentando gravar cada detalhe na memória. Junto ao pôr do sol, o inverno canadense resolveu nos oferecer um último presente, visto que a temperatura despencou rapidamente, atingindo -20 °C. Parecia que Montreal estava nos dando seu adeus definitivo, soprando um frio intenso para garantir que nunca esqueceríamos a força e a beleza daquela cidade.

O LEGADO DE UMA JORNADA INESQUECÍVEL

A experiência do intercâmbio é, em sua essência, única, e não existe palavra melhor do que essa para descrever o que vivi. É um mergulho no desconhecido, em que você é desafiado a se adaptar ao novo na velocidade da luz. Desse modo, é o exercício constante de aprender novas habilidades, entender culturas diferentes e construir laços com pessoas que você jamais cruzaria o caminho. Sobretudo, o intercâmbio acadêmico pode ser um lembrete de como a vida deve ser vivida, de forma que cada segundo possa ser aproveitado, extraindo o máximo de cada oportunidade.

Montreal me ofereceu mais do que um histórico acadêmico internacional. Criei amigos que atravessaram oceanos, ganhei a

fluidez em uma nova língua e a autoconfiança de quem sabe que pode prosperar em qualquer lugar do mundo. A cidade me ensinou, assim, a ser resiliente e a me adaptar com agilidade. Entretanto, o maior presente foi a clareza. Hoje, enxergo um horizonte vasto de opções, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Portanto, volto para casa com a bagagem cheia, não apenas de lembranças, mas de um novo eu, pronto para as próximas aventuras.

QUANDO O MUNDO ENCOLHE SOB OS PÉS: UM RELATO DE VIVÊNCIA ACADÊMICA E PESSOAL EM LISBOA

Rodrigo Avelino Lucas
Curso Engenharia da Computação
Universidade de Fortaleza

Em setembro de 2024, embarquei para Lisboa com o objetivo de realizar um semestre de intercâmbio acadêmico no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (IST). As expectativas eram as melhores possíveis, embora ainda pairassem muitas dúvidas sobre como seria a adaptação à nova realidade. A recepção da universidade, no entanto, foi excelente. Tivemos uma semana repleta de atividades organizadas pela instituição e pela associação de estudantes, que ajudaram a criar laços e a conhecer melhor o instituto e todo o ecossistema que o rodeava.

Diferentemente do que eu esperava, a adaptação ao país não foi tão complicada. Embora tenha demorado algumas semanas para me acostumar com o sotaque forte e as expressões diferentes, com o tempo, tornou-se natural entender e se comunicar no português de Portugal. Inclusive, rapidamente, comecei a assimilar que a cultura portuguesa é parecida com a brasileira. Isso faz total sentido, pois o Brasil é o único caso na história de uma colônia que passou a sediar a corte europeia e foi elevada a Reino Unido em 1815 (Fausto, 1994), tornando evidente a grande influência de uma cultura sobre a outra, uma vez que há menos de 250 anos nossas nações eram uma só. Os portugueses, assim como nós, amam estar entre amigos, sair para confraternizar, costumam se atrasar, dirigem de forma intensa, possuem uma fé inabalável e amam o futebol. Além disso, Lisboa possui uma grande comunidade brasileira;

não é difícil encontrar comidas típicas e outros brasileiros por lá, o que torna mais fácil se sentir “em casa”.

A vivência acadêmica, por sua vez, mostrou-se um pouco diferente da realidade brasileira. Portugal adota um sistema educacional no qual o bacharelado em Engenharia dura apenas 3 (três) anos e é lecionado em português, enquanto o mestrado dura 2(dois) anos e tem o inglês como idioma oficial. Devido a essa estrutura, fruto do Processo de Bolonha, a grande maioria dos estudantes ingressa no mestrado imediatamente após a conclusão do bacharelado (Portugal, 2006). Assim, diferentemente do Brasil, em que um aluno leva 5 (cinco) anos para se tornar bacharel, na Europa, pode alcançar o grau de mestre no mesmo período. Isso, inclusive, torna o mestrado um requisito quase obrigatório para competir no mercado de trabalho europeu.

Como eu já havia concluído mais de 3 (três) anos do bacharelado no Brasil, pude cursar disciplinas do Mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores (MEEC). O fato de as aulas serem em inglês atrai um grande volume de alunos intercambistas, principalmente do próprio continente europeu, que ingressam por meio do programa *Erasmus*. No semestre em que estive no Técnico, havia mais de 800 (oitocentos) alunos em mobilidade, e 600 (seiscentos) deles eram provenientes de outros países da Europa. Isso fortaleceu bastante o contato com outras culturas além da portuguesa, pois as salas eram comumente ocupadas por noruegueses, alemães, espanhóis, franceses e poloneses, entre outras nacionalidades. Essa pluralidade, alinhada ao idioma das aulas, gerou um ambiente muito dinâmico: embora no dia a dia (como nas ruas e nos mercados) a comunicação fosse em português, em todas as atividades e espaços relacionados à universidade, dentro e fora de sala de aula, o idioma oficial era o inglês. Portanto, estudar e fazer amizades em inglês foi fundamental para consolidar a minha fluência e me dar confiança para utilizá-lo no cotidiano.

Quanto à dinâmica de ensino, a convivência com os professores demonstrou-se mais intensa. Isso ocorreu porque o sistema de organização do Técnico divide o semestre letivo na metade, fazendo com que o aluno curse certas disciplinas na primeira parte do semestre, e outras, na segunda parte. Como reflexo, cheguei a ter sete aulas por semana da mesma disciplina em uma das metades do semestre que estive lá. Contudo, à parte desses detalhes institucionais, muitas eram as semelhanças com a vivência cotidiana do ensino superior brasileiro. Assim, após alguns meses, foi muito natural chegar à conclusão de que sala de aula é sala de aula, prova é prova e aluno é aluno em qualquer lugar do mundo.

Figura 1 – Ambiente de sala de aula durante a disciplina do Mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores.



Fonte: autoria própria.

Na vivência do dia a dia em Lisboa, algo inesperado aconteceu. Como surfista assíduo, uma das minhas expectativas era surfar de forma esporádica, sabendo das boas condições que o país oferece para a prática do esporte. Contudo, eu não imaginava que Portugal, e Lisboa em particular, vivesse tão intensamente a cultura do *surf*. Como uma nação de forte tradição marítima desde a época das Grandes Navegações (Boxer, 2002), a relação do país com o oceano é profunda. Com o *surf* não seria diferente: por possuir picos de qualidade excepcional a nível global,

Portugal consolida-se como a capital do *surf* na Europa. Assim, pessoas de todo o continente viajam para lá atrás das boas ondas. Em quase todas as praias portuguesas, se as condições permitirem, é possível encontrar surfistas; nas cidades costeiras, multiplicam-se as *surfshops* e tudo o que rodeia a cultura do esporte. Lugares como a Ericeira respiram o esporte, tendo como único contraponto a água gelada (por volta de 12 °C a 16 °C no auge do inverno), o que rendeu ao lugar o apelido de “Havaí das águas geladas”.

O Técnico, sendo uma universidade tradicional e inserida nesse ecossistema, não ficaria de fora. Dentre os inúmeros clubes e organizações apoiados pela universidade, fato que causou uma certa surpresa pela pluralidade de iniciativas dos estudantes, como clubes de fórmula SAE, foguetes, orquestras, projetos de energias sustentáveis, estava o *SurfIST*, o clube de *surf* da instituição. Inclusive, quase todas as grandes universidades de Lisboa, como a NOVA, de Lisboa, e a Católica, têm o seu próprio clube de *surf* também. O primeiro contato com eles foi logo na semana de integração. O fato de eu já possuir um nível mais avançado no esporte, especialmente devido à minha vivência e à relação próxima com o oceano no Ceará, contrastava com a média dos estudantes do *Erasmus*, que, em sua maioria, nunca haviam subido em uma prancha. Isso facilitou a aproximação, auxiliando a “quebrar o gelo” e a construir amizades tanto com os organizadores locais quanto com intercambistas do mundo todo.

As primeiras quedas no mar, no entanto, exigiram uma adaptação grande. Surfear vestindo o “fato de surf” (a espessa roupa de borracha, no português local) e sem sentir as mãos e os pés devido ao frio é uma realidade bem diferente, mas, rapidamente, o corpo se habituou. Com o tempo, por meio das atividades organizadas pelo *SurfIST*, como *surfdays*, bate-voltas em praias próximas, como Carcavelos ou Ericeira, e encontros avulsos organizados no grupo de *WhatsApp*, criei laços profundos. O clube organizava viagens de final de semana, assim, íamos para picos mais distantes, como Peniche ou Sines, para surfar e confraternizar. Foram nesses

momentos que consolidei conexões incríveis com alemães, noruegueses e espanhóis, amizades que perduram até hoje. Lembro-me da viagem para Sines como um momento único: tivemos uma sessão de *surf* excepcional após um começo conturbado em uma praia. Eu e mais dois colegas migramos para a praia ao lado e, quase sozinhos na água, conseguimos ondas incríveis, as melhores da minha vida. Depois disso, assistimos ao pôr do sol com o resto do grupo, o que ficará marcado para sempre.

Figura 2 – Pôr do sol em Sines com o *SurfIST*



Fonte: autoria própria.

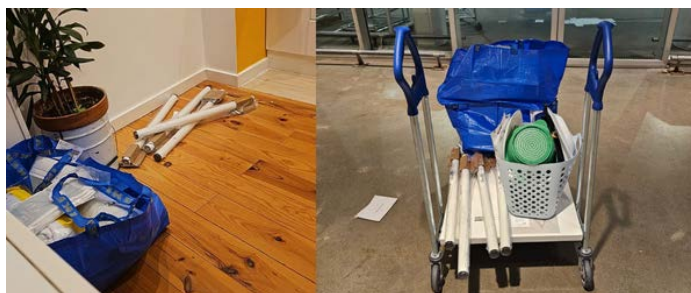
Estimo que mais de 80% das interações, atividades e amizades que cultivei em Portugal orbitavam o ecossistema do *SurfIST*. Foi nesse clube que pude me encontrar e conviver com pessoas que compartilhavam gostos em comum. Afinal, ao fim do dia, independentemente do idioma ou da nacionalidade, todos nós só queríamos aproveitar o momento, trocar experiências e “caçar” boas ondas.

Se a adaptação acadêmica e o entrosamento nas ondas fluíram com certa naturalidade, a logística de moradia foi um desafio à parte. Desde o início, tomei a decisão de morar sozinho, em vez de dividir um apartamento ou me instalar em residências universitárias, buscando uma imersão completa na vida independente. No entanto, encontrar e alugar

um espaço em Lisboa revelou-se uma verdadeira novela, tendo em vista que o mercado imobiliário da cidade é bastante aquecido e competitivo. Além da extensa burocracia de contratos, lidar diretamente com a minha senhoria portuguesa rendeu muitas histórias. A comunicação muito franca, direta e, por vezes, ríspida, tão característica da cultura local, exigiu de mim jogo de cintura, paciência e boas doses de diplomacia para garantir que tudo funcionasse bem.

Superada a novela do aluguel, iniciou-se a adaptação do lar. Embora o apartamento já estivesse mobiliado, faltavam elementos essenciais para a minha rotina, o que me rendeu a clássica experiência de muitos dos intercambistas na Europa: a peregrinação ao IKEA.

Figura 3 – Adaptação à rotina doméstica: aquisição e montagem do mobiliário no apartamento alugado em Lisboa.



Fonte: autoria própria.

Precisei comprar, transportar e montar, por conta própria, itens básicos que faltavam, como uma “secretária” (como eles chamam a “escrivainha” por lá) para os estudos e uma arara para as roupas. Além disso, tive que renovar os utensílios de cozinha, que já estavam muito velhos, e até investir em uma cadeira nova, pois a que havia lá era extremamente desconfortável. Dessa forma, transformar aquele espaço no meu refúgio exigiu suor, mas foi profundamente recompensador. Essa rotina paralela tornou-se, assim, uma verdadeira escola de vida adulta.

Aprender a ir ao mercado, cozinhar, gerenciar as contas, limpar e fazer a manutenção da casa, tudo isso sem a rede de apoio que sempre tive no Brasil, trouxe uma carga de responsabilidade inédita. Era um outro tipo de engenharia: a de fazer a rotina doméstica funcionar perfeitamente para que ainda sobrasse tempo e energia para a faculdade e para o mar.

Toda essa vivência me levou à maior e mais importante reflexão desse intercâmbio: a desconstrução das minhas próprias expectativas. Saí do Brasil com a mentalidade de um estudante focado estritamente no desempenho acadêmico, acostumado a buscar o topo do boletim e a priorizar as notas. A minha expectativa inicial era cruzar o oceano para me dedicar quase exclusivamente aos estudos, contudo, a realidade da mobilidade internacional se mostrou muito mais ampla, complexa e humana.

Percebi, na prática, que aprender a cuidar de uma casa, gerenciar a própria rotina e administrar as responsabilidades da vida adulta, morando sozinho em outro país, exigia tanto de mim quanto os cálculos e os projetos das disciplinas. Mais do que isso, cheguei à conclusão de que o conhecimento técnico é, de fato, universal. Equações, teorias e linguagens de programação poderiam perfeitamente ser aprendidas e dominadas em uma sala de aula no Brasil, o que não se pode aprender à distância, no entanto, é a vivência.

Dividir o tempo entre as obrigações acadêmicas, a gestão do lar e a busca incansável pelas melhores ondas me ensinou sobre equilíbrio. Houve momentos em que o estudo precisou dividir espaço com a prioridade de não perder um *swell* perfeito ou um pôr do sol inesquecível com os amigos, e foi exatamente aí que o maior aprendizado ocorreu. O saldo dessa experiência me mostrou, portanto, que o sucesso não se mede apenas por um histórico escolar perfeito. Ao mesmo tempo em que compreendi a imensidão geográfica e a pluralidade do mundo em que vivemos, voltei com a sensação libertadora de que ele não é inalcançável. Descobri que sou capaz de chegar a qualquer lugar e que não devemos adiar essas experiências para o “amanhã”, para “depois da formatura”

ou para “quando conseguir um emprego”. De certa forma, o mundo “encolheu” sob os meus pés. Assim, a verdadeira bagagem que trago de volta na mala para a minha trajetória na UNIFOR não são apenas os créditos que cursei, mas, sim, a resiliência, as novas amizades e a visão de mundo, que só quem se permite viver o intercâmbio em sua totalidade consegue alcançar.

REFERÊNCIAS

BOXER, Charles Ralph. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTO, Boris *et al.* **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994.

PORTUGAL. **Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março de 2006**. Aprova o regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior em adequação ao Processo de Bolonha. Lisboa: Diário da República, n. 60, Série I-A, p. 2242-2257, 2006.

FRONTEIRAS EXPANDIDAS: REFLEXÕES DA 2ª MISSÃO UNIFOR À PRAGA (2025)

Patrícia Pessoa Lima
Diego Ximenes Vieira Silva
*Curso Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Fortaleza*

PREFÁCIO

A 2ª Missão Internacional do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unifor, ocorrida em novembro de 2025, foi coordenada pelo Prof. Dr. Arq. André Araújo Almeida, e pelo Prof. Arq. Marco Bruno Andrade Maio, da ČVUT - *Czech Technical University in Prague*. A ČVUT é uma das maiores universidades checas e um dos mais antigos institutos tecnológicos da Europa Central, sendo a mais antiga universidade técnica não militar do continente. A Missão contemplou visitas às cidades de *Praga, Brno, Zlín* (Chéquia) e *Viena* (Áustria).

RELATO DA EXPERIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO

Participar da 2ª missão Praga como estudante de graduação em Arquitetura foi mergulhar em um laboratório vivo cultural, arquitetônico e urbano. Graças a essa experiência, pude descobrir novos caminhos e ampliar minha rede de contatos. Conheci novos colegas, alunos e ex-alunos da graduação e pós-graduação da Unifor. Essa diversidade me possibilitou, assim, nas conversas do dia a dia e nas atividades promovidas, profundas trocas de conhecimento.

A viagem teve início em Praga, onde fomos recebidos pelo Professor Marco Maio. De nacionalidade portuguesa, é arquiteto formado pela Universidade de Coimbra, tendo também dedicado um período de seus estudos na *Politecnico de Torino* na Itália, onde conheceu o Professor Dr. Arq. André Araújo Almeida, coordenador da Missão.

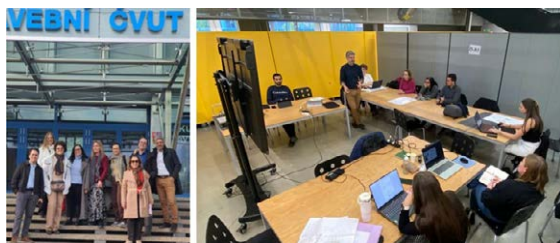
A imersão urbana, as vivências culturais, os roteiros de caminhada com guias locais, e as explicações dos professores foram de grande relevância. Essas atividades são fundamentais, pois são como aulas a céu aberto, onde os conhecimentos, experiências e casos estudados em sala se encontram com as obras dos nossos repertórios como futuros arquitetos. Não apenas conhecemos obras de profissionais de referência, mas também imergimos nos ambientes urbanos historicamente preservados e na vida contemporânea das cidades visitadas.

Neste relato, quero destacar os contatos com o ambiente educacional checo. Foi especialmente interessante a reunião com a Professora Dra. Ing.-Arch. Zuzana Pešková, *Vice-Dean for Education* da Faculdade de Engenharia Civil da ČVUT, que, gentilmente, nos recebeu em sua sala e nos apresentou a formação em arquitetura no país, as características, no âmbito da ČVUT, dos cursos oferecidos pelas faculdades de Engenharia Civil e de Arquitetura, e suas distinções. Chamou-me a atenção descobrir que o modelo de curso, a carga horária e algumas competências diferem do que estamos acostumados no Brasil. Em atendimento ao Tratado de Bolonha, a educação superior na Europa prevê uma graduação de três anos e, após esse período, o aluno entrega o Trabalho de Conclusão De Curso e recebe um diploma que lhe permite exercer a profissão. É possível continuar os estudos por mais dois anos e, ao fim dessa segunda etapa, o aluno recebe o título de Mestre, sendo este equivalente ao bacharelado no Brasil.

Também fomos recebidos, em outro dia, pela Ing.-Arch. Jana Nádravská, da Faculdade de Arquitetura da ČVUT, que nos apresentou as instalações da faculdade, salas de aulas, auditórios, biblioteca e laboratórios. O edifício, projetado pelo escritório *Sramkova architekti, s.r.o.*, foi um dos finalistas (edição 2011) do prestigiado prêmio *EU Mies Awards (European Union Prize for Contemporary Architecture / Mies van der Rohe Awards)*.

Além de conhecer as instalações de ponta da universidade, no dia seguinte tivemos a oportunidade de participar de uma aula do Professor Marco Maio (figura 1). Ministrada em ateliê (*PBL - Project Based Learning*), permitiu a interação do nosso grupo com os estudantes presentes na elaboração de propostas arquitetônicas e urbanísticas para o entorno do Castelo *Nelahozeves*, da família *Lobkowitz*. Cada estudante ficou responsável por um projeto, compondo um complexo de intervenções, interagindo com os edifícios e com o patrimônio.

Figura 1 – Registros na ČVUT, em Praga.



Fonte: autoria própria.

Nossa participação foi enriquecedora, permitindo-nos conhecer formas de pensar e atuar na profissão de diferentes contextos, países, culturas e idiomas. Alguns dos estudantes não eram checos, mas franceses, espanhóis e eslovenos, já que a disciplina, em inglês, conta também com estudantes *Erasmus*, o programa europeu de intercâmbio acadêmico-estudantil.

A missão seguiu para as cidades de *Brno* e *Zlín*, na região da Morávia, onde tivemos novas oportunidades de visitarmos importantes cidades históricas e compreendermos as características de cada época. *Zlín* é especial, por ser um experimento urbano modernista do início do século XX, do visionário Tomas Bata (o que me remeteu, inevitavelmente, à história do chanceler Edson Queiroz), o industrial checo fundador do grupo Bata, marca de calçados conhecida em toda a Europa. Como relatado pelo Professor André, essa foi uma oportunidade única de conhecermos uma cidade em contraste com os circuitos turísticos tradicionais, marcante pelas técnicas construtivas modernas e pelos novos materiais, promovendo avanços

tecnológicos estruturais, contribuindo com o desenvolvimento da arquitetura funcionalista e oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de novas linguagens arquitetônicas. O estímulo à percepção crítica da paisagem das cidades históricas e da cidade moderna de *Zlín* trouxe enormes contribuições aos interessados em urbanismo, tecnologia e *design*.

Outras experiências poderiam ser relatadas em Praga, *Zlín* ou mesmo em Viena, visitada no final da missão; mas quero concluir destacando o impacto que foi para mim, em Brno, a visita a um clássico da arquitetura moderna do século XX: a *Villa Tugendhat* (figura 2).

Figura 2 – *Villa Tugendhat*, em *Brno*.



Fonte: autoria própria.

Projetada pelo arquiteto alemão Mies Van Der Rohe, foi construída em 1930 pelo casal Greta e Fritz Tugendhat, família do ramo têxtil. Esse marco na arquitetura residencial, Patrimônio Mundial da UNESCO desde 2001, é o motivo pelo qual existe essa missão, objeto da primeira colaboração entre os professores André e Marco em 2023, com a exposição na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) intitulada “*Villa Tugendhat*: modo de morar moderno”, em parceria com a Embaixada Checa.

Esse projeto revolucionou o *design* residencial pelo seu minimalismo, conceito do arquiteto para o movimento moderno racionalista e a Bauhaus. Caracterizou-se pelos espaços fluidos e plantas livres, proporcionando grande integração visual com a paisagem. Para compreendermos isso, a visita guiada de 60 (sessenta) minutos apresentou todo o edifício, incluindo as instalações técnicas. Além de explicações sobre a criação

da Villa e a sua história até os dias de hoje, tivemos acesso a croquis da casa e de outros projetos do arquiteto, como os desenhos da sua cadeira Barcelona, além de exemplares das primeiras peças produzidas.

Foi um privilégio sentir a escala reduzida da casa a partir da rua, ingressar em seus espaços e entender suas verdadeiras e grandiosas dimensões, além de interagir com a natureza de dentro da casa e em seus jardins. É preciso versatilidade do profissional de arquitetura em assumir detalhes importantes, da estrutura a todo o interior, incluindo a mobília, iluminação, paisagismo/jardinagem, seguindo os princípios funcionais de simplicidade e elegância.

A Missão Praga 2025 me proporcionou muitos aprendizados. Conheci outros sistemas de ensino, convivi com colegas de diversas áreas da arquitetura e professores de origens distintas e pude aprender um novo olhar sob a arquitetura, e é isso que mais tem somado à minha experiência com a Missão. Sinto que essa experiência me agregou novos conhecimentos e abriu muitos horizontes para a minha vida profissional.

RELATO DA EXPERIÊNCIA: contribuições ao olhar crítico na pós-graduação

O desenvolvimento desta missão, na minha perspectiva, baseou-se em dois pontos fundamentais, que considero de extrema relevância: a exploração da cidade, como experiência de análise de fenômenos urbanos e culturais em um ambiente socioeconômico diverso da realidade brasileira, e a vivência educacional, realizada no *campus* da Universidade ČVUT, com alunos de interesses semelhantes aos nossos, porém vindos de realidades diferentes.

Como arquiteta, urbanista e pesquisadora de doutorado com foco em cidades, considero as oportunidades de unir esses dois pontos de vista como extremamente valiosas. Visitar cidades com olhar profissional e de investigação é muito mais do que conhecer as paisagens, visitar pontos turísticos ou obras de arquitetura; é a oportunidade de entender como

as dinâmicas urbanas funcionam, ou não, naquele tecido urbano, e como aquela população lida com os interesses e conflitos comuns à vida urbana, com reflexos na rotina diária. A oportunidade de observar o funcionamento do espaço urbano e entender como moradores e visitantes fruem a cidade, seus serviços e sua energia, é, sem dúvida, um excelente caminho para o aprendizado. Refletimos sobre como lidar com questões semelhantes que ocorrem cotidianamente nas nossas cidades e que, às vezes, consideramos intransponíveis.

Alguns exemplos observados na experiência da Missão Praga 2025 são os serviços de transportes em Praga. Esse período de estudos envolveu muitos deslocamentos, já que um dos objetivos era percorrer a cidade e seus bairros, não se limitando às zonas turísticas. Além dessa exploração, nossa rotina consistia em ir à universidade diariamente. Para conseguir cumprir a agenda, necessitávamos otimizar o tempo. Isso foi possível pela eficiente oferta de serviços de transporte de massa, como metrô, bonde e trem urbano; modais que permitem o deslocamento de pessoas em grandes volumes e com estrutura urbana que complementa o transporte a pé ou através de bicicletas, meios livres de emissão de poluentes, como CO₂.

Essa rotina, que combina modais de transportes diferentes, como caminhadas, bicicletas e metrô, é algo naturalizado na população local, contribuindo com nossas reflexões sobre a construção coletiva de hábitos saudáveis. Vale destacar que os sistemas de informação urbana, disponibilizados rápida e eficientemente em dispositivos móveis digitais, possibilitam o planejamento dos trajetos de forma eficaz nos horários das linhas, com precisão de minutos. Também chamou nossa atenção essa infraestrutura de mobilidade urbana ser utilizada, sem distinção, por todas as camadas da população, de trabalhadores a executivos. Como exemplo, na visita à Embaixada do Brasil, o próprio embaixador lamentou não morar em Praga, o que o deixa à margem desse sistema de transporte, reduzindo suas opções ao carro particular.

Esse aspecto da democratização do transporte é um exemplo importante para o Brasil: os checos se mostram como uma sociedade

mais igualitária no acesso aos serviços urbanos. Aqui, infelizmente, a maioria associa transporte público à classe trabalhadora de baixa renda e, diante da baixa qualidade da infraestrutura, não considera a caminhada ou o transporte cicloviário opções viáveis à rotina, assim, as camadas privilegiadas permanecem segregadas no transporte particular. A falta de segurança viária, as calçadas pouco convidativas, as fachadas inativas, a violência urbana, o clima quente, dentre outros, tornam-se argumentos. Mesmo assim, questões culturais, sociais e psicológicas precisam ser revistas: a mudança de pensamento da população e a crença na elitização do transporte são fundamentais e de grande valia para pressionar pela qualidade da oferta desse serviço e de forma mais democrática.

Além das reflexões críticas trazidas pelas visões de cidade propiciadas pela Missão e da riqueza do entendimento cultural e comportamental daquela população, houve momentos muito valiosos ao vivenciar a rotina da universidade e a troca de conhecimentos com alunos e professores. A programação organizada pelas universidades incluiu visitas às instalações das Faculdades de Arquitetura e de Engenharia Civil, onde, em cada uma, pudemos entender, em contato com professores e estudantes locais, as etapas de formação dos alunos, a organização espacial das salas de aulas, as soluções arquitetônicas para as salas de atelier e até um pouco da grade curricular proposta para a formação de graduação e da pós-graduação.

Um ponto que merece destaque nessa experiência no campus é a NTK – Biblioteca Técnica Nacional (figura 3). Sua arquitetura, projeto do escritório *Projektil Architekti*, já surpreende à primeira vista. Apesar da linguagem contemporânea expressa na sua volumetria e imponente fachada de vidro, a presença do concreto aparente em seu interior demonstra inspirações brutalistas. Em seus pátios internos, a iluminação zenital torna a fruição do edifício viável, apesar das suas grandes dimensões. Os andares, ligados por uma escada no pátio central, possibilita a visualização dos andares e dos alunos em suas pesquisas.

Figura 3 – Biblioteca Técnica Nacional de Praga.



Fonte: autoria própria.

Como dito, o aspecto interior já é, por si só, uma surpresa para quem contempla a arquitetura contemporânea do seu exterior, mas não devemos esperar por um brutalismo rígido e impessoal. Ao contrário, os pátios são ricamente coloridos, seja pelos revestimentos de piso, com motivos artísticos abstratos, seja pelas referências a registros estudantis espontâneos, frases de ordem e símbolos de artistas, com diversas mensagens que representam provocações pertinentes à nossa época, para reflexão, simbolizando também o espírito estudantil revolucionário presente em qualquer ambiente de aprendizagem. Tudo isso, alinhado a uma comunicação visual (dentro e fora do edifício) que registra diversos sistemas métricos, já mostra aos alunos que, ali, existem fontes de conhecimentos técnicos relevantes, sem precisar, necessariamente, de letreiros indicando o que o prédio se propõe. Todos esses aspectos do ambiente parecem remeter a sensações de convite, acolhimento e pertencimento, convidando-nos a permanecer lá e perder-se no tempo e na sede pelo conhecimento.

Outros aspectos poderiam ser citados nessa experiência, mas concluímos que, além do caráter técnico e acadêmico, a Missão Praga 2025 trouxe oportunidades de conhecer pessoas, aproximar relações e criar novos vínculos com alunos e professores com quem convivemos nesses dias tão importantes à nossa trajetória acadêmica e profissional.

INTERCAMBIO EN BRASIL: EXPERIENCIA ACADÉMICA Y PROFESIONAL EN FORTALEZA

Fabian Bautista
Curso Engenharia Civil
Universidade de Ibagué, Colômbia

Soy Fabian Bautista, estudiante colombiano de ingeniería civil que tuvo la oportunidad de realizar un intercambio académico en la Universidade de Fortaleza, en la ciudad de Fortaleza. Antes de viajar, cuando todavía estaba en Colombia, sentía una mezcla de emociones: ansiedad, curiosidad y también un poco de miedo. Había tomado la decisión de emprender esta experiencia completamente solo, sin conocer a nadie en Brasil. En ese momento no imaginaba que aquel salto a lo desconocido se convertiría en una de las mejores experiencias de mi vida.



Fonte: elaboração própria.

Inicialmente mi plan era permanecer solo cuatro meses en Brasil. Pensaba que sería una etapa corta de aprendizaje y aventura antes de regresar a casa. Sin embargo, con el paso del tiempo, lo que comenzó como una experiencia temporal se transformó en algo mucho más

significativo. Me adapté tanto a la vida en Fortaleza que decidí quedarme un año completo sin regresar a Colombia ni una sola vez durante ese periodo. Poco a poco, aquella ciudad que al principio me parecía lejana empezó a sentirse como un segundo hogar.

Uno de los primeros retos que enfrenté fue el idioma. Antes de viajar pensaba que el español y el portugués eran prácticamente iguales, pero al llegar me di cuenta rápidamente de que no era así. Las primeras semanas fueron difíciles; muchas veces entendía solo una parte de las conversaciones y debía esforzarme para comunicarme. Aun así, con el tiempo, la práctica diaria y la convivencia con estudiantes brasileños e internacionales me permitieron adaptarme rápidamente, hasta el punto de sentirme cómodo hablando y entendiendo el idioma.

La vida académica en la Universidade de Fortaleza también fue una experiencia muy enriquecedora. Como estudiante de ingeniería civil, tuve la oportunidad de conocer nuevas metodologías de enseñanza, compartir con profesores y estudiantes de diferentes contextos, y ampliar mi perspectiva sobre la profesión. La universidad no solo ofrecía un entorno académico de calidad, sino también un ambiente multicultural donde era fácil conocer personas de distintas partes del mundo.

Además, durante mi estancia tuve la oportunidad de realizar pasantías que enriquecieron profundamente mi experiencia profesional. Gracias a ello pude establecer excelentes contactos con ingenieros civiles y conocer más de cerca la realidad del sector de la construcción en Brasil. Una de las experiencias más significativas fue trabajar con la empresa Direcional Engenharia, donde me acogieron como a un brasileño más. Allí no solo aprendí aspectos técnicos importantes, sino también valores fundamentales como la disciplina, el cumplimiento y la importancia del buen relacionamiento en el trabajo. Más que un espacio laboral, encontré un equipo de personas que me enseñaron mucho y con quienes construí muy buenas amistades.

Mi vida fuera de la facultad y del trabajo también estuvo llena de momentos inolvidables. Con mis amigos brasileños y con otros estudiantes

de intercambio siempre buscábamos tiempo para compartir y disfrutar de la ciudad. Pasábamos días en lugares como Praia do Futuro, la Beira-Mar de Fortaleza o en casas de playa en Cumbuco. Disfrutábamos de cosas tan simples y especiales como comer açaí, churrasco o espetos, salir al club y curtir la música brasileña como funk, forró y pagode. Recuerdo con mucho cariño a mis amigos Timothy, Victor, Breno, Murilo, Flavio, Emilie, las españolas, Nikolas, Gustavo y Matteus. Con ellos entendí que, sin importar la nacionalidad o el idioma, lo más importante siempre es la calidad humana de las personas.



Fonte: elaboração própria.

Finalmente, quiero expresar mi profundo agradecimiento a todas las personas que hacen parte de la Directoria de Relaciones Internacionales de la Universidade de Fortaleza. Gracias a su apoyo constante, mi proceso de intercambio fue mucho más fácil y enriquecedor. Siempre estuvieron dispuestos a ayudar, a orientar y a hacernos sentir en casa, lo cual fue fundamental para que nuestra experiencia fuera exitosa. Hoy puedo decir con certeza que este intercambio ha sido la mejor experiencia de mi vida. Me llevo recuerdos, aprendizajes y amistades que siempre estarán conmigo. Siento muita, pero muita saudade de Brasil (...) y sé que muy pronto volveré.

APRENDER, TRABALHAR E EXPLORAR: A JORNADA DA DUPLA TITULAÇÃO NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Pedro Leite Albuquerque
Alexandre de Souza Rios
Curso Engenharia de Produção
Universidade de Fortaleza

Acredito que a mobilidade acadêmica internacional é um processo que se inicia antes mesmo do deslocamento ao país de destino. Trata-se de uma decisão estratégica, marcada pela análise de oportunidades acadêmicas, pelas projeções profissionais e pela viabilidade financeira.

No contexto da formação em Engenharia de Produção, as primeiras opções consideradas foram as cidades de *Deggendorf*, na Alemanha, e *Innsbruck*, na Áustria. Ambas representavam oportunidades relevantes sob o ponto de vista acadêmico e cultural.

Entretanto, a partir do diálogo com o Prof.º Alexandre Rios, identifiquei a possibilidade de realização do programa de dupla titulação junto ao Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal. Essa alternativa apresentou um diferencial significativo: além da experiência internacional, proporcionava a obtenção de um diploma europeu. De fato, a cidade de Bragança se mostrou economicamente mais acessível quando comparada às alternativas inicialmente avaliadas, fator determinante na escolha.

Depois de definir o destino, comecei o processo de regularização de documentos, uma etapa essencial para a permanência legal na Europa. Portugal lidava com um grande fluxo migratório durante o período de mobilidade, o que afetou os prazos administrativos. Diante disso, a

viagem ocorreu sem agendamento prévio da entrevista para emissão do título de residência.

No final do mês de março, surgiu a informação de que a entrevista ocorreria dois dias depois, em outra cidade. O curto prazo exigiu reorganização imediata, preparação intensiva de documentos e deslocamento rápido.

Em seguida, a documentação foi deferida, possibilitando a emissão do título de residência e a minha regularização da permanência no país. Essa situação evidenciou a importância da resiliência e da capacidade de gestão em situações imprevistas.

Destaco a realização do estágio no setor logístico de uma indústria metalomecânica da região, com carga horária de 200 (duzentas) horas. A experiência esteve diretamente vinculada ao desenvolvimento da tese de conclusão de curso no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), fortalecendo a articulação entre prática profissional e investigação acadêmica.

De modo geral, atuar na área de logística foi um desafio, já que eu não tinha experiência anterior nesse campo. Consegui desenvolver competências relacionadas ao planejamento logístico, à gestão de materiais, à integração produtiva e à eficiência operacional. Ademais, a convivência com profissionais de diferentes nacionalidades ampliou a minha compreensão sobre cultura organizacional e ambientes multiculturais.

É importante mencionar que a experiência em Bragança não se limitou às atividades acadêmicas. Houve participação voluntária na organização da semana de recepção de novos alunos, o que contribuiu para integração e logística do evento. Além disso, durante todo o segundo semestre, atuei voluntariamente na cantina da instituição, auxiliando na limpeza da louça em troca das refeições durante o mês.

Essas experiências possibilitaram que eu ampliasse a rede de contatos internacionais, fortalecesse as habilidades interpessoais e crescesse além da dimensão acadêmica. Durante o período de mobilidade, foi possível visitar nove países europeus, entre eles, Espanha, Alemanha, Itália e Holanda.

Desse modo, essas viagens expandiram a compreensão cultural e social da experiência internacional, no entanto, devo ressaltar duas vivências:

Em setembro de 2025, pude realizar o Caminho de Santiago. Percorrida a pé durante quatro dias, a peregrinação permitiu reflexão, revisão de metas pessoais e fortalecimento espiritual, além da consolidação de laços de amizade.

Em janeiro de 2026, fiz uma última viagem para completar o ciclo do intercâmbio. O percurso para Marrocos proporcionou contato com o continente africano, incluindo passeio de camelo no Deserto do Saara e pernoite em uma tenda no deserto. A vivência, portanto, enriqueceu o entendimento sobre pluralidade e integração multicultural.

O final do intercâmbio, por sua vez, foi marcado por uma emoção intensa, visto que uma confusão nas datas relacionadas à entrega e à apresentação da minha tese, gerando ansiedade nas semanas finais. Defendi a dissertação às 16h e, depois, saí da cidade às 19h do mesmo dia, para deslocamento ao aeroporto em outra cidade.

A apresentação, seguida da despedida imediata, simbolizou a intensidade vivida ao longo desse ano, que compreendeu responsabilidade acadêmica, gestão do tempo e controle emocional até o último momento.

DO CEARÁ PARA COLÔNIA: SEIS MESES QUE MUDARAM MINHA FORMA DE VER O MUNDO

Renan Elid Soares
Curso Ciência da Computação
Universidade de Fortaleza

Quando escolhi Colônia como destino do meu intercâmbio, eu não tinha dimensão do quanto essa decisão impactaria minha vida. Hoje, olhando para trás, consigo afirmar com tranquilidade: foi um dos maiores acertos que já fiz.

Assim que cheguei, a primeira coisa que quis fazer foi visitar o símbolo da cidade: a Catedral de Colônia. Eu já tinha visto fotos, vídeos, relatos (...), mas nada se compara a estar parado em frente àquela construção. A imponência, os detalhes, a sensação de que cada parede carrega séculos de história – nunca vou esquecer o que senti naquele momento. Não é exagero dizer que é algo que todos deveriam presenciar ao menos uma vez na vida. Foi ali que percebi que aquele semestre não seria comum.

Figura 1 – Technical University of Cologne, 2025.



Fonte: autoria própria.

Com o passar dos dias, fui criando uma conexão real com a cidade. As caminhadas ao pôr do sol às margens do Rio Reno, as visitas aos museus, para entender melhor a história alemã, a experiência de provar a tradicional cerveja *Kölsch*, orgulho local (...) tudo contribuía para que eu me sentisse parte daquele lugar. Viver na quarta maior cidade da Alemanha parecia desafiador no início, mas Colônia tem um jeito próprio de acolher. Mesmo com o perfil mais reservado, típico dos alemães, a cidade transmite identidade, história e presença.

A localização também ampliava horizontes. Estar a pouco mais de uma hora da Bélgica ou da Holanda tornava a ideia de atravessar fronteiras algo natural, mas o que realmente fez diferença foi o *D-Ticket*, benefício estudantil que permite utilizar o transporte público em toda a Alemanha. Isso mudou completamente a dinâmica do intercâmbio. Eu e meus amigos exploramos vilarejos medievais com seus castelos, cidades grandes como Hamburgo e outros destinos, muitas vezes, organizando apenas as conexões de trem. Assim, viajar deixou de ser algo eventual e passou a fazer parte da rotina.

Figura 2 – Ponte *Hohenzollernbrücke*, 2025.



Fonte: autoria própria.

Na *TH Köln*, a experiência acadêmica foi igualmente marcante. Fiz amizades que levarei para a vida toda e tive contato com professores extremamente acessíveis. Um momento especial foi quando o professor de *Big Data* nos levou para uma aula de campo no Centro Aeroespacial Alemão. Para alguém da área de Ciência da Computação, observar tecnologias avançadas aplicadas na prática foi algo inspirador e engrandecedor.

Os desafios acadêmicos também foram fundamentais para meu crescimento. Apresentar trabalhos em outro idioma, diante de colegas e bancas avaliadoras, exigiu preparo e confiança. Ao final, eu e meu grupo alcançamos aproveitamento máximo nas disciplinas cursadas. Mais do que uma nota, aquilo representou superação.

Morar fora, no entanto, não é feito apenas de momentos bonitos. No início, tudo parece mágico, e realmente é. Você quer experimentar novas comidas, explorar cada canto da cidade, descobrir o que existe perto da sua moradia, mas, com o tempo, algumas ausências começam a pesar. A saudade da família e dos amigos é inevitável. A culinária brasileira faz falta de um jeito que só quem está longe entende. A comida alemã até me surpreendeu positivamente, mas nada substitui um arroz com feijão ou um baião de dois com churrasco.

Além disso, senti a diferença cultural na forma de se relacionar, visto que o cotidiano é mais reservado. Às vezes eu torcia para ouvir um simples *Guten Morgen* apenas para responder de volta. São detalhes pequenos, mas que revelam o quanto carregamos nossa identidade brasileira, marcada por proximidade e espontaneidade.

Ainda assim, cada desafio trouxe aprendizado. Aprendi a lidar com burocracias, a organizar melhor minha vida financeira, a resolver problemas sozinho e a confiar mais em mim. As ligações frequentes com minha família ajudaram muito e o reencontro, depois que retornei ao Brasil, mostrou que a distância também fortalece laços.

A viagem teve início em setembro de 2025 e o meu retorno ocorreu em fevereiro de 2026. Seis meses podem parecer pouco, mas foram

suficientes para me transformar, pois voltei mais independente, mais confiante e com uma visão mais ampla da minha carreira. Passei a enxergar o mercado da tecnologia de forma global e compreendi que posso atuar em qualquer lugar do mundo, levando comigo a base que construí no Brasil.

É difícil traduzir em palavras o impacto real dessa experiência. O intercâmbio amplia a perspectiva, fortalece a maturidade e coloca você diante de situações que exigem coragem. Dessa forma, falar outro idioma todos os dias, apresentar projetos em um ambiente internacional e construir novas amizades do zero não é simples, mas é transformador.

Se eu pudesse deixar uma mensagem para quem ainda está em dúvida, seria simples: vá. Você nunca vai se sentir totalmente pronto, mas é justamente no desafio que acontece a mudança. Essa experiência só foi possível graças à Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e ao Núcleo de Estratégias Internacionais (NEI), que tornaram viável um dos capítulos mais importantes da minha vida.

Registro aqui meu sincero agradecimento a toda a equipe pelo apoio e confiança. Esses seis meses em Colônia não foram apenas uma etapa acadêmica, mas também um capítulo decisivo da minha história.



ISBN: 978-65-85314-32-9



Universidade
de Fortaleza

DRI

Diretoria de
Relações
Internacionais